

A AMERICANIZAÇÃO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS NA DÉCADA DE 50: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

António Carlos Sequeira da Teodora

Tese apresentada à Universidade de Évora
para obtenção do Grau de Doutor em História Contemporânea

ORIENTADOR (A/E/S) : *Professor Doutor Hélder Adegar Teixeira Dias da Fonseca*

ÉVORA, JANEIRO 2019



A AMERICANIZAÇÃO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS NA DÉCADA DE 50: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

António Carlos Sequeira da Teodora

Tese apresentada à Universidade de Évora
para obtenção do Grau de Doutor em História Contemporânea

ORIENTADOR (A/ES) : *Professor Doutor Hélder Adegar Teixeira Dias da Fonseca*

ÉVORA, JANEIRO 2019



Presidente Doutor Manuel Couret Pereira Branco, Professor Catedrático, da Universidade de Évora

Doutor António José Barreiros Telo, Professor Catedrático, da Academia Militar

Doutor Hélder Adegar Teixeira Dias Fonseca, Professor Catedrático, da Universidade de Évora, orientador

Doutor Luís Nuno Rodrigues, Professor Associado c/ Agregação, do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Doutor Pedro Aires Ribeiro da Cunha Oliveira, Professor Auxiliar, da FCSH-Universidade Nova de Lisboa

Doutor Fernando Manuel Santos Martins, Professor Auxiliar, da Universidade de Évora

AGRADECIMENTOS

Seria impensável neste espaço não relembrar e agradecer a quantos me incentivaram a desenvolver este tema que se centra, em parte, no meu percurso profissional. Embora a memória não tenha apagado os nomes daqueles que direta ou indiretamente colaboraram na produção deste trabalho, vou deixar um espaço aberto para todos aqueles a quem irei enviar um exemplar para que coloquem o seu nome na parte inferior desta página onde consta a seguinte frase: “o meu esforço e saber também aqui ficaram expressos”.

Fugindo à regra anterior, como não podia deixar de ser, aqui deixo bem vincada a pessoa do Sr. Professor Doutor Helder Adegar Fonseca pela motivação, mérito e eloquente sabedoria que sempre manifestou durante o período da elaboração deste trabalho, qualidades sempre patenteadas pela rigorosa orientação científica, alicerçada por uma permanente e entusiástica disponibilidade, enobrecida por um fascínio indelével pela temática. A sua dedicação perdurará em mim como uma grata recordação pelo seu auxílio inexcedível para a materialização desta tese.

Aos meus filhos pelo incentivo e pela ajuda que me deram quando lhes foi solicitada para a realização deste projeto.

As lacunas e os erros são exclusivamente da responsabilidade do autor. Aqui deixo a minha obra, como um dos *Ideais* da minha vida, aos leitores e aos júris para me sujeitar à vossa crítica.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	3
ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS	11
ÍNDICE DE GRÁFICOS	13
ÍNDICE DE TABELAS	15
ABREVIATURAS	17
RESUMO	23
ABSTRAT	25
CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO	29
A. O DEBATE DA AMERICANIZAÇÃO	30
B. PERSPETIVAS DE INVESTIGAÇÃO E FONTES	55
CAPÍTULO 2. “O ESFORÇO MILITAR PORTUGUÊS” E A REESTRUTURAÇÃO DO EXÉRCITO: A INCLUSÃO DO “MODELO AMERICANO”	59
A. O ENTENDIMENTO DE SALAZAR SOBRE A DEFESA NACIONAL E AS SUAS AMEAÇAS	60
B. A IMAGEM DO EXÉRCITO PORTUGUÊS NA DÉCADA DE 40	61
C. OS NOVOS CARGOS DIRETIVOS DO EXÉRCITO APÓS A ADESAO DE PORTUGAL À NATO	63

D.	O ARRANQUE DA REESTRUTURAÇÃO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS	64
1.	A diretiva do ministro da defesa nacional	64
2.	As responsabilidades na defesa a médio prazo	67
E.	AS DIFERENÇAS EM EFETIVOS ENTRE AS DIVISÕES TIPO AMERICANO E TIPO PORTUGUÊS	74
1.	A orgânica do corpo de exército tipo americano	75
2.	Os primeiros quadros orgânicos da divisão tipo americano no Exército português e as deficiências a colmatar	79
3.	A estrutura do Exército português no final da década de 50	84
F.	A LOGÍSTICA INDUSTRIAL DAS FORÇAS ARMADAS	85
1.	O tecido industrial militar no final década de 40	85
2.	As alterações do tecido industrial militar em consequência da reestruturação	87
CAPÍTULO 3.	REEQUIPAMENTO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS: ARMAS E SABERES AMERICANOS	91
A.	O APOIO DOS EUA PARA O REEQUIPAMENTO DO EXÉRCITO: A ERA DA AMERICANIZAÇÃO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS	92
B.	A MATERIALIZAÇÃO DOS COMPROMISSOS NO FORNECIMENTO DE MATERIAIS AO EXÉRCITO PORTUGUÊS	95

C.	O FORNECIMENTO DE MATERIAL DE GUERRA AO EXÉRCITO PORTUGUÊS	96
CAPÍTULO 4.	A FORMAÇÃO NO EXÉRCITO PORTUGUÊS DECORRENTE DA EXPERIÊNCIA AMERICANA	103
A.	A FORMAÇÃO DOS MILITARES PORTUGUESES	104
B.	A CRIAÇÃO DE NOVAS ESPECIALIDADES	105
C.	AS ESPECIALIDADES NECESSÁRIAS AO EXÉRCITO PORTUGUÊS	109
D.	A RENOVAÇÃO DOS QUARTÉIS DO EXÉRCITO PORTUGUÊS	128
E.	CAMPO DE INSTRUÇÃO MILITAR DE SANTA MARGARIDA	135
1.	A inevitabilidade da existência de um espaço de instrução	135
2.	A construção do Campo de Instrução Militar de Santa Margarida	138
3.	Projeto de construção	143
3.1.	Quartéis e infraestruturas de apoio	143
3.2.	Tipologia geral das infraestruturas	147
3.3.	Carreira de tiro	153
3.4.	Saneamento básico, energia elétrica e acessibilidades	154
3.5.	O período da construção	156
3.6.	Expropriação de terrenos	157
3.7.	Quadros orgânicos do CIMSM: militar e civil	158

F.	A FORMAÇÃO MILITAR	161
1.	A avaliação da formação ao nível da divisão	161
2.	A formação na divisão tipo americano em 1953	162
3.	A formação da divisão tipo americano a partir de 1954	168
G.	EXPECTATIVAS GORADAS	180
H.	ALTERAÇÃO NAS PRIORIDADES DE DEFESA	186
CAPÍTULO 5	MOBILIZAÇÃO MILITAR	187
A.	O EXÉRCITO PORTUGUÊS ATÉ À ENTRADA DE PORTUGAL NA NATO	188
B.	A MOBILIZAÇÃO MILITAR DECORRENTE DA ADESÃO DE PORTUGAL À NATO	189
1.	Plano de mobilização do Exército português	189
2.	Um novo fôlego sem sucesso	196
3.	A insuficiência de quadros	202
4.	Formação das ordens de batalha das divisões	206
CAPÍTULO 6.	CONCLUSÃO	209
ANEXO A	Programa de Assistência e Defesa Mútua para o Exército	215
ANEXO B	Relação de vagas para militares portugueses nas escolas americanas para o primeiro trimestre de 1951	229
ANEXO C	Relação de terrenos expropriados	233
ANEXO D	Relação das formações realizadas anualmente no estrangeiro entre 1951 e 1959	235

ANEXO E	Quantitativos formados anualmente no estrangeiro agrupados por especialidade, posto e categoria entre 1951 e 1959	321
ANEXO F	Quantidade de formações por unidade	329
ANEXO G	Quantidade de cursos de cada tipo por ano	343
ANEXO H	Manuais criados pelo Exército português na década de 50	357
ANEXO I	Duração das formações em semanas por curso em cada ano	361
ANEXO J	Cursos frequentados por militares e civis por categorias	375
ANEXO L	Ordem de batalha dos QG das divisões tipo americano e tipo português	391
	FONTES	395
	BIBLIOGRAFIA	399

ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS

Fotografia nº 1	Símbolo da comissão administrativa das novas instalações para o Exército do ministério das obras públicas e comunicações	129
Fotografia nº 2	Símbolo da comissão administrativa das novas instalações para as forças armadas do ministério das obras públicas e comunicações	130
Fotografia nº 3	Planta de um quartel tipo CANIE	131
Fotografia nº 4	Ordem de serviço nº 1 do CIMSM	143
Fotografia nº 5	Desfile militar na avenida principal do CIMSM	145
Fotografia nº 6	Plano de conjunto do CIMSM	146
Fotografia nº 7	Edifício tipo de um piso	148
Fotografia nº 8	Planta do edifício dos sanitários	149
Fotografia nº 9	Edifício tipo de dois pisos	150
Fotografia nº 10	Planta da estação de caminho-de-ferro de Santa Margarida	152
Fotografia nº 11	Planta e áreas de instrução do CIMSM	157

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico nº 1	Quantitativos formados anualmente, por categorias, na década de 50	113
Gráfico nº 2	Percentagens de indivíduos formados, por categorias, na década de 50	114
Gráfico nº 3	Quantitativos formados por grupo de unidades na década de 50	116
Gráfico nº 4	Percentagem de militares formados por grupo de unidades na década de 50	117
Gráfico nº 5	Cursos com maior número de formações na década de 50	119
Gráfico nº 6	Relação percentual entre os 10 cursos de maior expressão e os restantes na década de 50	119
Gráfico nº 7	Cursos de maior duração, em semanas, na década de 50	121
Gráfico nº 8	Relação percentual entre os 10 cursos de maior duração e os restantes na década de 50	122
Gráfico nº 9	Cursos com maior número de formações por posto e categorias na década de 50	124
Gráfico nº 10	Quantidade de formações por país na década de 50	126
Gráfico nº 11	Duração das formações, em semanas, por país na década de 50	128

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela nº 1	Orçamento geral e militar para 1951	67
Tabela nº 2	Efetivos nos postos de sargentos e praças das divisões campanha americana e territorial portuguesa	74
Tabela nº 3	Planeamento sobre o aprontamento das divisões	78
Tabela nº 4	Número de artigos fornecidos em cada ano por país	97
Tabela nº 5	Quantidade de artigos mais relevantes fornecidos no ano de 1951	98
Tabela nº 6	Tipos de artigos entregues	101
Tabela nº 7	Quantitativo de especialidades por arma ou serviço nas categorias de oficial, sargento e praças do QP ou QC	111
Tabela nº 8	Quantitativos formados anualmente, por categorias, na década de 50	112
Tabela nº 9	Quantitativos formados por grupo de unidades na década de 50	115
Tabela nº 10	Relação dos 10 cursos mais frequentados na década de 50	118
Tabela nº 11	Duração das formações, em semanas, por curso na década de 50	120
Tabela nº 12	Cursos com maior número de formações por posto/categoria	123
Tabela nº 13	Quantidade de formações por país na década de 50	125
Tabela nº 14	Duração das formações, em semanas, por país na década de 50	127
Tabela nº 15	Obras a realizar durante o ano de 1952 para a construção do CIMSM	140
Tabela nº 16	QO de pessoal do comando e destacamento de comando do CIMSM	159
Tabela nº 17	Quadro do pessoal civil do CIMSM	160

Tabela nº 18	Responsabilidade faseada na formação de unidades	191
Tabela nº 19	Necessidades em oficiais para um QG das unidades tipo português e tipo americano	193
Tabela nº 20	Percentagens relativas aos quadros orgânicos em tempo de paz das unidades de campanha da divisão tipo americano	195
Tabela nº 21	Percentagens relativas à defesa interna e restantes forças	196
Tabela nº 22	Unidades do Exército português com missão de recrutamento e mobilização	199
Tabela nº 23	Encargos de mobilização do sistema de defesa do Exército em 1956	200
Tabela nº 24	Distribuição dos efetivos pelas unidades militares	201
Tabela nº 25	Orgânica de um regimento de infantaria em oficiais e sargentos	207

ABREVIATURAS

AAA	Artilharia antiaérea
AAM	Adjunto da administração militar
ADIE	Arquivo da Direção de Infraestruturas do Exército
ADiv	Artilharia divisionária
AMDN	Arquivo da Defesa Nacional
AMNE	Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros
ANTT	Arquivo Nacional Torre do Tombo
AOS	António de Oliveira Salazar
BA	Base aérea
BC	Batalhão de caçadores
BCF	Batalhão de caminhos-de-ferro
BE	Batalhão de engenharia
BEngenhos	Batalhão de engenhos
BMet	Batalhão de metralhadoras
BTeleg	Batalhão de telegrafistas
BTm	Batalhão de transmissões
C	Curso
CANIE	Comissão administrativa para as novas infraestruturas do exército
CANIFA	Comissão para as novas infraestruturas das forças armadas
CDMM	Companhia divisionária de manutenção de material
CEE	Comunidade económica europeia
CEM	Curso de estado maior

CEME	Chefe de estado maior do exército
CEMGFA	Chefe de estado maior general das forças armadas
CEP	Corpo expedicionário português
CIMSM	Campo de Instrução Militar de Santa Margarida
CM	Comando militar
DAA	Direção da arma de artilharia
DAC	Direção da arma de cavalaria
DAI	Direção da arma de infantaria
DG	Direção-geral
DGMA	Direção-geral de material aeronáutico
DGME	Depósito geral de material de engenharia
DGMG	Depósito geral de material de guerra
DRM	Distrito de recrutamento e mobilização
E	Estágio
EAero	Escola de aeronáutica
EE	Escola do exército
EM	Escola militar
EME	Estado maior do exército
EMEl	Escola militar de eletromecânica
EPA	Escola prática de artilharia
EPAM	Escola prática de administração militar
EPC	Escola prática de cavalaria
EPE	Escola prática de engenharia
EPI	Escola prática de infantaria

ETm	Escola de transmissões
EUA/USA	Estados Unidos da América/United States of America
FAP	Força aérea portuguesa
FMBP	Fábrica militar de Braço de Prata
GACA	Grupo de artilharia contra aeronaves
GCC	Grupo de carros de combate
GCSubs	Grupo de companhias de substituição
GCTA	Grupo de condutores do trem auto
GDCC	Grupo divisionário de carros de combate
GE	Grupo de especialistas
GIAC	Grupo de instrução de artilharia de costa
GML	Governo militar de Lisboa
HMV	Hospital militar veterinário
IAEM	Instituto de altos estudos militares
IPPE	Instituto português dos pupilos do exército
ISAE	Inspeção do serviço automóvel do exército
ITSap	Inspeção de tropas sapadores
JML	Junta militar de Lisboa
LP	Legião portuguesa
M	Manobra (s)
MAAG	Military Assistance Advisory Group
MDN	Ministério da defesa nacional
NATO	North Atlantic Treaty Organization
OGMA	Oficinas gerais de material aeronáutico

OGME	Oficinas gerais militares do exército
QC	Quadro de complemento
QG	Quartel-general
QP	Quadro permanente
RA	Regimento de artilharia
RAAF	Regimento de artilharia antiaérea fixa
RAC	Regimento de artilharia de costa
RACamp	Regimento de artilharia de campanha
RAL	Regimento de artilharia ligeira
RAP	Regimento de artilharia pesada
RC	Regimento de cavalaria
REng	Regimento de engenharia
RI	Regimento de infantaria
RM	Região militar
S/R	Sem recuo
SAM	Serviço de administração militar
SCEx	Serviços cartográficos do exército
SGDN	Secretário-geral defesa nacional
SHAPE	Supreme Headquarters Allied Powers Europe
SMat	Serviço de material
SS	Serviço de saúde
TA	Tipo americano
TP	Tipo português
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

V

Visita

RESUMO

Esta tese tem por objetivo investigar a influência direta americana na organização, equipamento, formação e mobilização militar do Exército português ao longo da década de 50. Os efeitos da *americanização*, pós 2ª Guerra Mundial, são aqui analisados num contexto cingido às relações luso-americanas relativamente à cooperação militar.

O envolvimento de Portugal na NATO estimulou o país na criação de unidades de tipologia americana que provocaram a integração orgânica de especialidades inexistentes no Exército português, em resultado dos equipamentos inovadores com que foram apetrechadas e do apoio formativo de quadros no exterior fundamentalmente em escolas americanas. Como propósito político, tão almejado pelos militares, a concretização deste processo carecia da existência de efetivos nas fileiras, ou disponíveis por mobilização, para os quartéis ficarem dotados de competências individuais e coletivas, que permitissem ombrear com os parceiros da Aliança Atlântica na realização de missões de defesa para a preservação da independência do espaço europeu.

Palavras-chave :

Americanização da Europa, Americanização de Portugal, Americanização das Forças Armadas Portuguesas, Exército Português, Cultura Militar

ABSTRAT

**THE AMERICANIZATION OF THE PORTUGUESE ARMY
IN THE DECADE OF 50: A HISTORICAL PERSPECTIVE**

The present thesis aims to investigate the direct influence America had on the Portuguese Army as far as its organization, equipment, training and military mobilization are concerned throughout the 1950s. The effects of this so-called *Americanization*, in the post-World War II period, are analyzed herein within the strict context of the Portuguese-American relations in terms of military cooperation.

The involvement of Portugal in NATO was the spur that motivated the country to the creation of units of American typology that led to the integration in its Army's organics of a number of specialties unknown to the Portuguese military until then, as a result of both the innovative equipments with which they were equipped and the training support given to staff abroad mainly in American schools. As a political purpose and one so desired by the military, the implementation of this process lacked however the existence of troops in the ranks, or available by mobilization, so that the barracks were endowed with individual and collective competences, that allowed them to stand shoulder to shoulder with the partners of the Atlantic Alliance in the accomplishment of defense missions for the preservation of the independence of the European area.

Key words:

Americanization of Europe, Americanization of Portugal, Americanization of the Portuguese Armed Forces, Portuguese Army, Military Culture

A missão do Exército, duma Nação, é defender, com o sacrifício da vida e dos bens materiais, não só o espaço físico mas também a liberdade das pessoas. Só merece verdadeiramente a liberdade quem está disposto a lutar por ela.

Winston Churchill

1.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, ao propor-se indagar sobre **influência direta americana na organização, no equipamento, na formação e na mobilização militar do Exército das Forças Armadas Portuguesas no período imediato do pós 2ª Guerra Mundial**, pretende mitigar uma lacuna que parece ser não apenas importante na História Militar Portuguesa mas no conjunto da historiografia portuguesa.

Tendo em consideração que no pós 2ª Guerra Mundial ocorreu uma reorganização profunda das FAP, no sentido da profissionalização, e que tal mudança coeva se orientou para uma forte cooperação militar com os Estados Unidos da América (EUA), a hipótese aqui explorada é ter existido entre aquelas reorganizações e esta cooperação uma relação expressiva que designamos de influência americana.

O estudo tem como quadro teórico e historiográfico o *Americanization Debate* e a experiência de tal processo na Europa, e como universo empírico o caso de Portugal, que tem sido um elemento quase marginal naquele debate e que aqui é analisado pelo prisma da influência americana na esfera militar, área onde tais estudos são particularmente raros [Lammersdorf 1999; Barjot and Réveillard 2002; Stephan 2005].

A. O DEBATE DA AMERICANIZAÇÃO

O termo *americanização*, de *América* como *Estados Unidos da América* (USA), uma construção cultural do século XIX [Graser 2011], entrou no léxico português significando «ato ou efeito de americanizar», considerando-se esta como a aquisição de um «cunho ou carácter americano», no sentido da adoção de «modos ou costumes», da «organização política ou económica» semelhantes às dos *Americanos* [Machado 1981; Coelho 2010: 3], próximo do significado que o termo adquiriu noutras línguas, como «process of Americanizing» [Coelho 2010: 3], «Manière qui imite celle des Américains, spécial ément des États-Unis (Larousse 1868) ou «action d'américaniser, fait de s'américaniser» (Larousse, ????) [Barjot and Réveillard 2002: 5] ou ainda “Acción y efecto de americanizar o americanizarse”¹.

Todavia, tanto no léxico *americano* como no plano académico, o termo tem, e necessita de ter, dois usos ou conceptualizações que referenciam dois fenómenos distintos. O primeiro conceito é o de “*americanização interna*” e com ela se identifica a doutrina, as políticas e as práticas, isto é, o processo emergente nas últimas décadas do século XIX referente à assimilação induzida ou forçada/coerciva (anos 1920s) dos aborígenes e/ou das vagas de imigrantes que então entravam nos EUA, visando a “homogenisation of the country' sethnically diverse population” através da inculcação da cultura branca (dominante), de origem europeia, segundo modelo assumido pelo “Comité on Aliens of the Mayor's Committee on National Defense”. Tal como nas escolas públicas e nos locais de trabalho, as práticas daquela instituição orientavam-se para o ensinamento da língua, cidadania, história e governação americana, com o propósito de criarem padrões de conduta social e valores de patriotismo nas populações originárias de outros países. Como escreveu, em 1916, H. H. Wheaton, um americano especialista na educação de imigrantes, “*The americanization of the immigrant is not merely a problem of rendering a service to the immigrant himself. It is not*

¹ Diccionario de la lengua española de la Real Academia Española, 22ª ed., 2001.

merely a question of philanthropy, of giving something to the newcomer who has arrived upon our shores. Many immigrants readily acquired our language and adapted themselves to our conditions... the country was unified in spirit, unified in language, unified in ideas, and unified in attitude toward democracy, liberty, and equality of opportunity” [Wheaton 1916: 265-269 ; Hilger 2008: 373-401]. Também o exército americano desde cedo agiu como um «americanizer». Em 1920, Netwon Baker definiu o “*The Recruit Educational Centre*” do exército Americano como “*the army’s organization that takes the illiterate and non-English speaking recruits and by means of a thorough course in English and citizenship, coupled with instruction in the fundamental duties of a soldier, turns them out intelligent, patriotic and disciplined soldiers and citizens*” [Hilger 2008; Coelho 2010: 4]. A *americanização* como processo de assimilação interna ou «patriotic assimilation» tem o seu próprio debate, que aqui não é fulcral [Bale 2008; De Jong 2011; Fonte and Nagai 2013].

O termo *americanização* foi também concetualizado para cunhar o processo de radiação (transferência e atração) “internacional”, “transnacional” ou “global”, das instituições, valores, tecnologias, práticas e/ou atitudes socioculturais tidas como peculiares da modernização da sociedade **americana** (EUA) [Kroes 2001: 524; Stearns 2001: 523-532; Schröter 2005: 1-5]. Na interpretação de tal processo há, todavia, e desde cedo, uma dupla visão. Na seminal perspetiva do «Great educator» e «Great pacifist» britânico William Thomas Stead (1864-1912) “*The Americanization of the World*”, seria “*the Trend of the 20th Century*,” (1902) [Stead 1902]². Como notou Marcus Gräse, se para o sociólogo alemão Max Weber (1864-1920) ou para o historiador britânico James Bryce (1838 - 1922) e outros intelectuais europeus que pensaram a América nos finais do século XIX, este era acima de tudo um modelo contrastante com a experiência das sociedades

² “Livro que correu mundo” (no mesmo ano saiu a edição americana – NY, H Markley, e ainda as edições francesa e alemã) e que teve alguma receção nos meios republicanos portugueses como «A Americanização da Europa» [Cf. Actas do Senado da República, Sessão nº 29 de 24 de janeiro de 1912]. Em 1899, W.T. Stead publicara: *The United States of Europe on the eve of the Parliament of Peace* (Toronto, G. N. Morang, 1899). Ver ainda o W. T. Stead Resource Site (WTSRS), onde podem ser lidos os principais textos do jornalista.

européias. William Stead, assumiu uma perspectiva já implícita em Alexis de Tocqueville (1805-1809) em *De la démocratie en Amérique* (1835-1840), “introduced a concept to the world according to which "America" was less a model and more a trend - but in a different way to that described by Tocqueville: America was now no longer seen as a pioneer whose development pointed the way to one's own future - and thus benefited the stragglers, who could avoid "mistakes" by learning from America. "Americanisation" meant something else: the swift creation of "simultaneity", if not in the "world", then at least in the areas of American influence, above all in Europe. The ideal of this "simultaneity" did not mean a complete conformity with the USA, but rather a high level of receptiveness” [Graser 2011]. Num estudo recente, dedicado à difusão mundial da cultura popular americana entre 1869 e 1922, confrontados os críticos coevos americanos (E. L. Godkin, Van Wyke, Randolph Bourne, etc.) e europeus (Matthew Arnold, Max Weber, Johan Huizinga, etc.) de tal cultura, concluiu-se que o termo *americanização*, com o sentido de difusão transnacional, emergiu na viragem para o século XX como uma «complex and multifaceted expression of the European encounter with modernization and cultural change» [Rydell and Kroes 2007: 157-159]. E como modelo ou tendência, positiva (americanizers) ou negativamente (anti-americanizers) avaliados [Kroes 2001: 524; Stearns 2001; Gassert 2009], a influência dos EUA ou «the extraordinary transnational appeal of America» [Klimke 2009: 33-37] propagou-se ao longo do século XX.

O debate académico sobre a *americanização* como processo de difusão ganhou um particular alento a partir da década de 90 do século passado. De facto, com o fim da Guerra Fria, intelectuais e académicos da Europa Ocidental deram maior ênfase à questão da influência dos EUA no desenvolvimento da Europa do Pós-Guerra e no processo de integração regional transnacional (Comunidade Europeia) que, a partir dos anos 1950, estendeu-se a quase toda a «Europa Ocidental» e mostrou-se capaz de compreender a Europa Central. É claro que tal

interesse por parte dos académicos europeus também variou bastante nas historiografias nacionais [Gienow-Hecht 2000: 465-494]³.

Em 1999, a Conferência organizada pelo German Historical Institute, em Washington, dedicado ao «The American Impact on Western Europe: Americanization and Westernization in Transatlantic Perspective» [Lammersdorf 1999] é aqui utilizado como o primeiro momento de balanço do caminho percorrido pelos historiadores americanos e europeus (alemães e holandeses) que exploravam aquela agenda. Os cerca de 25 “papers” apresentados distribuíram-se pelos seguintes tópicos: conceitos; relações de trabalho e produção em massa; instituições e cultura políticas; cultura e *media*; planeamento urbano e paisagístico; e regiões. Tal diversidade mostra como a questão da *americanização* da Europa Ocidental estava menos focada na hegemonia militar e económica americana do que na influência dos EUA sobre o desenvolvimento sociopolítico e cultural, compreendendo uma agenda predominantemente «from below» e transversal a diversos campos historiográficos. Uma segunda característica desta fase parece ser a centralidade atribuída ao período do pós 2ª Guerra Mundial, ainda que se explorasse também «beyond the 1960’s». Finalmente, no conjunto das comunicações identificam-se três questões essenciais: como foi acolhido e assimilado pelos europeus o modelo societal americano (consumo e cultura de massas); os meios (canais) de transferência através do Atlântico tanto dos bens materiais como das «ideas and “dreams” of a better life and of “prosperity for all”»; como ocorreram, nas organizações, partidos, igrejas e *media*, os contactos entre as elites intelectuais americanas e europeias, e em particular que redes foram criadas/estimuladas pelos «americanizers» de ambos os lados e a sua ação.

³ Sobre a emergência, intervenientes e perspetivas geracionais assumidas [“culture as a tool”, “cultural imperialism”, 1960s-1990s, e “counter critique” (imperialismo cultural ou “modernity” and cultural loss”?)] neste debate até ao final do século XX.

Nesta conferência a discussão conceptual foi relevante e centrou-se em torno de três conceitos: *Americanização*, *Ocidentalização* e *Modernização*. Mais do que a crítica que procurou superar a perspectiva unidirecional da modernização (a *América* como farol da modernização, no sentido Steadiano), enfatiza-se aqui a divergência na definição daquela relação transatlântica. Tomando como referência a experiência alemã no século XX, Volker Berghahn reconhece-a como um “process of Americanization”, porque conduzida «by the one hegemonic power of the West» [hegemonia no sentido Gramsciano] e no qual «the cultural models and norms of styles of behavior of a mass consumption society were exported from the United States to Europe». Mas vê-o como uma transferência parcial (com limites) e negociada, cujo fluxo descreveu da seguinte forma: «“Americanization” refers to a process by which ideas, practices, and patterns of behavior that were first developed and wide spread on this side of the Atlântic [EUA] first aroused the interest of some Germans [i.é, *Americanizers*]. They studied them and introduced them into public discussion in their country, raising the question of transferability and applicability. Those who were convinced that what they saw and scrutinized was transferable, began to import these ideas and practices. Not *America* as a whole, but American in this limited way, became to the model to be emulated. They were helped in this transaction by Americans [i.é, *Americanizers*] who not only believed that their model was superior to existing alternatives (e.g. the British one), but who also has a vested interest, or felt a mission, in wanting to export the American Model». E, acrescentou Berghahn, porque tal processo encontrou, invariavelmente, resistência por parte daqueles [i.e., *anti-americanizers*] que rejeitavam os elementos provenientes da *América*, considerando-os «as alien and unsuitable to German Society, its economic, political and cultural traditions, o resultado traduziu-se não numa réplica mas numa «peculiar mixture» na qual «the specific American content of which varied from issue to issue, from social group to social group, and from region to region» [Lammersdorf 1999].

Esta perspectiva foi confrontada com o «new paradigm» proposto pelos historiadores da cultura (Grupo de Tübingen, Anselm Doering-Manteuffel) para quem a relação EUA-Europa no século XX é essencialmente um «process of Westernization», definido pela fusão (“amalgamation”) de valores europeus e “Atlânticos”. Como notou Mary Nolan a questão conceptual não ficou resolvida, com ambos os conceitos a revelarem dificuldades em problematizar o anticomunismo, o nacional-socialismo, o antissemitismo e o impacto do colonialismo, do racismo e da descolonização» [Lammersdorf 1999].

Desde então ampliaram-se e diversificaram-se as perspectivas históricas sobre aquela relação transatlântica. Relevamos em particular quatro abordagens. A primeira é a que tem aprofundado o conceito (cultural) de «Westernization», teorizado pelo Grupo de Tübingen, vendo-o como um processo de «*cooperation of Americans and Non-Americans in creating a transatlantic community of values by means of cultural transfers*». No essencial estudam a emergência desta comunidade de valores e como a diversidade das tradições nacionais influenciaram aquela relação e a experiência da Guerra Fria. Tal perspectiva, não valoriza «*the adoption of certain life styles and production techniques [Fordism, Taylorism] [(...) originated in the United States]*», antes atribui particular importância à “guerra fria” das Ideologias herdeiras do Iluminismo (Liberalismo *vs.* Marxismo). Trata-se de uma conceptualização que se apresenta como complementar à da *americanização* e à qual se reconhece alguma capacidade explicativa em especial para os casos em que a experiência histórica passou por uma expressiva «divergência from the West» [Nehring 2004: 4-2; Berghahn 2010: 107-130].

As duas abordagens que se seguem partilham um quadro historiográfico comum, que é o da História da *americanização* como fenómeno suscetível de ser individualizado no longo século XX. São um particular contributo, da história económica e empresarial e da história sociopolítica, ambas sob influência do «cultural turn».

A história económica e empresarial apenas começou a explorar a *americanização* como quadro conceptual após a viragem *culturalista* dos anos 1990, que, introduzindo uma dimensão qualitativa, ajudou a superar as limitações explicativas sobre a recuperação económica do pós-guerra reveladas pelas anteriores perspetivas quantitativistas e institucionalistas, que, focadas no desempenho das economias nacionais (recuperação, medição e limites do efeito “Plano Marshall”) e na inter-relação das instituições internacionais, marcaram as primeiras contribuições para esta agenda. Com o «cultural turn», a agenda de investigação incluiu indagar «how American values have influenced European Economic performance during the 20th Century» [Schoter 2005: 1].

Neste contexto historiográfico estabeleceu-se para a *americanização* uma definição suficientemente compreensiva para acomodar na sua totalidade e variedade (temporal e regional) a relação da *América* com o resto do mundo, especialmente depois da 1ª Guerra Mundial. Assim, para Dominique Barjot, “*Americanization may be defined as the gradual adoption, by nations other than the United States of America, of the patterns of production, consumer behaviour and ways of life prevalent in the latter nation. In the source of those transformations, there was a set of values and beliefs largely significant in the United States: a fundamental and positive role given to the economy, a belief in the capacity of the competition, a strong individualism, a deliberate option in favour of social links based on the contract and the market. If Americanization collided with a certain number of oppositions and resistances, it took very diverse forms, both-macro and micro-economic, in Europe, in Latin America or Far Eastern Asia. But, even in the most Americanized countries, adaptation comes before pure and simple adoption, favouring thus hybridization and, frequently cross-fertilization*” [Barjot 2003: 41-58; Barjot and Réveillard 2002: 5-22].

Nesta linha, Harm Schröter procurou descrever e interpretar a *americanização* económica da Europa, isto é, a «radiation of American practices and attitudes in European Economic Life [...], the first area to undertake the learning process of Americanization». Focado na *americanização* como «economic [adapted] transfer» de valores, comportamentos, instituições, tecnologias, padrões

de organização, símbolos e normas dos EUA para a vida económica de outros estados, o «most significant phenomena» do século XX mas invisível na historiografia anterior à década de 1990, o historiador apresenta aquela radiação (economic Americanization) como resultado combinado de uma «counssciously manage», formal, a «pressure exerted by the USA», e de um «unexpected by product» (resultante da competição), variando a sua natureza e conteúdo de país para país e na sua projeção temporal, sendo certo que na sua evolução aumentou de intensidade no que foi acompanhada também pelas críticas e resistências [Schröter 2005: 1-13]. Schröter identifica três vagas de *americanização* na História Económica e Empresarial da Europa [Schröter 2005: 11-224]: na primeira, que se desenvolve entre 1870 e 1945, com o clímax entre as duas grandes guerras, a *americanização* emerge como um «comprehensive concept» de desenvolvimento, que na Europa se traduz na adoção da forma (movimento de racionalização) e não do contexto, isto é, na difusão e adaptação do Fordismo e Taylorismo e alguma influência cultural (cultura popular ou cultura comercial). A segunda vaga, corresponde ao “Great post war boom” e foi acompanhada pela expansão económica de 1945-1970s. Numa primeira fase (1945-1955) assumiu a forma de uma “*americanização* dirigida”, estimulada pela componente «internacionalista» das elites americanas (*americanização* como missão), tendo como instrumentos o Plano Marshall, as missões de produtividade, a ocupação política e o programa de cooperação e assistência militar, e concretizada numa difusão geograficamente mais ampla e qualitativamente mais intensa tanto do modelo económico (produção e distribuição em massa, novas tecnologias) e das formas de organização empresarial (mais nas grandes empresas e organizações existentes ou em formação do que na transferência do «model of management education») como das culturas organizacional e tecnológica militar e estatal, política e popular americanas, transferências que permitiram aumentar a segurança (da Europa Ocidental e do ocidente) e reduzir a distância económica e social entre os EUA e a Europa Ocidental nos anos 1960s. A partir de meados dos anos 1980, emergiu uma nova

vaga, que pôs em questão o papel do Estado tanto na economia como noutros campos onde a sua ação tinha garantido os padrões básicos da existência humana. Na perspectiva de Schröter, se na fase anterior o elemento dominante tinha sido a economia, a terceira vaga foi um «general show of strength, in economic police and growth, finances, technology, and militar and political issues», num novo contexto paralelo, o da globalização da economia mundial, que reforçou mas que o autor distingue do processo de *americanização* [Schröter 2005: 207], interpretação que não é seguida por cientistas políticos como Paul Bracken, que a cunhou do «New American Challenge» [Bracken 1997: 19], ou «Second American Century» [Kurtzman: 2014]⁴ e por historiadores transnacionalistas como Akira Iriye [Iriye 2007; Mazlish: 2007: 31-48] ou Susanne Hilger: *‘If ‘Americanization’ is understood as a process of adaptation which provide the tools for modern business management and which enable companies to cope with global competition, rapidly changing environments and challenging new market conditions, then globalization seems to be closely connected with Americanization. In this context, postwar Americanization has had a significant pioneering function in the formation of the global world economy. This all the more as it procured innovative management knowledge which finally led to the emergence of new competitive behavior. ‘The role of a pace-maker within in the internationalization of production was taken over’ as Volker Wellhöner put it, by ‘US companies’. From this perspective the globalization of the late twentieth and early twenty-first century can be seen as another wave of Americanization, following the waves of the 1920s and the 1960s to 1970s’* [Hilger 2008: 373-40; Berghahn 2010: 115-119].

Na historiografia sociocultural, o estudo da *americanização* como processo deu uma particular ênfase à sua dinâmica histórica vista através das conexões e fluxos nas práticas sociais e culturais. Num balanço recente, Volker Berghahn sugeriu três fases ou vagas na história das interações entre a *América* e a Europa até 1980s: a longa era da europeização (até ao final do século XIX), a da ocidentalização (entre finais do século XIX e a 2ª Guerra Mundial) e a da *americanização*

⁴ Sendo as 4 forças: a criatividade, a revolução energética (revolução do xisto); a reindustrialização; e a abundância de capital.

(a partir da 2ª Guerra Mundial, até aos anos 1980s). Usando a metáfora da autoestrada atlântica [Armitage 2002; Armitage and Braddick 2002: 11-34; Green 2009], aquela periodização é baseada no grau de reciprocidade [fraco (hegemonia) vs. alto (circulação)] do fluxo das transferências culturais e económicas: mais intenso da Europa para a América, até ao início do século XX; mais equilibrada ou simétrica entre as duas Grandes Guerras; assimétrica, em favor da margem ocidental do Atlântico norte, nas décadas seguintes à 2ª Guerra Mundial. Tal andamento acomoda melhor a história dos múltiplos intercâmbios (económicos, sociais políticos e culturais) entre o Atlântico «branco» [Armitage 2002; Armitage and Braddick 2002: 11-15], incluindo uma longa experiência de fertilização cruzada [Berghahn 2010: 107-130; Thommesen 2008; Haut 2004: 161-185; Nathaus 2013: 737-776; Merziger 2013; Pombeni 2006: 223-238; Conway and Patel 2010 Gienow-Hecht 2006: 585-613]⁵.

Também a historiografia transnacional afasta, secundariza ou circunscreve o uso da *americanização* como termo analítico chave, considerando-o inapropriado, porque sugere uma influência unilinear e assimétrica quando, a historiografia «the Exchange of Ideas, goods, and practices across the Atlantic was never a one side affair», isto é, onde existiu *americanização* houve sempre europeização [Klautke 2011; Rodgers 1998; Grazia 2005]. Seguindo esta abordagem, Mary Nolan, num estudo recente e de forma criativa, reconfigura *The American Century* (Henry Luce, 1941) [Luce 1941; Whitfield 2014] no «Transatlantic Century» e desafia um modelo analítico clássico centrado na hierarquia/hegemonia e nas regulares assimetrias que teriam marcado a relação Euro-Americana, entre 1890-2010. Contundente na crítica dirigida à «standard history», segundo a qual o “nineteenth century was European [multipolar], the twentieth was American [bipolar e unipolar depois de 1989]”, à custa do declínio/dependência (*americanização*) da Europa, a

⁵ K. Thommesen segue uma periodização similar: «early stage of Americanization, 1919-1939»; «The Glorious era» (1940-1989); «Signs of Trouble: Globalization, Environmentalism, and loss of Soft Power».

autora argumenta que a «history of shifting transatlantic power relations, of provisional outcomes and ongoing indeterminacies, of cooperative projects and competing visions of capitalism, modernity, and empire cannot be reduced to the inevitable triumph of the United States; that history is much more nuanced, contingent, and contradictory. It begins with the stop-and start rise of American influence in Europe in the early decades of the twentieth century, continues with the mid-century assertion of American hegemony in all fields, and then proceeds to the slow erosion of American economic, cultural, and political power from the 1970s on and the emergence of an integrated and more autonomous Europe». Além de marcar um limite (1980s) ao «American Century», perspectiva que partilha com outros historiadores [Zelig 2001: 313-328], Nolan enfatiza a complexidade do “West” e ao revisitar as “relações” transatlânticas [desde os planos da guerra e diplomacia, ao desenvolvimento dos diferentes modelos sociais e económicos, e das redes e trocas], reconhece que o crescimento do poder militar, económico e cultural americano foi o aspeto central (“heart”) da História do «Transatlantic century». Todavia a historiadora também procura mostrar como a dependência Europeia e a hegemonia Americana foram sempre «relative phenomena» e que a conexão entre as duas margens foi regularmente pautada por discórdias e dissonâncias: “American economic might did not automatically translate in to political power or cultural influence, and hard military and diplomatic power and soft economic and cultural power did not always move in tandem. Transatlantic perceptions of shared interests, incompatibilities, and animosities were seldom clear-cut or stable” [Nolan 2012].

A historiografia recente está mais atenta à complexidade das relações transatlânticas. Ao notar que as transferências e imitações transnacionais, em si mesmas, não são necessariamente indicativas de *americanização* (ou de europeização), ao colocar objeções à progressão linear da *americanização* da Europa, identificando períodos de des-*americanização* (p. ex., década de 1960), e ao acentuar não só as diferenças de como tais transferências foram acolhidas (imitação, adaptação),

introduzindo as noções de criouliização e «Self-Americanization», como também a extensão e insucesso de algumas «transferências» (limites e barreiras à *americanização*), convoca a necessidade de uma análise histórica regionalmente mais fina das interações e influências transatlânticas [Berghahn 2010: 115-119; Horten 2006: 193-200; Paulus 2002: 214-253; Tobia 2011: 1-7; Surf 2004: 1-20; Nathaus 2013: 737-754; Zeitlin and Harrigel 2000; Schröter 2005: 220-221; Gienow-Hecht 1999] e questiona mesmo o efeito societal a longo prazo de tal processo: «it is time to stop pretending that Europeans and Americans share a common view of the world, or even that they occupy the same world» [Haupt 2004]. Jessica Gienow-Hecht sugere mesmo que o termo “Americanization” seja substituído pela expressão «American Cultural Transfer», procurando, no essencial, separar a influência «cultural» a partir de baixo (não-governamental, exportação de várias Américas), de outras formas, mais diretas (ativas), da influência americana que, para o período pós-2ª Guerra Mundial, têm também sido cunhadas de «Guerra Fria Cultural» [Gienow-Hecht 2000: 465-494; Calandra and Marina 2012; Niño and Montero 2012]. Todavia, nesta matéria, seguimos Richard Kuisel, para quem a *americanização* «remains the operative concept. Despite certain conceptual problems, this term identifies a phenomenon of immense significance that merits the attention of historians, including those concerned with international relations» [Kuisel 2000: 509-595].

Mas no debate sobre a *americanização*, está também sob escrutínio a tradicional separação analítica entre as esferas cultural e económica, através das quais os USA projetaram o seu «soft power» («from below» e dirigido) e o campo político-militar, onde aplicou o seu «hard power» (dirigido, «top-down»), ambos usados de forma variável “to accomplish an official goal of extending American power in Europe” [Thommesen 2008: 6; Nye 1990], explorando-se o conceito de «smart power», «the ability to combine the two into an effective strategy”: Os EUA «was adept at using smart power during the Cold War. [...] While hard military power was essential to deter Soviet aggression, it was combined with the soft power of culture and ideas that ate away faith in

communism behind the Iron Curtain. The Berlin Wall did not fall under a barrage of artillery, but from hammers and bulldozers wielded by people whose minds had been changed. On the other side, the Soviet Union was not able to combine the two into an effective strategy. In the 1940s, the Soviet Union possessed a good deal of attraction in Europe, but its brutal use of her military power in Hungary in 1956 and Czechoslovakia in 1968 undercut its soft power. Over the decades, Soviet hard power increased, but at the expense of its soft power» [Nye 2006; Ilgen: 2013: 25-38; Crocker and Hampson and Aall 2007: 13].

Embora o poder analítico do conceito «smart power» para explicar a realidade pós-1989 comece a ser objeto de forte crítica [Biegon 2013; Thommesen 2008] talvez ele possa ser interessante na investigação histórica do processo de *americanização* no pós-guerra quando descrevemos e analisamos as práticas concretas de *americanização* da Europa, explorando a variedade com que os EUA e as nações e regiões europeias viveram tal processo. Egbert Klauter escreveu que na Europa o «Anti-Americanism and pro-Americanism usually go hand-in-hand; both positions [...] could not be separated without distorting the historical record» [Klautke 2011: 11]. Esta perspetiva estende-se, pelo menos com uma função hermenêutica, às imbricações entre “soft” e “hard power”, por exemplo, quando em presença de processos onde a *americanização* dirigida teve um papel relevante: «Non-Americans [...] have often found it difficult to distinguish between these form of soft power. The American militar, American commercial exports, and American culture have been commonly perceived, as they were in much of Western Europe after 1945, as a single, multidimensional domination» [Kuisel 2000:513]. Em suma, a *americanização* da Europa foi um processo que interagiu com a vida cultural, social e económica e os padrões de consumo, mas também com o planeamento militar europeu.

A prática da história da *americanização* depende muito das tradições historiográficas de cada estado-nação. Ela é mais precoce e comum entre os «senders» do que entre os «recipients»

[Gienow-Hect 2009: 1], e entre estes atraiu mais o interesse dos historiadores dos países que estiveram diretamente envolvidos na 2ª Grande Guerra e estiveram mais expostos à ocupação primeiro alemã e depois americana. Uma geografia muito próxima da seguida pela prática da história comparativa a partir de 1980 [Haupt 2004]. Num número relativamente recente da *Cold War History* (2008) examinaram-se as «national and international approaches to teaching and research in Cold War History» e nele encontramos artigos sobre “Teaching and Research on Cold War (...)” dedicados ao Países Nórdicos (Thorsten Olesen), Reino Unido (Michael F. Hopkins), Itália (Antonio Varsori), Alemanha (Jost Dulffer), Suíça (Andreas Wenger e Christian Nuenlist), e Jugoslávia (Ljubodrag Dimic). Com esta diversidade nacional pretendeu-se obter «contrasting perspectives», sobre três tópicos, incluindo o das motivações e métodos dos Estados Unidos, «even in the lesseractors» (A. Lane). Infelizmente o perímetro ibérico ficou fora desta avaliação.

Compreender a diversidade regional da *americanização* europeia foi o propósito explícito de “The Americanization of Europe: Culture, Diplomacy and anti-Americanism after 1945” [Stephan 2009], livro coordenado por A. Stephan, e contou com a colaboração de especialistas em onze países europeus, de oeste a leste: Inglaterra (Hugh Wilford), França (Richard J. Golsan), Alemanha (RFA) (A. Stephan), Suécia (Dag Blanck), Dinamarca (Nils Arne Sørensen and Klaus Petersen), Áustria (Günter Bischof), Rússia (Marsha Siefert), Polónia (Andrzej Antoszek and Kate Delaney), Grécia (Konstantina E. Botsiou), Itália (David W. Ellood) e Espanha (Dorothy Noyes), uma geografia que cobriu «The Big three» ou «The usual suspects» (França, Grã-Bretanha e Alemanha Ocidental), “losers of the American Century” [Stephan 2009: 8]; o perímetro nórdico (Suécia e Dinamarca), a Europa Central (Áustria), o outro lado da “cortina de ferro” (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e Polónia) e a Europa do Sul (Itália e a Grécia). Com um propósito comparativo, aos autores foi proposto organizarem os seus ensaios em torno de quatro tópicos: o papel da diplomacia cultural americana; a transferência e a influência da Alta Cultura americana; a

difusão da cultura popular americana; e de como as pessoas dos países em análise reagiram ao influxo da política e cultura dos EUA, isto é, o grau e papel desempenhado pelo antiamericanismo.

A Grã-Bretanha por razões históricas e culturais é, neste livro, apresentada como o «tame case» da *americanização* e do antiamericanismo e mesmo um «transmitter» das ideias e cultura americana na Europa ao mesmo tempo que se abria a outras influências culturais (do império). A França é vista como um exemplo de contraste em relação à primeira, com a persistência de um tradicional antiamericanismo na opinião pública, nos meios intelectuais e políticos (Charles de Gaulle), prossequindo uma «policy of political, militar, and cultural distance», independentemente das mudanças políticas americanas. Como escreveu Golsan: «Anti-américanisme is a constant in postwar France [...] inextricably linked to the processes of economic and cultural Americanization [...] inspired as much by myths and distortions as it is by realities». Já no caso da Alemanha, provavelmente o caso historiograficamente mais investigado, é acentuada a sua submissão a um minucioso processo de americanização durante toda a Guerra Fria, com programas intelectuais, recreação comercial e a integração na North Atlantic Treaty Organization (NATO), e integração europeia (CEE), um processo que para Stephan começa por ser de «active Americanization» (da parte Americana), para a partir dos anos 1960, evoluir para «Self-Americanization», sempre com manifestações de antiamericanismo político e cultural. Também na Áustria, o exército americano foi bem-recebido e, tal como no caso dos alemães, os austríacos foram submetidos a um intenso programa de desnazificação, democratização e reeducação, e, se permaneceram neutros, mantiveram-se abertos à influência americana. Os programas austro-americanos de “people Exchange and contacts” (de intelectuais, estudantes, profissionais) tiveram um papel muito importante na criação de uma sensibilidade austríaca à cultura americana. Bishof interroga-se mesmo se, a longo prazo, o termo *americanização* é o que melhor descreve o que aconteceu em matéria de influência americana na Áustria [Stephan 2007: 66].

Na Europa nórdica, a interação europeia com a cultura e política americana foi marcada por um fraco *americanização* e um também fraco antiamericanismo: «questions of Swedish dependence on or subservience to the US never had played a very prominent role in the Swedish public debate» (Dag Blanck). Também na Dinamarca quer a influência direta americana quer o antiamericanismo tiveram uma expressão limitada (e mais cultural do que política). A libertação em 1945 pelos Ingleses e não pelos Americanos, foi o fator chave que, durante décadas, tornou os dinamarqueses mais recetivos à influência britânica (como «local Great power», parceiro comercial e modelo cultural), do que à americana, apesar dos esforços desta, especialmente no início da Guerra Fria: através do Plano Marshall, a que aderiu, a Dinamarca recebeu a mais elevada ajuda *per capita* e também ingressou na Aliança Ocidental (NATO, 1949) [Stephan 2007: 4-5].

No «Bloco do Leste» as nuances foram também significativas. Na URSS, o facto marcante parece ter sido, por um lado, a dissonância entre uma retórica e propaganda antiamericana por parte da elite política e militar, durante a Guerra Fria, e a crescente sensibilidade da população soviética à cultura popular americana e, por outro lado, a colisão entre a receção e rejeição da cultura e política americana. Já na Polónia, apesar da forte monitorização soviética e da competição da sovietação, desde meados de 1950s os polacos tornaram-se «very open to Western cultural impulses, importing artists, journals, and magazines», com a emigração polaca a constituir um laço regular entre os EUA e a Polónia: uma experiência de abertura e restrição servindo a Polónia, “as both a translator and transmitter of American Culture, making American work accessible to others in the Eastern bloc” [Stephan 2007: 224].

David Ellwood, o autor de “O Aliado Inimigo” [Ellwood 1977], centra-se na modernização da Itália e explora a rejeição da tese da *americanização* por parte dos intelectuais nacionais para explicar «the rise to global *status* of the land of pizza, pasta, and cappuccino, of Armand and Benetton, of Alfa Romeo and Ferrari, of Fo, Eco, Benigni, and all the other

miraculous products of the world sixt-largest industrial power» preferindo, estes, a ideia de uma «selective adaptation or appropriation of the American inspiration». Para Ellwood, se a boa receção local dos militares americanos (como libertadores e não ocupantes) marcou o início da influência americana, o momento chave da *americanização* cultural foi a década de 1967-1977, depois da reconstrução e antes do termo do “Compromesso storico” [Gilbert and Nilsson 2007], que levou a esquerda e a direita italianas a aceitar a «limited sovereignty and constant supervision» dos EUA: «on balance, decades of containing and demesticating the American challange, in all its fluid variety of forms [Americanization], was probably an experience that helped unte italin as more that it divided them». No caso da Grécia, para a historiadora Konstantine Botsiou, a *americanização* e o Anti-Americanismo derivaram da tensão entre a dupla dependência que num lado tem a influência económica, política, militar e da cultura de massa americana, e por outro o profundo enraizamento da cultura eslava. Para a «folklorist» Dorothy Noyesa as datas chave das relações Espanha-América foram os anos de 1898 e de 1953. Na primeira das datas os EUA assumiram o controlo remanescente império espanhol na América Latina, e em 1953 a América estabeleceu bases militares em solo espanhol. No contexto da Guerra Fria, a Espanha era uma múltipla exceção: não tinha participado na Grande Guerra; os Estados Unidos não estavam interessados em promover aí uma democracia, e Francisco Franco parecia dar conta do anticomunismo na Península Ibérica. No pós-1945 a Espanha não foi um alvo da diplomacia cultural americana, não participou no Plano Marshall e na NATO, e a *americanização* chegou ao país por vias informais, em particular através do turismo e do investimento estrangeiro, e não por via de uma orientação política ativa. A precocidade da «consumer society» face à «political libertation» não ocorreu sem a persistência de uma crítica anti-americana, que refletia a convicção local de que a Espanha também era um «great cultural power». A autora argumenta ainda que em Espanha, a *americanização* cultural pode ter

facilitado “the difficult process of national reconciliation by providing a neutral ground on which at least the younger generation could meet” [Stephan 2007: 253-255, 273 e 321].

Numa perspetiva geral o que emerge deste livro é um aspeto central que cada vez mais está presente no debate da *americanização*: por variadas razões de natureza política, geográfica ou cultural, as respostas dos países europeus ao influxo americano do pós-guerra foram muito diferenciadas. Ao mesmo tempo, se não constitui grande surpresa o combate soviético à influência americana, não deixa de surpreender o igualmente forte antiamericanismo cultural presente em contextos tão diferentes como a França, Grécia e Espanha (Europa do Sul). E nele surpreende tanto a “resistência” dos países nórdicos, que até aos anos 1960s apresentam baixos níveis de americanização cultural e política, como a interessante ideia de a influência americana ter sido a plataforma de reconciliação (reunificação) política na Europa do Sul (Itália, Espanha).

Mas de tudo o que acima fica dito surpreende também que no debate historiográfico internacional sobre a *americanização*, Portugal esteja quase ausente [Zeitlin and Herrigel 2008], uma visibilidade notoriamente fraca mesmo em relação ao seu vizinho ibérico [Nino and Montero 2012; Calvo-Gonzales 2006; Halstend 1994; Balfour and Preston 1999: 141-229; Heller and Have 2006:79-102]⁶.

A História da influência americana em Portugal colocada num contexto internacional e comparativo tem muito poucos praticantes. Na verdade são escassos os estudos históricos internacionais que integram o caso português como «case study» ou mesmo que referenciem Portugal em quaisquer generalizações quer da História da *americanização* quer da História da Guerra Fria [Graham 2006: 231-251; Hendrickson 2006].

⁶ Em Espanha podem destacar-se os trabalhos do “Grupo investigación Estados Unidos y España” (CSIC e Universidad de Alcalá) que se dedicam ao estudo histórico das transferências e relações (culturais) EUA-Espanha, tendo, por vezes, como contraponto explícito outros casos europeus (França) e da América latina (México e Brasil) [Proyecto: guerra fría y propaganda cultural. Análisis comparado de la difusión del “modelo americano” en España, Francia, México y Brasil, HUM 2007-66559].

Uma das principais razões para esta marginalização pode radicar no facto de a influência americana ter sido muito limitada pelo menos nos primeiros trinta anos do pós 2ª Guerra Mundial. Núria Puig e Adoración Álvaro assinam um dos raros estudos em que Portugal, como parte dos «five Southern European Countries» [Portugal, Espanha, Jugoslávia, Grécia e Turquia], é objeto de um estudo comparativo explícito sobre a ajuda internacional (Americana) entre 1945-1975. Ainda que focados nas relações entre a ajuda internacional e o empresariado national - «A comparative analysis of Pro-American Business Networks in Southern Europe», os autores utilizam dez variáveis (de contexto e de ação) cujo grau de intensidade (fraca, não muito forte, forte, muito forte) permite-lhe aferir as determinantes da expansão das relações e das redes pró-americanas. Seguindo este modelo analítico, o contexto de partida tinha da Europa do Sul algum grau de diversificação: os «pre-war economic Interest» luso-americanos não eram muito fortes, o que caracterizava toda a região da Europa do Sul, com exceção da Espanha, onde eles eram fortes; e, a partir de 1945 e até 1975, se o «strategic significance» e o «political risk» de Portugal não era muito forte, tal como o de Espanha, eles eram considerados expressivos nos restantes países da região, num ambiente em que o «economic and social backwardness» era forte ou muito forte, excepto em Espanha («not very strong»). Já a «Official U.S. Economic Aid», a «U.S. Military Aid» e a «Private U.S. Aid (Ford Foundation)» à região variou no sentido Oeste-Este, de «weak» (em Portugal), a «not very strong» em Espanha e Jugoslávia, e a «strong» ou «very strong» na Grécia e na Turquia. Adicionalmente foram tidos em consideração o «role of State», que só para Portugal foi classificado de «weak», sendo «strong» em Espanha e Turquia; a «economic dependence of the U.S.» que era fraca em Portugal e Jugoslávia, e particularmente forte na Espanha e Grécia; e, finalmente, as «National economic prospects», que não eram muito fortes para toda a região, exceto para a Espanha. Tudo somado, «in absolute as well as in relative terms, U.S. Assistance does not seem to have had very much influence on [Portuguese] business community, even though it benefited

greatly from the Marshall Plan. Unimportant prewar economic interests, along with backwardness and poor economic prospects, as well as a lack of state involvement, may be the main reason for this. The small size of the Portuguese market (adjunct to the Spanish one for many U.S. firms) probably played an additional role. It is interesting to note that the reports of both official U.S. Agencies and the Ford Foundation spoke of indifference among those chosen as local partners. The case of Spain was completely different» [Puig Raposo and Moya 2004: 387-424].

Sendo o panorama geral para Portugal, até 1975, o acima traçado, é indispensável notar que houve sectores e momentos em que a ajuda e influência americana estiveram mais presente, podendo admitir-se mesmo um esboço de des-americanização ou uma americanização falhada nos anos 1930-1940. Depois de 1945, o esforço da americanização dirigida, ou seja da «U.S. Authorized Assistance» (económica e militar), Portugal foi uma das mais baixas na Europa e na Europa do Sul. Tal facto ficou a dever-se muito mais à fraqueza da ajuda económica do que à militar: «Economic aid (Marshall Plan) to Portugal and Spain was extremely low; they received half the other average». Portugal só recebeu quantidades relevantes de meios entre 1948-1951, parte expressiva deles destinados a Angola (1951). Mesmo no plano militar (apesar das diferenças expressivas entre os países ibéricos, apesar das bases militares americanas em ambos os territórios) tendo sido a Península Ibérica aquela em que se admitia como mais improvável uma «communist expansion», e apesar da presença de bases militares americanas nos dois países, foi também a que menos beneficiou diretamente do programa de assistência militar americano. Mesmo assim, a ajuda militar foi, tanto em Portugal como Espanha, muitíssimo mais relevante do que a ajuda económica: entre 1946-1975, a «militar aid» a Portugal e Espanha foi, respetivamente, 3,5 e 9 vezes superior à ajuda económica, um facto que por si, justifica um estudo histórico mais detalhado. Também na esfera da *americanização* não dirigida os dados parecem modestos, pelo menos na esfera económica, e o fraco interesse (alheamento) das elites portuguesas é apontada como uma das principais razões,

mas a que ocorreu parece ter sido um poderoso contributo para o expressivo crescimento económico nacional naquelas duas décadas [Puig Raposo and Moya 2004].

Três fatores foram determinantes para a criação do programa de assistência militar americano. O primeiro deveu-se à ameaça russa e ao temor do comunismo que assolava a Grécia e Turquia factos que foram decisivos para a criação da NATO. O segundo motivo deveu-se à pressão soviética na Alemanha, à queda de Mao Tse-tung na China, à guerra no Vietname e ao conflito no Médio Oriente como elementos justificativos para o emprego de avultadas verbas destinadas à política de defesa. Por fim o abandono da política de isolacionismo por parte do Presidente Truman através do aval dado à Grécia e à Turquia com a formação de alianças de defesa e a disponibilização de importâncias financeiras [David 1993: 1]⁷.

O apoio prestado à Grécia foi devido à coação russa por ter provocado a divisão da população grega entre defensores do rei exilado e manipulados pelo comunismo. Também a ajuda inglesa conferiu proteção àquele país contrariando os anseios russos que reagiram com desagrado por entenderem que a Inglaterra se intrometera na ingerência interna daquele país [David 1993: 9]. A ajuda concedida à Turquia foi devida ao facto de ter bloqueado o acesso da Rússia ao Mar Mediterrâneo, à pressão exercida por Moscovo para domínio do país e à intenção russa de dividir o controlo do Estreito de Dardanelos no acesso ao Mar Negro [Truman 1956: 96]. A imposição soviética impedia a celebração de acordos com os EUA e Inglaterra, passando a Turquia a ficar sob a alçada dos países comunistas limítrofes (Bulgária, Roménia e União Soviética). A situação criada exigia o apoio militar àqueles dois países europeus para sustentar e impedir a coerção russa [Truman 1956: 28 e 29].

⁷ Theses presented to the Faculty of the School of Logistics and Acquisition Management of the Air Force Institute of Technology Air University In Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Master of Science in Logistics Management, September.

A relevância de se efetuar o apoio económico e financeiro à Grécia e à Turquia, assumiu uma importância tal tendo tema sido apresentado ao Congresso Americano onde foi referido que *“The Free people of the world look to us support in maintaining their freedoms. If we falter in our leadership, we may endanger the peace of the world and shall surely endanger the welfare of our own nation”*. Após aprofundados os estudos sobre a oportunidade de se efetuar a ajuda àqueles países, a moção foi aprovada em 12 de março de 1947 [Hovey 1965: 4], não tendo sido imediatamente convertido em plano de auxílio por as formalidades da sua elaboração carecerem de grande sensibilidade para camuflar as medidas nele vertidas a fim de evitar a confrontação direta com a União Soviética. Só em 22 de abril de 1947 foi assumido em projeto-lei e assinado pelo presidente dos EUA em 22 de maio do mesmo ano. Nele ficou definida a disponibilidade de 345,3 milhões de dólares para o apoio militar à Grécia e de 152,5 milhões de dólares para apoio da Turquia no ano de 1947. Os EUA decidiram ainda enviar forças militares para reforçarem o apoio aos governos para acautelar a propagação comunista.

O impulso do presidente Truman foi um fator determinante para a alteração das relações entre os EUA e o resto do mundo, fazendo crer que a independência dos estados se conquistava também através do apoio que os países mais robustos pudessem prestar aos mais débeis como forma de estancar a avalanche comunista que parecia não ter limitações na ingerência dos estados apetecíveis. O plano de apoio à Grécia e à Turquia foi o motor que despoletou uma nova intervenção na política dos estados europeus com suporte americano. Em consequência, os EUA aprovaram em 1948 um plano de assistência aos países estrangeiros com o propósito de a *“association of the United States, by constitutional process, with such regional and other collective arrangements as are based on continuous and effective self-help and mutual aid”*.

A necessidade de serem criadas condições de apoio mútuo, para salvaguardar a independência de cada país, fomentou a realização de vários encontros internacionais dos países

ocidentais (Bélgica, Canadá, Dinamarca, França, Islândia, Itália, Luxemburgo, Holanda, Noruega, Portugal, Reino Unido e EUA) para a formação do Tratado do Atlântico Norte ratificado em 4 de abril de 1949. Os países signatários passaram a estar vinculados entre si ao compromisso de que um ataque dirigido a um dos países membros era considerado um ataque ao grupo integrador [Graves and Hildreth 1985: 6]. A credibilidade assentava em muito na responsabilidade dos EUA pelo poder que detinha e pela referência adquirida no decurso da 2ª Guerra Mundial, sendo considerado o país que deveria desenvolver o processo adequado às necessidades de defesa da Europa. Através da ajuda externa os EUA providenciaram apoio militar aos países da NATO, tal como tinham realizado com a Grécia, Turquia, Irão, Coreia e Filipinas [David 1993: 14]. Em 1950 os EUA disponibilizaram quinhentos milhões de dólares para a NATO, ajuda que foi oportuna e necessária perante a conjuntura internacional do momento [David 1993: 15].

Os principais estudos históricos sobre a influência económica e financeira americana dirigida devem-se a Fernanda Rollo e centram-se no Plano Marshall. A autora analisa fundamentalmente o processo de reconstrução económica europeia através do empréstimo de verbas americanas, tendo Portugal também beneficiado dessa “ajuda” para o equilíbrio da balança comercial e o desenvolvimento da economia nacional [Rollo 1994].

Outros estudos recentes mostram também as alterações verificadas na sociedade portuguesa. Sedas Nunes considera Portugal uma «sociedade tradicionalista e dual» caracterizada, por um setor social, na procura do progresso e, por outro setor, travado pela imobilidade. Faz referência a uma maior circulação das populações (viagens, transferência de informação, etc.) na procura de melhores condições de vida nos grandes centros urbanos onde existe maior quantidade de recursos. A sociedade moderna adquiriu «um impulso humano ascensional» que alterou comportamentos e mentalidades na procura da satisfação pessoal em consequência do aumento do conhecimento [Nunes 1964: 407-462].

No plano cultural, Ana Rita Bagagem analisou a influência americana na cultura de massas em Portugal no pós-guerra. O *american way of life* tornou-se uma referência comportamental no quotidiano das pessoas provenientes de áreas culturais como o cinema, a música, a literatura e a imprensa mas também através da aquisição de produtos e da realização de viagens aos EUA, fenómeno que produziu a assimilação de ideias e ideais no imaginário das pessoas sobre a perceção da sociedade americana [Bagagem 2008].

Também Vanda Coelho analisa a *americanização* como a transformação de uma cultura de consumo de massas, promovida pelos meios de comunicação como veículo de absorção do paradigma americano na Europa. Entende que a *americanização* em Portugal também se deveu à ação das fundações americanas, através da “diplomacia cultural”, como processo de aculturação e difusão do conhecimento para a formação de uma “comunidade científica transatlântica” (política, cultural e científica). O Programa Fulbright permitiu estabelecer um fluxo cultural entre Portugal e os Estados Unidos, a partir de 1960, sendo “probably the most famous program of educational and cultural exchange in American history” [Coelho 2010].

O foco deste estudo tem uma outra dimensão da influência do “hard power” americano e Portugal: o de “ajuda” militar. Apesar de no contexto Europeu, da Europa do Sul e da Península Ibérica, a “ajuda americana” a Portugal ter sido financeiramente modesta, ela ocorreu e foi muito mais relevante no plano militar do que económico como o estudo de Puig Raposo e Álvaro Moya acentuou.

A americanização das forças armadas tem sido objeto de investigação em vários contextos geográfico e nacional. Na Historiografia Militar Canadiana, a obra da autoria de J.L. Granatstein (1993), aborda as consecutivas pressões que o Canadá sofreu por parte dos EUA entre 1939 e 1963, que puseram em risco a sua própria soberania pela invasão do seu espaço territorial como forma de pressionar o país a participar ativamente em conflitos armados noutra espaço geográfico.

A situação só estabilizou quando os EUA avocaram a defesa do continente norte-americano como um todo, tendo o Canadá assumido voluntariamente a sua participação em conflitos de paz sob a égide da Organização das Nações Unidas.

Para um período mais recente, Siddharth Srivastava [Srivastava 2007] abordou a questão da *americanização* do exército indiano na aquisição de equipamento militar aos EUA, que só no ramo da informática ascendeu a um valor de 300 bilhões de dólares. Este facto alterou a origem das trocas comerciais e aquisição de material bélico que do antecedente era fornecido pela Rússia.

Na Historiografia Militar Brasileira, Eduardo Munhoz Svartman [Svartman 2008: 76-91] investigou o pragmatismo brasileiro na cooperação militar com os EUA nas décadas de 1930 e 40 centrado na obtenção de créditos e equipamentos destinados ao reequipamento das forças armadas brasileiras. O processo decorreu no contexto da escalada militar na Europa e na Ásia e no rearmamento da Argentina, conjuntura que o país classificou de urgente na tomada de medidas destinadas à superação da debilidade da defesa brasileira [Svartman, 2008]. Com a eclosão da guerra na Europa, o Brasil assumiu importância estratégica devida ao controlo do Canal do Panamá, levantando a necessidade da criação de bases militares no nordeste do país para fiscalização naquele corredor de circulação marítima, situação que levantou obstáculos à premência do fornecimento de material bélico americano. Apesar das indefinições sobre a ajuda militar ao Brasil, foi criado um centro de formação no Rio de Janeiro para ministrar a doutrina americana. Na indefinição das contrapartidas entre os dois países, os EUA tentaram invadir militarmente o território brasileiro sendo impedidos de desembarcar na costa nordeste do país por ação das forças armadas brasileiras. As tensões só terminaram com a entrada dos EUA na 2ª Guerra Mundial e com o fornecimento de algum material de campanha ao Brasil. Após o final da guerra os dois países voltaram a reatar relações na luta contra o comunismo. Svartman (2008) refere que a

mudança de postura negocial assumida entre os dois países foi decorrente do pragmatismo das relações processadas com os EUA.

B. PERSPETIVAS DE INVESTIGAÇÃO E FONTES

É sobre a dimensão militar multidimensional da *americanização* que este estudo procura aprofundar o conhecimento histórico da experiência portuguesa nos anos 50, como tal influência penetrou e teve expressão no Exército português.

Sobre esta matéria os estudos são realmente escassos e superficiais. Entre eles destacam-se dois. Um deles, é realizado pelo Estado Maior do Exército (1988), *Subsídios para o estudo do esforço militar português na década de 50, os compromissos com a OTAN* (2 vols, 1988). O volume I faz uma abordagem sistemática das mudanças processadas na organização do Exército após os compromissos assumidos com a NATO, evolução que se evidenciou no campo da instrução, logística e mobilização. Nele se constata que foi produzida uma transformação no Exército decorrente dos compromissos internacionais assumidos por Portugal. O volume II centra-se na adoção e aplicação de novas metodologias de instrução e na criação de novos serviços e especialidades focadas na preparação da componente operacional do Exército para a integração das forças conjuntas referindo que isto decorre da “influência americana”.

No segundo estudo, da autoria de António Paulo David Silva Duarte (2005), intitulado *A Era Santos Costa: Política de Defesa e a Estratégia militar durante o Estado Novo (1919-1958)*, é traçada a evolução e a ameaça do paradigma das organizações política militar das Forças Armadas Portuguesas nos períodos entre as guerras e no imediato à 2ª Guerra Mundial. Segundo o autor, a adesão de Portugal à NATO decorreu da valorização geoestratégica do Atlântico, da latente ameaça soviética e da diminuição da influência inglesa. No Exército ocorreu a maior reestruturação

verificada nas Forças Armadas Portuguesas, com destaque para a criação do Conselho Superior de Defesa que institucionalizou a subordinação definitiva do poder militar ao poder político. Ao ramo terrestre foi-lhe atribuída a missão de organizar uma divisão tipo americano para combater no sul de França [Duarte 2005].

António José Telo faz uma análise de Portugal e da NATO no período compreendido entre 1949 e 1976 quanto à modernização das Forças Armadas Portuguesas e da sua organização em consequência da mudança das políticas de defesa e militar nacional entre 1949/1959. Releva a influência da NATO na transição de Portugal para o sistema democrático considerando as Forças Armadas como instrumento fundamental nesse processo [Telo 1996].

O que se propõe é um estudo histórico sobre a natureza desta “ajuda” militar, das modalidades em que se concretizou e na incidência que teve nas Forças Armadas Portuguesas. É um estudo de caso qualitativo e quantitativo centrado no Exército português.

Para a elaboração do estudo procedeu-se à consulta documental unicamente dos arquivos nacionais. No Arquivo Nacional da Torre do Tombo consultámos a documentação sobre a reorganização e o emprego das forças terrestres em situação de guerra na defesa da Península Ibérica e da Europa Central e a necessidade de proceder ao rearmamento e mobilização para a formação de uma divisão tipo americano para cumprimento dos acordos com a NATO. O Arquivo da Direção de Infraestruturas do Exército (ADIE) permitiu recolher informação sobre o Campo de Instrução Militar de Santa Margarida (CIMSM), em particular quanto à expropriação e aquisição de terrenos, revelando lacunas documentais quanto à sua construção. Aqui recolhemos a identificação dos proprietários expropriados, das suas dimensões e do custo da maioria das parcelas de terrenos adquiridos pelo Estado para a construção do Campo Militar. Na consulta do Arquivo Histórico Militar foi possível obter as listas dos militares e civis que fizeram formação no exterior com maior incidência nos EUA ou em escolas americanas localizadas na Alemanha. O

Arquivo do Ministério da Defesa Nacional facultou o programa de defesa mútua para o Exército quanto ao fornecimento de equipamento e armamento americanos para a constituição de uma divisão tipo americano. Permitiu também obter a relação de vagas para militares portugueses nas escolas americanas para o ano económico de 1951.

Da consulta dos arquivos nacionais constatámos também insuficiência de fontes relativas ao quantitativo e à designação das especialidades necessárias para a constituição da divisão do tipo americano e sobre o processo de mobilização.

O capítulo 1, designado por «Introdução», aborda a americanização em diversas perspetiva quanto à difusão cultural dos EUA. São também apresentadas as fontes que contribuíram para a elaboração do tema.

O capítulo 2, intitulado «O esforço português e a reestruturação no Exército: a inclusão parcial do “modelo americano”» apresenta as reformas que se processaram na estrutura política ministerial, no comando do Exército, nas unidades e na indústria militar, durante a década de 50, decorrentes da adoção (parcial) do modelo americano e com o apoio americano. O capítulo 3, designado «Reequipamento do Exército português: armas e saberes americanos» faz uma análise centrada no reequipamento de uma divisão tipo americano criada de raiz, dotada com meios, técnicas e saberes americanos, e nas implicações que teve na “vida militar”. Após a discussão sobre o reequipamento, e em sua consequência, o capítulo 4, denominado «A formação no Exército decorrente da experiência americana», procura interpretar as exigências produzidas no processo formativo dos militares, pela criação de novas especialidades baseadas em estágios e cursos ministrados no estrangeiro e pela edificação de novos quartéis adequados ao pessoal e aos novos meios fornecidos a Portugal. A reflexão sobre as necessidades em pessoal consta do capítulo 5 - «Mobilização militar», que analisa a evolução da mobilização no Exército para o preenchimento

dos quadros orgânicos das unidades militares. Por último o capítulo 6, intitulado «Conclusão», salientam-se os aspetos mais relevantes da investigação que materializaram a tese.

2.

**“O ESFORÇO MILITAR PORTUGUÊS” E A REESTRUTURAÇÃO DO EXÉRCITO:
A INCLUSÃO DO “MODELO AMERICANO”**

Neste capítulo propomos analisar a reestruturação do Exército português após a adesão de Portugal à NATO com base num sistema de defesa composto por divisões destinadas à defesa interna do país, à defesa da Península Ibérica nos Pirenéus e defesa do território francês integradas nas forças da Aliança Atlântica. A reforma foi estudada, programada e concretizada com a adoção parcial do “modelo americano” e com o apoio dos americanos para a formação de novas forças de escalão divisão apetrechadas com equipamentos inovadores fornecidos fundamentalmente pelos EUA, para integrarem as forças NATO na defesa da Europa, em território francês, com a missão de barrar a progressão das forças do Pacto de Varsóvia em caso de invasão. Aqui se analisam também as alterações provocadas ao nível dos cargos diretivos do Exército e a implementação de uma nova dinâmica no sistema industrial militar para alimentar as necessidades logísticas dos três ramos das Forças Armadas Portuguesas.

A. O ENTENDIMENTO DE SALAZAR SOBRE A DEFESA NACIONAL E AS SUAS AMEAÇAS

A participação de Portugal na 1ª Guerra Mundial e a pretensão do poder político em constituir uma força capaz de enfrentar uma ameaça externa com confrontação armada, não foram argumentos suficientemente persuasivos para o Exército poder dispor de uma estrutura que permitisse o alcance de tal competência. As reformas mais significativas registadas ao longo da década de 40 vincularam-se ao provimento de material proveniente da Inglaterra e da Alemanha [Telo 2004].

No âmbito da defesa, a estratégia de Salazar orientava-se pela neutralidade do país com o propósito de garantir os interesses, a dignidade e a independência da Nação [Salazar 1951: 102-111]. Num discurso proferido em 18 de maio de 1945 defendia a manutenção da política de isolacionismo como medida de autodefesa, reconhecendo, no entanto, a necessidade do relacionamento externo. Encarava a relação com outros países de forma voluntária segundo uma perspetiva que salvaguardasse a independência nacional como fator inalienável. A independência nacional considerava-a indiscutível. Afirmava que “[...] aquele espírito de humanidade, de colaboração universal, de compreensão e desinteresse [...] pode daí advir a uma colaboração internacional intensa, à solução amigável de conflitos, a qualquer organização que procure a paz entre as nações, com verdadeiro espírito de a alcançar” [Salazar 1951: 110-111]. Reconhecia a necessidade de participar na reconstrução da Europa, no período pós 2ª Guerra Mundial, abrindo a possibilidade de se conjugarem esforços em prol da sua defesa [Salazar 1951: 112]. Num discurso efetuado pelo presidente do conselho em 25 de julho de 1945 referiu que “a Europa não pode sem o auxílio americano salvar nesta hora o que resta do seu património moral e da sua liberdade; a América sai contrariada do isolamento, filho da suficiência, para, protegendo-se a si própria, socorrer e apoiar a Europa Ocidental, guarda avançada da sua segurança [Salazar 1951: 420] “[...]”

Impossível esquecer o principal «inimigo», tantas vezes recordado, mas ter sempre presente que a inaptidão que está a verificar-se na Europa Ocidental, de criar, acreditar, viver ideias políticas ou sociais suas, pode conduzir-nos neste século a uma espécie de colonização mental da parte dos maiores poderes em presença – a Rússia e a América do Norte” [Salazar 1954: 57-58].

Salazar reconheceu a necessidade de se condicionar ao poder dos EUA face à ameaça da Rússia, por razões ideológicas, mas também devido ao poder militar que adquiriu após o termo da 2ª Guerra Mundial, temor que o Presidente do Conselho não escondia em 28 de abril de 1948 quando disse que “além do reforço da sua defesa e do aumento do seu poderio, alimenta a hipótese de ser possível realizá-lo, o sonho da revolução mundial, de que é o máximo expoente e o mais sólido apoio” [Salazar 1951: 328].

O relacionamento dos EUA com Portugal iniciou-se no final dos anos quarenta na sequência da celebração de um acordo bilateral destinado à utilização da Base das Lages pelos americanos. Após o período de negociações, em janeiro de 1951, ficou estabelecido o compromisso dos EUA poderes utilizar a referida base até dezembro de 1962 [Salazar 1951: 335].

B. A IMAGEM DO EXÉRCITO PORTUGUÊS NA DÉCADA DE 40

Para Oliveira Salazar as Forças Armadas eram determinantes para defesa e independência da Nação, devendo o Exército ser alvo de uma profunda transformação alicerçada, numa primeira fase, na criação de um plano de reestruturação e, numa segunda, na aquisição dos equipamentos [Salazar 1954: 94-98]. Os temores do presidente do conselho focavam-se na ameaça russa, na guerra civil espanhola e na hegemonia americana [David 1993: 26]. Para tranquilizar os portugueses e proporcionar ao país as condições de defesa, para fazer face a uma ameaça externa, o Exército

português foi apetrechado no final da década de 30 e princípio da de 40 com novo armamento apesar da debilidade económica do país.

Em 1944 a embaixada inglesa considerava o Exército português incapaz de incorporar uma força coletiva organizada devido à insuficiência do treino militar, à carência de material moderno e à desatualização do estado maior do exército (EME). Um novo parecer da embaixada inglesa, fomentado pelo adido militar tenente-coronel A. J. Torrey, reportado a 1948, reconhecia que o Exército português tinha soldados com notáveis capacidades militares quando enquadrados com comandos competentes, características que contrastavam com a fraca qualidade dos oficiais. Assegurava que o EME reunia os melhores oficiais, mas que não tinham autoridade para alterar as deficiências resultantes da débil dotação financeira. Considerava o Exército uma organização cuja principal missão se orientava para a manutenção da ordem interna. Seguiu a doutrina francesa com rígidos critérios comportamentais vinculados em referenciais nacionais como a prudência, a indecisão e a falta de credibilidade. Os assuntos que careciam de resolução eram forçosamente encaminhados para o escalão superior, privando os militares de patentes inferiores de qualquer tentativa de iniciativa. A conduta do oficial português consistia em aperceber-se das regras burocráticas corporativistas impostas por um escrupuloso cumprimento do que lhe era ordenado, ilibando-o de qualquer decisão. As chefias reconheciam a incapacidade do Exército quanto à participação em um conflito armado moderno, mas nada os impelia a alterar comportamentos. Os oficiais não tinham conhecimento além do escalão companhia e ignoravam as exigências de uma guerra moderna. Os postos intermédios revelavam vontade de aprender, mas não reconheciam liderança nos seus superiores. As praças eram disciplinadas e fáceis de adaptar, ficando à mercê dos seus comandantes na expectativa de diretivas concisas para direccionar o seu desempenho. Em suma, o Exército português era uma força militar simplesmente apta para manter a estabilidade interna do país [Telo 1996: 231].

Em 1949 os americanos tinham por opinião que o Exército alimentava o apreço pela hierarquia e pela idade, pela falta de iniciativa individual, pela inatividade dos postos intermédios e pela aniquilação da criatividade. Os assuntos mais simples eram aprovados pelo escalão mais elevado e o comportamento dos oficiais perfilava-se pela falta de iniciativa e liberdade de opinião para não colocar em risco as aspirações de carreira. As Forças Armadas Portuguesas estavam mal treinadas, mal comandadas e com material ultrapassado, denotando unicamente capacidade para garantir a ordem interna e para assegurar uma defesa débil a um invasor perseverante [Telo 1996: 207].

O Military Assistance Advisory Group (MAAG) caracterizava os oficiais como excessivamente académicos sem conhecimento operacional e inovação. Considerava os generais muito velhos e sem capacidade para transmitir conhecimento aos oficiais mais novos [Ferreira 2000: 114-115].

C. OS NOVOS CARGOS DIRETIVOS DO EXÉRCITO APÓS A ADESÃO DE PORTUGAL À NATO

A entrada de Portugal na NATO provocou a criação de uma nova “orgânica institucional” nas Forças Armadas, originando uma remodelação nos ministérios da tutela. A designação de ministério da guerra desapareceu em 1950 dando lugar ao ministério do exército que manteve as mesmas atribuições do antecedente. No mesmo ano foi criado o cargo de ministro da defesa nacional, que, integrado na presidência do conselho, superintendia a secretário-geral da defesa nacional (SGDN) e o subsecretariado de estado da aeronáutica, bem como a coordenação da atuação dos ministros do exército e da marinha. Tinha como missão geral orientar a estratégia

da política de defesa e a coordenação dos três ramos das Forças Armadas à qual se juntavam mais as seguintes incumbências particulares: coordenar os assuntos relativos à política militar e de defesa do país; propor ao conselho superior da defesa nacional e do conselho superior da direção de guerra a aprovação dos temas da maior importância para defesa nacional; dirigir os estudos e aprontar os planos de defesa; orientar a preparação da defesa civil do território a mobilização civil; criar medidas a implementar em situação de guerra ou de grave emergência; e estruturar as ações referentes à preparação militar da Nação decorrentes dos tratados e acordos militares⁸.

A nova função de SGDN, da responsabilidade do oficial general do Exército ou da Armada mais antigo, denominado chefe de estado maior general das forças armadas (CEMGFA) e comandante dos três ramos, tinha por missão organizar e aprontar as forças (terra, mar e ar) para a guerra, implementar os planos de defesa nacional⁹ e canalizar a informação, inerente à sua missão, para os ministérios da marinha e do exército e subsecretário de estado da aeronáutica [Quintas 1995: 215].

D. O ARRANQUE DA REESTRUTURAÇÃO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

1. A diretiva do ministro da defesa nacional

Na sequência da adesão à NATO, o governo português desencadeou um conjunto de ações para materializar os compromissos assumidos que, em tempo, se iriam revelar complexos para o nível de preparação do Exército português. O processo de reestruturação tinha de se centrar fundamentalmente na doutrina, através da execução de um planeamento focado na criação de especialidades militares, na formação de quadros instrutores, na constituição de unidades de

⁸ Decreto-lei nº 37 909 de 1 de agosto de 1950, artigo 6º.

⁹ Decreto-lei nº 37 909 de 1 de agosto de 1950, artigo 7º.

instrução e de mobilização, na organização e no armamento. Para harmonizar todo o processo era imprescindível produzir a legislação que conduzisse à concretização dos objetivos traçados. Em 26 de janeiro de 1951 o Ministro da Defesa Nacional Fernando dos Santos Costa (1899-1982) iniciou um amplo processo de reestruturação a partir da emissão da diretiva intitulada *O Esforço Militar Português*, que incidiu sobre quatro áreas [EME 1988: 23; Macedo 1984; 10-11].

- preparação do pessoal
- aquisição de material
- despesas militares de Portugal
- responsabilidades portuguesas, segundo o plano de defesa a médio prazo

No âmbito da preparação de pessoal, os países que participaram diretamente na 2ª Guerra Mundial encontravam-se política e militarmente debilitados, enquanto Portugal, por não ter participado no conflito, tinha a capacidade de usufruir de um serviço militar obrigatório masculino para as idades compreendidas entre os 20 e os 45 anos, agrupado em três escalões: tropas ativas até aos 28 anos, tropas licenciadas até aos 40 anos e tropas territoriais até aos 45 anos [EME 1988: 25; Macedo 1984; 11].

O efetivo disponível global possível de mobilizar era expressivo, podendo, em tropas ativas, aprontar 250 000 homens. Para os outros dois escalões era possível providenciar a existência de mais 576 190 homens nas três categorias militares (soldados 557 022, sargentos 10 262 e oficiais 8 906) [EME 1988: 25; Macedo 1984; 11].

Contabilizando o efetivo nas fileiras mais o mobilizável, Portugal podia concentrar 826190 homens. Havia no entanto discrepância nos quantitativos dos efetivos por classes, correspondentes aos quadros orgânicos das unidades, por o número de oficiais e sargentos não ser suficiente para enquadrar o número de praças. O efetivo que o país poderia dispor com tropas

enquadradas correspondia a um máximo de 300 000 homens [EME 1988: 25; Macedo 1984; 11-12].

O Exército vinha desenvolvendo o processo de aquisição de armamento desde 1936 com o intuito de criar um exército¹⁰ formado por 10 divisões¹¹ de infantaria e 1 divisão blindada, recorrendo, se necessário, à mobilização. Em 1951 o Exército português possuía o seguinte equipamento:

- armas ligeiras e de artilharia ligeira e pesada para 10 divisões
- material de engenharia e de defesa anticarro para 5 divisões
- material de transmissões para 3 divisões
- artilharia de costa para a defesa dos portos de Lisboa e de Setúbal
- artilharia antiaérea pesada e ligeira para a defesa dos pontos vitais do país
- material blindado antiquado para a instrução de uma divisão.

Nessa data, a quantidade de material existente estava aquém do que era essencial para equipar as 11 divisões que o Exército português pretendia formar. Faltava, fundamentalmente, adquirir material de engenharia para 6 divisões e material de transmissões para 8 divisões, escassez que se arrastava no tempo por razões de insuficiência financeira [EME 1988: 25-26; Macedo 1984; 12].

A previsão das despesas militares para o mesmo ano era de 1 270 000 600\$00 (tabela nº 1).

¹⁰ Entende-se aqui por exército um escalão militar constituído por 2 a 5 corpos de exército e este escalão por 2 a 5 divisões.

¹¹ Entende-se por divisão um escalão militar constituído por um efetivo da ordem dos 15 000 homens.

TABELA Nº 1 – Orçamento geral e militar para 1951

	Orçamento geral	Orçamento militar
Despesas ordinárias	4 404 000 000\$00	1 005 600 000\$00
Despesas extraordinárias	911 000 000\$00	265 000 000\$00
	5 315 000 000\$00	1 270 000 600\$00

Macedo 1984 e EME 1988

A verba alocada ao orçamento militar representava cerca de 23,9% do orçamento geral do estado, montante significativo evidenciando a importância e o esforço que o poder político atribuía à defesa do país naquela data [EME 1988: 26; Macedo 1984; 13].

2. As responsabilidades na defesa a médio prazo

A diretiva do ministro da defesa nacional, de 26 de janeiro de 1951, estabelecia que em 01 de setembro de 1954 Portugal passaria a dispor da seguinte orgânica nas forças terrestres (continente e ilhas):

- 1 divisão de campanha
- 3 divisão para a defesa territorial
- 6 batalhões de infantaria
- 40 baterias de artilharia antiaérea pesadas
- 40 baterias de artilharia antiaérea ligeiras

O ministro determinava a constituição de uma nova orgânica para o Exército com um efetivo mais reduzido relativamente ao que vinha sendo assumido do antecedente no dispositivo de defesa: abdicar das 11 divisões para dispor de cerca de 4 divisões e meia (entendendo que os 6 batalhões formam cerca de metade de uma divisão) [EME 1988: 27-28; Macedo 1984; 13-14].

Esta alteração orgânica vinha por fim à conceção do *exército de massas* cultivada por Portugal até ao início da década de 50, em resultado dos ensinamentos recolhidos na 2ª Guerra Mundial, passando a ter como referência a organização dos EUA no âmbito do plano estratégico de defesa da Europa ao abrigo da NATO. O novo conceito fundava-se na criação e emprego de forças militares tecnologicamente desenvolvidas individualmente e no conjunto com emprego de meios sofisticados, teoria manifestamente inovadora em relação aos planos de defesa dos políticos portugueses. Apesar dos diferendos sobre a matéria o novo conceito de defesa conduziu o Exército português à criação de uma nova estrutura com pendor norte-americano no campo da orgânica, da doutrina e do armamento [Telo 1996: 62].

A diretiva do ministro da defesa nacional constituiu o ponto de partida de um trabalho de enorme envergadura para reestruturação orgânica do Exército. Passaram a estar definidos os equipamentos constantes no quadro orgânico de material das unidades e para cada um dos tipos de divisão portuguesa com a seguinte orientação: “as divisões de campanha e as divisões territoriais serão armadas e equipadas aproveitando-se ao máximo os materiais atualmente distribuídos no nosso Exército. Para os restantes materiais a utilizar e de que ainda não haja representação no nosso Exército, devem considerar-se os tipos atualmente em uso no exército americano” [Telo 1996: 62]. A diretiva abriu ao Exército a possibilidade de se apetrechar com materiais modernos, fornecidos pelos EUA, tendo o ministro da defesa nacional assumido decisivamente que pretendia que algumas das unidades do Exército português se equipassem às unidades militares americanas.

No seguimento desta orientação, em 3 de março de 1951, o CEMGFA, coronel Aníbal Valdez de Passos e Sousa (1881-1966), através do SGD N, incumbiu o Exército para se pronunciar sobre a composição de forças com base em dois tipos de divisões: campanha e territorial. Daqui resultou uma nova orientação quanto ao número de divisões de campanha a constituir: 5 divisões de campanha para o cumprimento de missões de combate dentro ou fora do continente, integradas nas regiões militares e no governo militar de Lisboa; manter 3 divisões territoriais, com a possibilidade de evoluírem para 5, mediante a disponibilidade em equipamentos e pessoal, para a defesa do continente e, eventualmente, dos territórios ultramarinos [EME 1988: 27-28; Macedo 1984: 13-14].

O número de divisões de campanha resultava das características das linhas de defesa seleccionadas no espaço europeu. A complexidade e a previsibilidade dos efeitos de uma invasão russa lançavam o debate ao nível das mais altas instâncias do Estado sobre o local onde os meios militares portugueses deveriam exercer o esforço para barrar a incursão. Existiam dois obstáculos naturais de relevo que convinha explorar: o Reno e os Pirenéus. O Reno não era suficientemente forte para resistir ao ataque do invasor; os Pirenéus apresentavam características defensivas terrestres bastantes para inviabilizar a ofensiva na Península. Esta questão foi central para a decisão do número e tipo de divisões que deviam ser formadas¹². A preocupação de Portugal centrava-se no emprego dos meios para a defesa do território nacional de modo a contrapor a invasão, tornando-se imprescindível dotar o Exército com forças adequadas à ameaça e prontas para entrarem em combate a qualquer momento¹³.

As preocupações sobre a modalidade de defesa que melhor servia os interesses de Portugal levaram o Ministro do Exército general Abranches Pinto (1895-1981), em 31 de maio de

¹² Diretiva do ministro do exército de 31 de maio de 1951, pp. 1 e 2, ANTT/AOS/CO/GR-4/Pt. 15.

¹³ Diretiva do ministro do exército de 31 de maio de 1951, p. 3, ANTT/AOS/CO/GR-4/Pt. 15.

1951, a dirigir um pedido ao EME para que lhe fosse apresentada uma proposta de emprego dos meios existentes no caso de a guerra eclodir num curto espaço de tempo. As circunstâncias não eram oportunas para a aquisição de material, por não haver tempo disponível para armar e instruir convenientemente as forças nem para proceder à mobilização dos efetivos necessários. O pedido levantava a hipótese do Exército poder vir a receber novos materiais, efetuar a formação de quadros nas especialidades adequadas, aumentar o número de unidades a mobilizar e aperfeiçoar os processos de mobilização e de instrução¹⁴.

A defesa interna era da responsabilidade das regiões militares e da guarnição militar de Lisboa, constituídas por 6 ou 7 regimentos, em sobreposição com as forças costeiras e aéreas, reforçadas pela Polícia de Segurança Pública, Guarda Nacional Republicana, Guarda Fiscal e Legião Portuguesa¹⁵.

As preocupações residiam sobretudo na modalidade de defesa que deveria ser assumida para impedir o avanço das forças invasoras depois de terem ultrapassado os Pirenéus. Portugal tinha perfeito conhecimento que era impossível defender o território nacional se essa linha fosse quebrada. Para o Ministro do Exército a resolução não estava só na defesa interna do país mas fundamentalmente na forma como Portugal poderia contribuir para evitar que o inimigo atingisse o território nacional¹⁶. Esta causa impelia Portugal a encetar um pacto com a Espanha no sentido de unirem esforços para inviabilizar o ataque russo ao espaço peninsular. O facto de a Espanha não integrar a NATO era um elemento relevante para Portugal por aquele país concentrar grande parte do seu potencial militar na defesa dos Pirenéus, podendo tornar-se num inconveniente quanto ao envio de equipamento americano se as forças portuguesas se coligassem com país vizinho e por este não integrar a Aliança Atlântica [Telo 1996: 234 e 235].

¹⁴ Diretiva do ministro do exército de 31 de maio de 1951, p. 9, ANTT/AOS/CO/GR-4/Pt. 15.

¹⁵ Diretiva do ministro do exército de 31 de maio de 1951, p. 9, ANTT/AOS/CO/GR-4/Pt. 15.

¹⁶ Diretiva do ministro do exército de 31 de maio de 1951, p. 11, ANTT/AOS/CO/GR-4/Pt. 15.

Portugal pretendia evitar qualquer fricção com a Espanha para não comprometer os pressupostos de relacionamento pacífico estabelecidos entre ambos os países, firmados no Pacto Ibérico ou Tratado de Amizade e Não Agressão Luso-Espanhol, assinado em 17 de março de 1939. No entendimento de Portugal a adesão à NATO constituía um reforço do Pacto Ibérico e um benefício para ambos os países [Telo 1996: 65].

Logo após a formulação da convocatória para a inclusão de Portugal no Tratado do Atlântico, Franco manifestou-se contrariamente a este processo de adesão por entender que as cláusulas do convite deviam ser concertadas entre os países ibéricos para que daí resultasse uma decisão comum conducente à integração da Península na NATO [Teixeira 1993: 70]¹⁷.

A Espanha admitia que a guerra podia estalar a qualquer momento face à crispação latente entre os dois blocos. Para minimizar os efeitos que daí poderiam resultar, o país vizinho pretendia estabelecer uma aliança tripartida (Portugal, Espanha e EUA) de modo a criar um plano de defesa para a Península empenhando todo o seu potencial militar numa fase avançada do decurso das hostilidades [Telo 1996: 121].

Salazar tentou minimizar a divergência em torno da questão, enaltecendo a importância da defesa da Península e os contributos da Espanha na proteção da Europa Ocidental. Entendia que tinha realizado todos os esforços diplomáticos conducentes à admissão do país vizinho à Aliança Atlântica não impedindo os países membros de decidirem negativamente. Entendia que a adesão de Portugal à NATO em nada comprometia o Pacto Ibérico [Teixeira 1993: 72]¹⁸.

No decurso do diferendo Francisco Franco enviou uma carta ao governo português com o propósito de estreitar as relações bilaterais através da “colaboração política externa dos nossos países, no sentido de uma cordial e firme amizade, normal das nossas relações” [Teixeira 1993:

¹⁷ Carta de Nicolas Franco de 24 de março de 1949, AMNE/Negócios Políticos/Arm. 50/ março 37, também *in* Teixeira 1993.

¹⁸ Memorandum português ao governo espanhol de 28 de março de 1949, AMNE/Fundo Negócios Políticos/Arm. 50/Março 37, também *in* Teixeira 1993.

73]¹⁹. As divergências ficaram definitivamente sanadas com a visita de Francisco Franco a Salazar [Albónico 1990: 333-348; Teixeira 1993:73].

Portugal assumiu participar em dois espaços em missões de defesa: através da colocação de forças ao longo dos Pirenéus, em estreita coordenação com os espanhóis, e na integração, com forças aliadas, nomeadamente tropas inglesas, em território francês. Esta modalidade de ação servia os interesses de Inglaterra que pretendia, numa fase avançada do conflito, retirar as suas forças para o Canal da Mancha, deixando o espaço ibérico desprovido do seu reforço destas no sistema defensivo montado por portugueses e espanhóis. Depois de interpretados os propósitos bretões, Portugal quebrou o compromisso de combater ao lado dos britânicos. Existia outra articulação de forças que contemplava, numa primeira fase da manobra defensiva, a possibilidade de incorporar forças portuguesas com americanas, posicionadas defensivamente na região de Bordéus, retirando na fase subsequente para os Pirenéus em reforço das unidades espanholas e portuguesas aí localizadas. Esta junção de forças servia os interesses de Portugal em dois aspetos: o emprego de meios no reforço da Península e a possibilidade de formar, organizar e equipar o Exército português com meios e saberes americanos²⁰.

Quanto a efetivos o ministro do exército considerava que grupos de combate e meios de defesa aérea e costeira de pequena dimensão eram suficientes para a defesa interna de Portugal. No plano externo, os Pirenéus careciam de 3 divisões e o território francês ficava devidamente protegido com o emprego de mais 2. Quanto a equipamentos, para defesa interna e dos Pirenéus, bastavam os materiais existentes no Exército português. Para o sul da França era necessário, para além de alguns dos equipamentos existentes, o fornecimento dos materiais em falta²¹.

¹⁹ Carta de Nicolas Franco ao governo português de 8 de abril de 1949, AMNE/Fundo Negócios Estrangeiros/Arm. 50/Maço 34, também *in* Teixeira 1993.

²⁰ Diretiva do ministro do exército de 31 de maio de 1951, p. 13, ANTT/AOS/CO/GR-4/Pt. 15.

²¹ Observações do ministro do exército em data não especificada, p. 2, ANTT/AOS/CO/GR-4/Pt. 16.

A defesa da Europa, em território francês, forçou as unidades portuguesas a estarem dotadas com os mesmos equipamentos das forças que passariam a incorporar na defesa de espaços comuns como garante do “ideal da intermutabilidade para que naturalmente se tenderá dentro da NATO”. Este propósito resultou da diretiva do ministro da defesa nacional ao ter afirmado que “o esquema da divisão de campanha procurará aproximar-se, tanto quanto possível, do adotado pela maioria dos países do Pacto do Atlântico...”²². Para o ministro do exército não era possível efetuar a integração de forças portuguesas e americanas no mesmo campo de batalha se não dispusessem da mesma estrutura orgânica, formação militar e materiais²³.

O Ministro da Defesa Nacional Santos Costa também não era alheio ao desfasamento de competências, reconhecendo que a “falta de experiência vivida no campo de batalha e a sabedoria dos técnicos formados nas escolas de guerra [...] se agrava extraordinariamente [...] a respeito dos serviços, matéria de que somos tradicionalmente desconhecedores [...] desconheço quaisquer bases que se possam apelidar de nacionais sobre estes assuntos para satisfazer a complexidade das exigências modernas dos serviços”. Era a análise de um ministro, com formação académica militar, que admitia as fragilidades do Exército e da obrigatoriedade de materializar uma profunda reestruturação para poder ombrear com o exército americano²⁴.

²² Observações do ministro do exército em data não especificada, pp. 2 e 3, ANTT/AOS/CO/GR-4/Pt. 16.

²³ Observações do ministro do exército em data não especificada, pp. 3 e 5, ANTT/AOS/CO/GR-4/Pt. 16.

²⁴ Observações do ministro do exército em data não especificada, p. 4, ANTT/AOS/CO/GR-4/Pt. 16.

E. AS DIFERENÇAS EM EFETIVOS ENTRE AS DIVISÕES TIPO AMERICANO E TIPO PORTUGUÊS

Havia diferenças substanciais entre a divisão de campanha americana e a divisão territorial portuguesa: a primeira tinha mais especialidades dos que as existentes no Exército português, onde mais de 300 não existiam e algumas delas eram totalmente desconhecidas. A tabela nº 2 permite fazer uma análise da diferença dos quantitativos nos postos de sargentos e de cabo entre uma divisão de campanha americana e uma divisão territorial portuguesa de 1947. Para o posto de primeiro-sargento havia uma diferença de 6%; para o posto de segundo-sargento o diferencial era de 223%; para o posto de cabo a desigualdade também era expressiva com um valor de 44%. Esta questão era particularmente relevante por ser nestes postos que se formavam os especialistas que manuseavam diretamente os equipamentos sem os quais as unidades não podiam combater. A diferença numérica destes efetivos traduzia-se também na quantidade de materiais e na maior complexidade da instrução, discrepância que se repercutia no maior potencial de combate da divisão de campanha americana [Telo 1996: 244].

TABELA Nº 2 – Efetivos nos postos de sargentos e praças das divisões de campanha americana e territorial portuguesa

Quantitativo em postos	Divisão de campanha americana	Divisão territorial portuguesa de 1947	Diferença em percentagem entre as divisões de campanha americana e territorial portuguesa de 1947
Primeiro-sargento	267	252	6%
Segundo-sargento	2191	981	223%
Cabo	5124	2282	44%

Telo 1996

Em março de 1952 o ministro do exército assumiu que o ramo terrestre tinha de dispor de uma orgânica constituída por um corpo de exército²⁵ com 2 divisões tipo americano (campanha) e um corpo de exército com 3 divisões tipo português. Estas últimas divisões não levantavam quaisquer inconveniências por estarem constituídas com os quadros orgânicos de pessoal e de materiais aprovados por aquele ministro. As questões levantavam-se com as divisões de campanha tipo americano por serem unidades que careciam de formação de raiz com a orgânica semelhante à divisão americana em pessoal e material [EME 1988: 30-39; Macedo 1984; 19-21].

A curto prazo o país não dispunha do material necessário para proceder à mobilização e instrução para a formação de forças do tipo americano, com exceção do armamento ligeiro e bocas-de-fogo de artilharia, sendo necessário que os equipamentos em falta fossem fornecidos pelos EUA. A formação das duas divisões tipo americano carecia em primeiro lugar da estimativa do número de oficiais, sargentos e praças por arma ou serviço e por especialidades, e da elaboração de um programa de instrução adaptado às novas unidades [EME 1988: 39-41; Macedo 1984; 42-43].

1. A orgânica do corpo de exército tipo americano

Em 07 de maio de 1952 o MAAG efetuou uma reunião com representantes portugueses para o fornecimento do material necessário para a constituição de um corpo de exército tipo americano, tendo sido atribuída à 3ª Repartição/EME a responsabilidade para a elaboração, com carácter urgente, dos quadros orgânicos de mobilização com a estrutura orgânica idêntica à da

²⁵ Corpo de exército é uma grande unidade militar constituído entre 2 a 5 divisões.

United States Infantry Division. A tarefa foi realizada por oficiais das diversas armas e serviços em que parte deles já tinham formação adquirida no estrangeiro [Macedo 1984; 45-46].

No início dos trabalhos o EME, como órgão consultivo do chefe de estado maior do exército (CEME), ao aperceber-se da dimensão do trabalho a realizar para formação de base de duas divisões tipo americano, em maio de 1952 chegou à conclusão de que o Exército português não reunia as condições para constituir unidades de tão elevada complexidade dentro dos prazos estabelecidos, apesar das adaptações que ia providenciando face às características da instituição. Após os primeiros passos o EME apresentou 4 linhas de orientação dos trabalhos a realizar: criar um corpo de exército português tipo americano, a duas divisões, para integrar a defesa da Europa Central; o exército americano onde o corpo de exército português fosse incorporado tinha de garantir todo o apoio logístico incluindo as unidades da retaguarda; o exército americano tinha de reforçar o corpo de exército português com todos os meios que fossem solicitados; os trabalhos a executar deveriam ser orientados pela doutrina americana em virtude das divisões a formar terem o mesmo quadro orgânico em pessoal e em material [EME 1988: 46-47].

A “suscetibilidade portuguesa” era um fator relevante a ter em conta, relativamente à integração de unidades nacionais em unidades estrangeiras, pelo que deviam ser garantidos todos os apoios de modo a não comprometer o brio nacional [EME 1988: 46-47].

Em 24 de maio de 1952 o CEME emitiu uma diretiva para o EME revelando as suas preocupações quanto à formação das novas unidades, com destaque para duas áreas distintas. A primeira referia-se à criação das unidades mobilizadoras em ordem de batalha para a formação do corpo de exército tipo americano, à fixação da percentagem dos efetivos presentes nos quartéis em conformidade com as indicações NATO e à constituição dos comandos das unidades. Realçava ainda a necessidade de serem calculados os efetivos em oficiais, sargentos e praças dos quadros permanente e de complemento, a elaboração do calendário e a preparação das manobras da 1ª

divisão tipo americano. A segunda parte da diretiva fazia referência à fixação das unidades mobilizadoras, à constituição dos quartéis-generais dos corpos de exército e das divisões em tempo de paz com uma estrutura tão aproximada quanto possível da americana [EME 1988: 46-47; Macedo 1984; 53-54].

O CEME considerava o grau de instrução dos militares abaixo do desejado, pelo que recomendava a revisão dos cursos de formação de quadros (oficiais, sargentos, cabos e especialistas) tendo em atenção os ensinamentos colhidos em outros países. Advertia que o método de reconhecimento de competências utilizado, que até então se circunscrevia à formação académica, tinha de ser substituído por um outro que incluísse as capacidades de comando e de condução de homens (leadership) [EME 1988: 46-47; Macedo 1984; 53-54].

Na diretiva dava ainda indicações sobre a realização das manobras/exercícios militares que deveriam preferencialmente recair nas unidades de mobilização da 2ª região militar (RM), recorrendo à 1ª RM em caso de necessidade. Pretendia que fosse feito o planeamento do transporte das tropas nacionais desde Portugal até aos Pirenéus, com a obrigatoriedade de estarem presentes no setor da sua responsabilidade, com o corpo de exército tipo americano em D+30²⁶ e o corpo de exército tipo português em D+60 [EME 1988: 47-48].

Com base naquela diretiva, o SGDN elaborou o escalonamento da constituição das divisões no período compreendido entre 1952 e 1954 (tabela nº 3) [EME 1988: 51-52; Macedo 1984; 52]. Para a defesa da Península Ibérica, para o ano de 1952, só estava prevista a formação de uma divisão tipo português; para o ano seguinte teriam de ser aprontadas mais 3 divisões tipo americano, 1 com prontidão de D+30 e 2 para D+60, para emprego na Europa Central, e mais 2 divisões tipo português para emprego na Península Ibérica. Para 1954 seria acrescentada uma

²⁶ D+30 significa que a força militar tem de estar no setor da sua responsabilidade e pronto para combate, neste caso, 30 dias após o dia D considerada a data de início da mobilização.

divisão tipo americano para D+30 para a Europa Central e mais 1 tipo português para emprego na Península Ibérica com tempo de prontidão de D+60.

TABELA Nº 3 - Planeamento sobre o aprontamento das divisões

		1952	1953		1954		TOTAL
			D+30	D+60	D+30	D+60	
Para emprego na Europa	Divisão tipo americano		1	2	2	2	4
Para emprego na Península Ibérica	Divisão tipo português	1	1	2	1	3	4

Macedo 1984; EME 1988

Os americanos estavam informados da complexidade do processo que o Exército português tinha abraçado para materializar a reorganização tendo assumido o compromisso de prestar auxílio à formação das 2 primeiras divisões tipo americano. Não era possível Portugal conseguir por no terreno efetivos tão volumosos com instrução e equipamentos de ponta e com capacidade de combater ao lado do exército americano nos prazos estabelecidos [Telo 1996: 248]²⁷.

Em 1952 só existia uma divisão tipo português prevendo o Exército tornar possível a formação de mais 4 divisões de campanha tipo americano e 4 divisões de campanha tipo português até 1954. O planeamento concorria com os desejos dos militares portugueses por prever a possibilidade da existência de forças semelhantes às americanas. O tempo veio clarificar as

²⁷ Documento enviado por Santos Costa ao MAAG de Lisboa, em 25 de novembro de 1952 e a respetiva resposta, NA RG 334 MAAG, Lisbon.

enormes dificuldades com que a estrutura de comando se teve de confrontar para dar corpo aos compromissos internacionalmente assumidos [Ramalho 1989: 105]. A formação de uma orgânica, a criação de unidades mobilizadoras, a disponibilidade de efetivos, a inclusão de novas especialidades, a instrução aos vários níveis formativos, o manuseamento dos novos equipamentos e a criação de um espaço de instrução, foram dificuldades que integravam o processo de criação das unidades que não estavam na linha de preparação dos militares portugueses, fundamentalmente quanto à sua complexidade. O empenhamento e o desejo de catapultar o Exército português para outro nível de aptidão, permitiu superar muitas dificuldades na formação daquele quantitativo de unidades embora não tenha sido possível atingir os objetivos inicialmente propostos.

2. Os primeiros quadros orgânicos da divisão tipo americano no Exército português e as deficiências a colmatar

O EME assumiu em 26 de fevereiro de 1953 a missão de organizar, em tempo de paz, as unidades que tinham por missão “incorporar, instruir e mobilizar o pessoal necessário às unidades de campanha que faziam parte dos compromissos”. Para tal foram definidas as regiões militares sobre as quais recaiu a responsabilidade da mobilização [EME 1988: 71].

Competia ao EME estipular para cada unidade a existência de uma estrutura base permanente nas unidades mobilizadoras e disponibilizar, no prazo previsto, os seus efetivos para a realização de exercícios, manobras ou mobilização, assente numa metodologia de instrução que permitisse gradualmente melhorar a formação militar [EME 1988: 71-72].

Para que fosse atribuída a missão de mobilização às unidades orgânicas do corpo de exército tipo americano era necessário primeiramente recolher informações sobre as características

físicas de cada um dos quartéis indigitados, fundamentalmente sobre a capacidade de alojamento. Após a realização de visitas a todas as instalações militares da 1ª e 2ª RM concluiu-se, em abril de 1953, que faltava acomodação na totalidade das unidades sendo necessário recorrer a outras RM [EME 1988: 71-72].

No final de 1953 ainda não estava concretizada a orgânica dos quartéis-gerais das divisões tipo americano, embora já constasse no planeamento das atividades a realização de manobras desse escalão. As autoridades estrangeiras, em concordância com o EME, pressionaram Portugal para que as unidades da divisão tipo americano dispusessem, em tempo de paz e em permanência, de um efetivo de 33% em cada uma das unidades da responsabilidade da 1ª RM (engenharia de transmissões, artilharia antiaérea, engenharia, transportes, serviço de material) e da 2ª RM (infantaria, artilharia de campanha, cavalaria e serviço de saúde).

Na criação das divisões tipo americano surgiu um fator que tinha de ser analisado com alguma prudência: o exercício da responsabilidade. Isto é, as unidades que tinham alguma autonomia, nomeadamente ao nível do regimento, passavam a estar subordinadas ao escalão superior nos seguintes aspetos: para questões disciplinares e de instrução dependiam da sua RM; para procedimentos inspetivos de instrução ficavam sujeitadas às direções das respetivas armas e serviços; para assuntos de pessoal e atribuição de efetivos dependiam da 1ª direção-geral; para material e alimentação subordinavam-se à 2ª direção-geral; para o recrutamento, organização, planeamento da instrução obedeciam às diretivas da 3ª direção-geral. O comandante da divisão tipo americano não podia acumular com as funções de comandante de RM [EME 1988: 75-76]. Estas dependências provocaram certa confusão na ação hierárquica e na dependência funcional, dificultando a atribuição de missões às unidades que deveriam integrar a orgânica da divisão tipo americano, não concorrendo para a simplicidade que se exigia na função de comando como defendia o exército americano.

Só em 12 de dezembro de 1953 foi possível que o ministro do exército aprovasse os quadros orgânicos em tempo de paz para a formação de uma divisão tipo americano com um efetivo estimado em cerca de 15 000 homens, divulgando o EME, passados dois dias, as unidades que integravam a sua orgânica:

- QG (quarte-general) da 1ª divisão – QG pertencente à 2ª RM
- regimentos de infantaria – regimentos de infantaria nº 10, 12 e 14
- regimentos de artilharia – regimento de artilharia ligeira nº 2
- regimento de artilharia pesada – regimento de artilharia pesada nº 2
- grupo de obuses pesados – regimento de artilharia pesada nº 3
- grupo de artilharia antiaérea – regimento de artilharia antiaérea nº 3
- regimento de cavalaria – regimento de cavalaria nº 5
- regimento de engenharia – regimento de engenharia nº 2
- batalhão sanitário – 2º grupo de companhias substituições
- batalhão de quartel-mestre – 1º grupo de companhias substituições
- batalhão de material – regimento de cavalaria nº 6
- agrupamento de transportes – regimento de engenharia nº 2

Ficava assim definida a orgânica daquele tipo de divisão formada pelas armas e serviços imprescindíveis para a dotar da capacidade de combate que lhe era exigida. Este foi um passo importante para a definição das responsabilidades atribuídas a cada uma das unidades orgânicas pertencentes à 2ª RM com apoio da 1ª RM, ficando previsto o seu aprontamento para o ano de 1954 [EME 1988: 78].

Em 1954 foi atribuída à 1ª, 3ª e 4ª RM a missão de constituírem as três divisões destinadas à defesa da Península nos Pirenéus. À 2ª RM, socorrendo-se da 3ª RM para re completamento do

seu quadro orgânico, manteve a missão de preparar a divisão para a defesa Europa Central. As unidades de apoio desta divisão eram provenientes da 1ª, 2ª e 3ª RM. O governo militar de Lisboa constituía a reserva do Exército reforçada com o regimento de infantaria nº 9, 10 batalhões de caçadores e 3 de metralhadoras, um batalhão de engenharia e o regimento de cavalaria nº 2 [EME 1988: 135]. Realça-se que neste ano o planeamento de 1952 em 1954 já estava desajustado face à realidade com que o Exército se deparava. As quatro divisões de campanha tipo português passaram para três e quatro divisões de campanha tipo americano resumiram-se a apenas uma.

No final de 1954 ainda não existia uma relação definitiva de todas as unidades que deveriam integrar os compromissos assumidos por Portugal. Havia dificuldades na formação de unidades destinadas aos elementos de apoio de combate da divisão, nomeadamente na artilharia antiaérea, pelo que foi ponderada a possibilidade de algumas poderem ser eliminadas organicamente. A solução colheu a concordância do ministro da defesa nacional que fez constar dos seus despachos de 8 de setembro de 1955 e de 3 de fevereiro de 1956 [EME 1988: 158-159].

Em 1954 iniciou-se uma nova fase centrada na redução das unidades, nomeadamente nas de apoio²⁸, tendo o EME apresentado uma proposta em 13 de agosto de 1954 ao ministro da defesa, que deu despacho favorável em 13 de abril de 1955, onde referiu que pouco mais seria possível efetuar ao longo do ano levantando ainda a hipótese da redução de unidades, nomeadamente na companhia média de manutenção de material que deveria operar em proveito da Fábrica de Braço de Prata e das Oficinas de Engenharia [EME 1988: 155]. Na continuação do despacho do ministro da defesa, o MAAG tomou conhecimento das unidades de apoio existentes

²⁸ Perdas orgânicas de maior expressão: um regimento de artilharia pesada, um grupo de artilharia 11,4 cm e 2 batalhões de engenharia.

em 1955, deixando no ar a possibilidade das restantes unidades em falta poderem ser constituídas até ao final de 1956 [EME 1988: 156]²⁹.

Em 1 de março de 1956 foi nomeado um grupo de trabalho para apresentar uma proposta de redução da orgânica militar até 1958, tendo resultado a supressão de unidades de artilharia antiaérea, engenharia, transmissões, transportes, subsistências, saúde, um grupo da artilharia antiaérea e um pelotão de reabastecimentos da engenharia. Em 1957 as transmissões perdiam o destacamento de reabastecimento e aos transportes foi retirada uma companhia média de transportes gerais e um destacamento de condutores. As subsistências ficavam sem um pelotão de padaria [EME 1988: 150-156].

Apesar dos acertos realizados pelo Exército português sobre a divisão tipo americano, em 1957 apresentava um problema de fundo que não foi possível solucionar. O hipotético teatro de guerra europeu era essencialmente mecanizado, situação que não comungava com esta divisão por os regimentos de infantaria serem motorizados, isto é, só dispunham de viaturas de transporte não de combate. A missão da divisão era impelida fundamentalmente missões defensivas com caráter estático. Apesar da existência dos carros de combate, que conferiam flexibilidade à manobra, os mesmos não conseguiam ser acompanhados pela infantaria. Quanto ao apoio logístico as dificuldades eram recorrentes por não existir um elo de ligação eficaz na comunicação e coordenação entre os diversos escalões [Moreira 2008: 31-32].

²⁹ As unidades de apoio eram constituídas pelo: comando e bateria de comando do agrupamento de artilharia de campanha, um grupo de artilharia de campanha de 11,4 cm, um grupo de artilharia de 14 cm, um grupo de artilharia antiaérea de 4 cm, 2 companhias de transmissões, uma companhia de material de engenharia, um batalhão de engenharia, um hospital cirúrgico móvel com 60 camas, o comando do grupo de intendência, um pelotão de reabastecimento de subsistências e um pelotão padaria.

3. A estrutura do Exército português no final da década de 50

O EME tinha de efetuar regularmente ajustes na orgânica do Exército português para cumprimento dos acordos assumidos e atualizar o levantamento das unidades de mobilização para dispor em permanência de efetivos com capacidade para cumprir as missões que tinha a seu cargo [EME 1988: 251].

Em 24 de janeiro de 1959 o ministro da defesa nacional estipulou que, em matéria de participação nas forças NATO, o Exército tinha por missão disponibilizar uma divisão de infantaria e elementos de apoio com um grau de prontidão de D+30 nos Pirenéus para integrar uma força conjunta destinada à defesa da Europa em território francês. As forças designadas para a defesa da Península Ibérica eram constituídas por 2 divisões para um prazo de intervenção de D+60 com o reforço de mais uma divisão com prontidão de D+120. As forças internas nacionais foram articuladas em unidades de defesa, antiaérea e de costa. As destinadas ao ultramar foram constituídas por uma divisão de infantaria e 2 baterias de costa, no caso de Angola e uma divisão de infantaria e uma bateria de artilharia de costa, no caso de Moçambique; aos restantes territórios, no seu conjunto, com um efetivo aproximando de metade de uma divisão. A reserva geral era constituída por uma divisão de infantaria [EME 1988: 251-252].

Relativamente à participação de Portugal na NATO, o país não foi capaz de materializar o número de divisões tipo americano estabelecido. Em 1954 o Exército português devia ter na sua orgânica 4 divisões tipo americano. Passados 5 anos só conseguiu formar uma divisão sobre a qual recaíram sucessivas alterações orgânicas para manter a sua estrutura base.

Em 26 de janeiro de 1959 o EME elaborou uma resenha referente à atribuição de prioridades às unidades que tinham encargos de mobilização, constatando que até 1957 o esforço financeiro e em pessoal tinham sido canalizados para a criação e preparação de apenas uma divisão tipo americano. Os elementos recolhidos, que deram estrutura ao documento que o EME tinha em

mãos, atestaram que a partir de 04 de abril de 1957, por indicação do Subsecretário de Estado do Exército Almeida Fernandes (1906-1986), em concordância com o ministro da defesa nacional, a prioridade das forças terrestres tinha sido alterada. Em primeiro lugar as forças para a defesa de Portugal Continental, seguidas pelas forças reservadas ao Supreme Headquarters Allied Powers Europe (SHAPE) (3ª divisão), forças de reserva geral para possível intervenção no ultramar (5ª divisão) e forças para defesa da Península constituídas por um corpo de exército (a 3 divisões). A colocação das forças nacionais em primeiro plano pretendia demonstrar ao SHAPE a dificuldade do país em aprontar o conjunto das unidades de defesa destinadas à Europa, facto comprovado pela não concretização das quatro divisões tipo americano em 1954 mas de apenas uma até 1957 [EME 1988: 255]. Sob proposta do subsecretário de estado do exército, datada de 14 de junho de 1958, as prioridades foram alteradas, passando as forças destinadas à defesa da Europa a ocupar novamente a posição cimeira, sendo comunicada pelo SGDN ao EME, em 26 de junho de 1958, a concordância da nova ordem de prioridades [EME 1988: 256-257]. Apesar do foco da preparação militar voltar a estar circunscrito à prioridade da preparação das forças internacionais, a partir de 1958 o Exército português não conseguiu materializar o aumento do número de divisões tipo americano.

F. A LOGÍSTICA INDUSTRIAL DAS FORÇAS ARMADAS

1. O tecido industrial militar no final década de 40

Numa prática que tinha tradição, no início do séc. XX uma parte expressiva do abastecimento do Exército português passou a ser assegurada por organizações internas, como a

Manutenção Militar³⁰, a Oficina de Alfaiate para praças (1902)³¹, o Parque Automóvel Militar (1918)³² e pela Farmácia Central do Exército (1918)³³.

No período da ditadura militar o dispositivo dos designados estabelecimentos fabris do Exército foi reformado pelos decretos de 1926 e 1927³⁴. O Depósito Central de Fardamento foi extinto e substituído pelo Depósito Geral de Fardamento e Calçado e pelas Oficinas Gerais de Fardamento e Calçado; o Parque de Material Aeronáutico foi designado por Oficinas Gerais de Material Aeronáutico com dependência administrativa do ministério da guerra e técnica da Direção de Aeronáutica Militar [Tavares 2005: 31]. A Fábrica de Projéteis de Artilharia passou a chamar-se Fábrica de Munições de Artilharia, Armamento e Viaturas³⁵ e a Fábrica de Pólvora Seca sem Fumo passou a denominar-se por Fábrica de Cartuchame e Pólvoras Químicas³⁶. Foi também criada a Fábrica de Equipamentos e Arreios³⁷. Por extinção do Parque Automóvel Militar, em 19 de março de 1929, foram fundadas as Oficinas Gerais de Material de Engenharia [Tavares 2005: 31-32]³⁸.

³⁰ Criada em 11 de junho de 1897, sucedânea da Padaria Militar para o fabrico de pão, farinhas, bolachas e forragens para solípedes do Exército. Decreto-lei nº 148, de 11 de junho de 1897, *in* Diário da República: 1857 e 1858.

³¹ Criada em 1902, localizada no antigo Grupo de Artilharia de Guarnição nº 4, no Campo de Santa Clara em Lisboa, sendo posteriormente designada por Oficina e Depósito de Fardamento da Grande Circunscrição Militar do Sul e mais tarde, em 1907, passou a chamar-se Depósito Geral de Fardamento para a produção de fardamento, equipamento e calçado. Após quatro anos foi aberta uma delegação no Porto para apoio à região norte. Decreto-lei de 25 de agosto de 1903, *in* Ordem do Exército, nº 11, 1ª Série: 199.

³² Fundado em 9 de fevereiro de 1918 para a aquisição de materiais, execução, conservação e reparação das viaturas automóveis militares. Portaria nº 1 223, de 9 de fevereiro de 1918, *in* Ordem do Exército, nº 2, 1ª Série, 1918: 55 a 59.

³³ Fundada em 27 de fevereiro de 1918 destinada ao fornecimento de material farmacêutico e medicamentos para todas as unidades do Exército e da Armada do continente e do ultramar. Decreto-lei nº 3864, de 27 de fevereiro de 1918, 1ª Série nº 37:139 e 140

³⁴ Cf. decreto nº 11 856 de 5/7/1926 e decreto nº 14 128, de 19/8/1927.

³⁵ Destinada ao fabrico de morteiros e metralhadoras.

³⁶ Para a produção metalomecânica (fabrico de materiais metálicos para as munições) e química (fabrico de pólvora, nitrocelulose e ácido azótico).

³⁷ Para a produção de arreios para solípedes, equipamentos individuais, artigos de bivaque e aquartelamento.

³⁸ Responsável pela manutenção das viaturas automóveis, produção e reparação da maquinaria da engenharia militar.

Duas décadas depois, pela lei nº 2 020, de 19 março de 1947, o ministério da guerra reformou num único diploma as funções, obrigações, organização, normas de funcionamento e novas designações para alguns dos estabelecimentos fabris militares, ficando todos eles sob a sua dependência direta: a Farmácia Central do Exército passou a designar-se por Laboratório Militar de Produtos Químicos e Farmacêuticos; a Fundação e Construções Mecânicas de Oeiras para Fábrica Nacional de Munições de Armas Ligeiras; a Fábrica de Equipamentos e Arreios para Oficinas Gerais de Equipamentos e Arreios; a Fábrica de Munições de Artilharia, Armamento e Viaturas para Fábrica Militar de Braça de Prata; as Oficinas Gerais de Fardamento e Calçado para Oficinas Gerais de Fardamento [Tavares 2005: 34-35].

2. As alterações do tecido industrial militar em consequência da reestruturação

Na década de 50 a indústria militar foi objeto de reestruturação (reorganização) na sequência da entrada de Portugal na NATO, pela adoção de novas exigências de natureza qualitativa e quantitativa para minimizar as importações, reduzir os custos do Estado e desenvolver a economia do país. Foram então projetadas novas aptidões industriais e reorganizar as existentes [Tavares 2005: 40]³⁹.

Uma parte do apoio financeiro, recebido ao abrigo do Plano Marshall, foi canalizada para a beneficiação de algumas fábricas. Em 1952 a Fábrica Militar de Braço de Prata recebeu 1 230 000 dólares para reequipar o sector das munições de artilharia e de morteiro adquirindo uma maior capacidade de produção⁴⁰. A Fábrica Nacional de Munições de Armas Ligeiras foi construída de raiz através da aplicação de 200 000 dólares para equipamento, espaços de carregamento,

³⁹ Diário do Governo, lei nº 2 005, de 14 de março de 1945, I Série, nº 54-53 e 54.

⁴⁰ Relatório de contas da FMBP (1952).

acabamento e empacotamento. A Companhia Portuguesa de Munições de Barcarena e a Sociedade Portuguesa de Mecânica e Armamento receberam 300 000 dólares cada [Tavares 2005: 40].

No mesmo período acentuou-se o investimento geral no setor industrial militar ligado ao fabrico de munições, num montante de 7 665 000 dólares, sendo 3 950 000 proveniente do Estado (51,5%), 2 030 000 do Plano Marshall (26,5%) e 1 685 000 de privados (22%) [Cardoso 1968:103-104].

Em resultado do apoio americano, as Oficinas Gerais de Material Aeronáutico também foram objeto de melhoramentos técnicos (equipamentos, aperfeiçoamento técnico) e de organização (rentabilidade de produção), viabilizando o apetrechamento dos aviões a jato da Força Aérea Portuguesa com sistemas eletrónicos de observação do espaço aéreo. O recrutamento dos funcionários para operar neste espaço oficial passou a circunscrever-se nos indivíduos provenientes das escolas industriais. Após admissão, eram posteriormente encaminhados para especialização em escolas dos EUA [Cardoso 1968:103-104]⁴¹.

Em 18 de outubro de 1956, através do decreto nº 40 808, foi autorizada à Administração-Geral do Exército formalizar um contrato com a Companhia de Pólvoras e Munições de Barcarena para a produção de granadas de mão ofensivas pela importância de 399 988\$00, com a distribuição do pagamento de 133 329\$00 naquele ano e o remanescente no ano seguinte [Tavares 2005: 42]⁴².

Em 21 de março de 1959 Portugal celebrou um acordo com a República Federal Alemã para o fornecimento de 450 000 granadas de artilharia de 10,5 cm do modelo americano e 120 milhões de cartuchos de 7,62 mm. Em outubro do mesmo ano foi efetuado um contrato entre as

⁴¹ A especialização dos quadros e a incorporação de equipamentos industriais americanos, propiciaram não só a satisfação das necessidades internas das Forças Armadas, como a venda de excedentes aos EUA, como ocorreu com as granadas de artilharia 10,5 da Fábrica de Braço de Prata⁴¹; a Fábrica Nacional de Munições de Armas Ligeiras, a partir de 1952, iniciou o ciclo de produção de munições de 9 mm e de 7,62 mm em resultado das encomendas provenientes de empresas alemãs, suíças, dinamarquesas e espanholas.

⁴² Decreto-lei nº 40 808, de 18 de outubro de 1956, *in* ordem do exército nº 6, 1ª Série, 1956: 379.

Oficinas Gerais de Material Aeronáutico e a Air Material Force European Area dos EUA para a realização de inspeções regulares às aeronaves C-47 e C-54 e a outras que se encontravam a operar na Europa. Em 29 de dezembro de 1959 os alemães encomendaram mais 4 500 000 granadas de mão defensivas⁴³. Em 2 de setembro de 1960 voltaram a efetuar novo pedido à Fábrica Nacional de Munições de Armas Ligeiras em 100 milhões de cartuchos de 7,62 mm [Tavares 2005: 45].

No campo da indústria aeronáutica Portugal colheu proveitos relativamente a outros países devido ao baixo custo da mão-de-obra em serviços de manutenção. Associava-se ainda o benefício das reparações poderem ser executadas ao ar livre, devido às amenas condições climáticas e à dispensa da construção de hangares, e pela menor distância relativamente aos EUA comparativamente com a distância deste país a outros localizados na Europa [Tavares 2005: 45].

Assim, ao longo da década de 50 o tecido industrial militar adquiriu credibilidade pela qualidade dos artigos que produziu, situação que foi comprovada pelo aumento progressivo das encomendas externas de material de guerra. Foi possível dimensionar o tecido empresarial do Exército de modo a satisfazer as necessidades internas, em especial munições e armamento ligeiro, e criar expectativas para a realização de projetos mais ambiciosos no fabrico de meios aéreos e de mísseis ar-ar *Sidewinder* [Tavares 2005: 45].

Os decretos-lei nº 39 397 e 39 398, promulgados 22 de outubro 1953, vieram estimular a atividade fabril nacional, dirigida aos estabelecimentos do Estado e aos privados para o fornecimento de material de guerra, naval ou aéreo, munições e diversos equipamentos militares a países estrangeiros. O governo estava autorizado a conceder o adiantamento de empréstimos para a efetivação de encomendas. A legislação facilitava ainda os procedimentos às empresas públicas e privadas para importação de matérias-primas destinadas ao fabrico dos artigos solicitados por

⁴³ Contrato WMIV 5/00/03337/01/9. Empresas envolvidas: Fundação e Construções Mecânicas de Oeiras (para o fabrico de parte de componentes metálicos), Novembal (para empacotamentos) e SPEL (transporte e montagem).

encomenda. Os decretos estipulavam também benefícios fiscais para as importações ou exportações quando comprovadas as transações [Tavares 2005: 47].

Foi neste contexto que as empresas privadas puderam passar a produzir outro tipo de material deixando a setor “nacional” de ser exclusivamente militar. As empresas privadas adquiriram uma nova aptidão com o investimento praticamente assegurado desde que os artigos encomendados obedecessem aos padrões de fabrico [Tavares 2005: 47].

3.

REEQUIPAMENTO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS:**ARMAS E SABERES AMERICANOS**

A adesão de Portugal à NATO foi o ponto de viragem para a constituição de um novo Exército. As mudanças institucionais e organizacionais foram acompanhadas pelo reequipamento do Exército com apetrechamento de materiais fundamentalmente americanos. Esta evolução, processada ao longo dos anos 1950s, foi um fator decisivo da influência americana sobre os militares portugueses, com maior incidência sobre os mais novos que ambicionavam ter um Exército semelhante ao dos seus parceiros da Aliança Atlântica. O capítulo trata do processo de reequipamento da divisão tipo americano, tendo sido possível recolher elementos que permitem efetuar a análise do esforço no fornecimento dos vários tipos de materiais em cada ano da década em análise.

A. O APOIO DOS EUA PARA O REEQUIPAMENTO DO EXÉRCITO: A ERA DA AMERICANIZAÇÃO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

No início da década de 50 o Exército português estava apetrechado com material provindo de vários países. O armamento individual era alemão, a infantaria dispunha de equipamento pesado inglês e a artilharia encontrava-se guarnecida com material inglês, francês, italiano e alemão. As armas anticarro e o equipamento antiaéreo eram principalmente ingleses [Telo 1996: 249]⁴⁴.

A partir de 1951 os EUA iniciaram o fornecimento de armamento e equipamento que se arrastou até ao ano de 1956, registando-se ao longo desse período o envio de material a um ritmo nunca observado com o objetivo de equipar as divisões NATO. A quantidade, a qualidade e a diversidade do material constituíram prova da integração de Portugal na NATO.

Logo após os primeiros fornecimentos de material, a estrutura militar começou a aperceber-se da dificuldade da formação e conclusão das unidades tipo americano nos prazos definidos. O ministro da defesa nacional mantinha a firme convicção de que era possível constituir 4 divisões de campanha até 1954 para integrar forças da Aliança Atlântica em território europeu. Havia reservas nesta modalidade de emprego dos meios militares para lá dos Pirenéus, estando dependente do sistema de defesa a implantar na defesa da Península Ibérica e das relações da Espanha com a NATO⁴⁵.

Apesar do esforço encetado para dotar o Exército português com meios equiparados aos dos exércitos da Aliança Atlântica, para o ministro da defesa nacional a diferença entre as orgânicas

⁴⁴ Em morteiros havia 757 de 50 mm de origem inglesa e 397 de 81 mm de fabrico francês. Em artilharia existiam 93 obuses de montanha italianos de 75 mm, 113 de 75 mm franceses (do tempo da 1ª Guerra Mundial), 153 obuses de 25 libras e 31 de 4,5' ingleses, 161 obuses de 105 mm e 24 de 150 mm alemães. Em material anticarro existiam 644 canhões de 6 libras, 420 de 40 mm, 124 de 4,5'e 178 de 3,7 polegadas de fabrico inglês.

⁴⁵ Acordos assumidos por Portugal no plano da defesa, de 27 de fevereiro de 1951, p. 251, ADN/Fundo 1/Série 26.1/Caixa 115/Maço 11.

das unidades portuguesas e as divisões de tipologia americana assentava simplesmente na desigualdade do número de peças de fogo. No entanto, para os oficiais que já tinham obtido formação em unidades dos países da NATO, mormente ao nível da divisão, fundamentalmente devido ao conhecimento individual e coletivo exigido no emprego dos materiais de tão elevada sofisticação. O Exército português foi impelido a conduzir uma mudança radical em todas as áreas do saber para obter rentabilidade operacional com os meios adquiridos⁴⁶.

As discrepâncias mais assinaláveis, relativamente aos exércitos aliados, estavam contidas na cultura que os militares portugueses alimentavam dentro da instituição. Em 1952 o marechal Montgomery, comandante supremo adjunto das forças militares da NATO, efetuou uma visita ao Exército português tendo-lhe sido dado a observar que os oficiais faziam uso do cavalo e botas de montar durante a realização de manobras militares, que se uniformizavam de modo diferente das praças, constituindo assim um alvo fácil para os atiradores especiais inimigos, e por ainda utilizarem a mula como meio de transporte, animal considerado, eventualmente, útil nos Pirenéus mas inoperante nas planícies da Europa. Estes factos, que foram dados a observar a quem conhecia o Exército português simplesmente a partir do exterior, eram testemunhos do seu desenquadramento relativamente aos outros exércitos da NATO, comportamentos que estavam enraizados no espírito dos militares que não tinha contacto com o que se passava nas organizações congéneres, constituindo tal desconhecimento um fator de resistência às alterações no seio da sociedade castrense. O próprio ministro da defesa nacional justificava a postura militar como uma expressão identitária da cultura tradicional no Exército português. Numa conversa entre o Ministro da Defesa Nacional Santos Costa e o marechal Montgomery, a propósito da utilização do cavalo no Exército português, este oficial referiu que o cavalo era um animal estúpido com ausência de memória, tendo-lhe sido respondido pelo responsável da pasta da defesa nacional que eram

⁴⁶ Acordos assumidos por Portugal no plano da defesa, de 27 de fevereiro de 1951, pp. 252 e 253, ADN/Fundo 1/Série 115/Caixa 26.1/Maço 11.

semelhantes às características de muitos homens e que apesar disso os tinha de suportar mesmo com falta de memória [Telo 1996: 242-243]⁴⁷. Ao longo dos anos 50 esta divergência entre a cultura tradicional portuguesa e a cultura militar “moderna” (americana) foi-se esbatendo.

Logo após se terem efectivado as primeiras entregas de material, o Exército português apercebeu-se das transformações que teria de efetivar. A rentabilização dos materiais só poderia ser alcançada mediante a utilização de uma metodologia de aprendizagem adequada aos novos padrões de exigência para os quadros na sequência dos cursos a terem lugar nas unidades estrangeiras na Europa e nos EUA, matéria que será desenvolvida em espaço próprio.

Para que a divisão tipo americano pudesse ser constituída, Montgomery pretendia que as suas unidades orgânicas portuguesas fossem dotadas de material de guerra e recursos humanos de qualidade similar aos parceiros da NATO. Para alcançar este objetivo era imperativo alterar o modelo doutrinário existente no Exército português. Esta inevitabilidade não era entendida pelo Ministro Santos Costa que, apesar de ser um oficial com formação na Escola de Guerra, não reconhecia a utilidade de mudar as técnicas e táticas militares, entendendo não ser justificável a produção de novas doutrinas que pudessem colocar em perigo o «espírito de coesão da força armada». Pelo contrário, EME entendia que a constituição da divisão NATO impelia o Exército português para uma completa alteração de critérios, teorias, doutrinas, técnicas e instrução [Telo 1996: 251].

Os EUA assumiram o papel de fornecedor, formador e orientador da reestruturação do Exército português. A criação do MAAG, na dependência da Embaixada Americana em Lisboa, estabeleceu a ponte entre o Exército português e aquele país através do contacto direto com o

⁴⁷ Relato de conversa entre o Ministro da Defesa Nacional Santos Costa e o marechal Montgomery, 26 de abril de 1952, ANTT/AOS/CO/PC-78M., *in* TELO (1996: 243).

ministro da defesa nacional e o EME para a monitorização do Programa de Assistência de Defesa Mútua⁴⁸.

B. A MATERIALIZAÇÃO DOS COMPROMISSOS NO FORNECIMENTO DE MATERIAIS AO EXÉRCITO PORTUGUÊS

Em fevereiro de 1951, os EUA, através do MAAG, definiram as orientações sobre o fornecimento de material, como membro do Grupo do Oceano Atlântico Norte, com as seguintes obrigações para as unidades receptoras do material: assumir o encargo de elaborar um quadro orgânico com a relação de todos artigos americanos; facultar aos EUA a possibilidade de confirmar a utilização do material na formação militar; manter a posse dos materiais fornecidos; inviabilizar o envio de qualquer material para outro país (incluindo as colónias portuguesas); implementar normas de receção, proteção, armazenamento, distribuição e conservação para todo o material fornecido⁴⁹.

Em 15 de março de 1951 o ministro da defesa nacional deu conhecimento ao chefe interino do MAAG em Lisboa, coronel William G. Lee, Jr., de que o Estado português tinha concordado com todas as obrigações impostas pelos EUA quanto ao controlo, utilização, guarda e preservação de todos os materiais entregues ao seu Exército. Ficava assumida a salvaguarda a impossibilidade do material poder ser canalizado para as províncias ultramarinas, mais

⁴⁸ Memorando para o Ministro da Defesa da Embaixada Americana, Grupo Consultivo de Assistência Militar, a 27 de fevereiro de 1951, Lisboa, Portugal, ADN/Fundo 1/Série 26.1/Caixa 115/Maço 11.

⁴⁹ Memorando para o ministro da defesa da embaixada americana, Grupo Consultivo de Assistência Militar, a 27 de fevereiro de 1951, Lisboa, Portugal, ADN/Fundo 1/Série 26.1/Caixa 115/Maço 11.

precisamente a sul do Trópico de Câncer⁵⁰. A violação desta cláusula (p. ex. pela Força Aérea Portuguesa, 1960 e o início da «guerra colonial» em 1961) [Cardoso 2001: 34-36; Lopes 2001]⁵¹ impunha o embargo americano ao fornecimento de material militar a Portugal⁵².

Em suma, foi no início dos anos 1950, que o Exército português beneficiou de um extenso programa de equipamento militar de origem americana com o propósito de o dotar de meios adequados à divisão NATO em formação.

C. O FORNECIMENTO DE MATERIAL DE GUERRA AO EXÉRCITO PORTUGUÊS

As entregas de material foram formalizadas em Portugal no Depósito Geral de Material de Guerra que tinha por missão identificar, catalogar, armazenar e distribuir os artigos pelas unidades que constavam da orgânica das unidades NATO. Os elementos recolhidos no Arquivo da Defesa Nacional (ADN) permitiram a elaboração do “Anexo A – Programa de Assistência e Defesa Mútua para o Exército”, tendo sido estruturado da seguinte forma: os materiais estão organizados por grupos que se subdivididos por tipos que se fraccionam pelo conjunto de artigos que agregam; cada artigo foi identificado com a designação atribuída e relacionada com o país fornecedor; foi contabilizada a totalidade dos artigos fornecidos durante o período em análise e o

⁵⁰ Nota do ministro da defesa nacional para o coronel William G. Lee, Jr., chefe interino da military assistance advisory group em Lisboa, 15 de março de 1951, ADN/Fundo 1/Série 26.1/Caixa 115/Maço 13.

⁵¹ Só foram incluídas no estudo as aeronaves fornecidas às Forças Armadas Portuguesas a partir de 1 de julho de 1952, por a Força Aérea Portuguesa passar a constituir um ramo autónomo após essa data. Sabe-se que em 1950 foram recebidos os seguintes aviões: 24 Curtiss SB2C-5 Helldiver, 8 North American SNJ-4 (AT-&D) e 1 De Havilland DH-89 Dragon Rapide. No ano seguinte foram adquiridos os seguintes aparelhos: 2 Junkers 3mg8e (Ju-52), 10 De Havilland DHC-1 Chipmunk e 50 Republic F-47D Thunderbolt.

⁵² The United States Military Assistance Advisory Group – Portugal, Submitted by Col Norman M. Smith, USA, Chief, US MAAG – Portugal.

seu somatório por grupo; a maioria dos materiais foi registada em quantitativos por ano, aparecendo alguns simplesmente mencionados em número de volumes ou em tonelagem. Lamentamos, nestas duas últimas situações, não ser possível contabilizar os artigos para efeitos de análise quantitativa, servindo, no entanto, de informação sobre a designação do artigo e do país fornecedor. Globalmente o equipamento fornecido cobriu diversas áreas de atividade militar em artigos eletrónicos e de comunicações, material de guerra e de engenharia, produtos químicos, publicações e material sanitário⁵³. A tabela nº 4, como súmula do anexo A, permite-nos verificar quais os países e os quantitativos em equipamentos fornecidos a Portugal onde claramente se destaca os EUA.

TABELA Nº 4 – Número de artigos fornecidos em cada ano por país

País fornecedor		Número de artigos fornecidos em cada ano						Total
		1951	1952	1953	1954	1955	1956	
Alemanha	Quantidades	558		514	31			1 103
	Volume						407	407
	Toneladas							
Canadá	Quantidades		40	129	134		25	328
	Volume						186	186
	Toneladas							
EUA	Quantidades	13712	1159	535182	94177	55941	31	700 202
	Volume			530			502	1 032
	Toneladas			45				45
França	Quantidades							
	Volume						4	4
	Toneladas							
Inglaterra	Quantidades	203		2			40	245
	Volume							
	Toneladas							
Japão	Quantidades						546	546
	Volume							
	Toneladas							
Total	Quantidades	14473	1199	535827	94342	55941	642	702 424
	Volume			530			1099	1 629
	Toneladas			45				45

Fornecimento de equipamento. ADN/Fundo1/Série SR44/Caixa 193/Maço 1-9

⁵³ Entende-se por artigo o objeto que é completo podendo ser utilizado separadamente de outros artigos (munição, metralhadora, viatura, rádio, carro de combate). Fornecimento de equipamento ADN/Fundo 1/Série SR44/Caixa 193/Maço 1-9.

O anexo A faculta-nos a análise dos anos compreendidos entre 1951 e 1956 com relevância para 1953/54, período onde se efetuou o maior fornecimento de material em cerca de 90% da totalidade dos artigos. Nos anos de 1952 e 1956 registou-se um fluxo de abastecimento residual.

Fazendo uma análise global do anexo A, por tipo de artigos e para cada um dos anos de fornecimento, no de 1951 evidenciam-se os rádios e telefones, viaturas (motorizadas e atrelados), armamento e veículos de engenharia (tabela nº 5).

No ano de 1952 realizou-se a menor entrega de artigos eletrónicos e armamento. Foi no entanto efetuado o primeiro fornecimento de obuses 8,8 cm m/43, de peças antiaéreas e goniómetros bússola. Iniciou-se neste ano o ciclo de entrega de carros de combate sendo terminado em 1955.

TABELA Nº 5 – Quantidade de artigos mais relevantes fornecidos no ano de 1951⁵⁴

Designação dos artigos	Fornecimento no ano de 1951	
	Quantidade de artigos	% relativamente à totalidade dos artigos fornecidos
Material eletrónico e outro equipamento de transmissões	9 459	57,80%
Viaturas motorizadas	949	55,84%
Atrelados	946	41,10%
Armamento	1 375	38,56%
Viaturas de engenharia para abertura de estradas e construção de redes energéticas	12	58,33%

Fornecimento de equipamento. ADN/Fundo1/Série SR44/Caixa 193/Maço 1-9

⁵⁴ Na análise comparativa nos anos de fornecimento, não foi contabilizado o quantitativo de baterias e fusíveis referentes a 1954 por serem considerados artigos consumíveis.

No ano de 1953 foi incrementado um expressivo volume nos abastecimentos em material do grupo dos eletrónicos e outros equipamentos de transmissões (rádios e unidades de instalação, baterias secas) e no de viaturas motorizadas e atrelados. Pela primeira vez foi efetuado o fornecimento de metralhadoras terrestres e quadruplas antiaéreas e algum armamento individual. A artilharia de campanha foi guarnecida com canhões sem recuo, obuses e peças antiaéreas. Foi também realizado um abastecimento considerável e diversificado de granadas de morteiro e de obus. A arma de cavalaria recebeu 113 carros de combate dotando o Exército português de capacidade para a luta anticarro com mobilidade, reforçada pela obtenção de lança-granadas-foguete. Destaca-se ainda o provimento dos materiais relacionados com a guerra bacteriológica e química.

Em 1954 ocorreu nova dotação de equipamentos de transmissões baseada em rádios, telefones por fio e um número expressivo de baterias secas para aplicação neste tipo de materiais. Foi unicamente neste ano que se registou o aprovisionamento de atrelados para transporte de carros de combate, de tratores de lagartas, de viaturas blindadas de socorro e de viaturas de carga para ponte militar. Em armamento constatou-se o maior fornecimento de lança-granadas-foguete e de pistolas. Foi também processada a entrega do obus 8,8 cm motorizado com rasto de lagarta, facto que marcou a tendência de a artilharia de campanha passar a ser auto propulsada.

No ano de 1955 registou-se, na globalidade, uma fraca quantidade de material fornecido, salientando-se a entrega de viaturas de transporte de água, tripés para metralhadoras, munições, cartuchos e granadas.

O ano de 1956 foi dedicado ao envio de sobressalentes de transmissões, viaturas, artilharia e engenharia, alguns atrelados e viaturas. Foi um ano orientado essencialmente para constituição de reservas de sobressalentes na salvaguardar da funcionalidade dos meios.

Numa apreciação genérica, quanto ao fornecimento de material durante o período em apreço e baseado nos elementos recolhidos que constam do anexo A, no ano de 1951 registou-se maior incidência nos meios de transmissão, viaturas, armamento ligeiro e de artilharia, vincando o empenho dos americanos no arranque da formação da divisão NATO em Portugal. No ano de 1952 registou-se o menor incremento no fornecimento de material. Realça-se o aumento de peças de fogo da artilharia e antiaéreo e os goniómetros bússola, sendo este último equipamento também entregue nos dois anos seguintes como instrumento fundamental para a realização dos projetos de utilização militar (carreiras de tiro, arruamentos, estradas e edifícios). Ainda neste ano foram introduzidos os primeiros carros de combate adquirindo o Exército português um significativo poder de choque e fogo anticarro. Em 1953 verificou-se o reforço do quantitativo em carros de combate e no abastecimento de munições, cartuchos e granadas. O ano de 1954 deu continuidade ao apetrechamento dos materiais de transmissões, viaturas e armamento, aparecendo o primeiro fornecimento de atrelados para carros de combate e viaturas blindadas de reboque, aumentando a mobilidade destes veículos em termos de colocação e recuperação. A artilharia adquiriu motricidade própria pela aquisição de viaturas autopropulsadas. O ano de 1955 foi fundamentalmente dedicado ao municiamento e o de 1956 à preservação da operacionalidade dos meios.

A análise do anexo A permite-nos ainda quantificar a entrega de 258 artigos diferentes por grupo (tabela nº 6), que passaram a constar do quadro orgânico de material da divisão NATO, facto que provocou a criação de normas adequadas a cada tipo de artigo sobre a sua utilização, procedimentos de controlo, armazenamento e conservação/manutenção. A especificidade de cada artigo exigiu a elaboração de regras facilitadoras para a contabilização das existências nas unidades e nas entidades de controlo.

Para a preservação dos materiais as unidades tiveram de disponibilizar espaços acondicionados para garantir a sua proteção e manutenção. Os equipamentos eletrónicos, o armamento ligeiro e pesado e parte dos materiais de engenharia necessitaram de arrecadações sólidas e amplas para salvaguardar a segurança, a operacionalidade e facilitação do emprego de medidas de controlo. Os atrelados e as viaturas motorizadas necessitaram de espaços de estacionamento, cobertos ou não, com piso de betão circundado de vedação para as viaturas de lagartas e, no mínimo, de terra batida para os veículos de rodas. A existência destes artigos obrigou a que fossem construídos espaços oficiais para reparação, lubrificação, lavagem e abastecimento de combustível. As peças de artilharia careceram de áreas cobertas para garantir a sua longevidade e segurança. As munições e explosivos tiveram de ser acondicionadas em paióis com dimensão, condições de armazenamento e segurança adequadas à quantidade e à diversidade dos projéteis e dos materiais de detonação.

TABELA N° 6 – Tipos de artigos entregues

Grupos de artigos	Tipos de artigos entregues
Eletrónicos e outro equipamento de transmissões	106
Atrelados /viaturas motorizadas	14/44
Armas portáteis e metralhadoras	18
Artilharia e direção de fogo	18
Munições	22
Munições de artilharia	11
Equipamento de engenharia e abastecimentos	25
Totalidade	258

Fornecimento de equipamento. ADN/Fundo 1/Série SR44/Caixa 193/Maço 1-9

Nos elementos recolhidos sobre os diversos artigos não foi possível obter o valor de cada um. Era voz corrente no CIMSM, na década de oitenta, que os carros de combate aí existentes continuavam a ser propriedade dos EUA, facto que inviabilizava a venda desse tipo artigo e a obrigatoriedade de devolução ao país fornecedor quando perdesse capacidade operacional.

Com a obtenção dos novos materiais o Exército português defrontou--se com a necessidade de se instruir, tomando por base os ensinamentos recolhidos nos manuais americanos sobre a utilização de cada tipo de artigo em instrução e no campo de batalha e no acondicionamento e manutenção. A tarefa foi complexa obrigando à frequência de cursos individuais e/ou coletivos para oficiais, sargentos, praças e civis, assunto que será abordado no capítulo 4.

4.

**A FORMAÇÃO NO EXÉRCITO PORTUGUÊS DECORRENTE
DA EXPERIÊNCIA AMERICANA**

Um dos vetores mais importantes da “influência americana” no Exército português foi o da formação militar. A criação de uma divisão tipo americano e a sua dotação com novos equipamentos obrigou a adoção de novos padrões de formação individual e coletiva em todos os escalões do Exército segundo o modelo americano. A formação ocupa o ponto central deste capítulo onde se faz a análise sobre a diversidade das formações efetuadas em militares e civis, as unidades de colocação, a designação e duração dos cursos e os países de formação.

A edificação de novos quartéis e a remodelação de outros melhorou significativamente as condições da vivência dos militares distribuídos pela quadrícula do território nacional. Foi a criação do CIMSM que permitiu materializar a divisão tipo americano, processo de grande complexidade que se iniciou pela escolha e aquisição de terrenos e posterior construção das infraestruturas para alojamento das unidades orgânicas.

A instrução da divisão tipo americano foi um desafio que o Exército português assumiu e que foi progressivamente pondo em prática através da aplicação de procedimentos individuais e coletivos testados nas manobras anualmente realizadas.

A. A FORMAÇÃO DOS MILITARES PORTUGUESES

Os EUA iniciaram o processo formativo em apoio dos países aliados a partir de 23 de janeiro de 1950, assumindo o Foreign Military Assistance Coordinating Committee a responsabilidade de efetuar a coordenação da formação. A intenção foi comunicada a Portugal através de uma nota datada de 3 de outubro de 1950 e assinada pelo major-general R. E. Duff, tendo como destinatário o general Frederico da Costa Lopes da Silva (1956-1958), do ministério da guerra, onde constava a relação dos cursos disponíveis para a frequência de militares portugueses (oficiais, sargentos e praças) em escolas americanas de 1 de janeiro de 1951 até junho deste ano⁵⁵.

A nota dava a conhecer que os estabelecimentos de ensino existentes nos EUA eram destinados aos oficiais da patente mais elevada, vocacionados para as funções de direção e de instrução, estando as escolas militares europeias direcionadas para outras matérias com planos formativos orientados fundamentalmente para a categoria de sargentos, por não necessitarem do domínio da língua inglesa, serem de nível formativo menos exigente e de menor tempo de duração. A nota fez-se acompanhar de uma lista de cursos onde constavam diversos tipos de formação⁵⁶. Fazia uma chamada de atenção para a possibilidade dos cursos destinados a praças poderem também ter a presença de oficiais e sargentos instruendos⁵⁷, pela necessidade de se proceder o mais

⁵⁵ Parecer dirigido ao general Frederico da Costa Lopes da Silva do Ministério da Guerra em Lisboa, datado de 3 de outubro de 1950. ADN/Fundo 1/Série 26.1/Caixa 115/Maço 1.

⁵⁶ Relação das vagas para os militares portugueses nas escolas americanas para o primeiro semestre de 1951 tabela 1 do anexo B. Cursos destinados à formação em blindados, artilharia, infantaria, engenharia, material, subsistências e transmissões, num total de 158 vagas, sendo 37 para oficiais, 19 para oficiais ou sargentos, 98 para sargentos e 4 para sargentos ou praças abrangendo um período total de ensino de 3 168 semanas. O número de vagas, por arma e serviço, foram distribuídos da seguinte forma: à subsistência foram atribuídas 2, à engenharia 8, aos blindados 11, ao material 24, às transmissões 31 e à infantaria e artilharia igualmente 41.

⁵⁷ Relativamente à formação nas áreas das transmissões de artilharia e infantaria, manutenção rádio, automóvel, encarregado de construção, operador de compressor, escavadora mecânica, operador de buldozer, abastecimento de acessórios de material, reparação rádio e radar.

rapidamente à obtenção dos conhecimentos elementares sobre cada um dos equipamentos antes de ser efetuada a sua entrega ao Exército português⁵⁸.

Na mesma nota constava também uma outra relação de cursos a realizar na Alemanha, no mesmo ano, nas escolas de material e de transmissões pertencentes ao Centro de Instrução de Kitzengen e à 1ª divisão de infantaria sob a responsabilidade dos EUA⁵⁹. Nesta listagem unicamente constavam as designações dos cursos disponíveis e o tempo de duração de cada um, em semanas, em situação normal e, em alguns casos, em situação especial, perfazendo o total de 124,5 e 82 semanas respetivamente⁶⁰.

Assim se iniciou e concretizou o processo formativo dos militares e civis portugueses, com ajuda externa, que teve lugar fundamentalmente na América do Norte e na Alemanha.

B. A CRIAÇÃO DE NOVAS ESPECIALIDADES

A decisão assumida pelo Exército português, sobre a criação de unidades com orgânica semelhante à americana, teve implicações profundas no conhecimento que passou a ser exigido individual e colectivamente aos militares em resultado da necessidade de utilização dos novos materiais em ações de combate. A criação de unidades de tipologia americana obrigou ao

⁵⁸ Parecer dirigido ao general Frederico da Costa Lopes da Silva do Ministério da Guerra em Lisboa, datado de 3 de outubro de 1950, ADN/Fundo 1/Série 26.1/Caixa 115/Maço 1.

⁵⁹ Anexo B - relação das vagas para os militares portugueses nas escolas americanas para o primeiro semestre de 1951, tabela II.

⁶⁰ Parecer dirigido ao general Frederico da Costa Lopes da Silva do Ministério da Guerra em Lisboa, datado de 3 de outubro de 1950: 2, ADN/Fundo 1/Série 26.1/Caixa 115/Maço 1. Os cursos da escola de material direcionavam-se para os trabalhos oficiais relacionados com as atividades de manutenção em equipamentos. A escola de transmissões disponibilizou cursos para operador dos meios rádio e de manutenção e abastecimento de material. O centro de instrução de Kitzengen para a utilização de vituras, direção de tiro e equipamentos de transmissões. A 1ª divisão para o emprego do armamento da infantaria.

redimensionamento de especialidades, algumas inexistentes, com o objetivo de aprontar uma estrutura orientada para o apoio de serviços (relativo à manutenção de material), ao quartel-mestre, aos transportes, às transmissões, ao ajudante geral e especial de estado maior [Macedo 1984: 77-80; EME 1988: 263-264].

A criação do serviço de material foi decisiva para preservar a operacionalidade dos equipamentos provenientes do estrangeiro, serviço que emergiu da influência americana a partir da inventariação de uma estrutura adequada à quantidade e variedade dos materiais, formação de especialistas e centralização desta atividade num serviço próprio. A instrução nesta área iniciou-se em 1953 no grupo de condutores do trem auto (GCTA) para formar 50 oficiais e 314 sargentos do quadro de complemento (QC) e 978 praças. A necessidade deste serviço tornou-se mais evidente após a realização das manobras daquele ano no CIMSM, por reunir as condições elementares para garantir a operacionalidade das unidades através da execução de trabalhos de manutenção, efetuadas pela companhia divisionária de manutenção, sediada no Entroncamento, que se deslocou para Santa Margarida para apoio das unidades em exercícios [Macedo 1984: 158-159; EME 1988: 289-291].

Em 10 de novembro de 1953 o brigadeiro Vasco da Gama Rodrigues apresentou ao CEME um projeto-lei para a criação do serviço de material, tendo sido posteriormente canalizado para o ministro do exército, com despacho datado de 13 de agosto de 1954, que determinava a elaboração de um diploma onde constasse a explicação da missão, organização, quadro orgânico e um outro que regulamentasse as normas de execução não incluídas no naquele diploma [Macedo 1984: 159; EME 1988: 291].

Depois da realização das manobras de 1954, iniciadas em 30 de setembro, o subsecretário de estado do ministério do exército determinou que os elementos da companhia ligeira de manutenção de material deveriam permanecer no CIMSM com o reforço de condutores e

mecânicos de outras unidades para colaborar nas tarefas de reparação de viaturas. A experiência determinou a constituição de uma unidade pertencente à orgânica da divisão tipo americano, designada por companhia divisionária de manutenção de material (CMDM), constituída desde o início do período da realização das manobras até à conclusão da reabilitação dos equipamentos. A portaria nº 15 279, de 3 de março de 1955, determinou a constituição daquela companhia dependente da 3ª RM que afetava 50% dos efetivos da companhia divisionária de manutenção durante o período da realização das manobras anuais. A decisão não resolvia as questões de fundo da manutenção nem mesmo com recurso ao aumento do efetivo, à realização de cursos de manutenção de viaturas (rodas e lagartas) e à implementação de um sistema permanente de inspeções [Macedo 1984: 159-161; EME 1988: 292-295].

A situação só seria definitivamente resolvida com a criação do serviço de material promulgada pelo decreto-lei nº 40 880, de 24 de novembro de 1956, publicado na ordem do exército nº 7 de 20 de dezembro do mesmo ano [Macedo 1984: 164; EME 1988: 297].

Para harmonizar as tarefas realizadas por este serviço foi necessário escalonar as fases de manutenção e reparação e proceder à formação de especialistas para cada um dos níveis de intervenção para rentabilizar verbas, mão-de-obra, tempo e recursos [Macedo 1984: 78-79; EME 1988: 264-265].

O serviço de quartel-mestre foi criado com o intuito de agregar as funções relacionadas com a alimentação, lavandaria, banhos e registo de sepulturas em situações de campanha, tarefas desempenhadas anteriormente pelo serviço de administração. Aquele serviço passou a constar da orgânica da divisão tipo americano, atribuído a uma unidade de escalão companhia com um efetivo de cerca de 200 militares [Macedo 1984: 79; EME 1988: 265].

O setor dos transportes adquiriu autonomia própria justificada pelo aumento do número de viaturas, pela necessidade da existência de quadros exclusivamente dedicados à gestão dos meios auto, tendo por base oficiais subalternos⁶¹ e capitães. As atividades relativas às transmissões também se individualizam das da arma de engenharia devido ao elevado tecnicismo e à diversidade dos materiais [Macedo 1984: 79-80; EME 1988: 266].

O serviço de ajudante-geral foi criado para realização de três atividades: administração e pessoal, contabilidade e estatística e serviços especiais. A área de administração e pessoal era praticamente desconhecida, tendo sido criada devido à heterogeneidade e complexidade das tarefas resultantes da reestruturação do Exército. A administração e pessoal ocupou uma posição central na gestão dos recursos humanos por incluir na sua missão a recolha de informação indispensável para iniciar o processo de recrutamento geral dos mancebos, com especial atenção para os que possuíam competência técnica ou cultural relevante adquirida na vida civil. A seriação tinha lugar no ato de incorporação através da realização de testes de avaliação intelectuais e físicos para avaliação das capacidades, atribuição de especialidade e rentabilização das suas aptidões [Macedo 1984: 80; EME 1988: 266-267]. Os serviços especiais englobavam a educação física, atividades recreativas, informação e cultura [Macedo 1984: 80].

O serviço especial de estado maior foi criado para recrutar os especialistas militares com experiência nas funções relacionadas com a instrução e mobilização, para serem colocados nos quartéis-gerais das grandes unidades. Os militares continuavam a pertencer à sua arma ou serviço de origem não tendo sido constituído um quadro próprio para este serviço [Macedo 1984: 80; EME 1988: 267].

O Exército português necessitava ainda de por em prática um conjunto de procedimentos que permitissem promover a formação das especialidades inexistentes, que constavam do novo

⁶¹ Os oficiais subalternos agrupam os postos de alferes e tenente.

quadro orgânico elaborado a partir dos manuais do exército americano, definidos no “Military Occupational Speciality” para as categorias de sargentos e praças e no “Officer Classification” para a de oficiais [Macedo 1984: 77], onde estavam descritos os efetivos e as especialidades por posto, as habilitações e a formação apropriada para cada militar⁶².

Para colmatar as inexistências foi necessário providenciar a formação de militares e civis em vários países estrangeiros. As primeiras formações destinaram-se aos oficiais e sargentos que detinham conhecimento elementar em língua inglesa para aprontar o mais rápido possível um lote de quadros qualificados nas especialidades mais prementes. A segunda fase da formação foi reservada aos militares e civis que careciam da aprendizagem de inglês, aos quais foram ministradas aulas linguísticas produzidas por professores recrutados através de um protocolo estabelecido entre os Ministérios do Exército e da Marinha com os EUA. Os que não detinham este conhecimento fizeram-se acompanhar de um tradutor da categoria de oficial do Exército português. A formação no exterior iniciou-se em 1951⁶³.

C. AS ESPECIALIDADES NECESSÁRIAS AO EXÉRCITO PORTUGUÊS

Para determinar as necessidades do Exército foi, pela primeira vez, efetuado o levantamento do quantitativo em especialistas que deveriam existir nos quadros orgânicos de pessoal, procedimento que foi determinante para a definição da estrutura das unidades de campanha. O processo iniciou-se em 25 de março de 1953 com aprovação do CEME referente ao quantitativo de especialidades atribuído a cada arma e serviço tendo sido apurado um total de 423.

⁶² Circular nº 9 550, proc. 5, de 16 de abril de 1956, *in* ordem do exército nº 3, 1ª Série, 1956, p. 153.

⁶³ Programa de fornecimento de carros de combate ao exército português ao abrigo do MDAP, de 01 de Setembro de 1955, ADN/U.S. MAAG/Portugal.

A fase subsequente fixou as funções atribuídas para cada especialidade e por posto. Em outubro do mesmo ano foi redesenhado o quadro orgânico de pessoal onde passaram a constar 492 especialidades (tabela nº 7) [Macedo 1984: 82; EME 1988: 268]. Este trabalho possibilitou a atribuição de especialidades por arma e serviço, para as categorias de oficial, sargento e praça para os quadros permanente e de complemento em número superior para o primeiro quadro. Foi atribuída uma maior quantidade de especialidades nas armas de artilharia, engenharia e transmissões e no serviço de material devido à maior exigência técnica [Macedo 1984: 82].

Não foi possível determinar o número de especialistas existentes antes da reestruturação mas sim as que foram criadas e ministradas no estrangeiro.

No processo de investigação foi possível recolher um conjunto de dados relativos às formações efetuadas em vários países desde 1951 a 1959, elementos que se encontram discriminados no anexo D [AHM/FO/6/G35/5/39-43] onde consta o posto, o nome de cada militar ou civil, a unidade de colocação, a designação da formação e o local da sua realização, as datas de início e de finalização e a duração de cada formação e, relativamente a 1951, nos casos possíveis, a data de entrada no país após o regresso. Nem sempre foi possível obter todos estes elementos relativos a cada indivíduo. Apesar da limitação, entendeu-se proceder à inventariação de todos os dados disponibilizados de modo a poder-se efetuar a análise nos domínios dos elementos conhecidos. O anexo foi subdividido em tabelas numeradas de I a IX correspondendo cada uma a um ano entre 1951 e 1959.

TABELA Nº 7 – Quantitativo de especialidades por arma ou serviço
nas categorias de oficial, sargento e praça do QP ou QC⁶⁴

Quadro	Número total de especialistas	Oficial		Sargento		Praça	
		QP	QC	QP	QC	QP	QC
Estado maior	1	1					
Serviço especial de EM	43	37	31	14	8	3	1
Infantaria	38	12	7	12	11	20	18
Cavalaria	40	10	7	9	8	28	25
Artilharia	70	11	10	21	21	55	42
Engenharia	63	9	4	23	16	50	38
Ajudante-geral	21	9	9	13	9	9	7
Transportes	21	6	4	10	10	16	16
Quartel-mestre	30	7	3	8	4	20	20
Transmissões	66	10	4	32	15	40	23
Saúde	41	24	21	16	8	21	5
Veterinário	5	4	3	2	1	2	1
Material	52	12	4	29	18	40	30
Religioso	1	1	1				
Total	492	154	108	189	129	304	226

Macedo 1984 e EME 1988

⁶⁴ QP – quadro permanente, QC – quadro de complemento. A coluna onde consta o número total de especialistas não corresponde, na maioria dos casos, ao somatório das colunas por as especialidades poderem ser desempenhadas pelos vários quadros.

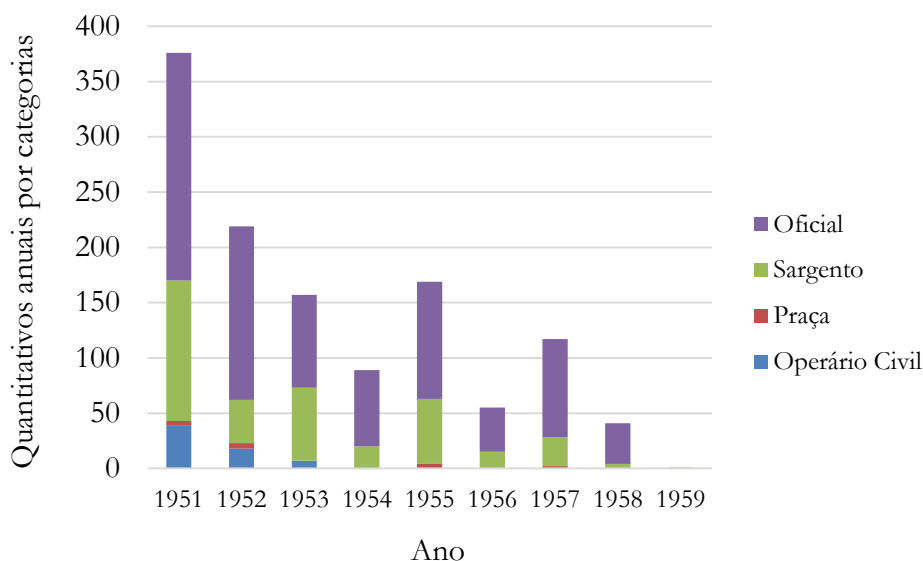
Para melhor interpretação dos elementos que constam do referido anexo, entendeu-se criar o anexo E para facilitar a análise do número de sujeitos formados anualmente no estrangeiro, num total de 1 224 civis e militares, que se encontram representados, de forma sucinta, na tabela nº 8 e no gráfico nº 1.

TABELA Nº 8 – Quantitativos formados anualmente, por categorias,
na década de 50

Categorias	Indivíduos formados anualmente por categorias									Totais
	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958	1959	
Operário civil	39	18	7							64
Praça	4	5			4	1	2	1		17
Sargento	127	39	66	20	59	14	26	3	1	355
Oficial	206	157	84	69	106	40	89	37		788
Totais	376	219	157	89	169	55	117	41	1	1 224

AHM/FO/6/G/35/5/39-43

A maior quantidade de formações registou-se no ano de 1951 decrescendo progressivamente até 1954, com dois ligeiros impulsos nos anos de 1955 e 1957. No ano de 1959 apenas se apurou a realização de um curso para sargento. Alguns militares realizaram mais do que um curso de forma ininterrupta para rentabilizar a sua presença no estrangeiro.

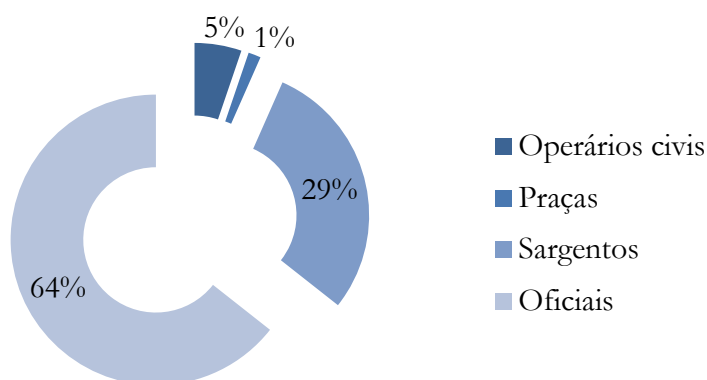


AHM/FO/6/G/35/5/39-43

GRÁFICO Nº 1 – Quantitativos formados anualmente,
por categorias, na década de 50

Na interpretação percentual por categorias (gráfico nº 2), o maior volume de formandos registou-se na de oficial com cerca de 64%, distribuída ao longo da década com exceção do ano de 1959, seguida da de sargento com cerca de 29% presente em todos os anos. A categoria de praça teve uma representação residual com cerca de 1% (17 militares) não se registando qualquer frequência nos anos de 1953 e 1954. O operário civil só foi objeto de formação nos primeiros três anos com cerca de 5% (64 indivíduos).

Fazendo a análise por postos, em ordem decrescente, a formação incidiu em maior número no capitão (307), 2º sargento (161), major (130) e tenente (103). Realça-se que é no posto de capitão que se exerce, na verdadeira acessão de palavra, a ação de comando mais incisiva por permitir comandar diretamente todos os seus subordinados, numa unidade de escalão companhia, desde o tenente até ao soldado num efetivo que pode oscilar entre os 150 e os 230 homens.



AHM/FO/6/G/35/5/39-43

GRÁFICO Nº 2 – Percentagens de indivíduos formandos,
por categorias, na década de 50

Para análise das unidades militares portuguesas que enviaram os seus quadros ao estrangeiro para formação, elaborou-se o anexo F onde se registam 123 unidades militares pertencentes a várias armas e serviços. Para facilitar a interpretação dos dados agruparam-se as unidades por afinidade das suas missões com a seguinte organização: BA⁶⁵, escola prática⁶⁶, escola superior de ensino⁶⁷, EM⁶⁸, oficina/fábrica/depósito⁶⁹, outras⁷⁰, unidade de apoio⁷¹, unidades de

⁶⁵ Bases aéreas nº 1, 2, 3 e 4.

⁶⁶ Escolas práticas: EMEI, EPA, EPAM, EPC, EPE, EPI, ETm.

⁶⁷ Escola superior de ensino: EAero, EE, IAEM e IPPE.

⁶⁸ EM: CEME, CEM, EME.

⁶⁹ Oficina/fábrica/depósito: DGMA, DGME, DGMG, FMBP, OGMA e OGME.

⁷⁰ Conjunto de unidades formadas pela 2ª DG, 3ª DG, AAM Washington, BSOE, CDMM, CEP, CGAM, CJAM, CM Moçambique, CM Tomar, CMAçores, DAA, DAC, DAI, DJMA, DJME, DRM nº 12, GE, GML, GNR, HMP, HNV, IITSap, ISAE, JML, LP, MDN, QE, QG/2ª RM, QG/3ª RM, SCEX e SGD.

⁷¹ Conjunto de unidades formadas pelo 1º e 2º GCSubs, BCF e BEngenhos.

combate⁷² e não definido. Os elementos pertencentes ao grupo de EM são, na sua maioria, os militares que possuem o CEM aos quais, na generalidade, não consta da documentação encontrada a atribuição da unidade de colocação.

Para facilitar a interpretação dos elementos que constam do anexo F elaborou-se a tabela nº 9 e os gráficos nº 3 e 4 onde verificamos a importância que as BA deram à formação, com 13% do universo formativo, realizada unicamente nos anos de 1951 e 1952, fator que aqui se inclui devido ao vetor aéreo se encontrar integrado no Exército até meados deste último ano, adquirindo a partir deste data autonomia própria de um ramo independente. Para os militares colocados nas escolas práticas e de ensino superior⁷³ registou-se 21% e 9% para os oficiais do EM.

TABELA Nº 9 - Quantitativos formados por grupo
de unidades na década de 50

	Grupos de unidades									TOTAL
	BA	Escola Prática	Escola superior de ensino	Estado maior	Oficina/fábrica/depósito	Unidade de apoio	Unidades de combate	Outras	Não definido	
Quantidades	161	161	98	108	79	29	316	89	183	1224
Percentagens	13%	13%	8%	9%	6%	2%	26%	7%	15%	100%

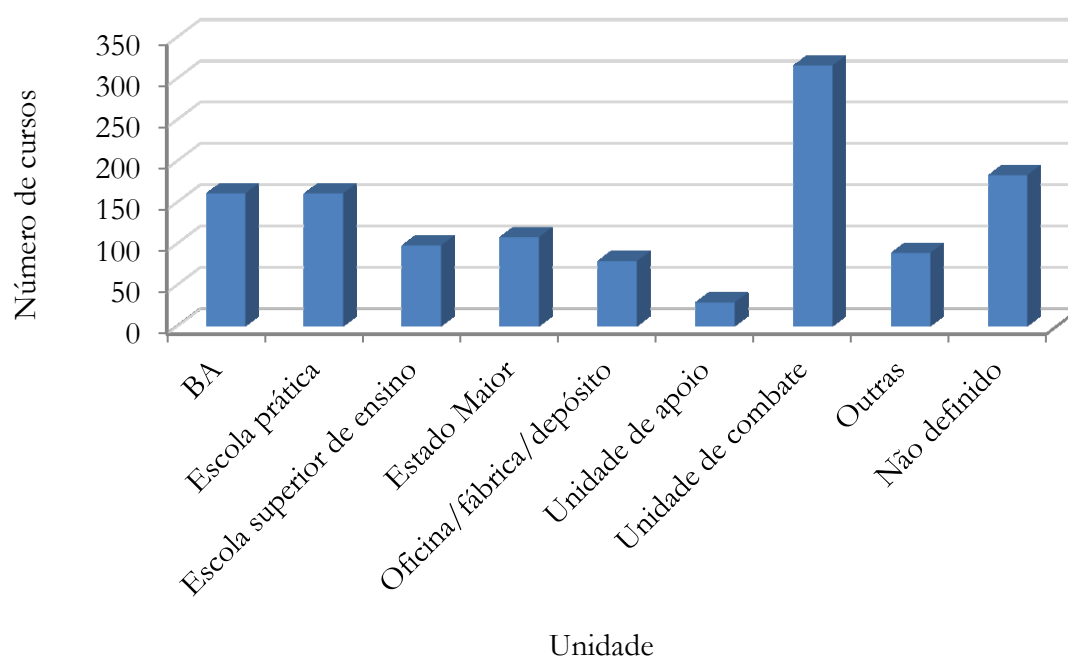
AHM/FO/6/G/35/5/39-43

A colocação dos oficiais no IAEM implicava a frequência e aprovação do CEM, podendo ser agrupados aos oficiais de EM, perfazendo, com sua junção, 12,5% (150 militares com esta

⁷² Conjunto de unidades formadas pela ADiv/3ª divisão, BC nº 2, 3, 4, 5, 8, 9 e 10, BCT, BE, BE nº 3, BMet nº 1 e 2, BTeleg, BTm, BTm/3ª divisão, CGCA nº 3, GACA nº 1, 2, 3 e 4, GCC, GCTA, GDCC/Santa Margarida, GIAC, RA nº 6, RAAF, RAC, RAL nº 1, 2, 3, 4 e 6, RAP nº 1, 2 e 3, RC nº 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8, RE nº 1 e 2, RI nº 1, 2, 3, 4, 5, 7, 11, 12, 14, e 15 e RL nº 1 e 2.

⁷³ As escolas práticas tinham por missão ministrar instrução das especialidades de cada arma ou serviço para as categorias de oficial, sargento e praça. As escolas superiores de ensino agrupam a EE vocacionada exclusivamente os militares cadetes para ingresso no quadro permanente da carreira de oficial e o IAEM para os cursos de promoção ou formação na categoria de oficial.

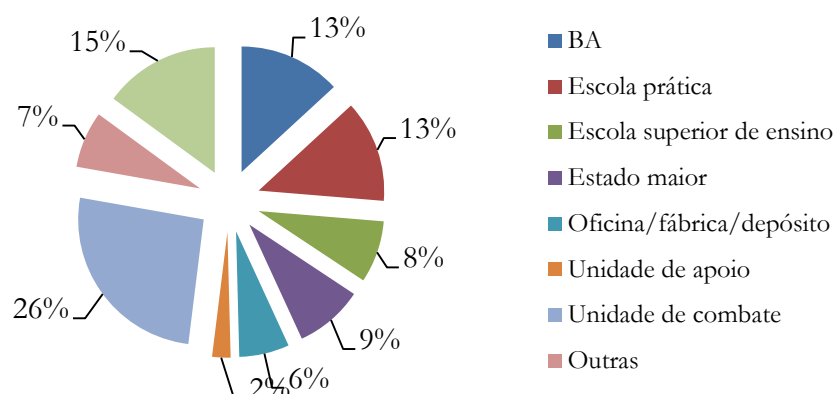
qualificação). A maior percentagem diz respeito às unidades de combate (26%) que agregam o suporte fundamental das unidades que têm por missão realizar ações operacionais.



AHM/FO/6/G/35/5/39-43

GRÁFICO Nº 3 – Quantitativos formados por grupo de unidades na década de 50

Os elementos recolhidos permitem-nos afirmar que as ações de formação não se destinaram unicamente às unidades orgânicas da divisão tipo americano, mas também a outras relacionadas com o ensino e o apoio de serviços.



AHM/FO/6/G/35/5/39-43

GRÁFICO Nº 4 – Percentagem de militares formados
por grupo de unidades na década de 50

O anexo G reúne a informação que nos permite analisar a diversidade, a quantidade e o ano em que os cursos foram realizados, dados que se encontram expressos na tabela nº 10 e os gráficos nº 5 e 6 para os 10 cursos com maior número de frequências, onde se constata, uma vez mais, que a formação incidiu sobretudo nos anos de 1951 e 1952. Do ponto de vista do tipo dos cursos, a maior ocorrência formativa foi registada no vetor aéreo (112)⁷⁴, no carro de combate M/46 e M/47 referente ao emprego operacional e à manutenção (98)⁷⁵, nas manobras militares⁷⁶, na formação complementar do curso complementar de EM e na manutenção dos equipamentos rádio⁷⁷.

⁷⁴ Fazendo o somatório das formações relacionadas com o emprego de aeronaves, realizaram-se 176 cursos numa percentagem de 14,38%.

⁷⁵ Efetuando o somatório de todas as formações do âmbito das viaturas de rodas e lagartas, efetuaram-se 173 cursos numa percentagem de 14,14%.

⁷⁶ O somatório da assistência a exercícios e manobras militares perfaz 86 presenças numa percentagem de 7,03%.

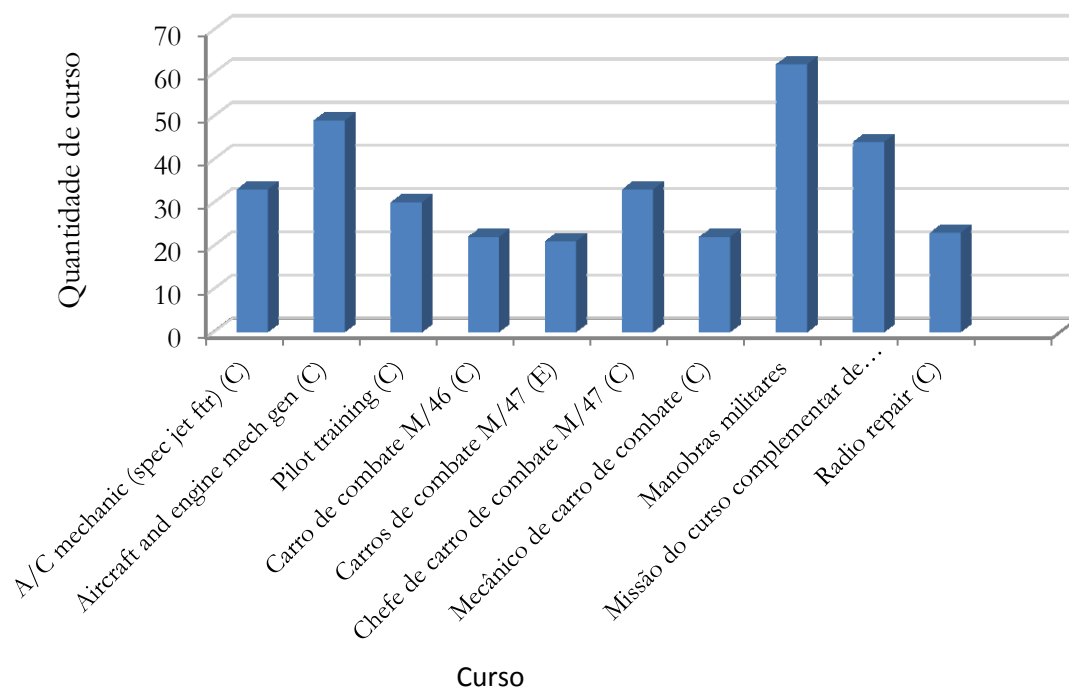
⁷⁷ O total das formações que englobem a área das comunicações é de 85 para 6,92%.

TABELA N° 10 – Relação dos 10 cursos mais frequentados na década de 50

	Formações com maior expressão na década de 50									TOTAL
	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958	1959	
A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	33									33
Aircraft and engine mech gen (C)	24	25								49
Pilot training (C)	17	13								30
Carro de combate M/46 (C)		22								22
Carro de combate M/47 (E)					21					21
Chefe de carro de combate M/47 (C)					33					33
Mecânico de carro de combate (C)				1	21					22
Manobras militares	17	16			29					62
Missão do curso complementar de EM							44			44
Radio repair (C)	15		8							23

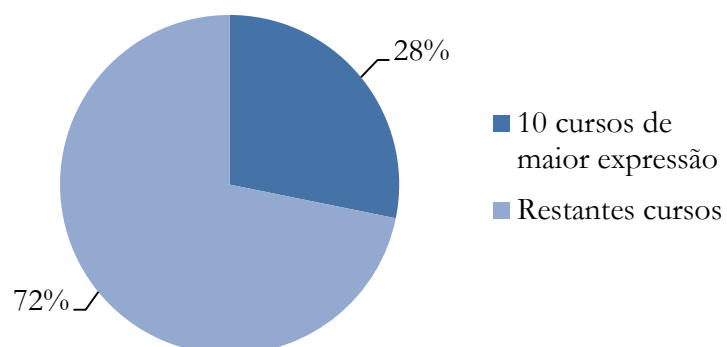
AHM/FO/6/G/35/5/39-43

O gráfico n° 6 permite-nos apurar que nestes 10 cursos se concentrou uma percentagem significativa do universo formativo (324 cursos correspondentes a 28%) comparativamente com os restantes 1 213 (72%). Destaca-se a presença de 59 oficiais, mormente superiores e generais, a assistirem à realização de manobras militares para apreensão do funcionamento das grandes unidades, no seu conjunto, em ambiente operacional.



AHM/FO/6/G/35/5/39-43

GRÁFICO nº 5 – Cursos com maior número
de formações na década de 50



AHM/FO/6/G/35/5/39-43

GRÁFICO nº 6 – Relação percentual entre os 10 cursos de maior
expressão e os restantes na década de 50

Alguns cursos foram frequentados em simultâneo por oficiais, sargentos e praças segundo o planeamento efetuado e apresentado pelos EUA, devido à urgência da formação em algumas especialidades⁷⁸.

Efetuando a interpretação anual dos cursos realizados e das datas de recebimento dos equipamentos pelo Exército português (constam do anexo A), verificamos que a formação se processou previamente à entrega dos materiais com exceção do ano de 1951, ano em que se iniciou o processo formativo.

TABELA N° 11 – Duração das formações, em semanas,
por curso na década de 50

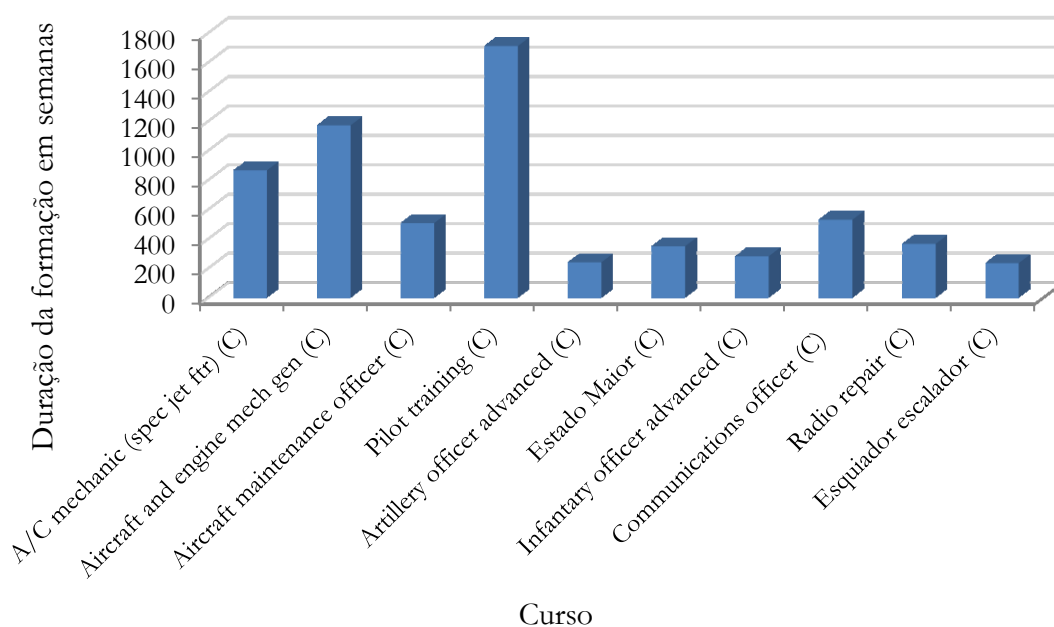
Designação do curso	Duração das formações em semanas por curso									Total em semanas
	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958	1959	
A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	865									865
Aircraft and engine mech gen (C)	557	614								1171
Aircraft maintenance officer (C)	392,5	114								506,5
Pilot training (C)	969	741								1710
Artillery officer advanced (C)		168				36		36		240
Estado maior (C)			104	47	104			94		349
Infantry officer advanced (C)	156	36				52		37		281
Communications officer (C)	529									529
Radio repair (C)	241		124							365
Esquiador escalador (C) ⁷⁹				112	62		60			234

AHM/FO/6/G/35/5/39-43

⁷⁸ Esta situação verificou-se nos seguintes cursos: electronics fundamental frequentado por oficiais, sargentos e praças em Keesler AFB, Mississippi, EUA em 1951; carro de combate frequentado por oficiais, sargentos e praças M/46 em França em 1952; mecânico de carro de combate frequentado por oficiais, sargentos e praças em 1955; mecânico de viatura de lagartas frequentado por oficiais e sargentos em 1955; esquiador escalador frequentado por oficiais, sargentos e praças em 1957; engennier equipment mechanic frequentado por oficiais, sargentos e praças em 1958.

⁷⁹ O curso de esquiador escalador tinha por objetivo a preparação dos militares para atuarem em terrenos íngremes e ou com neve, para a eventualidade das unidades portuguesas terem de atuar nos Pirenéus ou em território francês.

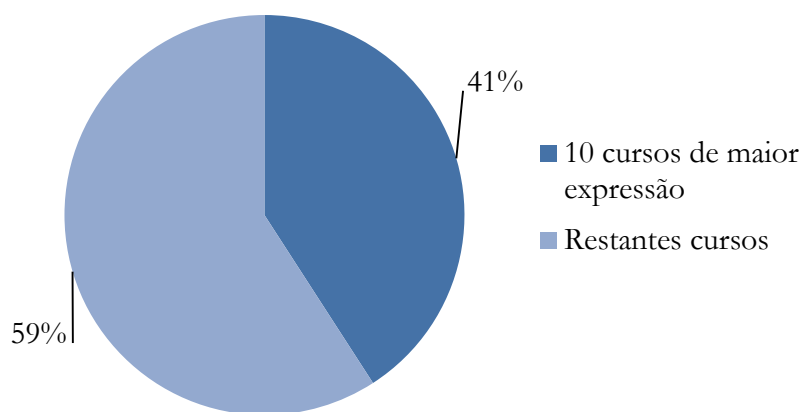
Para avaliar o tempo de duração dos cursos elaborou-se o anexo H que permitiu calcular o tempo total de formação (15 101,2 semanas) representando a tabela nº 11 e o gráfico nº 7 para os 10 cursos mais relevantes, onde se constata que o vetor aéreo aparece uma vez mais destacado dos restantes com 4 252,5 semanas repartidas pela manutenção e pilotagem das aeronaves. Também se assinala o setor das transmissões para a área das comunicações e da reparação com 894 semanas.



AHM/FO/6/G/35/5/39-43

GRÁFICO Nº 7 – Cursos de maior duração, em semanas, na década de 50

O gráfico nº 8 expõe a relação entre o somatório do tempo de formação dos 10 cursos de maior duração com 41%.



AHM/FO/6/G/35/5/39-43

GRÁFICO N° 8 – Relação percentual entre os 10 cursos de maior duração e os restantes na década de 50

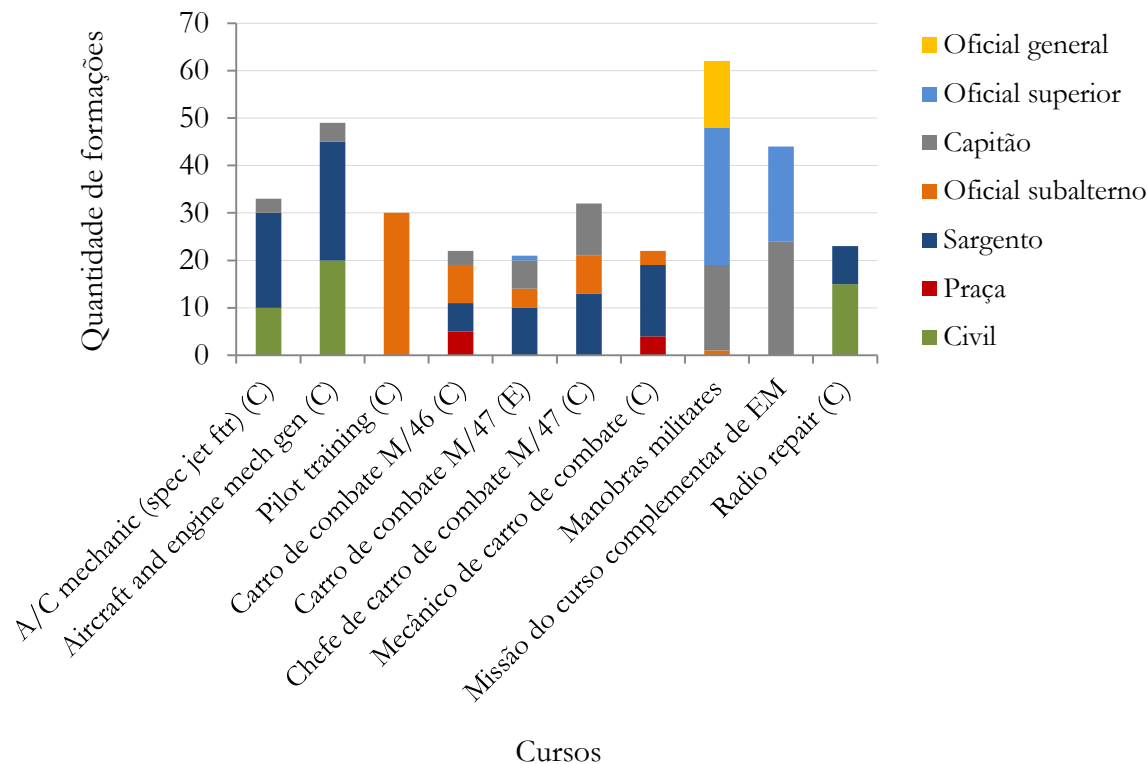
Do anexo I consta a relação dos cursos frequentados por militares e civis em cada ano. A tabela n° 12 e o gráfico n° 9 revelam os 10 cursos que foram objeto de maior quantidade de frequências distribuídas por civis e pelas várias classes de militares. Os cursos de aeronaves foram dirigidos a 3 grupos com maior incidência na categoria de sargento e civil. Os cursos relativos ao carro de combate foram orientados fundamentalmente para o oficial subalterno e sargento. A assistência a manobras militares para os oficiais com patente superior ao posto de capitão. A complementaridade do CEM para capitão e oficial superior. O curso de “rádio repair” dirigido a sargentos e civis.

TABELA N° 12 – Cursos com maior número de formações
por posto/categoria

	Civil	Praça	Sargento	Oficial subalterno	Capitão	Oficial superior	Oficial general	TOTAL
A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	10		20		3			33
Aircraft and engine mech gen (C)	20		25		4			49
Pilot training (C)				30				29
Carro de combate M/46 (C)		5	6	8	3			22
Carro de combate M/47 (E)			10	4	6	1		21
Chefe de carro de combate M/47 (C)			13	8	11	1		33
Mecânico de carro de combate (C)		4	15	3				22
Manobras militares				1	18	29	14	62
Missão do curso complementar de EM					24	20		44
Radio repair (C)	15		8					23

AHM/FO/6/G/35/5/39-43

Os cursos ministrados pelos americanos fundamentavam-se nos seus manuais que passaram a ser adotados pelo Exército português como base doutrinária. No entanto, durante a década de 50 também foram produzidas algumas publicações a nível nacional como fonte metodológica de procedimentos em várias áreas (anexo H – manuais criados pelo Exército português na década de 50).



AHM/FO/6/G/35/5/39-43

GRÁFICO Nº 9 – Cursos com maior número de formações
por posto e categorias na década de 50

A tabela nº 13 apresenta o conjunto dos países (14) onde se realizaram as formações, a quantidade em cada ano e a percentagem correspondente. No gráfico nº 10 constam os 5 países mais representativos. A Alemanha surge como o país que realizou o maior número de formações (489) logo seguido dos EUA (433). Durante a década em análise os EUA tinham escolas de formação militar na Alemanha⁸⁰ para lecionar cursos com carácter mais prático relativamente aos

⁸⁰ Em 1945 os EUA fixaram na Alemanha parte do seu efetivo agrupado no US Army Europe (USAREUR), em apoio do comando europeu dos EUA (EUCOM), com a missão de treinar e liderar as forças armadas sediadas no velho continente para a preparação das unidades que fossem dotadas de capacidade de emprego em atividades operacionais e de estabelecer alianças com os seus parceiros na cooperação da segurança. Escolas americanas na Alemanha: US Army Signal School em Ansbach, US Army Ordnance School em Eschwege, Escola do Exército Americano, Transportation School em Munhein, US Army Enginner School em Murnau, Tank Training Center

que ministrava no seu próprio país. Associando a quantidade de formações realizadas por estes dois países, verificamos que o somatório supera o dos restantes com uma percentagem de 75,33%.

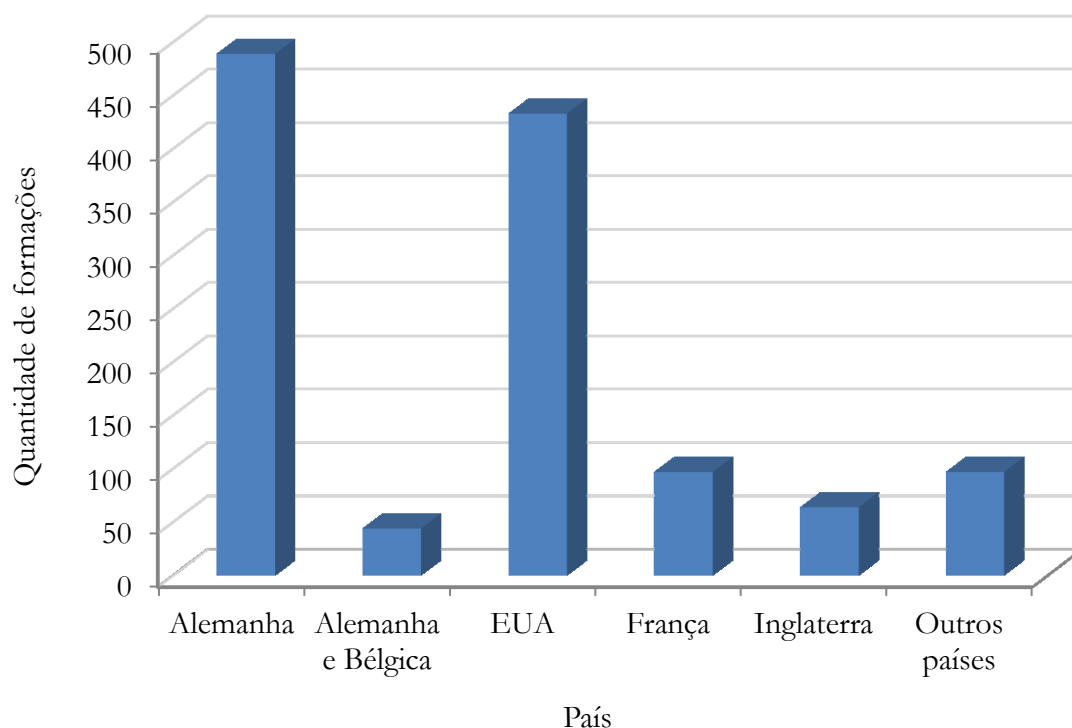
TABELA Nº 13 – Quantidade de formações por país na década de 50

País	Quantidades de formações por ano										Percentagem
	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958	1959	TOTAL	
Alemanha	120	47	100	21	132	20	36	12	1	489	39,95%
Bélgica	2	8	2	3		2	2			19	1,55%
Alemanha e Bélgica							44			44	3,59%
Argélia				1	1	2				4	0,33%
Bélgica e França			4							4	0,33%
Brasil					5					5	0,41%
Canadá	8									8	0,65%
Coreia	2									2	0,16%
Espanha	4	1		12	3		6	3		29	2,37%
EUA	218	119	31	20	14	10	16	5		433	35,38%
França	9	27	16	10	6	9	6	14		97	7,92%
França e Suíça		1								1	0,08%
Gibraltar				1						1	0,08%
Grécia				1						1	0,08%
Inglaterra	10	11	3	17	3	9	5	6		64	5,23%
Itália				2	1	2				5	0,41%
Suécia					2					2	0,16%
Suíça				1			2			3	0,25%
Não definido	3	5	1		2	1		1		13	1,06%
TOTAL	376	219	157	89	169	55	117	41	1	1224	100,0%

AHM/FO/6/G/35/5/39-43

em Vilseck, EUCOM Signal School em Ansbach, 1ª divisão americana em Wurzburg, 1ª divisão de infantaria em Wildflecken, 4ª divisão de infantaria em Grafenwhor, Centro de Instrução de Carros Blindados do 7º Exército, Usareur Ordnance School em Fuessen, Escola de Transmissões do Exército em Ansbach, Escola do Serviço de Material do Exército, Usareur Engineer School em Murnau, Usareurimps em Oberammergau, Usareur Ordnance School em Fussen, Intelligence, Military Police and Especial Weapens School em Obermargau. www.usarmygermany.com.

A tabela nº 14 e o gráfico nº 11 expõem a duração da formação em semanas relativamente a cada país onde os cursos foram realizados. Neles verificamos que o tempo despendido pelos EUA supera o somatório relativo aos restantes países. A Alemanha aparece logo em segunda posição perfazendo com os EUA 85,85% do total.



AHM/FO/6/G/35/5/39-43

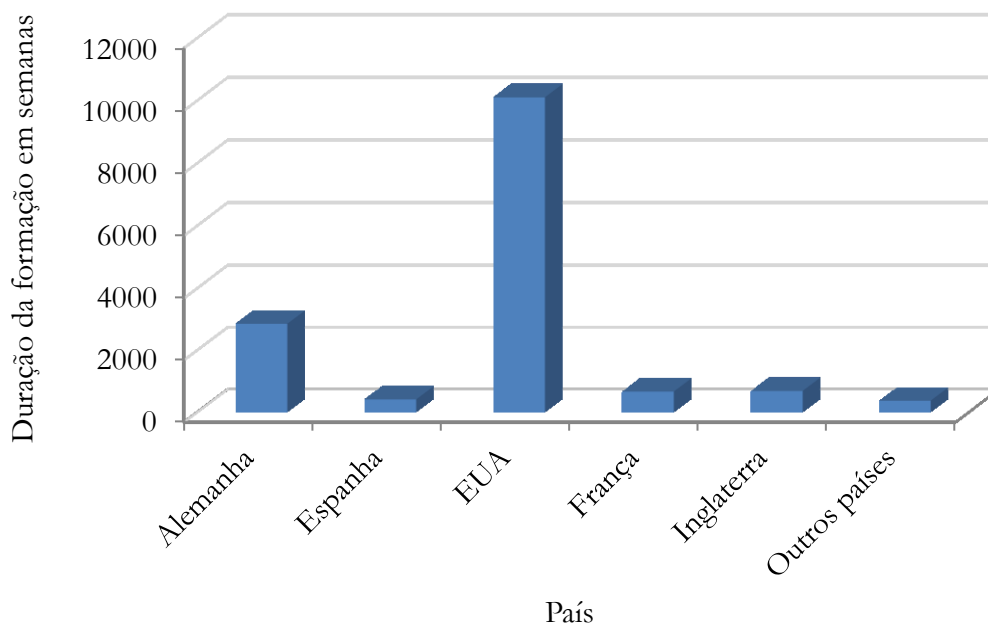
GRÁFICO Nº 10 – Quantidade de formações por país na década de 50

Regista-se que no processo de investigação foram encontrados documentos de vários oficiais a solicitar autorização para acompanhamento das respectivas esposas durante a permanência no estrangeiro, quer durante a realização dos cursos quer no gozo do período de licença para além do período de formação.

TABELA Nº 14 – Duração das formações, em semanas,
por país na década de 50

País	Duração da formação em semanas em cada ano										Porcentagem
	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958	1959	TOTAL	
Alemanha	961,5	260	669	160	478,5	117,5	165	46		2 857,5	18,92%
Bélgica	1,2	32	3	3		7	14			60,2	0,40%
Alemanha/Bélgica										0	0,00%
Argélia				1,5	1,5	3				6	0,04%
Bélgica/França			20							20	0,13%
Brasil					45,5					45,5	0,30%
Canadá										0	0,00%
Coreia	8									8	0,05%
Espanha				157	166		60	29		412	2,73%
EUA	5 588	3 034	632,5	116,5	276,5	194,5	109	157		10 108	66,93%
França	27	164	340,5	9,7	54	20,9	26,8	23		665,9	4,41%
França/Suíça		2								2	0,01%
Gibraltar				3						3	0,02%
Grécia				0,5						0,5	0,00%
Inglaterra	22,5	32,5	121,5	225	158	16,1	43	69		687,6	4,55%
Itália				1,5	0,5	9				11	0,07%
Suécia					2					2	0,01%
Suíça				2			8			10	0,07%
Não definido	16	45,5	50		90	1				202,5	1,34%
TOTAL	6 624	3 570	1 837	679,7	1 273	369	425,8	324	0	15 101	100,0%

AHM/FO/6/G/35/5/39-43



AHM/FO/6/G/35/5/39-43

Gráfico nº 11 – Duração das formações, em semanas,
por país na década de 50

D. A RENOVAÇÃO DOS QUARTÉIS DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

No final da década de 40 o Exército português iniciou a renovação das infraestruturas militares para melhoramento do sistema de defesa nacional com a remodelação de alguns quartéis e a construção de outros. O processo iniciou-se com a publicação do decreto-lei nº 31 271, de 17 de maio de 1941, que atribuiu ao ministério das obras públicas e comunicações a responsabilidade de gerir as obras de construção, ampliação, restauro e conservação de edifícios públicos e monumentos nacionais no continente e ilhas adjacentes e à engenharia militar a missão de empreender as beneficiações em edifícios exclusivamente militares ou de âmbito reservado (fortificações, carreiras de tiro, paióis, aeródromos, depósitos, material de acampamento e bivaque e outros). O referido decreto-lei promoveu a criação comissão administrativa para as novas

infraestruturas do exército (CANIE), integrada na estrutura da comissão para as novas infraestruturas das forças armadas (CANIFA), na dependência do ministério das obras públicas e comunicações, com a função de gerir e orientar as obras de construção dos novos aquartelamentos, de outras instalações da estrutura territorial do Exército e dos trabalhos de alargamento e acondicionamento dos imóveis existentes [Mascaranhas 2011: 18-19].

Em 1943 o Subsecretário do Ministério da Guerra Santos Costa conferiu ao serviço de fortificações e obras militares os encargos da engenharia militar, referentes às servidões militares e imóveis pertencentes àquele ministério, sobre as práticas a adotar na execução do cadastro, aquisição, arrendamento e venda. O decreto-lei nº 35 193, de 24 de novembro de 1945, alterou as tarefas da arma de engenharia estabelecidas do antecedente, passando também a assumir a responsabilidade pela execução de obras de pequena conservação, reparação ou beneficiações nos quartéis ou outras instalações de alojamento de tropas [Mascaranhas 2011: 18].

FOTOGRAFIA Nº 1 – Símbolo da comissão administrativa das novas instalações para o Exército do ministério das obras públicas e comunicações



Mascaranhas 2011: 18

A matriz arquitetónica adotada na renovação e na construção dos novos quartéis foi definida pelo Estado Novo, alicerçada no modelo neoclássico nacional direcionado para a funcionalidade e o conforto das tropas, edifícios que ainda hoje existem e se mantêm operantes para o cumprimento das missões que lhe estão destinadas [Mascaranhas 2011: 18].

As novas construções, ampliações e remodelação requeriam da aprovação dos ministros da guerra e das obras públicas e comunicações tendo como prazo máximo de construção quatro anos após da data da aprovação⁸¹.

O ponto de partida para a construção dos novos quartéis centrava-se primeiramente na aquisição dos terrenos para posterior elaboração dos planos de canalização de águas, esgotos, eletricidade, linhas telefónicas, pavimentação, arborização, arrecadações e um conjunto de instalações de alojamento e trabalho para acolhimento de cerca de 1 000 militares por aquartelamento (fotografia nº 3 – Planta de um quartel tipo CANIE)⁸².

FOTOGRAFIA Nº 2 – Símbolo da comissão administrativa das novas instalações para as forças armadas do ministério das obras públicas e comunicações

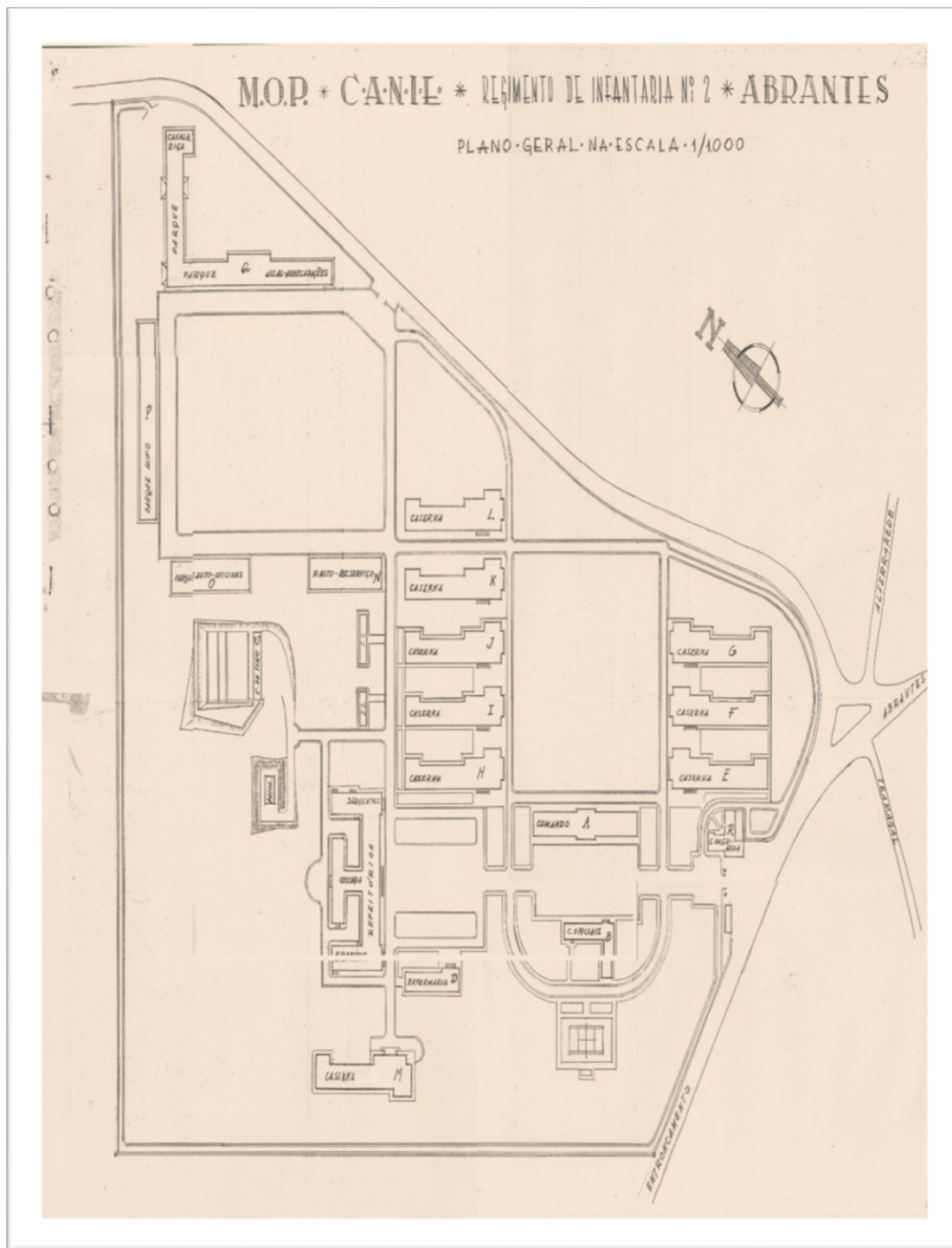


Mascaranhas 2011: 18

⁸¹ Decreto-lei nº 31 272, de 17 de maio de 1941, art.º 1º.

⁸² Artigo publicado pelo Ministério das Obras Públicas sobre a construção do regimento de infantaria nº 15 em 1964, p. 11. Defesa Forças Armadas e de Segurança, Operacional.

FOTOGRAFIA Nº 3 – Planta de um quartel tipo CANIE



Arquivo do regimento de cavalaria de Abrantes

O projeto dos novos aquartelamentos obedecia a um modelo de quartel-tipo circunscrito numa área entre 100 000 e 200 000 m² que incluía as seguintes infraestruturas: porta de armas, casa da guarda (normalmente anexa à porta de armas), edifício do comando, casa de oficiais, casa de sargentos, caserna de praças (3 a 10 casernas por quartel), refeitório geral, enfermaria, ginásio, parques e oficinas auto, carreira de tiro, parada e pistas e campos desportivos.

A área de implantação do quartel permitia rentabilizar os espaços abertos unicamente para a instrução individual. Para o nível coletivo era necessário recorrer a áreas externas obrigando os militares a deslocarem-se para locais apropriados ao tipo de instrução.

Desconhece-se a data de aprovação do modelo de quartel-tipo. Sabe-se no entanto que ao longo da década de 50 foram concluídos os seguintes quartéis:

- regimento de infantaria n.º 6 – Porto (1950)
- regimento de infantaria n.º 5 – Caldas da Rainha (1952)
- regimento de infantaria n.º 13 – Vila Real (1952)
- regimento de infantaria n.º 1 – Amadora (1955)
- regimento de infantaria n.º 2 – Abrantes (1955)
- regimento de infantaria n.º 7 – Leiria (1955)
- regimento de infantaria n.º 8 – Braga (1955)
- regimento de infantaria n.º 3 – Beja (1956)
- regimento de caçadores n.º 10 – Chaves (1958)
- regimento de artilharia ligeira n.º 1 – Lisboa (Encarnação) (1960) [Mascaranhas 2011: 19-20].

Em 31 de dezembro de 1960 a CANIFA elaborou um relatório que fazia referência à fase de construção de cada quartel.

Quartéis em construção

- regimento de infantaria nº 15 – Tomar
- regimento de infantaria nº 19 – Funchal

Quartéis em estudo

- regimento de infantaria nº 9 – Lamego
- regimento de infantaria nº 11 – Setúbal
- regimento de cavalaria nº 8 – Castelo Branco
- batalhão de infantaria nº 18 – Covilhã
- batalhão de caçadores nº 2 – Bragança
- regimento de cavalaria nº 6 – Guimarães

Remodelações em curso

- escola prática de cavalaria – Santarém
- escola prática de cavalaria – Torres Novas
- escola prática de artilharia – Vendas Novas
- campo militar da Amadora (regimento de infantaria nº 1, regimento de artilharia antiaérea nº 1, academia militar e regimento de cavalaria nº 7) – Amadora
- hospital militar regional nº 1 – Porto
- regimento de artilharia pesada nº 1 – Sacavém
- regimento de artilharia pesada nº 3 – Figueira da Foz
- batalhão de metralhadoras nº 2 - Figueira da Foz
- batalhão de metralhadoras nº 3 – Porto
- quartel de infantaria nº 12 – Coimbra

- batalhão de caçadores nº 6 – Castelo Branco
- batalhão de infantaria nº 17 – Angra do Heroísmo
- quartel de cavalaria nº 6 – Porto
- regimento de engenharia – Lisboa (Pontinha)

Remodelações em estudo

- quartel-general (QG) da 3ª RM – Tomar
- hospital militar principal – Lisboa
- hospital militar – Évora
- regimento de artilharia nº 5 – Penafiel [Mascaranhas 2011: 19-20].

A área total preenchida pelo conjunto das obras efetuadas na construção dos novos quartéis ocupava dois milhões de metros quadrados correspondentes a 260 edifícios de um a três pisos. Os custos relativos à aquisição de terrenos, construção de edifícios, montagem de redes de água, esgotos, energia elétrica, telefones, som, trabalhos de urbanização, equipamentos e mobiliário contabilizaram mais de 500 000 contos provenientes do orçamento do Estado [Mascaranhas 2011: 19-20].

Desconhece-se a autoria dos projetos de construção. Sabe-se no entanto que parte do planeamento do quartel de Vila Real foi elaborada pelo arquiteto António Lino e o de Leiria pelos arquitetos Marciano Rodrigues e Samuel Quininha [Mascaranhas 2011: 19-20].

E. CAMPO DE INSTRUÇÃO MILITAR DE SANTA MARGARIDA

1. A inevitabilidade da existência de um espaço de instrução

As unidades portuguesas que adotaram a orgânica americana necessitavam de um espaço que permitisse por em prática todos os ensinamentos teóricos da doutrina estado-unidense, viabilizar a subsistência das tropas, proporcionar a construção de infraestruturas, a realização de manobras e execução de fogo real direto e indireto para unidades de escalão elevado. Só a conjugação destes fatores permitia o desempenho de missões com um nível de prontidão próximo da realidade, tornando possível a sua concretização pela existência de um campo de instrução de nível divisionário como acontecia noutros países da Aliança Atlântica [Mascaranhas 2011: 19-20].

A orgânica do Exército assentava em unidades de escalão regimento⁸³, dispersa pela quadrícula do país e localizadas dentro do espaço urbano. A aptidão operacional requeria a realização de treinos de conjunto adequados aos níveis de operacionalidade atribuídos a cada unidade, atividade inviabilizada pela circunscrição citadina e pela existência de áreas de exploração agrícola junto dos quartéis. Tornava-se imperioso criar condições para rentabilizar os meios materiais a receber pelo Exército português ao longo da década de 50, tendo sido este um dos motivos determinantes para a criação de um campo de instrução de nível divisionário [Macedo 1984: 22; EME 1988: 244; Ramalho 1999: 105-106].

Em 13 de janeiro de 1951 o Ministro do Exército, brigadeiro Abranches Pinto, emitiu o primeiro despacho onde dava orientações ao EME para a aquisição de um terreno, designado inicialmente por Campo de Instrução Divisionário e posteriormente por CIMSM, destinado à realização de exercícios e manobras para o escalão divisão [Macedo 1984: 22; EME 1988: 244; Ramalho 1999: 105-106]. O despacho continha detalhes orientadores para a escolha do terreno: não produzir dano em culturas, ser suficientemente extenso para permitir a realização de fogos

⁸³ Cada regimento tinha um efetivo da ordem de 1 500 militares.

reais, expropriações de baixo custo, fraca movimentação de terras, existência de redes estradal e ferroviária, aeroportos na proximidade, distante de áreas urbanas, disponibilidade de energia elétrica e de água potável, condições climáticas e sanitárias aceitáveis, propiciar o treino na transposição de cursos de água e orografia semelhante às principais zonas de operações [Macedo 1984: 23-24; EME 1988: 245-246]. Advertia ainda que devia permitir a implantação de edifícios militares, a disponibilidade de matérias de construção nas proximidades e o aproveitamento, se possível, de infraestruturas e de áreas de acantonamento existentes [Macedo 1984: 23-24; EME 1988: 245].

O despacho ministerial admitia a possibilidade de recorrer a duas áreas militares separadas se fossem salvaguardados os requisitos implícitos à sua utilização, contando com o empenhamento da arma de engenharia no projeto das infraestruturas para a construção de uma série de edifícios destinados ao alojamento de pessoal, material e gado, com características de sobriedade e barateza. O plano devia incluir espaços de socialização e entretenimento para as tropas aquarteladas: cinema, teatro, espaços desportivos, etc. [Macedo 1984: 24; EME 1988: 246].

Na sequência do despacho o EME sugeriu a utilização dois terrenos, um localizado em Vendas Novas e outro em Tancos distanciados 120 Km, podendo ser uma solução se melhoradas as vias de comunicação entre as duas localidades para facilitar a concentração de meios. A linha ferroviária não era a ideal mas permitia as ligações entre ambas as localizações (50 Km do Entroncamento ao Stil e 78 Km do Stil a Vendas Novas), sendo o traçado mais direto através da estrada nacional nº 10 (Vila Franca – Pegões – Águas de Moura) em direção à futura ponte de Vila Franca no sentido Almeirim – Alpiarça – Chamusca [Macedo 1984: 23-24; EME 1988: 246].

Depois do ministro do exército analisar a sugestão do EME, em 17 de fevereiro de 1951 emitiu nova diretiva, onde enfatizava os ensinamentos obtidos pelos comandantes militares mais experientes em resultado da 2ª Guerra Mundial, reconhecendo a necessidade da existência de um

campo de treino com características condizentes com a preparação de forças para “afrontar a dureza da guerra, dominar a complexidade dos armamentos modernos e a difícil técnica da cooperação entre as diferentes armas de combate”. Considerava fundamental que a instrução das tropas se realizasse com os equipamentos orgânicos não sendo admissível a sua participação em ações de combate sem a preparação conveniente. Admitia que parte da instrução pudesse ser realizada dentro dos quartéis ou em áreas adjacentes para os baixos escalões, contrariamente às condições que eram exigidas à formação de conjunto para volumes expressivos de tropas, só podendo ser materializada num campo de instrução que servisse a tática e técnica durante períodos alargados [Macedo 1984: 24-26; EME 1988: 247-248].

A proposta do EME sobre o aproveitamento de Vendas Novas ficou sem efeito passando as atenções a centrarem-se sobre a região de Tancos devido à possibilidade de utilização dos recursos da escola prática de engenharia (EPE), aí sediada, para a construção de edifícios, terraplanagens e disponibilidade de mão-de-obra qualificada para a execução do projeto. Todavia, este cenário foi também abandonado por Tancos não satisfazer os critérios definidos previamente e por o dimensionamento do espaço já ser escasso para o cumprimento da missão da própria Escola. Em suma, era necessário criar um campo de treino de raiz [Macedo 1984: 26; EME 1988: 246-247].

Seguindo as normas estabelecidas no despacho de 13 de janeiro de 1951, sobre a criação de um campo de instrução, em 6 de março de 1951 a 2ª repartição do EME fez o levantamento cartográfico nos espaços contíguos ao polígono de Tancos para localização de um terreno destinado a acomodar e instruir um efetivo de cerca de 20 000 homens [Macedo 1984: 26; EME 1988: 249].

O campo militar deveria localizar-se num espaço com cerca de 20 600 hectares sendo 600 a 800 hectares para aquartelar as tropas e os restantes para a realização de exercícios e

manobras em terrenos de características variadas, com possibilidade de transposição de cursos de água e execução de tiro de artilharia e de armas ligeiras [Macedo 1984: 26; EME 1988: 249].

A 7 de março de 1951 o ministro do exército autorizou a realização de reconhecimentos, nesse mês a partir de 30 e 31 até 9 de abril, na região entre Abrantes e o Entroncamento, para encontrar o espaço pretendido e verificar a possibilidade de rentabilização das estações do caminho-de-ferro entre as duas localidades. Concluiu-se que a área mais apropriada localizava-se nos terrenos a sul do Tejo, podendo a estação de caminho-de-ferro de Santa Margarida ser melhorada com pequenas obras de adaptação. Esta situação excluía em absoluto a subdivisão do campo militar entre os terrenos junto da EPE e os da margem sul, fundamentalmente devido ao posicionamento do Tejo como obstáculo de relevo a separá-los [Macedo 1984: 26-27; EME 1988: 250-251].

2. A construção do Campo de Instrução Militar de Santa Margarida

Apesar da manifesta vontade do ministro do exército só em maio de 1952, cerca de um ano depois, foi tomada a decisão definitiva da construção do CIMSM destinado a alojar e viabilizar o treino para uma divisão de infantaria. O terreno escolhido localizava-se junto ao Tramagal/Abrantes, distanciado 140 Km de Lisboa e 90 da fronteira espanhola, assente num planalto recortado por várias linhas de água que desaguavam no rio Tejo. Do ponto de vista agrícola, o terreno era pobre, com densidade populacional muito baixa e circunscrito numa área com 20 Km de comprimento.

Os fatores que conduziram à decisão de transformar aquele espaço no CIMSM foram os seguintes: a proximidade da rede ferroviária com ligação a Lisboa-Porto-Guarda-Évora, da rede viária Chamusca-Abrantes-Castelo de Vide, da linha elétrica proveniente do Tramagal e da

disponibilidade de água, se necessário, provinda do rio Tejo. Carecia de pouca movimentação de terras, a orografia tinha fraca dispersão de cotas, arborização à base de pinhais, montados e olivais; dispunha de condições para a realização de exercícios envolvendo todas as armas e serviços até ao escalão divisão e possibilidade de construção de estruturas físicas permanentes para as unidades militares. Finalmente, pela relativa proximidade à Base Aérea de Tancos [Macedo 1984: 30; EME 1988: 253].

Inicialmente foi necessário expropriar cerca de 200 hectares e efetuar terraplanagens para implantação das unidades orgânicas da divisão e dos serviços de apoio para garantir a sobrevivência das tropas aquarteladas [Macedo 1984: 30; EME 1988: 253-254].

A utilização do CIMSM foi evoluindo progressivamente desde a presença periódica de tropas para a realização de manobras, até à sua permanência definitiva por exigências de ordem formativa. No terreno foram construídas infraestruturas, canalização para esgotos e água, linhas de transporte de eletricidade, arruamentos, redes telefónicas e telegráficas, exigências implícitas à permanência de uma quantidade considerável de militares no local. O espaço tinha dimensão suficiente para acantonar o efetivo estimado e para a prática da instrução e manobras da divisão em situação de guerra convencional [Macedo 1984: 29; EME 1988: 255-256].

O orçamento geral da obra, elaborado pela direção da arma de engenharia, contabilizou um valor total de 90 000 contos. Para o triénio 52 a 54 foi disponibilizada a verba de 60 000 contos, sendo 53 000 para cobrir as despesas contratadas entre 52 e 53. Neste triénio foram construídos os refeitórios, os edifícios de comando, os balneários e as instalações sanitárias. Durante este período as tropas operacionais ficavam alojadas em tendas de lona colocadas nos espaços onde posteriormente foram edificadas as infraestruturas de alojamento [Macedo 1984: 31-32; EME 1988: 255].

Em 10 de março 1952 o serviço de fortificações e obras militares da direção da arma de engenharia, sob a direção do general João A. dos Santos Calado (1889-1980), projetou o início da construção do CIMSM através da realização de um conjunto de trabalhos orçamentados em 29 000 contos (tabela nº 15), verba que constava do nº II do plano elementar da defesa na rubrica “Campo de instrução”⁸⁴.

TABELA Nº 15 – Obras a realizar durante o ano de 1952
para a construção do CIMSM

Levantamentos topográficos e aquisição de 190 ha de terreno
Terraplanagens
Edifícios, num total de 50
Estradas, num total de 10 quilómetros
Abastecimento de água (previsão apenas sobre estudos iniciados)
Esgotos (previsão apenas sobre estudos iniciados)
Iluminação e energia elétrica (de acordo com os elementos fornecidos pela companhia hidroelétrica do Alto Alentejo)
Linha telefónica (ligação à escola prática de engenharia)

Aquisição de terrenos para o CIM, processo do PM 1, Constância, arquivo geral, nº 2, ADIE.

A concretização destas obras foi determinante para a materialização do CIMSM num espaço praticamente desértico, tendo sido convertido num campo de treino apoiado por estruturas

⁸⁴ Aquisição de terrenos para o CIM, processo do PM 1, Constância, arquivo geral, nº 2, ADIE.

físicas construídas de raiz para garantir as condições básicas de vivência militar para a grande unidade que aí seria posicionada.

A 7 de abril de 1952 o diretor da arma de engenharia deu conhecimento ao diretor-geral da fazenda pública (Repartição do Património) da transcrição do despacho de 10 de março de 1952 do ministro do exército onde constava que, “com a urgência possível, seja feita a aquisição dos terrenos [...] os quais se destinam ao Campo de Instrução Divisionário de Santa Margarida”⁸⁵.

A construção iniciou-se em maio de 1952 por administração direta, ficando a direção da obra em Lisboa a cargo da direção da arma de engenharia [Mascaranhas 2001: 21]. No mês de novembro o Presidente da República marechal Craveiro Lopes (1894-1964) procedeu à inauguração do CIMSM [Macedo 1984: 31; EME 1988: 257].

O decreto-lei nº 39 316, de 14 de agosto de 1952, definiu o quadro orgânico de pessoal permanente no Campo Militar, sendo a data alusiva à batalha de Aljubarrota. Só em outubro de 1953 se realizou o primeiro içar da Bandeira Nacional, mês em que ocorreram as primeiras manobras com o envolvimento de várias unidades do Exército. À divisão foi-lhe dado o nome de divisão D. Nun’ Álvares Pereira (O Santo Condestável) como seu patrono [Ramalho 1999: 106].

Em 1953 a Revista de Engenharia apresentou um artigo de opinião, da autoria do general João A. dos Santos Calado, onde destacou a pertinência da construção do CIMSM como um espaço importante para rentabilização da instrução militar até ao escalão divisão com todos os meios orgânicos em pessoal e material, para o treino e realização de manobras de conjunto por períodos mais ou menos alargados, com condições satisfatórias de higiene e conforto. Considerava fundamental a existência de terrenos para a realização de exercícios militares com execução de fogos de tiro tenso e curvo e a construção de infraestruturas de alojamento para melhorar as

⁸⁵ Aquisição de terrenos para o CIM, processo do PM 1, Constância, arquivo geral, nº 3, ADIE.

condições de vida das tropas aí instaladas, minimizando a adversidade das condições climatéricas, e a edificação de bairros para os agregados familiares⁸⁶.

Algumas unidades que se deslocavam ao CIMSM para instrução começaram gradualmente a permanecer no local obrigando o Exército português a criar condições para melhorar a vida das tropas [Macedo 1984: 29-30; EME 1988: 252-253]. Em 6 de junho de 1953 o Ministro do Exército autorizou o deslocamento para o Campo Militar do grupo de esquadrões de instrução dos regimentos de cavalaria nº 3 e 4 e em agosto o QG da divisão tipo americano para planeamento das manobras a realizar no mês de outubro [Macedo 1984: 38].

A orgânica da divisão de infantaria tipo americano ficou completa a partir de 1953, com o QG instalado inicialmente no edifício do EM em Lisboa, constituída por 3 regimentos de infantaria a 3 batalhões reforçados com 1 esquadrão de carros de combate cada, 1 grupo de artilharia de campanha 14 cm, 1 grupo de artilharia antiaérea 4 cm, 1 grupo de carros de combate, 1 esquadrão de reconhecimento, 1 batalhão de engenharia, 1 companhia de transmissões, 1 batalhão sanitário, 1 companhia de quartel-mestre, 1 companhia de manutenção de material, 1 companhia de polícia militar, 1 companhia de repletamento e 1 banda de música [Ramalho 1999: 106-107].

A primeira ordem de serviço do CIMSM foi publicada em 27 de julho de 1953 (fotografia nº 4) simbolizando o início do seu funcionamento. O quadro orgânico de pessoal da divisão de infantaria tipo americano foi publicado em 9 de setembro de 1953 com um efetivo de 18 773 homens podendo atingir os 20 000 com a inclusão das tropas de apoio [Ramalho 1999: 107].

⁸⁶ Revista Militar, *Notas referentes aos Exercícios do C. I. M. em Santa Margarida*, 5º Volume do II século, nº 10, outubro, tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Lisboa, 1953: 687 e 688.

FOTOGRAFIA Nº 4 – Ordem de serviço nº 1 do CIMSM

27. 7. 1953

Ma. Ceira ORDEN DE SERVIÇO Nº. 1

CAMPO DE INSTRUÇÃO MILITAR

QUARTEL EM SANTA MARIANA, 27 DE JULHO DE 1953

DEMA KES. O BRIGADEIRO, COMANDANTE DO CAMPO DE INSTRUÇÃO, DETERMINA E MANDA PUBLICAR:

Na APRESENTAÇÃO:-

a)-que em 6 de corrente mês se apresentou neste Campo de Instrução, ficando a prestar serviço no Comando, o Sr. Capitão do Q.M.A.R., na situação de Reserva, Roberto de Moura da Rocha Tralves de Aguiar.

b)-que em 26 de Junho findo se apresentou neste Campo de Instrução, ficando a prestar serviço da sua especialidade no Comando, o Sr. Tenente médico Joaquim Rosa Matos de Carvalho do Hospital Militar Regional nº. 2.

c)-que em 26 de Junho findo se apresentou neste Campo de Instrução, ficando a prestar serviço de amamentação neste Comando, o 2º Sargento do quadro de amamentação João Maria Lima do Centro de Mobilização de Infantaria nº. 2.

d)-que em 16 de corrente mês se apresentou neste Campo de Instrução, onde ficou prestando serviço o Guarda nº. 76-0 Joaquim Antônio de Castro do Depósito Geral de Material de Guerra e em 17 também da corrente mês o Piel nº. 15-C Adriano Nunes Pereira do mesmo Depósito, que também fica prestando serviço neste Campo, em equiparação de Sargento.

Na APROVEITAÇÃO A CABEÇA:

a)-Material de Apartelamento:

que se encontra em carga do Campo de Instrução, desde as datas que lhe vão designadas, os seguintes artigos:

Desde 19 de Maio de 1953-O.F. nº. 312-A

Colchões para leito de campanha, m/americano.....30	a	90000	✓
Colchões para leito de campanha, m/americano, usados...270	a	90000	✓
Leitos de campanha, m/americano, usados.....300	a	35000	✓

Desde 30 de Maio de 1953-O.F. nº. 312-A

Almofadas para oficial (cheias de lã).....50	a	38033	✓
Grossaria, kg.....6	a	6226	✓

Desde 30 de Maio de 1953-O.F. nº. 312-A

Almofadas para oficial (cheias de lã).....50	a	38033	✓
Grossaria, kg.....6	a	6226	✓

Desde 26 de Junho de 1953-O.F. nº. 312-A

Almofadas para oficial (cheias de lã).....250	a	38033	✓
Coberturas de retalho de espuma de lã.....900	a	68450	✓
Frasco de almofada para oficial.....600	a	15770	✓
Lençóis para oficial.....900	a	75000	✓
Calzote nº. 377-A.....1	a	96000	✓
" " 602-A e 604-A.....2	a	113000	✓
" " 603-A e 607-A.....2	a	113000	✓
" " 605-A.....1	a	143000	✓
Grossaria, kg.....72	a	6215	✓

Desde 26 de Junho de 1953-O.F. nº. 312-A

Frasco de travessiro para leito de campanha m/americano.....600	a	17270	✓
Travessiros para leito de campanha m/americano.....300	a	13351	✓
Calzote nº. 670-A.....1	a	113000	✓
Grossaria, kg.....79	a	6145	✓

Desde 28 de Junho de 1953-O.F. nº. 312-A

Calzote nº. 1.....100	a	16000	✓
Calzote nº. 651-A.....1	a	113000	✓

Desde 7 de Julho de 1953-Nota nº. 4030/A de 11/7/53

Material de apoio em AMPLIAR 162/1712, 4030/1699, 4044.....1	a	5.200000	✓
--	---	----------	---

O Chefe da Secretaria

R. de Moura

Capitão

Arquivo do CIMSM

3. Projeto de construção

3.1. Quartéis e infraestruturas de apoio

No processo de pesquisa não foi encontrada documentação que estabelecesse uma linha orientadora americana para a construção do CIMSM. Sabe-se no entanto que a designada “missão SHAPE” constituída por 3 oficiais superiores americanos, tinha a função de apoiar o Exército português na criação do Campo Militar.

O projeto de construção do CIMSM previa a existência de 121 edifícios para alojar das tropas [QG/CIMSM 2002: 68], de uma igreja com um amplo adro frontal para a celebração de missas campais e de um bairro residencial para as famílias dos militares [Mascaranhas 2011: 21].

As unidades de escalão regimento, integrados na orgânica da divisão tipo americano, tinham um comando próprio com um quartel independente das outras unidades similares, instalado em edifícios colocados lateralmente ao longo da avenida principal do Campo Militar para facilitar a ligação entre unidades e preservar a vigilância interna. No espaço interno existia uma parada com capacidade para realização da formatura geral, com os seus 3 batalhões, circundada pelos alojamentos dos militares. Cada batalhão possuía um refeitório, quatro casernas, um balneário e uma latrina. Os alojamentos afetos aos oficiais e sargentos compreendiam dois edifícios separados fisicamente, localizados nas proximidades das instalações dos seus subordinados. Dispunha também de um espaço geralmente aberto, para estacionamento dos veículos constantes no quadro orgânico de material, localizado nas proximidades da zona oficial de manutenção de material auto.

O CIMSM compreendia uma linha telégrafo-postal, a construção de um auditório para palestras educativas e recreativas, uma cantina para venda de artigos de consumo corrente e uma lavandaria. Para a atividade física foi construído um campo de futebol, diversas pistas de desporto e de destreza militar e uma piscina⁸⁷. Para garantir a ordem civil foram colocados representantes da Polícia do Exército e da Guarda Nacional Republicana no interior do Campo Militar. Na disposição das unidades ao longo da avenida principal, o QG do comando da divisão ocupou a primeira posição do lado direito, mais próxima da porta de armas, enquanto a igreja ficou localizada no extremo oposto da entrada principal [Macedo 1984: 3; EME 1988: 258].

⁸⁷ Estudo do serviço de fortificações e obras, da 3ª repartição, da direção da arma de engenharia, assinado pelo diretor da obra capitão de engenharia Vasco Esteves Ramires, datado de 11 de maio de 1954, aquisição de terrenos para o CIM, processo do PM 1, Constância, arquivo geral, nº 2, ADIE.

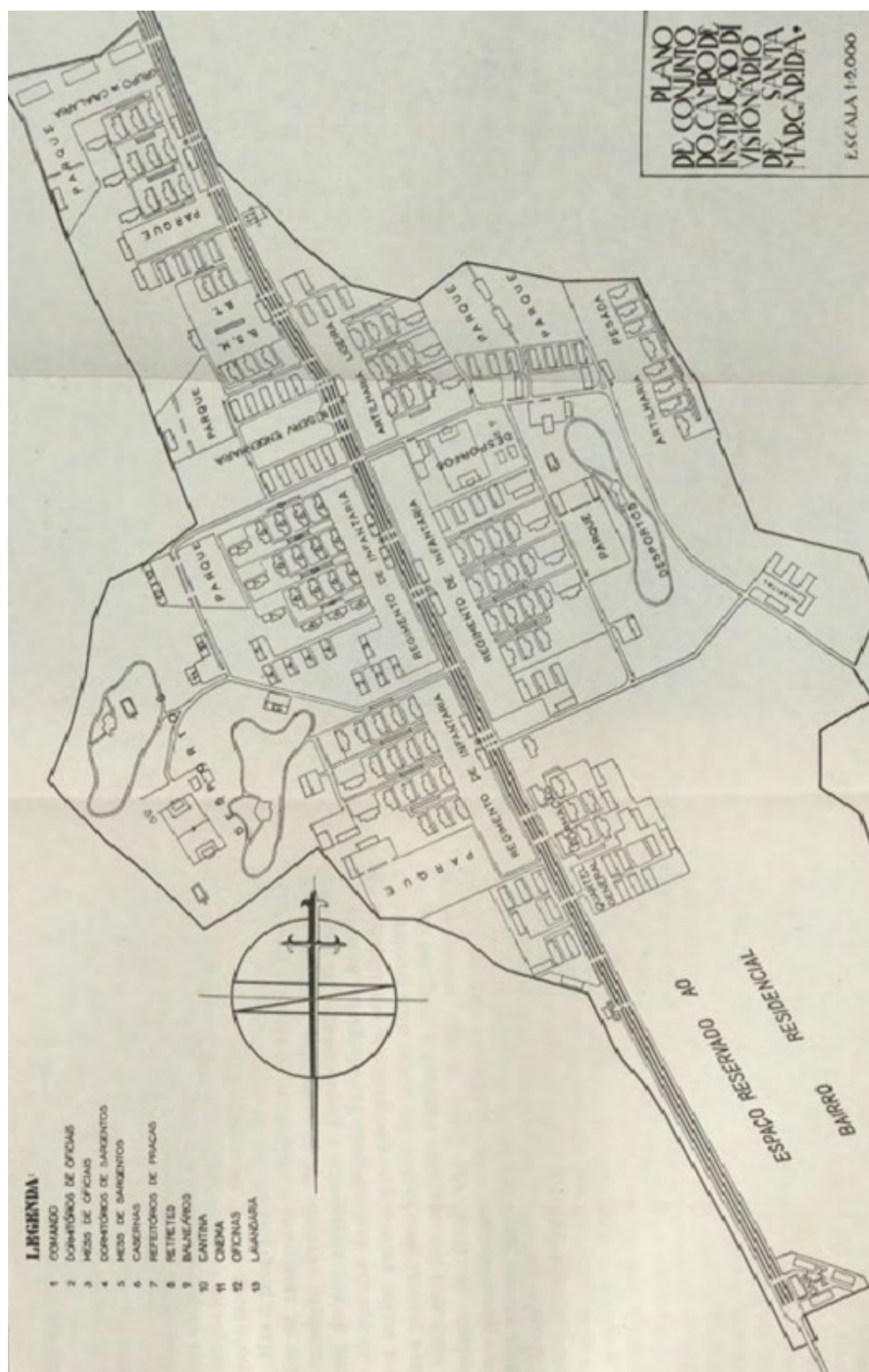
FOTOGRAFIA Nº 5 – Desfile militar na avenida principal do CIMSM



Campo Militar de Santa Margarida, 1952-2012, p. 78

A avenida principal do Campo Militar tinha cerca de 3 km de comprimento com duas faixas de rodagem em betuminoso, separadas por um corredor longitudinal, relvado, de 2 m de largo, tendo sido posteriormente suprimido por ser considerado um obstáculo à circulação. Em ambos os lados do traçado da avenida foram construídas duas faixas em macadame para a circulação de viaturas de lagartas. Foi ainda acrescentada mais uma pista em terra batida para a movimentação de peões com 1 m de largura. Para escoamento das águas pluviais foram traçadas 4 valetas longitudinais de 1 m de largo, perfazendo a avenida uma largura total de 30 m. A configuração da avenida, além de via de comunicação, pretendia também servir de palco para a realização de grandes desfiles militares [QG/CIMSM 2002: 60].

FOTOGRAFIA Nº 6 – Plano de conjunto do CIMSM



ADIE/Aquisição de terrenos para o CIM/Processo do PM 1,
Constância/Arquivo geral/nº 2

Para apoio dos militares e famílias fixadas no CIMSM foram edificados bairros residenciais com moradias completas, estruturadas por blocos, e alojamentos para acolher altas entidades que permanecessem por um período superior a um dia, compostos por um quarto, uma sala e casa de banho [QG/CIMSM 2002: 69].

3.2. Tipologia geral das infraestruturas

Após feita a inventariação do conjunto dos imóveis para aquartelar os militares em Santa Margarida, e depois de realizada a prospeção dos recursos existentes no mercado nacional, concluiu-se que em Portugal não existia indústria de pré fabricação para proceder à edificação das infraestruturas, tendo sido necessário recorrer a materiais provenientes do estrangeiro para concretizar o projeto no tempo previsto.

Para a definição do modelo de infraestruturas foi efetuado um concurso entre os oficiais de engenharia para a elaboração de um projeto de edifício “tipo”, construído num espaço designado por Casal do Pote, junto à EPE em Tancos, modelo que foi assumido para a generalidade dos imóveis a edificar, com 38,5m de comprimento, por 10,2 m largura e 3,5 m de altura por piso. Na parte frontal, abrangendo quase a totalidade do seu comprimento, existia um alpendre com 3 m de largura utilizado em formaturas ou instrução em condições climatéricas adversas. Na traseira, com cerca de 2/3 do seu comprimento, localizavam-se as instalações sanitárias. Cada edifício permitia a instalação de 90 beliches (180 militares correspondentes ao efetivo de uma companhia de infantaria) distribuídos por dois pisos [Mascaranhas 2011: 21].

FOTOGRAFIA Nº 7 – Edifício tipo de um piso



Atoleiros, CIMSM

Os edifícios [Martins 1999: 20-21]⁸⁸ foram projetados a partir de um modelo base para redução de custos, que permitia, com pequenos ajustes, ser configurado interiormente em conformidade com a sua finalidade. A tipologia estava reduzida a 3 protótipos: o de maior número servia simultaneamente para caserna, arrecadação de material pesado, refeitório de praças, messe de oficiais e de sargentos, edifício de comando e alojamento de graduados; outro para os sanitários gerais e outro para balneários [Macedo 1984: 82; EME 1988: 256].

⁸⁸ Os edifícios eram suportados por estruturas de betão armado, interligados por paredes de pano de tijolo de 9 furos, cobertura em telha, tetos com isolamento térmico constituído por um aglomerado de fibras, madeira silicatada e cimento, tudo material antifumígeno. As cozinhas tinham os tetos revestidos a madeirite para evitar a formação de fungos provocados pelo vapor de água na confecção alimentar, chão em betonilha de cimento e, em determinados casos, revestido por tacos de madeira. Dispunham de uma estrutura igual em número de peças e tipo de portas e janelas. Era possível melhorar o conforto dos edifícios através da remodelação dos pavimentos, paredes e tetos. O pavimento da maioria dos edifícios era em cimento com exceção dos destinados ao comando e messes. Estudo da 3ª repartição do Serviço de Fortificações e Obras Militares da Direção da Arma de Engenharia, assinado pelo diretor da obra capitão de engenharia Vasco Esteves Ramires em 11 de maio de 1954, p. 3, aquisição de terrenos para o CIM, processo do PM 1, Constância, arquivo geral, nº 3, ADIE.

Cada unidade de escalão batalhão tinha um balneário geral e instalações sanitárias próprias [QG/CIMSM 2002: 55-58]⁸⁹.

FOTOGRAFIA Nº 9 – Edifício tipo de dois pisos



Atoleiros, CIMSM

Para alojamento das praças, por regimento, foram construídas 12 casernas, edificadas na segunda fase do projeto, com exceção da unidade de cavalaria que se antecipou com a criação do centro de instrução de carros de combate [QG/CIMSM 2002: 55].

⁸⁹ Cada balneário geral tinha 52,5 m de comprimento e 6,4 m de largura com capacidade de utilização simultânea para 96 homens sendo a água aquecida por uma caldeira a gásóleo com 2 m³ de capacidade. A abertura da torneira de água era individual, acionada por uma corrente junto do chuveiro por razões económicas. As condições climatéricas de Santa Margarida, fundamentalmente nos períodos de maiores amplitudes térmicas, não aconselhavam a utilização deste tipo de balneário por se encontrar fisicamente separado das casernas. Para minimizar o incómodo dos militares foram posteriormente construídos novos locais de banho incorporados nas casernas de cada companhia. As instalações sanitárias tinham 24,5 m de comprimento por 5,6 m de largura com divisórias em betão, com ou sem porta giratória. Os compartimentos individuais tinham uma disposição oposta e perfilada longitudinalmente para escoamento dos detritos para uma vala comum, coberta por placas de betão fixas por uma fina camada de argamassa para facilitar a limpeza dos resíduos. As bacias dispunham de sifões largos, em cimento, para precaver os entupimentos das canalizações.

As instalações do QG eram compostas por dois edifícios ligados por um corredor com uma entrada frontal virada para a avenida principal e uma outra em posição oposta por questões de segurança [QG/CIMSM 2002: 57].

A aquisição dos materiais de construção foi efetuada na base de concursos públicos [Borges 2002: 5].

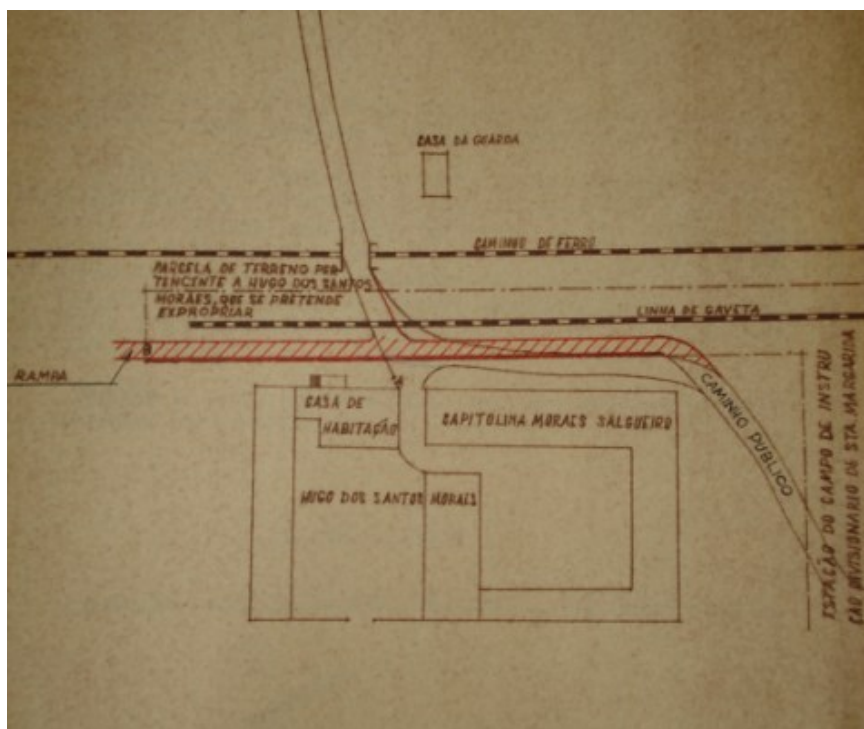
O projeto de construção do CIMSM sofreu alguns ajustamentos ao longo da sua execução para fazer face a condicionantes que não faziam parte do planeamento inicial, como aconteceu com a necessidade da criação de espaços apropriados ao estacionamento e manutenção dos carros de combate M/47. A totalidade dos blindados deveria ter sido encaminhada para a escola prática de cavalaria, sediada em Torres Novas, local de formação de blindados a nível nacional, não estando prevista qualquer incompatibilidade com as instalações aí existentes. As dificuldades surgiram quando os carros de combate, de dimensões consideráveis, revelaram embaraço ao manobrar dentro do espaço urbano, aos estragos efetuados nos pavimentos de circulação e aos incómodos sonoros provocados nos habitantes [Macedo 1984: 32; EME 1988: 255-256].

Uma vez mais a responsabilidade de construção dos espaços para acondicionamento dos carros de combate coube à direção da arma de engenharia na edificação dos hangares que tinham características diferentes das dos restantes edifícios. Este projeto constituiu mais um desafio pela complexidade da estrutura e pela heterogeneidade dos materiais empregues na construção, tendo sido necessário recorrer ao laboratório de engenharia civil para colaborar na edificação de um protótipo com padrões de firmeza, dimensionamento funcional e economia de verbas [QG/CIMSM 2002: 76-79]. Este projeto foi concluído em 18 de agosto de 1955 tendo sido realizada uma visita ao local pelo comandante da divisão e o general Liebel, chefe da missão MAAG em Portugal, que concluíram que tinha condições equiparadas às dos outros exércitos,

apesar das restrições logísticas, escassez de quadros especializados e carência de verbas [Macedo 1984: 28; EME 1988: 215].

A linha férrea, que fazia a ligação entre o Entroncamento a Abrantes, necessitava de alguns melhoramentos na estação de Santa Margarida, local mais próximo do CIMSM, para facilitar a movimentação de pessoal e cargas, nomeadamente para permitir o desembarque dos carros de combate americanos. Coube ao batalhão de serviços de caminho-de-ferro os trabalhos de assentamento das linhas férreas [Mascaranhas 2011: 21], de 4 vias de desvio, a construção de 2 cais de topo e 2 longitudinais com previsão de mais 2 vias [Macedo 1984: 32; EME 1988: 255].

FOTOGRAFIA Nº 10 – Planta da estação de caminho-de-ferro de Santa Margarida



ADIE/Aquisição de terrenos para o CIM/Processo do PM 1,
Constância/Arquivo geral/nº 2

3.3. Carreira de tiro

Uma unidade de escalão divisão, por imperativos de formação, tinha obrigatoriamente de possuir um espaço destinado à realização de atividades de tiro com todos os tipos de armas ligeiras contempladas no quadro orgânico de material. Para a construção da carreira de tiro foi nomeada uma comissão⁹⁰ que procedeu ao levantamento das áreas circundantes ao CIMSM para escolha do local apropriado⁹¹. As primeiras reuniões tiveram lugar em 26 e 27 de abril de 1954 onde foi realizada uma pesquisa com recurso à cartográfica, sendo posteriormente efetuado o reconhecimento local, em 3 de maio, onde foi confirmada a existência de um terreno junto à Ribeira do Casal da Ervideira que obedecia aos requisitos inventariados para a realização e a avaliação do tiro.

A comissão tinha conhecimento da urgência da construção da carreira de tiro, tendo apresentado, a 4 de maio de 1954, uma proposta ao subsecretário de estado do exército onde constava o orçamento de 150 mil escudos, sendo dado o avale para que, com a maior diligência, fosse efetuada a expropriação dos terrenos pretendidos. O despacho impunha a realização de uma vistoria até 25 de maio para certificação do cumprimento do tempo limite estipulado para 1 de julho num prazo de construção entre 30 e 35 dias⁹².

⁹⁰ Nota nº 2 079/I - Pº. 31/1-3 de 20 de Abril de 1954 da 1ª repartição do EME, aquisição de terrenos para o CIM, processo do PM 1, Constância, arquivo geral, nº 3, ADIE. A comissão para estudo da carreira de tiro do CIMSM foi constituída com os seguintes delegados de cada uma das Armas intervenientes: capitão de infantaria Adalberto Júlio da Nóbrega Pinto Pizarro, major de cavalaria Amadeu de Santo André e capitão de engenharia Vasco Esteves Ramires. Relatório da comissão para o estudo da carreira de tiro no CIMSM, de 4 de maio de 1954, assinado pelo presidente da comissão, coronel Leonel A. da Costa Lopes da direção da arma de infantaria.

⁹¹ A construção da carreira de tiro obedecia aos seguintes requisitos: distanciada a cerca de 4 quilómetros do Campo Militar, com orientação sul-norte, com segurança natural conferida pela configuração do terreno, espaço adjacente para acomodação de tropas e estacionamento de viaturas, possibilidade de construção do espaldão para anteparo de projéteis, permitisse a realização do tiro direto de armas ligeiras até aos 300 metros e com 50 metros de largura.

⁹² Nota nº 2 286, prédio militar 1/106 de 10 de maio de 1954, dirigida ao diretor geral da fazenda pública Aquisição de terrenos para o CIM, processo do PM 1, Constância, arquivo geral, nº 2, ADIE.

Por imperativos de segurança foram posteriormente adquiridos mais terrenos contíguos à carreira de tiro⁹³.

3.4. Saneamento básico, energia elétrica e acessibilidades

Um dos requisitos fundamentais para a escolha do terreno, destinado à construção do CIMSM, era a existência de água potável, elemento imprescindível para a sobrevivência das tropas nesse local. Para abastecer os cerca de 20 000 homens era necessário disponibilizar 3 000 m³ diários de água, correspondentes a uma cidade de média dimensão da década de 50, tendo por base a estimativa de consumo diário por homem entre 150 a 200 litros. Era determinante localizar pontos de capação que permitissem o abastecimento de 65 litros por segundo. Foram feitas algumas pesquisas em terrenos adjacentes, não tendo sido encontrada a quantidade de água que garantisse a satisfação do Campo Militar [Macedo 1984: 33; EME 1988: 256; QG/CIMSM 2002: 73 e 74].

A solução para superar o problema foi recorrer à captação da água na margem sul do rio Tejo, junto ao Mouchão das Éguas, a jusante do Tramagal, onde foram abertos 3 furos que garantiam o fornecimento do precioso líquido. Para que a água chegasse ao CIMSM foi necessário implantar um sistema de bombagem que operava 15 a 16 horas diárias, que efetuava o seu transporte para dois depósitos colocados à maior cota do Campo Militar, a uma altura de 5 metros

⁹³ Relatório da comissão para o estudo da carreira de tiro no CIMSM de 4 de maio de 1954 assinado pelo presidente da comissão, coronel Leonel A. da Costa Lopes da direção da arma de infantaria, referente à nota urgentíssima nº 2 079/I - Pº. 31/1-3 de 20 de Abril de 1954 da 1ª repartição do EME, aquisição de terrenos para o CIM, processo do PM 1, Constância, arquivo geral, nº 3, ADIE.

acima do nível do solo, garantindo assim a alimentação do sistema de distribuição numa extensão de 12 quilómetros [QG/CIMSM 2002: 62-64].

A eletricidade que abastecia o Campo Militar era inicialmente fornecida pela empresa Hidroelétrica do Alto Alentejo a partir de uma linha que atravessava o Tramagal [QG/CIMSM 2002: 62 e 63]⁹⁴. Até à entrada da base militar a condução elétrica fazia-se através de uma linha aérea numa extensão de 6 quilómetros, sendo a distribuição assegurada no interior do campo por um cabo subterrâneo com 10 quilómetros de comprimento que, apesar de ser mais onerosa que a linha aérea, a sua colocação evitava a ocorrência de acidentes resultantes de disparos furtivos provocados por armas de fogo [QG/CIMSM 2002: 64].

A EPE efetuou o lançamento da linha elétrica com o apoio técnico daquela empresa abastecedora [QG/CIMSM 2002: 64].

Foi necessário beneficiar a rodovia entre a estação de caminho-de-ferro de Santa Margarida e o Campo Militar e efetuar a construção de estradas no seu interior com revestimento betuminoso numa extensão de 10 quilómetros para permitir a ligação entre unidades e locais de instrução⁹⁵.

As infraestruturas do Campo Militar localizavam-se num planalto que dispunha de duas pendentes laterais onde foram construídas duas bases de esgotos para rentabilizar o escoamento de detritos e aproveitar as ribeiras aí existentes. A rede de esgotos do Campo Militar tinha uma extensão 12 quilómetros [QG/CIMSM 2002: 65].

⁹⁴ Alimentada por corrente alterna trifásica de 30 000 volts transformada em 220/230 volts com uma potência de 1 000 kvolts.

⁹⁵ Estudo da 3ª repartição do serviço de fortificações e obras militares da direção da arma de engenharia, assinado pelo diretor da obra capitão de engenharia Vasco Esteves Ramires em 11 de maio de 1954, p. 4, aquisição de terrenos para o CIM, processo do PM 1, Constância, arquivo geral, nº 2, ADIE.

3.5. O período da construção

A responsabilidade de construção do CIMSM foi repartida por duas entidades: à direção da arma de engenharia, que possuía na sua orgânica os serviços de obras, foi-lhe reservada a missão de dirigir a execução dos trabalhos; à EPE foi-lhe atribuída a incumbência de materializar o plano de obras. Antes do início da construção a engenharia militar foi recebedora de alguns dos equipamentos que se tornaram vitais para a construção do Campo Militar e que contribuíram para a sua afirmação técnica no meio militar e civil. O período que decorreu entre 1 de maio de 1952 e 1 de outubro de 1953 foi dedicado à remoção de terras⁹⁶, construção de estradas, edifícios do comando, refeitórios, instalações sanitárias, parque para carros de combate, instalação da tubagem de água e esgotos e eletrificação interna⁹⁷.

A partir da última data o Campo Militar ficou em condições de receber o efetivo de uma divisão para treino e realização de manobras, ficando os militares alojados em tendas de lona distribuídas pelos locais onde o projeto estipulava, na segunda fase, a construção dos edifícios para o alojamento dos oficiais, sargentos e praças a concluir em 1954⁹⁸.

Na construção do CIMSM chegaram a trabalhar, em simultâneo, cerca de 3 000 operários numa empreitada que envolveu esforços consideráveis, tendo o Diretor da Arma de Engenharia general Santos Calado tecido os mais rasgados elogios [Macedo 1984: 34]⁹⁹.

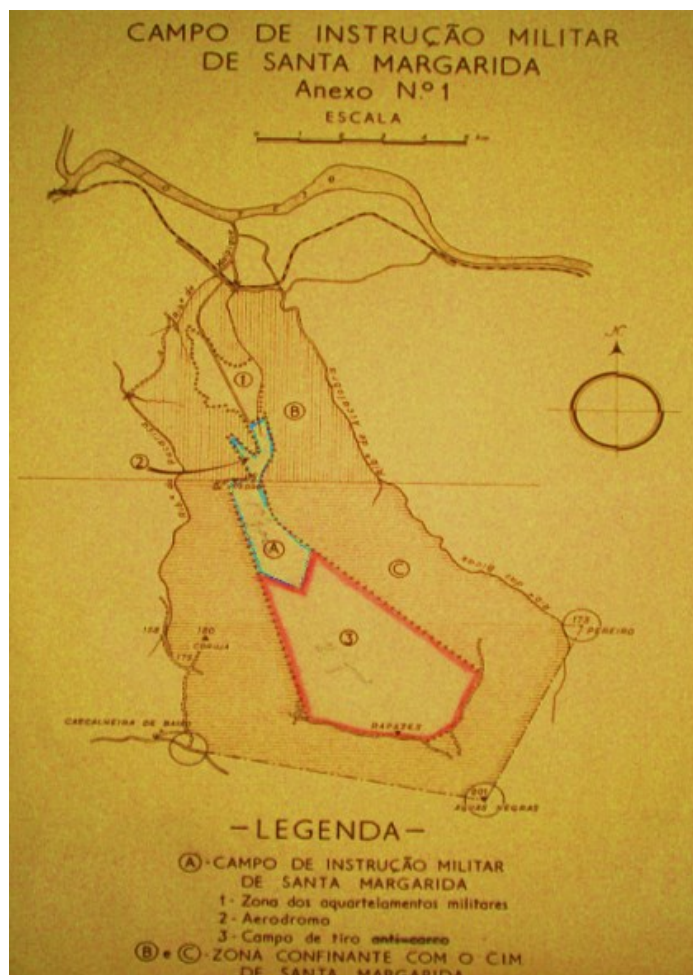
⁹⁶ Foram removidos mais de um milhão de metros cúbicos de terra.

⁹⁷ Estudo da 3ª repartição do serviço de fortificações e obras militares da direção da arma de engenharia, assinado pelo diretor da obra capitão de engenharia Vasco Esteves Ramires em 11 de maio de 1954, p. 4 e 5, aquisição de terrenos para o CIM, processo do PM 1, Constância, arquivo geral, nº 2, ADIE.

⁹⁸ Estudo da 3ª repartição do serviço de fortificações e obras militares da direção da arma de engenharia, assinado pelo diretor da obra capitão de engenharia Vasco Esteves Ramires em 11 de maio de 1954, p. 4 e 5, aquisição de terrenos para o CIM, processo do PM 1, Constância, arquivo geral, nº 2, ADIE.

⁹⁹ “Parece-nos interessante não terminar estas considerações sem fazer notar que todas as pessoas que têm visitado o Campo são unânimes em fazer à obra as mais elogiosas referências. E não queremos louvar-nos apenas nas autoridades portuguesas autorizadas, para algumas das quais a

FOTOGRAFIA N° 11 – Planta e áreas de instrução do CIMSM



ADIE

3.6. Expropriação de terrenos

O processo de pesquisa permitiu recolher parte das cópias das escrituras dos terrenos que foram expropriados, onde constam os elementos relativos aos terrenos que passaram a integrar o

falta de termo de comparação podia conduzir a uma apreciação que, traduzindo o sentimento do pessoal, não se ligasse intimamente com a finalidade a atingir; baseamo-nos também nas apreciações de quantos, adidos militares, chefes de missões acreditadas entre nós e altas individualidades militares com funções internacionais, têm tido a gentileza de no-las dirigirem, por escrito ou verbalmente, e em termos tão expressivos que nos levam a excluir a ideia de simples delicadeza de visitantes sempre bem escolhidos, ou de mera praxe de diplomacia”.

CIMSM desde 1953 até 1957. A documentação encontrada permite identificar 72 expropriações uma área total de 2 095,89 hectares, a data da realização da maioria das escrituras e o custo de alguns terrenos. Por não ter sido possível obter os montantes de todas as parcelas de terreno expropriadas, por esses elementos não constarem em parte da documentação encontrada, foi calculado o valor médio de custo baseado nos dados conhecidos (preço/área), assumindo-se que cada metro quadrado importou em 11\$38¹⁰⁰.

A progressiva aquisição dos terrenos possibilitou que a divisão fosse gradualmente dispondo do espaço com dimensão adequada à diversidade dos exercícios militares pretendidos realizar para o emprego de todas as unidades de manobra e de apoio de serviços. Porém, em 1957, o Campo Militar ainda não dispunha de uma área onde os fogos da artilharia pudessem ser executados em condições táticas, garantindo a segurança para as unidades de manobra durante a realização de missões estáticas ou dinâmicas e para as populações circunvizinhas. Certo era que mais nenhuma unidade do Exército português dispunha de uma área de instrução de tão ampla dimensão adequada à obtenção de competências de uma divisão para cumprimento das missões da sua incumbência¹⁰¹.

3.7. Quadros orgânicos do CIMSM: militar e civil

O Campo Militar foi dotado de um quadro orgânico inicial com os elementos que visavam assegurar a manutenção das infraestruturas, a receção e o acolhimento das unidades que ali se deslocavam temporariamente para efeitos de instrução. Em 28 de março de 1953 a secção de reorganização/EME elaborou um projeto de quadro orgânico do comando do CIMSM [Macedo

¹⁰⁰ A relação dos terrenos expropriados consta do anexo C.

¹⁰¹ Nota do comandante da 3ª divisão datada de 23 de novembro de 1957.

1984: 34-38; EME 1988: 258-261], tendo sido publicado posteriormente pelo decreto-lei nº 39 316¹⁰².

TABELA Nº 16 – QO de pessoal do comando e destacamento
de comando do CIMSM

Designações	Brigadeiro	Major	Capitão	Subalterno	Sargento-ajudante	Primeiro-sargento	Segundo-sargento ou furriel	Cabo	Soldado
I - Comando do Campo									
A) Comandante	1								
B) Secretaria			1		1		1	2	
C) Conselho administrativo			(a) 1	1			3	2	
II - Destacamento de Comando									
1 - Comando		1					1	1	
2 - Companhia de manutenção			(b) 1	2		1	(c) 8	(d) 25	(e) 67
3 - Companhia de serviços			1	(f) 4		2	(d) 13	(d) 34	(e) 96
4 - Companhia de guarda e vigilância									
A) Comando			1			1	1	3	1
B) 2 pelotões de atiradores				2			8	16	50
C) Pelotão de cavalaria				1			2	9	25
D) Pelotão de polícia militar				1			4	16	17
Soma	1	1	5	11	1	4	41	108	256

(a) Pode ser do ativo ou da reserva

(b) É declarado da direção da arma de engenharia para efeitos da realização de obras

(c) Um pode ser substituído por um civil contratado ou assalariado

(d) 2 podem ser substituídos por civis contratados ou assalariados

(e) 4 podem ser substituídos por civis contratados ou assalariados

(f) 1 é médico e o outro capelão contratado

(g) Ministro do Exército Adolfo do Amaral Abranches Pinto, 14 de agosto de 1953

Decreto-lei nº 39 316, de 14 de julho de 1953

Por despacho do ministro do exército, de 14 de agosto de 1953, o quadro orgânico ficou constituído pelo comando do campo e o destacamento de comando, e este pelo comando e três companhias (manutenção, serviços e guarda e vigilância) com um efetivo de 428 homens (tabela nº 16). Ficava assim salvaguardada a funcionalidade das unidades aquarteladas em Santa Margarida e o

¹⁰² Decreto-lei nº 39 316, de 14 de julho de 1953, publicado na ordem do exército nº 5, 1ª Série, de 30 de outubro de 1953.

apoio necessário a prestar às tropas que temporariamente se sediavam no Campo Militar [Macedo 1984: 36-38].

TABELA N° 17 - Quadro do pessoal civil do CIMSM

Designação do pessoal	Número	Vencimento mensal	Salário diário
Pessoal contratado			
Chefe de cozinha de 2ª classe	1	1.200\$00	
Ajudantes de fiel de 2ª classe	2	1.100\$00	
8 encarregados de serviço sendo:			
Central elétrica	2	1.200\$00	
Rede de água e esgotos	2	1.200\$00	
Oficina de carpinteiro	1	1.200\$00	
Oficina de serralheiro	1	1.200\$00	
Abastecimento de águas	1	1.100\$00	
Estradas e drenos	1	1.100\$00	
Pessoal assalariado			
Correeiro de 2ª classe	1		45\$00
Carpinteiro de 3ª classe	2		40\$00
Serralheiro de 3ª classe	1		40\$00
Pedreiro de 2ª classe	1		40\$00
Pedreiro de 3ª classe	1		36\$00
Servente de 2ª classe	2		30\$00
Servente de 3ª classe	1		28\$00

Portaria n° 15 299, de 29 de março de 1955, *in* ordem do exército n° 4, 1ª Série, 1955, p. 129.

Em 1 de janeiro de 1957 foi criado o quadro do pessoal civil do CIMSM onde constavam as funções, os quantitativos e o salário de cada elemento (tabela n° 17), tendo sido estruturado em dois grupos, pessoal contratado e a assalariado, para um efetivo global de 19 pessoas. O primeiro agrupava os que cuidavam da alimentação e encarregados de serviços, que auferiam de vencimento

mensal. O segundo dedicava-se à realização de trabalhos oficinais e de construção civil e venciam salário diário.

F. A FORMAÇÃO MILITAR

Este parágrafo propõe-se analisar a evolução da instrução da divisão tipo americano quanto à anuência dos procedimentos implícitos à nova doutrina. Verificou-se uma evolução pouco expressiva na introdução de medidas corretivas baseadas nas opiniões relatadas repetidas vezes por militares estrangeiros na apreciação das manobras militares. O nível de competência pretendido alcançar pela divisão caiu abruptamente no final da década de 50 quando a missão do Exército se direcionou prioritariamente para a defesa das províncias ultramarinas.

1. A avaliação da formação ao nível da divisão

No início da década de 50 o comando do Exército quis aperceber-se do nível do conhecimento individual e coletivo existente nas unidades orgânicas de uma divisão. Foi com este propósito que em setembro de 1952 se deu início ao ciclo de instrução, centrado naquele escalão, cabendo à 2ª RM a realização de exercícios com tropas colocadas na região de Mealhada-Cantanhede-Luso para “testar as possibilidades de organização dos comandos e treinar o sistema de mobilização das unidades, os deslocamentos das tropas e a sua adaptabilidade à vida de campanha” [Macedo 1984: 62].

O escalão divisão nunca tinha sido testado em exercícios operacionais, prática que simplesmente se circunscrevia até ao nível do batalhão. A decisão de por no campo uma divisão foi um acontecimento que revelou aos parceiros da Aliança Atlântica que Portugal estava empenhado no cumprimento dos seus compromissos, mas também como demonstração que a atitude do

Exército português se pautava pela obtenção dos níveis de operacionalidade dos exércitos aliados tendo como referência o dos EUA. Estas manobras permitiram ensaiar a capacidade de movimentação de um considerável volume de tropas, a utilização dos meios de sobrevivência adequados ao campo, a testagem e manutenção de equipamentos, a mobilização de efetivos e a prontidão dos meios de transmissões, transporte, serviço de alimentação e saúde. Para colocar toda a estrutura em atividade, foi criada uma situação tática defensiva, sem arbitragem e sem fogos reais, com a missão de barrar um ataque inimigo simulado proveniente da região leste da Serra do Buçaco [Macedo 1984: 62-63; EME 1988: 81-82].

2. A formação na divisão tipo americano em 1953

Entre 1953 e 1956 foi criada em Portugal uma comissão, designada de “missão SHAPE” constituída por 3 oficiais dos EUA (1 coronel e 2 tenentes-coronéis) com a incumbência de introduzir a doutrina americana no Exército português centrada na realização de exercícios táticos (elaboração de temas, controlo e arbitragem). Tinha também por função assessorar o SGDN, o instituto de altos estudos militares na atividade formativa e coadjuvar o Exército na criação do CIMSM. Não existem testemunhos físicos da aplicação da “doutrina comum” da Aliança à formação dos militares portugueses, a não ser os manuais com que o Exército português passou a orientar a sua atuação e os registos de memória nos oficiais que trabalharam com a “missão SHAPE” como aconteceu com o general Pedro Cardoso (1922-2002) e o brigadeiro Marques Pinto [...] [Ramalho 1999:108].

No final do mês de janeiro de 1953 o ministro do exército determinou providenciar a organização do comando da divisão tipo americano orientada para a atribuição de responsabilidades às entidades militares no âmbito da formação/instrução. A primeira lista de

nomeações foi elaborada em 11 de fevereiro onde constava a identificação dos militares para o desempenho dos cargos de CEM, Sub-CEM, e chefes da 1ª, 2ª, 3ª e 4ª repartições [Macedo 1984: 73; EME 1988: 81-82]. Esta medida foi determinante para a aquisição de competências pelo conjunto de militares que faziam parte da divisão tipo americano. Após a implementação desta medida ficaram reunidas as condições para a divisão poder realizar as primeiras manobras no CIMSM, colocando as unidades orgânicas perante cenários táticos para avaliação das capacidades operacionais em pessoal e material, organização e formação/instrução, propósitos que estavam em sintonia com os compromissos internacionais [EME 1988: 81].

A 7 de fevereiro de 1953 a 1ª repartição/EME solicitou à 2ª repartição a elaboração de um tema tático para a divisão tipo americano para por em prática no Campo Militar, envolvendo o seu máximo potencial em pessoal e material, a realizar entre os dias 3 e 14 de agosto desse ano. O pedido dava a conhecer da presença do marechal Montgomery e de elementos da NATO durante o decurso do exercício. Em resposta, a 23 de fevereiro, a 2ª repartição/EME informou que o tema constava de numa manobra defensiva com frente de 20 a 39 km, virada para sul, com a missão de barrar vias de comunicação, efetuar a vigilância nos intervalos entre forças, evoluindo a situação tática para o contra-ataque, com o propósito de avaliar o nível de instrução da divisão, a localização geográfica do local onde se inseria o exercício e as características do terreno de Santa Margarida [EME 1988: 86].

As manobras tinham por base a circular 30/MT, de 04 de julho de 1953, que estipulava os prazos de convocação dos militares no período da recruta, o refrescamento da instrução do pessoal, a organização das subunidades, a concentração das forças no CIMSM, o reconhecimento da área destinada à execução das manobras, a instalação da posição defensiva, a entrada em posição, a conduta do contra-ataque, a recolha a quartéis e a desmobilização dos convocados.

Estes elementos impunham a realização de um trabalho metódico para organizar a divisão com padrões adequados a uma unidade desta dimensão [Macedo 1984: 93-101; EME 1988: 82-85].

As dificuldades na condução das manobras foram surgindo sistematicamente com a introdução de sucessivas alterações ao planeamento que se repercutiram no atraso em cerca de dois meses da data prevista para o início do exercício [Macedo 1984: 102; EME 1988: 81].

As complicações eram de tal forma relevantes que logo no arranque do planeamento das manobras se tornaram perceptíveis as dificuldades sobre a nomeação dos comandantes de companhia do quadro permanente e a falta de meios de manutenção [Macedo 1984: 97; EME 1988: 86].

Do ponto de vista do treino e da capacidade operacional, as manobras não tinham uma ambição desmedida apesar de ser a primeira vez que se colocava no campo a divisão tipo americano. Pretendiam avaliar “fundamentalmente o treino de aproximação tática em meios autos e a pé, a segurança contra ações aéreas e insidiosas e a disciplina nos embarques e desembarques”. As tarefas eram consideradas básicas relativamente aos níveis de competência que uma unidade desta dimensão deveria alcançar para poder integrar uma força de defesa conjunta com os países aliados [Macedo 1984: 93-100; EME 1988: 90].

A 14 de outubro de 1953, o coronel americano Sidney G. Broun Jr., na condição de chefe da missão SHAPE em Portugal, deslocou-se ao CIMSM para assistir ao encerramento das manobras militares realizadas neste ano. Nos comentários que teceu sobre o que lhe foi dado observar, em relatório datado de 2 de novembro de 1953, enalteceu a eficiente organização do EM do QG, os procedimentos logísticos, o planeamento da manobra e o melhoramento progressivo no desempenho dos militares devido às correções introduzidas pelos comandantes. Os aspetos desfavoráveis recaíam sobre os condutores dos carros de combate que não deviam recair sobre os militares instrutores responsáveis pela formação dessa especialidade, mas sim os militares

habilitados para essa função, o facto de não haver continuação do exercício durante o período noturno, o desperdício na utilização de munições de salva de artilharia e ocorrência de erros táticos originados pela deficiente camuflagem e dissimulação. No relatório constavam algumas recomendações como a criação de uma organização de campanha para a manutenção do material da divisão e o reinício da instrução no centro de blindados. Propunha que no ano seguinte se incluísse no programa de formação dois meses de instrução coletiva em Santa Margarida, antecidos de 16 semanas de instrução individual. Considerava importante o envio dos comandantes de batalhão e de regimento à Alemanha para participarem em exercícios militares. Por fim, fazia apelo ao desempenho do comando da divisão que deveria implementar um conjunto de normas que garantissem uma ligação sequencial e participativa desde o mais elevado até ao mais baixo escalão das suas unidades orgânicas quer na preparação e quer na conduta dos exercícios táticos [Macedo 1984: 102-104; EME 1988:93-95].

No decurso do exercício o próprio CEME admitiu a falta de conhecimento dos oficiais, sargentos e praças relativamente à nova doutrina tática em resultado da falta de manuais. Admitia que as lacunas formativas se deviam ao reduzido número de quadros especializados no estrangeiro e à ausência daqueles que tinham esse tipo de formação por se encontrarem a desempenhar funções não integradas na orgânica da divisão. Considerava insuficiente a instrução individual nos escalões pelotão e companhia [Macedo 1984: 104-105; EME 1988:95-96].

O desfasamento do conhecimento dos militares portugueses, relativamente aos seus congéneres americanos, para o nível da companhia de atiradores, era elucidativo: a eficiência dos portugueses era de 22% enquanto a dos americanos era de 70%. Estes valores só por si representavam a discrepância do saber entre exércitos, amplitude que tinha de ser reduzida através da execução de programas de formação/instrução individual e coletiva apropriadas [Macedo 1984: 104-105; EME 1988:95-96].

Outra das causas do fraco rendimento das manobras deveu-se à deficiência dos equipamentos de confeção alimentar, à falta de alguns especialistas e de material de mobilização moderno, com maior incidência nas unidades de apoio de serviços. A companhia de manutenção não chegou a ser formada e os sobressalentes para reparação de componentes danificados não solucionou as dificuldades. A impreparação dos operadores de transmissões afetou a generalidade das unidades [Macedo 1984: 105; EME 1988: 96].

As apreciações do CEM da divisão tipo americano, sobre a forma como tinham decorrido as manobras, salientavam apenas 3 pontos: continuar a aplicar a doutrina americana baseada nos princípios táticos e técnicos, maior aproveitamento dos militares com formação adquirida no estrangeiro e aperfeiçoamento da formação nas escolas de ensino [Macedo 1984: 105; EME 1988: 96].

A imprensa nacional militar deu destaque à realização das manobras, empolgando o que de inédito tinha acontecido, como referiu a Revista de Infantaria em 1953 [Macedo 1984: 106-107; EME 1988: 97-98]¹⁰³. Também a Revista de Artilharia fez apologia às manobras tecendo rasgados elogios do que presenciara [Macedo 1984: 107-108; EME 1988: 99-100]¹⁰⁴. A Revista Militar

¹⁰³ Revista de Infantaria nº 83-84 de 1953. “Como complemento da instrução da última incorporação de recrutas, e para aplicação de conhecimentos atualizados de guerra moderna, à base da organização TA, concentrou-se durante o mês de outubro no Campo Divisionário de Santa Margarida a primeira grande unidade organizada segundo os moldes impostos pela observação e pela experiência nos campos da também guerra moderna. O Campo de Santa Margarida, vasto centro de treino de homens e de materiais, embora no momento ainda inacabado, promete vir a constituir um ótimo contributo para a instrução, dadas as suas características de ampla visão logística postas à prova, nas suas primícias, pelos recentes trabalhos ali realizados. Estamos certos que com o decorrer dos tempos serão consideravelmente melhoradas as condições de “vida tática” de tão útil centro, atentando, não nos devemos esquecer das exigências das modernas armas, que com as suas naturais imposições, levam bastante longe os acanhados e impróprios campos de provas que até hoje têm sido utilizados.”

¹⁰⁴ Revista de Artilharia nº 341 de novembro-dezembro de 1953. “Pela 1ª vez, num exercício de tão grande envergadura, uma divisão, em constante instrução, e durante um período de tão longa duração, teve ensejo de pôr em práticas novas modalidades de atualização, verificar possibilidades de funcionamento, dar vida, dar realidade, com a execução de fogos reais em combinação de

também deu destaque ao acontecimento pela apresentação do programa das manobras e o seu objetivo¹⁰⁵. Referiu que as manobras tinham sido realizadas em ambiente operacional exigente e próximo do real com aplicação da doutrina NATO e emprego dos carros de combate M/47, onde estiveram presentes o presidente do conselho, ministros da presidência e da defesa, oficiais do SHAPE e do MAAG¹⁰⁶.

A publicação *Defesa Nacional* enalteceu a realização das manobras desse ano ao referir que estava “patente o novo espírito, onde se valorizavam de forma anormal os elementos técnicos e se realçava a capacidade das novas armas”. A publicação continha fotografias do Presidente da República Craveiro Lopes (1894-1964), de pé sobre um blindado americano e a passar revista aos carros de combate M/47 [Telo 1996: 254]¹⁰⁷.

A divisão de Santa Margarida passou a ser referência como a unidade militar com maior conhecimento e dotada dos melhores equipamentos a nível nacional.

3. A formação da divisão tipo americano a partir de 1954

O SGDN, em 1 de maio de 1953, emitiu uma diretiva para elaboração do programa de manobras para 1954 onde mencionava os seguintes objetivos a atingir: preparação do QG e das unidades orgânicas da divisão tipo americano para cumprimento de missões de apoio terra-ar, espírito ofensivo, mobilidade e poder de fogo, defesa antiatômica. Dava ênfase à necessidade da

armas, e essa atuação criando em todos os que nesses exercícios cooperaram, uma impressão que dificilmente virá a esquecer no decorrer da nossa vida”.

¹⁰⁵ Revista Militar (1953), *Notas referentes aos Exercícios do C. I. M. em Santa Margarida*, 5º Volume do II século, nº 10, outubro, tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Lisboa, pp. 688 a 691.

¹⁰⁶ Revista Militar (1953), *Notas referentes aos Exercícios do C. I. M. em Santa Margarida*, 5º Volume do II século, nº 11, novembro, tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Lisboa, pp. 771 a 774.

¹⁰⁷ Defesa Nacional, novembro-dezembro de 1953.

nomeação de oficiais para o desempenho permanente de funções de comando e de EM e sobre a formação dos oficiais subalternos e sargentos por considerar ser nestes postos que incidia o maior esforço nas primeiras fases dos conflitos armados. Chamava a atenção para o treino do QG, preparação das ações de âmbito logístico, transmissões, exercícios de quadros, guerra atômica, biológica e química, articulação entre forças terrestres e aéreas nacionais com organizações aliadas [Macedo 1984: 115-116; EME 1988: 105-106].

A diretiva foi emitida com um ano de antecedência e pela primeira vez atribuía ao comandante da divisão tipo americano a responsabilidade do planeamento das manobras e a realização de exercício de quadros com inclusão de forças da Aliança Atlântica [Macedo 1984: 116-117; EME 1988: 107].

Na sequência daquela diretiva, em 27 de janeiro de 1954, o ministro do exército elaborou um despacho onde determinava que as manobras deste ano se realizavam em Santa Margarida, com a participação das mesmas unidades do ano anterior para com efetivo de cerca de 20 000 militares, por um período máximo de 60 dias e mínimo de 30 em conformidade com a verba que fosse disponibilizada [Macedo 1984: 170; EME 1988: 161]. Foi posteriormente elaborado um programa onde constava a calendarização de todas as atividades a desenvolver desde a concentração até à desmobilização das tropas [Macedo 1984: 171; EME 1988: 162]. A instrução anual, destinada à preparação das manobras de 1954, foi iniciada em Santa Margarida com a execução de exercícios de postos de comando nos escalões batalhão e regimento em missões de ataque, com o objetivo de minimizar as imperfeições encontradas no ano anterior [Macedo 1984: 116-117; EME 1988: 107].

Em abril de 1954 o ministro da defesa nacional endereçou um convite ao general Napier White do SHAPE a fim de poder assistir às manobras e apreciar o trabalho realizado pelo Exército português na preparação da divisão tipo americano. Em resultado da visita, numa carta dirigida ao

ministro, o general teceu algumas considerações sobre o que observou, nomeadamente sobre a incongruência de existirem dois comandantes para a divisão tipo americano, sendo um o comandante da RM, exclusivamente responsável pela área administrativa, e outro, indigitado por dois meses, para a realização das manobras. White considerou este modelo impraticável e gerador de “conflitos de personalidade” devido à sobreposição na ação de comando, impedindo o comandante da divisão responsável pela atividade operacional de inspecionar as suas unidades fora do período da realização das manobras. Aludiu o facto do EM da divisão tipo americano ser formado unicamente para o período das manobras por os oficiais se encontrarem a desempenharem outro tipo de funções ao longo do ano, método que a gestão de recursos humanos deveria alterar por não servir os interesses das unidades que o Exército português pretendia formar segundo o modelo americano. Deixou como recomendação a constituição permanente de uma estrutura do comando, do EM e de transmissões com um efetivo ajustado às missões a cumprir desde o escalão batalhão até ao da divisão. Propôs a manutenção de um núcleo de oficiais, sargentos e praças numa relação de 1/3 para os militares do QP/QC em unidades normais e de 2/3 para as unidades mais técnicas. Aconselhou a elaboração de um programa de instrução anual progressivo que culminasse com a realização de um exercício de nível divisionário. Manifestou, no entanto, a agradabilidade que lhe foi dada apreciar sobre a competência dos oficiais e sargentos mais novos, contrariamente a alguns oficiais superiores que considerava muito velhos para o desempenho das funções que lhes estavam incumbidas. Acentuou a importância de manter os oficiais a frequentar cursos em unidades americanas na Alemanha e a assistirem à realização das manobras dos exércitos inglês, francês e americano em território europeu. Considerou o corpo de EM um grupo de oficiais fechado como uma classe diferenciada dentro do Exército, comportamento que provocava o seu distanciamento com as tropas nas relações de comando [Macedo 1984: 122-124; EME 1988: 115-116]. Propunha a rotatividade dos oficiais entre funções

de EM e de comando de tropas, alertando para a necessidade da formação de mais oficiais com esta qualificação [Ferreira 2000: 115].

As propostas do general Napier White foram objeto da introdução de alterações no Exército português, tendo o subsecretário de estado do exército, a 25 de maio de 1954, elaborado um despacho tendo determinado que as tropas a mobilizar para a defesa da Europa ficavam à responsabilidade da 2ª RM unicamente sob as ordens do seu comandante, a colocação de oficiais com o CEM no QG daquela RM, as transmissões a 66% e os restantes órgãos do QG a 33% relativamente ao seu efetivo orgânico. Este foi um passo determinante para os órgãos da divisão tipo americano passarem a ter órgãos constituídos em permanência [Macedo 1984: 128-129; EME 1988: 120-124]¹⁰⁸.

Para a formação anual, foi elaborado um programa de treino que incluía a instrução de recrutas, a formação dos militares do quadro permanente¹⁰⁹ e o planeamento dos exercícios anuais efetuado pelo EME para aprovação do ministro da defesa. Foi também previsto, especialmente para os oficiais superiores, no desempenho da função de comando de tropas, a frequência de estágios em unidades americanas e a elaboração do planeamento para a realização de exercícios de quadros. Relativamente aos oficiais com o CEM, o curso geral foi reduzido para um ano e aumentado para dois o curso complementar, com intervalo de dois anos entre cursos [Macedo 1984: 130-131; EME 1988: 124-125], decisão que estava subjacente à necessidade de serem

¹⁰⁸ O efetivo percentual para cada arma e serviço ficou estabelecido da seguinte forma: na infantaria – as transmissões e unidades de carros de combate a 66%; as companhias de comando, apoio e de morteiros pesados a 40%; as restantes unidades e companhias de atiradores a 33%. Na artilharia – as transmissões a 66%; os órgãos de comando a 40%; as restantes unidades entre 30 e 33%. Na cavalaria – as transmissões e secções de carros de combate a 66%; os outros elementos 40%. Na engenharia – as transmissões e os pelotões de assalto a 66%; os outros elementos entre 40 e 50%; o destacamento sanitário entre 30 e 33%. Nas transmissões – a companhia de transmissões divisionária a 66%. No serviço de saúde – o batalhão sanitário a 33%. No quartel-mestre – a companhia quartel-mestre a 33%. No serviço de material – a companhia manutenção de material a 50%. Na polícia militar – a companhia militar a 33%. Na banda de música – a 100%. No QG – o EM a 66%; os restantes elementos a 33%.

¹⁰⁹ Duas horas por dia com duas saídas do quartel por semana.

disponibilizados mais oficiais com esta qualificação para poderem integrar o mais breve possível o escalão divisionário e as pequenas unidades de campanha¹¹⁰.

Depois da realização das manobras da divisão tipo americano¹¹¹, a delegação do SHAPE, constituída pelo coronel Brown e o tenente-coronel Lincoln, elaborou um documento com data de 12 de outubro de 1954 onde referia que o exercício tinha sido original mas sem realismo e entusiasmo por parte das tropas. Assinalou que o decurso das manobras se deveu ao facto dos comandantes terem conhecimento antecipado sobre as ações que deveriam processar durante a atividade táctica, preocupando-se mais em proporcionar um “bom espetáculo” do que a adoção de procedimentos assertivos perante circunstâncias imprevistas. Os comandantes de regimento, na função de comando direto, não tinham estabelecido contacto pessoal com as suas unidades a fim de tomarem conhecimento da situação dos seus subordinados. Relativamente à organização do QG, foram visíveis as melhorias na sua estrutura e funcionamento relativamente ao ano anterior devido à realização antecipada de exercícios de postos de comando. Foi assinalada a inexistência da companhia divisionária de manutenção no terreno, aconselhando a sua transferência do Entroncamento para Santa Margarida assim que o Campo Militar dispusesse das infraestruturas adequadas à sua instalação. O relatório concluía que as manobras de 1954 tinham superado as do ano anterior fundamentalmente devido ao melhor desempenho dos EM dos regimentos e batalhões [Macedo 1984: 181-184; EME 1988: 179-180].

Num memorando dirigido ao ministro da defesa nacional, datado de 20 de outubro de 1954, o coronel Brown mencionou que as alterações doutrinárias introduzidas ao longo da formação anual da divisão tipo americano resultaram em significativas melhorias no planeamento dos EM no decurso das manobras. Como pontos críticos, propôs a nomeação de mais militares como árbitros e a existência de sobressalentes em quantidade adequada para garantir a manutenção

¹¹⁰ Decreto-lei nº 39 941.

¹¹¹ As manobras decorreram no CIMSM entre 11 de setembro e 8 de outubro de 1954.

dos equipamentos a fim de garantir o nível de operacional das unidades [Macedo 1984: 181-184; EME 1988: 180-181].

O relatório periódico do SHAPE para o SACEUR testemunhava o apreço geral sobre as manobras e as boas práticas da arbitragem, apesar do insuficiente número de oficiais, fazendo recomendações sobre a não participação da manutenção de materiais, a descontinuidade das operações diurnas *versus* noturnas e as melhorias a implementar na coordenação tática entre infantaria e carros de combate ao nível da companhia e pelotão [Macedo 1984: 184-185; EME 1988: 182].

Em 5 de novembro de 1954 o MAAG advertiu o Exército português sobre o deficiente planeamento no âmbito da prestação do apoio logístico, a falta de ligação entre os militares responsáveis pela condução das operações e do CEM com as unidades. Fez sentir o isolamento verificado no EM ao dedicar-se unicamente ao planeamento, descorando a função inspetiva e coordenadora sobre as suas unidades. Recomendou a necessidade do EM existir em permanência e em ligação com as unidades e a atribuição de maior importância à atividade logística (transmissões, reabastecimento de materiais, ferramentas e reabastecimento de munições) e aos recursos humanos [Macedo 1984: 186-187; EME 1988: 182-183].

Após a conclusão das manobras, depois das apreciações produzidas pelas várias entidades, a 11 de outubro de 1954, o comandante da divisão tipo americano referiu que as considerações tecidas sobre o desempenho da sua unidade resultaram das informações partilhadas consigo próprio e com o seu EM. Referiu que as deficiências detetadas se circunscreveram às “tropas de formação recente e com orgânica e apetrechamento ainda em experiência” [EME 1988: 183].

O chefe de EM da divisão elaborou o seu relatório com data de 29 de dezembro de 1954 onde referiu que as manobras tinham sido a repetição das realizadas no ano anterior. As

dificuldades encontradas já tinham sido relatadas do antecedente, realçando que as trinta propostas apresentadas não tinham sequer sido apreciadas superiormente. Afirmou que se nada fosse feito as manobras do ano seguinte iriam decorrer com as mesmas dificuldades. Propunha a modificação dos métodos de instrução, da organização e mobilização das subunidades, atribuindo a cada militar a função compatível com a sua formação, e a criação de um sentimento coletivo designado por *espírito de corpo* que “predispõe uma unidade militar para os mais generosos sacrifícios e para a glória mais pura” [Macedo 1984: 189-190; EME 1988: 186-187].

O Exército viu-se confrontado com a nova orgânica da divisão tipo americano, nova doutrina e novos materiais. As dificuldades já tinham sido evidenciadas no ano anterior não havendo registo de melhorias significativas em 1954. O Exército empenhava-se para que lhe fosse reconhecida aptidão operacional por parte dos países da NATO mas continuava a confrontar-se com dificuldades de adaptação.

Manobras de 1955

O CEME em 14 de abril de 1955 difundiu a diretiva sobre a realização das manobras desse ano, em consonância com o secretário de estado e o ministro da defesa nacional, programadas de 5 de setembro a 1 de outubro. As suas preocupações apontavam fundamentalmente para a incapacidade do apoio de serviços, quanto à deficiência que pudessem surgir nos equipamentos e que não fossem passíveis de solução imediata, devido às faltas de material acumuladas do ano anterior, às modificações a realizar nos materiais para deles se obter maior rentabilidade, à degradação do fardamento e dos equipamentos no decurso das manobras e à quebra no fornecimento dos géneros alimentícios. Pretendia que fosse elaborado um plano logístico com destaque para manutenção de material e o reabastecimento de munições de modo que a cadeia de comando sentisse quanto importante se tornava a satisfação das requisições em

tempo oportuno. As manobras deveriam decorrer em condições próximas do real em atividade contínua durante as vinte e quatro horas diárias. Desejava testar o dispositivo inicial das unidades e os deslocamentos fundamentalmente quando efetuados a pé. Em linhas gerais as suas preocupações referiam-se em primeiro lugar ao apoio de serviços e só depois às unidades de manobras [Macedo 1984: 208-210; EME 1988: 20-22].

O ministro da defesa nacional pretendeu ir um pouco mais além com o propósito de corrigir as debilidades detetadas anteriormente, tendo elaborado um despacho em 24 de junho de 1955 onde estabelecia diretrizes obre a nomeação dos árbitros e a sua não interferência na ação de comando das unidades, a presença de 66% dos efetivos da manutenção, a colocação dos quadros nas tarefas correspondentes à sua formação, a instrução das transmissões e das unidades de manobra de escalão batalhão [Macedo 1984: 211-212; EME 1988: 26-27].

As manobras decorreram em Santa Margarida, em conformidade com o planeamento que tinha sido elaborado, sem deixarem de ser objeto de críticas pelos responsáveis da defesa que desejavam que a divisão tipo americano atingisse um nível operacional de referência tão rapidamente quanto possível e sem os erros que sistematicamente iam detectando. Após a realização das manobras o comandante da divisão salientou, como deficiências, a organização do seu QG, o não completamento do quadro orgânico de pessoal, a curta duração do período das manobras, a falta de militares do quadro permanente relativamente ao quadro de complemento, a falta de especialistas, o atraso na concentração de pessoal e a preparação insuficiente nos escalões inferiores a batalhão. Deixou algumas propostas que pretendia ver concretizadas em 1956 como a melhoria da instrução dos oficiais e sargentos, a preparação e a realização das manobras efetuadas

pelos mesmos quadros da divisão e o cumprimento escrupuloso do plano de instrução [Macedo 1984: 220-223; EME 1988: 37-41]¹¹².

A missão SHAPE também elaborou um relatório onde enalteceu o planeamento e o desempenho do EM, contrariamente à insuficiência de pessoal para manter em permanência a evolução das ações e ao conhecimento antecipado que os comandantes obtiveram, uma vez mais, sobre a sequência da manobra, desvirtuando o realismo e a iniciativa pretendidos neste tipo de exercício. Sobre esta questão, a interpretação do SHAPE divergia da opinião do Exército português que entendia que a manobra deveria ser realizada nos moldes definidos nos planos de instrução como metodologia para testar os conhecimentos da cadeia de comandos e das respetivas unidades, conduta que servia para aperfeiçoar os procedimentos doutrinários [Macedo 1984: 224-225; EME 1988: 42-43].

O general Napier White voltou novamente a apreciar a realização das manobras deste ano tendo apresentado ao seu relatório em 10 de outubro de 1955 onde esboçou as seguintes críticas: a responsabilidade do comando da divisão, a estrutura do comando da divisão, a organização do quadro permanente das unidades, o programa de instrução da divisão e a aptidão dos oficiais superiores. Sobre a responsabilidade do comandante da divisão, referiu que esta entidade continuava a não ter o comando completo sobre todas as suas unidades orgânicas¹¹³. Sobre a estrutura do comando da divisão, alertou para o facto da instrução inerente à função de comando não ter sido assegurada ao longo do ano desde o escalão batalhão até ao da divisão, situação que considerou fundamental normalizar através da manutenção dos quadros em funções de comando durante o ciclo de instrução anual. Sobre a organização do quadro permanente, reconheceu as

¹¹² Este assunto já tinha sido registado em 1954 mantendo-se em 1956 a necessidade da existência de 205 000 sacos de terra tendo sido disponibilizados apenas 20 000. Quanto a viaturas foram facultadas 130 viaturas de carga quando eram precisas 206.

¹¹³ Não exercia a ação de comando sobre três batalhões de infantaria e dois grupos de artilharia por estarem concentrados noutra RM. O grupo de carros de combate, os batalhões de transmissões e de engenharia dependiam também dos inspetores das armas.

melhorias relativas ao ano anterior mas verificou que parte dos militares ainda se mantinha nas suas unidades apenas se integrando na divisão tipo americano durante o período da realização das manobras. Sobre o programa de instrução da divisão afirmou que o CIMSM reunia todas as condições para efetuar a integração entre as unidades de manobra (infantaria e cavalaria) e de apoio de combate (artilharia) não tendo este objetivo sido devidamente tratado durante o período anual de instrução e confirmado no decurso das manobras. Ficou bem impressionado com a aptidão dos oficiais mais novos pelo conhecimento e vitalidade revelados, contrariamente aos comandantes de regimento que considerou demasiado velhos para o desempenho da função que lhe estava atribuída [Macedo 1984: 225-228; EME 1988: 43-47].

Manobras de 1956

O planeamento das manobras para o ano de 1956 iniciou-se com a informação que o SGDN deu ao EME, em 9 de setembro de 1955, relativa à visita que o marechal Montgomery iria realizar a Portugal na última semana de setembro, para supervisionar as manobras da divisão tipo americano [Macedo 1984: 241].

O plano de instrução anual, que incluía a preparação das manobras, foi elaborado pelo comando da divisão tipo americano, assumindo na íntegra a responsabilidade sobre o ciclo de instrução, aconselhamento que vinha sendo dado pelas entidades estrangeiras [Macedo 1984: 229; EME 1988: 49].

No final das manobras o comandante da divisão tipo americano teceu algumas considerações que fugiram ao padrão habitual, focando-se no homem como elemento determinante na condução da guerra relativamente à força moral e ao emprego das armas [Macedo 1984: 225; EME 1988: 80].

O comandante do corpo de exército, em relatório sobre as manobras desse ano, voltou a aflorar temas que vinham sendo repisados e que ainda não tinham sido definitivamente sanados como o manter os quadros nas mesmas funções, a necessidade urgente da formação de mais especialistas, a constituição e o funcionamento permanente do QG da divisão, a atribuição de meios (peças de reserva e dinheiro) às unidades de manutenção para execução das reparações mais elementares (conservação do equipamento [Teodora: 2007: 124]¹¹⁴. Levantou a questão sobre a criação de uma escola de manutenção automóvel e a possibilidade de efetuar a manutenção dos equipamentos nas instalações da divisão ou em instalações civis ao mais alto nível de reparação (reparação e retorno ao sistema de reabastecimento [Teodora: 2007: 124]¹¹⁵) [Macedo 1984: 260; EME 1988: 87].

O MAAG também elaborou as suas apreciações em relatório, cingindo-se fundamentalmente à não utilização dos equipamentos de instrução fornecidos ao Exército português ao abrigo do Major Defense Acquisition Program (MDAP) e à escassez de pessoal de manutenção.

Em 31 de dezembro de 1956 o comandante da divisão tipo americano deu conhecimento ao comandante da 3ª RM de algumas das suas preocupações como a fraca formação dos condutores automóvel e a necessidade de se proceder à execução dos serviços de manutenção com qualidade superior através da criação de um organismo estritamente vocacionado para o desempenho dessa tarefa, organismo a que mais tarde se passou a designar por serviço de material [Macedo 1984: 261; EME 1988: 87-88].

¹¹⁴ As tarefas de conservação do equipamento são efetuadas nas unidades detentoras dos equipamentos na substituição de pequenos conjuntos de módulos e prestação de pequenos serviços (mudança de óleos, lubrificantes, etc.).

¹¹⁵ A reparação e retorno ao sistema de reabastecimento corresponde à realização de tarefas de reconstrução, recondicionamento e reparação efetuadas em unidades de manutenção.

No final de 1956 o documento SHAPE 15/57 considerou que o Exército português ainda não tinha atingido a eficiência adequada para poder entrar em combate¹¹⁶.

Manobras realizadas até ao final da década

O QG da divisão tipo americano, a 29 de julho de 1957, deslocou-se de Tomar para Santa Margarida onde ficou definitivamente instalada. Neste ano não foram realizadas as manobras divisionárias por falta de disponibilidade financeira e escassez de quadros, ficando circunscritas exclusivamente ao nível batalhão com a participação de um terço do efetivo com militares prontos¹¹⁷ e o restante constituído por militares ainda em período de formação [Macedo 1984: 118; EME 1988: 307]. Neste ano o Exército português ainda não tinha dado cumprimento do despacho do subsecretário de estado do exército de 25 de maio de 1954 quanto à presença de cada militar do QC em três manobras, em anos consecutivos, com o envolvimento de 33% do efetivo considerado pronto e presente nas unidade, reforçado com recrutas e pessoal já na disponibilidade em um terço cada¹¹⁸. Existem registos da visita do marechal Montgomery e do ministro da defesa holandês a Portugal desconhecendo-se se foram tecidas algumas apreciações sobre a situação da divisão tipo americano [Macedo 1984: 313; EME 1988: 126-127].

No ano de 1958 realizaram-se as últimas manobras da divisão tipo americano em Santa Margarida. O comandante da divisão elaborou um parecer onde sinalizou as questões de ordem orçamental e as limitações da operacionalidade dos materiais e a não participação dos carros de

¹¹⁶ Os problemas cingiam-se à ação de comando, à manutenção de viaturas, à falta de coordenação entre as diferentes armas, ao planeamento logístico, à insuficiência de equipamentos de substituição e munições durante o período da realização das manobras da divisão tipo americano.

¹¹⁷ Com especialidade atribuída.

¹¹⁸ Relativamente à permanência de 33% do efetivo presente nas unidades, reforçado com recrutas e pessoal na disponibilidade em um terço cada, ficando assim assegurada a presença de cada militar do quadro de complemento em três manobras consecutivas.

combate e veículos de engenharia no exercício por falta de combustível [Macedo 1984: 346-348; EME 1988: 161-162].

O chefe da missão SHAPE, coronel Jonh B. Corbly Jr., a 17 de outubro de 1958, assinalou as melhorias registadas na instrução considerado determinante que a divisão tipo americano devia permanecer constituída durante seis meses por ano até colmatar as deficiências que vinham sendo objeto de comentários [Macedo 1984: 350-351; EME 1988: 167-168]. O comandante da divisão estava em sintonia com este parecer mas confrontava-se com limitações que não conseguiu contornar referindo, por exemplo, que no ano corrente apenas conseguiu ter disponível 20% do efetivo pronto das unidades, sendo o restante formado por recrutas, e que ainda não tinha obtido o comando completo quanto à responsabilidade administrativa e financeira. Neste ano o Exército português ainda não tinha conseguido anular a existência de dois comandantes para a divisão tipo americano (sendo um o comandante da RM exclusivamente responsável pela área administrativa e financeira, e outro indigitado para a realização das manobras), apesar dos reparos feitos pelo general Napier White do SHAPE em 1954. O coronel Corbly considerou fundamental corrigir estas questões para melhorar os níveis operacional e de instrução de modo a propiciar uma maior “apreensão de conhecimentos pela execução, melhoramento essencial para evitar pesadas baixas no caso de a divisão ter de entrar em combate” [Macedo 1984: 351; EME 1988: 168-169].

Em 1959 apenas se realizaram exercícios de postos de comando e manobras a nível de batalhão como no ano anterior [Macedo 1984: 368; EME 1988: 181]. Na pesquisa não foram encontrados quaisquer relatórios sobre o decurso das referidas manobras.

G. EXPECTATIVAS GORADAS

Os primeiros exercícios, realizados em 1953, para além da avaliação das capacidades militares individual e coletiva, tiveram também como objetivo passar para a opinião pública nacional a imagem de que o sistema de defesa terrestre tinha iniciado um novo ciclo, confirmado pela existência de equipamentos tecnologicamente evoluídos e de um espaço para treino operacional a nível divisionário. Nesta fase, o governo apercebeu-se que o país não reunia as condições que pudessem materializar a concretização do número de unidades de escalão divisionário, situação que vinha sendo defendida pelo EME [Telo 1996: 254]¹¹⁹. A governação ficou ciente de quanto era dispendioso para o país, e para o Exército, possuir uma unidade moderna com o modelo que pretendia implementar. Os elementos recolhidos no início de 1954 referiam que o sustento da divisão tipo americano orçava em 74 milhões de dólares anuais, montante que era superior ao orçamento total da defesa para o mesmo período [Telo 1996: 254-255].

Logo na fase inicial o Ministro do Exército Abranches Pinto reconheceu quanto complexa se tornava a constituição de uma divisão tipo americano, defendendo que até ao final de 1954 não seria possível concretizar qualquer outro objetivo. Ficava assim comprometida a materialização das outras 3 divisões que constavam dos compromissos internacionais, situação que só foi reconhecida em meados desse ano pelo então Ministro da Defesa Santos Costa [Telo 1996: 255].

Em 1954 o país empenhou-se na realização de um exercício de grandes dimensões, da responsabilidade da 2ª RM e participação da 3ª, com o intuito de organizar a divisão tipo americano. A 1ª, 2ª e 4ª RM constituíram 3 divisões como forças designadas para os Pirenéus e

¹¹⁹ Um relatório elaborado pelo MAAG referia que as manobras se assemelhavam às realizadas em 1940 sem quaisquer semelhanças com a realidade e a objetividade que se exigia na realização de manobras, situação que também era reconhecida pelos oficiais portugueses que tinham adquirido formação na Alemanha.

mais uma para a defesa do continente, ilhas e territórios ultramarinos. Esta foi a orgânica que o país pode mobilizar e sustentar e que manteve até ao começo da guerra colonial [Telo 1996: 255].

O SHAPE era conhecedor das limitações de Portugal para integrar a coligação de defesa ocidental, facto que motivou a não atribuição de uma área de defesa em território francês para a sua divisão tipo americano. A situação só foi alterada depois de aquela organização ter sido muito pressionada por Portugal tendo sido atribuída uma zona de responsabilidade localizada no sul da França (Perigueux – Limoges – Angoulême) só nos finais de 1954 [Telo 1996: 257].

Em 1956 um oficial do SHAPE informou Portugal que o seu Exército não tinha competência para enquadrar as forças NATO para a defesa da Europa Ocidental, isto é, não estava preparado para cumprir a missão que lhe tinha sido atribuída há 5 anos atrás. Todo o esforço em material e formação não tinha sido suficientemente eficaz para colocar a divisão tipo americano em níveis de proficiência para ombrear com as outras forças ocidentais. O atestado de inaptidão era reconhecido pelas chefias do Exército que admitiram a impossibilidade do ramo ter reunido as condições para dispor de tropas devidamente preparadas até aquele ano [Telo 1996: 258].

Em 27 de maio de 1957 o chefe da missão SHAPE em Portugal, depois de ter realizado uma visita às unidades militares, apercebeu-se que decorridos dois meses após iniciado o período de instrução desse ano, o Exército ainda não tinha esboçado o calendário para a realização dos exercícios anuais, os responsáveis pela área do pessoal da divisão desconheciam a nomeação de alguns dos comandantes das suas unidades, os oficiais não sabiam os detalhes dos cursos de armas ligeiras nas unidades de infantaria, as cozinhas e os espaços de higiene utilizados nas manobras em anos anteriores ainda não tinham sido objeto de trabalhos de conservação e a engenharia militar encontrava-se a realizar trabalhos de manutenção de pavimentos quando devia estar em instrução. Estas apreciações não eram confortáveis para as chefias militares mas eram reveladoras da opinião das autoridades estrangeiras sobre a formação da divisão e que revelaram o propósito de poderem

criar condições dentro da instituição para efetuar as alterações adequadas às exigências [Macedo 1984: 282-283; 299-300; EME 1988: 224-226].

Em 22 de agosto de 1957 foi realizada uma conferência de altos comandos, onde estiveram presentes os elementos da maior responsabilidade na defesa da Nação para analisar o decurso da instrução do Exército português. As apreciações sobre o pessoal enfatizaram o baixo nível da preparação dos quadros e especialistas (condutores, mecânicos, transmissões) e a deficiente aplicação dos princípios táticos americanos relativamente à cooperação inter-armas. As medidas corretivas apontavam para a obtenção de maiores qualificações dos militares do quadro permanente, fator que devia ser considerado imperativo na seriação dos candidatos que pretendiam ingressar nas fileiras durante o processo de recrutamento. Impunha-se redefinir normas sobre a colocação dos militares do quadro permanente para evitar a sua permanência nas mesmas funções por períodos alargados e sobre a sua distribuição equitativa pelas unidades. Sobre o material, foi debatida a falta de equipamentos para a instrução e mobilização e a deficiente manutenção. Foi considerado importante insistir na obtenção dos artigos em falta e na melhoria dos trabalhos prestados pelo serviço de material. A preservação da operacionalidade dos equipamentos recomendava a disponibilidade de peças ou artigos completos no sistema de reabastecimento e o rigor na execução dos trabalhos de manutenção. Considerava ainda que as verbas disponíveis eram insuficientes para a formação adequada do Exército [Macedo 1984: 284-286; EME 1988: 224-227].

Na sequência daquela conferência o CEME elaborou um relatório onde afirmou que “o Exército não estava em condições de satisfazer os fins da política; o Exército - que reputa de grave - não poderá estar, em curto prazo, nas condições necessárias”. Considerava que a situação era de tal forma deprimente que a quantidade e qualidade do pessoal não eram suficientes para satisfazer as exigências, os meios materiais eram escassos e o conhecimento militar encontrava-se aquém do desejado devido ao reduzido tempo de formação. A opinião do comandante do Exército deitava

por terra todo o trabalho que vinha sendo realizado desde o início da década de 50, não sendo possível asseverar os compromissos internacionais. Propunha a aceitação de uma das duas modalidades: “conservação dos fins atuais e aumento das verbas orçamentais ou conservação das atuais verbas orçamentais e fixação de fins mais modestos [...] considerava como injustificada e perigosa a manutenção da atividade, porque dela poderia resultar o prolongamento de um estado de coisas, dentro do qual, não obstante todos os esforços realizados para a preparação de uma divisão e após quatro anos cuidados e favores especiais, essa divisão não está em condições de entrar em operações”. Em remate, o CEME referiu que “não podemos concluir que será possível alterar a estrutura orçamental pela diminuição das despesas com pessoal o que dá ao problema maiores dificuldades e melindres. É o problema dos nossos programas de forças e de toda a organização de paz que está em causa”. Era necessário reavaliar os acordos militares traçados pela política com as alterações estruturais daí resultantes, e incumbir o EME para proceder a uma nova reorganização [Macedo 1984: 319; EME 1988: 181].

Das conclusões resultantes daquela conferência de altos comandos, o subsecretário de estado do exército, num despacho emitido a 09 setembro de 1957, deu indicações ao Exército para providenciar nova reorganização tendo em atenção as necessidades militares terrestres conducentes com a situação e os encargos internacionais, a concentração de meios eficientes e a redução das despesas na manutenção dos edifícios militares, canalizando essas verbas para a rentabilidade do Exército. Esta matéria foi atribuída ao EME para apresentação de uma proposta até 30 de novembro de 1957 [Macedo 1984: 287; EME 1988: 228], tema que se insere no âmbito da mobilização analisado no próximo capítulo.

A tutela considerava necessário rever a organização territorial do continente por se encontrar desajustada às necessidades e às possibilidades do país. Reputava como fundamental assegurar os compromissos internacionais, a defesa interna do território continental e insular e

salvaguardar a eventualidade de criar uma estrutura para atuar nos territórios ultramarinos. Para cumprimento do despacho o Exército português precisa dispor de um efetivo de 195 000 homens [Macedo 1984: 289-290; EME 1988: 231-232].

Tinham decorrido quatro anos desde o início da criação da divisão tipo americano e os problemas arrastavam-se nas áreas consideradas vitais: no pessoal e nos materiais. Surgiu pela primeira vez a preocupação da preparação das forças para o ultramar tema que passou a integrar a agenda política e militar [Macedo 1984: 286; EME 1988: 227].

Na continuação do despacho do subsecretário de estado do exército, a 04 de outubro de 1957, o CEME elaborou um documento onde garantiu que o Exército português estava recetivo a todas as decisões para “satisfizesse os fins da política”, concordando com a reformulação da orgânica da divisão. Propôs a escolha de um dos 3 tipos de divisão: a tipo americano com base em 5 batalhões de infantaria (divisão pentatónica); a tipo alemã, recentemente adotada pelos holandeses assente em 7 batalhões de infantaria; e a tipo inglesa com base em 12 batalhões de infantaria agrupados em três brigadas. O Exército português voltava uma vez mais a confrontar-se com a forma que deveria adotar no escalão divisão tendo mantido a preferência pelo modelo americano agora com uma nova organização. O comandante do Exército defendia que era o momento oportuno para efetuar a reestruturação geral do ramo terrestre, em conformidade com as indicações governamentais, admitindo a possibilidade de surgirem constrangimentos na sociedade civil quando confrontada com a retirada das unidades do interior das populações causando a perda de prestígio e a diminuição da atividade económica [Macedo 1984: 291-292; EME 1988: 234-235].

Esta questão deu início a uma nova remodelação da orgânica da divisão que passou a ter uma estrutura pentatónica, criada em 1959 com um período de vida que durou até 1964, altura em que foi constituída uma outra divisão designada por ROAD.

H. ALTERAÇÃO NAS PRIORIDADES DE DEFESA

A diretiva emitida pelo SGDN, datada de 9 de outubro de 1957, determinava a alteração das prioridades da defesa nacional e a criação de uma orgânica com capacidade de manter a paz nos territórios ultramarinos. Depois desta diretiva, o sistema de defesa nacional passou a direcionar as suas prioridades para os territórios ultramarinos africanos e indianos, Macau e Timor, locais que exigiam um dispêndio financeiro significativo para garantir a estabilidade naquelas regiões, preterindo os acordos NATO para outro nível de importância [Telo 1996: 255].

A formação da divisão tipo americano concentrou todas as atenções políticas e militares durante dez anos, tendo-se tornado no veículo da transformação do Exército durante a década de 50, mas na realidade e apesar de todos os esforços efetuados, aquela unidade não foi capaz de se tornar apta para cumprir a missão que lhe estava atribuída, tendo o seu percurso sido acompanhado de perto pelos parceiros da Aliança Atlântica. Para o SHAPE, as forças portuguesas eram consideradas como uma “reserva de longo prazo” que só estariam em condições de participar no teatro de guerra, supostamente nuclear de curta duração, após um ano do seu início do conflito e com apoio estrangeiro [Telo 1996: 258].

5.

MOBILIZAÇÃO MILITAR

A adesão à Aliança Atlântica obrigou à reformulação da orgânica do Exército através da criação de novas unidades alicerçadas num esforço de mobilização. Este novo elemento provocou a atribuição de percentagens de mobilização estabelecidas às unidades em tempo de paz, em resultado das novas estruturas militares destinadas à defesa da Europa, com prazos de intervenção previamente definidos. Este foi o passo decisivo para a criação de unidades preparadas para atuarem no exterior do território, com pessoal unicamente nomeado para essa função com base no escalonamento de mobilização determinado para cada RM.

Neste capítulo abordam-se as soluções encontradas para o Exército poder dispor do efetivo militar das 3 categorias (oficiais, sargentos e praças), com as especialidades necessárias para o preenchimento dos quadros orgânicos de pessoal. O plano de mobilização foi sendo progressivamente ajustado às novas realidades sendo definido em 1956 o efetivo de campanha do Exército.

A. O EXÉRCITO PORTUGUÊS ATÉ À ENTRADA DE PORTUGAL NA NATO

No período que antecedeu a entrada de Portugal na NATO o poder político passou por momentos de indefinição sobre o modelo militar que deveria adotar para, em situações extremas, poder enfrentar as ameaças externas. O Exército estava articulado em 5 RM e 2 comandos militares dos arquipélagos dos Açores e da Madeira, tendo o país disponibilidade para mobilizar um efetivo de cerca de 400 000 homens em situação de guerra. Por razões de ordem financeira, em tempo de paz, o Exército dispunha de 24 000 militares presentes nas fileiras, número considerado insuficiente para assegurar a defesa do territorial nacional e das suas colónias. A limitação orçamental lançava por terra o tão ambicioso *exército de massas* que alguns pretendiam constituir formado por 15 divisões [Nogueira 2000: 357-359].

As unidades militares terrestres, dispersas pelo território nacional, eram constituídas a partir do serviço militar geral e obrigatório, tendo-lhes sido atribuída, como missão principal, barrar o possível ataque proveniente de Espanha [Duarte 2005: 335 e 335]. A preparação e mobilização dos efetivos eram da responsabilidade das unidades permanentes para as tropas ativas, aos centros de mobilização para as tropas licenciadas e aos distritos de recrutamento para as tropas territoriais. O Exército tinha organicamente 4 divisões, unidades de prestação de serviços e de formação¹²⁰. O serviço militar abrangia um período de 28 anos distribuído por 3 núcleos que agrupavam as tropas ativas com 6 anos, as tropas licenciadas com 16 anos e as tropas territoriais também com 6 anos de duração¹²¹.

¹²⁰ Ordem do exército n° 9, 13 de outubro de 1937 e lei n° 1960, de 1 de setembro de 1937, artº. 25, I Série, n° 204, Lisboa, p. 910.

¹²¹ Lei n° 1961, de 1 de setembro de 1937, art.º 28, I Série, n° 204, Lisboa, p. 916.

B. A MOBILIZAÇÃO MILITAR DECORRENTE DA ADESÃO DE PORTUGAL À NATO

A adesão à NATO conduziu o Exército português a conceber uma estrutura que teve implicações diretas nos efetivos de que necessitava para dar cumprimento aos acordos estabelecidos. Portugal, com base na diretiva de maio de 1952 do SGDN, assumiu criar até ao ano de 1954 um conjunto de divisões tipo americano e tipo português para a defesa da Europa Ocidental e da Península Ibérica, mais as forças destinadas à defesa interna do país e das províncias ultramarinas, pondo fim definitivamente ao conceito *exército de massas* defendido do antecedente [Macedo 1984: 13-14; EME 1988: 27-28].

1. Plano de mobilização do Exército português

No início da década de 50 Portugal reunia condições que lhe permitiam usufruir de um serviço militar obrigatório formado por cidadãos masculinos com idades compreendidas entre os 20 e os 45 anos podendo concentrar, por mobilização, 826 190 homens [Macedo 1984: 11; EME 1988: 25]¹²².

A circular nº 1 029/MT de 1951 normalizou o controlo permanente dos efetivos do Exército português através da criação de fichas individuais que permitiam analisar as existências e as faltas em oficiais e sargentos em cada unidade e estabelecimento militar. O sistema criou condições para o comando do Exército poder avaliar as presenças e faltas em dado momento,

¹²² O efetivo mobilizável agrupava-se em três escalões: tropas ativas até aos 28 anos, tropas licenciadas até aos 40 anos e tropas territoriais até aos 45 anos. Era possível aprontar 250 000 homens em tropas ativas e mais 576 190 em tropas licenciadas e territoriais (557 022 soldados, 10 262 sargentos e 8 906 oficiais). Contabilizando o efetivo nas fileiras mais o mobilizável, o país podia concentrar 826 190 homens. No entanto, o número de oficiais e sargentos era insuficiente para enquadrar o número de praças. O efetivo máximo que o país podia dispor, com tropas comandadas e escalonadas por categorias, correspondia a 300 000 homens.

facilitando as movimentações em pessoal entre unidade ou por mobilização, segundo os critérios de prioridade estabelecidos. O processo permitia também analisar os quantitativos em oficiais e sargentos não arregimentados às unidades, efetivos que estavam disponíveis através de convocação por mobilização para preenchimento das vagas relativas ao quadro orgânico de pessoal [Macedo 1984: 11; EME 1988: 25].

Este processo de controlo estava em sintonia com os compromissos internacionais, ratificados pelos EUA em 15 de novembro de 1951, ficando Portugal com a incumbência de formar a partir 1 de janeiro de 1952 uma divisão tipo português com uma orgânica semelhante à americana de modo obter um grau de prontidão aceitável em 1 de setembro do ano seguinte. Ficou também acordada a existência de outra divisão de tipologia portuguesa com capacidade para entrar em combate a partir de 2 de janeiro de 1952. Levantaram-se sérias dificuldades à instituição castrense, fundamentalmente quanto à criação da divisão tipo americano, pela falta de militares das 3 categorias e de formação adequada às funções atribuídas em quadro orgânico [Macedo 1984: 40-43].

Em março de 1952 o ministro do exército, em comum acordo com o ministro da defesa nacional, emitiu uma diretiva onde estipulava a prioridade na formação das unidades de tipologia americana através da criação de um corpo de exército com 2 divisões. Dava também indicação sobre a constituição, num espaço de tempo muito curto, de mais outro corpo de exército com tipologia portuguesa formada inicialmente por 2 divisões, ficando a terceira para uma fase posterior. A diretiva definiu as linhas gerais sobre o funcionamento das unidades mobilizadoras quanto os graus de prontidão e o tempo previsto para a sua conclusão¹²³. Dava também indicação sobre a formação em permanência dos QG e a necessidade de manter permanentemente, em

¹²³ Consultar tabela nº 3 p. 78.

tempo de paz, uma determinada percentagem do efetivo das unidades das divisões tipo americano [EME 1988: 52].

O GML e cada RM passaram a assumir responsabilidades na realização das tarefas de mobilização para as divisões tipo português (TP) e tipo americano (TA) entre 1952 e 1954 (tabela nº 18) [Macedo 1984: 55; EME 1988: 54].

TABELA Nº 18 – Responsabilidade faseada na formação de unidades

RM	1952	1953	1954
	1ª fase	1ª fase	1ª fase
GML	3ª Div TP	3ª Div TP	3ª Div TP
1ª RM	1ª Div TP	1ª Div TP	1ª Div TP
2ª RM		1ª Div TA	1ª Div TA
3ª RM	2ª Div TP	2ª Div TP	2ª Div TP
4ª RM		2ª Div TA	2ª Div TA

Macedo 1984 e EME 1988

Em julho de 1952 o CEME elaborou uma proposta, para aprovação ministerial, atribuindo de prioridade qualitativa à constituição das divisões tipo americano recorrendo aos quadros e especialistas presentes nas unidades e, em último caso, aos que se encontravam na disponibilidade para preenchimento do quadro orgânico de pessoal das unidades prestadoras de serviços. Propunha a continuidade das RM existentes como garante do fornecimento dos efetivos necessários para a realização das manobras militares, mobilização, concentração e transportes

estratégicos. Era seu entendimento que a mobilização de especialistas tinha de ser analisada a nível nacional para rentabilizar os meios existentes [Macedo 1984: 58; EME 1988: 58-59].

A primeira ordem de batalha¹²⁴, referente à constituição do comando do corpo de exército tipo americano, foi definida em 15 de julho de 1952, por despacho do ministro do exército, através da nomeação dos comandos superiores, ficando cada militar a integrar definitivamente aquela estrutura orgânica [Macedo 1984: 55; EME 1988: 56]. Foi o primeiro documento que atribuiu funções aos militares segundo aquele modelo, sendo o ponto de partida para a efetivação da mobilização relativa ao novo sistema de defesa que Portugal estava a implementar [Macedo 1984: 11; EME 1988: 25].

Em setembro de 1952 a 2ª RM foi incumbida de executar manobras de nível divisionário sendo-lhe atribuída como missão, além de outras, a testagem dos encargos de mobilização. Foram as primeiras manobras realizadas por uma grande unidade no período de transformação que estamos a tratar, em circunstâncias em que a preparação e o enquadramento se encontravam num estado embrionário [Macedo 1984: 62-63; EME 1988: 61-62].

Foi difícil agrupar os efetivos das diversas unidades por as diretivas relativas à concentração e mobilização de pessoal não se encontrarem devidamente detalhadas relativamente à realização deste tipo de exercícios. Os obstáculos iniciais surgiram devido à falta de oficiais para a formação dos QG fundamentalmente em relação à 2ª RM que teve de recorrer de outras RM para preencher as funções de chefe de repartição [EME 1988: 62]. Para a constituição dos QG do CE, das 2 divisões tipo americano e das 3 tipo português eram necessários 89 oficiais (tabela nº 19) [Macedo 1984: 56; EME 1988: 55].

¹²⁴ Entende-se por ordem de batalha a colocação dos militares em cada função na estrutura orgânica de cada unidade.

TABELA N° 19 – Necessidades em oficiais para um QG
das unidades tipo português e tipo americano

Escalão da unidade	Necessidades de oficiais em unidades TP	Necessidades de oficiais em unidades TA
CE	12	10
Divisão	3x13	2x14
TOTAL	51	38

Macedo 1984 e EME 1988

O passo seguinte focou-se na organização dos quartéis que tinham por missão mobilizar os efetivos necessários ao preenchimento do quadro orgânico de pessoal das unidades de campanha, sendo necessário garantir a funcionalidade desses quartéis com percentagens exequíveis de efetivos [Macedo 1984: 71; EME 1988: 86].

Em 7 de maio de 1953 o ministro do exército elaborou um despacho onde atribuiu responsabilidades de mobilização aos diversos escalões desde o CEME aos comandantes de unidade, passando pelos comandantes de RM. Ao CEME foram incumbidas as tarefas referentes à preparação geral do exército. Os generais comandantes das RM ficaram com o encargo de processar o “recrutamento, mobilização e preparação para a guerra de todos os homens aptos para o serviço nas fileiras na área da sua Região”. Aos comandantes de unidade das armas e serviços foi-lhes confiada a missão de recrutamento e mobilização na sua área geográfica. Os comandantes de unidade de escalão inferior a regimento, ficaram responsáveis pela preparação para a guerra das unidades sob seu comando quanto à preparação, comportamento moral e profissional [Macedo 1984: 132].

O EME, em 2 de julho de 1953, elaborou um ofício dirigido ao CEMGFA informando que as unidades orgânicas da divisão tipo americano e os seus órgãos de apoio passavam a ter 33% dos efetivos presentes nas unidades. Em resposta ao ofício, a 27 de julho de 1953, o CEMGFA concordou com a proposta, recomendando a sua apresentação ao ministro da defesa nacional que aprovou o seu conteúdo com data de 12 de dezembro de 1953. Foi um marco decisivo, do ponto de vista da funcionalidade do Exército, o EME ter conseguido constituir organicamente a divisão tipo americano, com parte do seu efetivo, com a atribuição da missão principal de instruir, aprontar as forças e mobilizar efetivos [Macedo 1984: 72-74; EME 1988: 84-85].

Para manter o efetivo de 33% nos regimentos, em tempo de paz, foi determinado que dos 3 batalhões orgânicos 2 ficavam a 50%, garantindo assim a existência permanente de uma estrutura considerável, com capacidade de realizar a mobilização de uma forma mais célere comparativamente com a outra modalidade que permitia só ter um batalhão a 100%. Por razões orçamentais e de alojamento a 2ª RM não tinha capacidade para manter os seus 3 regimentos de infantaria mesmo com a redução em 2/3 dos seus efetivos. Para a constituição da divisão tipo americano foi necessário redistribuir responsabilidades passando a 3ª RM a mobilizar com base em 1/3 dos militares que acabavam a recruta, 1/3 dos que pertenciam à classe anterior e 1/3 da classe que 2 anos antes se encontrava na disponibilidade. Nesta altura o Exército português já só falava na constituição de uma divisão [Macedo 1984: 92, 92A-92-B; EME 1988: 78-80].

No final de 1953 os critérios de mobilização ainda não tinham sido implementados na constituição das unidades, situação que foi comprovada após a realização das manobras desse ano ao não ter sido necessário recorrer aos militares recrutas que se encontravam a frequentar o período de instrução [Macedo 1984: 95-96; EME 1988: 87-88].

Em 6 de maio de 1954 o CEMGFA enviou um ofício ao CEME dando conta das intenções do ministro do exército quanto à satisfação das necessidades inerentes à constituição da

divisão tipo americano. Foi nesta sequência que o EME determinou que cada RM tinha por incumbência mobilizar uma divisão cabendo à 1ª, 3ª, e 4ª a função da defesa da Península Ibérica nos Pirenéus e a 2ª, com reforço da 3ª, responsável da defesa da Europa Central. O fornecimento dos elementos de apoio para as divisões dos Pirenéus passaram a ser assegurados pela GML e 4ª RM enquanto para a divisão da Europa Central ficaram a cargo da 1ª, 2ª e 3ª RM [Macedo 1984: 135-136; EME 1988: 132-133]. A defesa interna era garantida pelo regimento de infantaria nº 9, 10 batalhões de caçadores e 3 de metralhadoras, 1 batalhão de engenharia e o regimento de cavalaria nº 2 [Macedo 1984: 136-139].

Em 14 de maio de 1954, através da circular 19/MT, o EME redefiniu novas percentagens para os efetivos do quadro orgânico em tempo de paz para as unidades combatentes e em alguns órgãos de direção e de apoio da divisão tipo americano (tabela nº 20) [Macedo 1984: 132-134].

TABELA Nº 20 – Percentagens relativas aos quadros orgânicos em tempo de paz das unidades de campanha da divisão tipo americano

Estado maior do QG	66%
Órgãos de transmissões das armas, Un de transmissões e de carros de combate	66%
Companhia de manutenção de material	50%
Órgãos de comando e unidades de engenharia	40%
Banda de música	100%
Restantes elementos	30 a 33%

Macedo 1984 e EME 1988

Verificou-se um aumento significativo nos efetivos exceto nas unidades de manobra e apoio de combate que mantiveram a mesma proporção. A partir daquela data as unidades passaram a dispor um volume de forças em permanência direcionando a sua atividade unicamente na aquisição de competências operacionais. À tropa de defesa interna e às restantes forças foi-lhes

atribuído um efetivo mais reduzido corroborando com a orientação das prioridades para a 2ª divisão (tabela nº 21) [Macedo 1984: 133-134].

TABELA Nº 21 - Percentagens relativas à defesa interna
e restantes forças

Tropa de defesa interna	25%
Restantes forças	20%

Macedo 1984 e 1988

O Exército tinha dado mais um passo em frente embora o processo ainda não se encontrasse suficientemente consolidado devido fundamentalmente à carência de algumas especialidades. As unidades passaram a saber quais os militares que deveriam formar anualmente e quais os que teriam de mobilizar para preencher os seus quadros orgânicos. A partir daquela data os encargos relativos à mobilização foram transferidos da 2ª para a 3ª divisão [Macedo 1984: 140].

2. Um novo fôlego sem sucesso

Subsecretário de estado do exército, em 25 de junho de 1953, emitiu um despacho dando indicações sobre a transferência de responsabilidades de mobilização dos oficiais e sargentos do Exército para a 1ª direção-geral no ministério do exército¹²⁵. O EME levantou algumas objeções, que se tornaram infrutíferas, por entender que os encargos de mobilização deviam continuar a ser da incumbência das unidades detentoras dessa missão, que tinham por responsabilidade elaborar os quadros orgânicos das unidades mobilizáveis, o preenchimento das suas ordens de batalha, a

¹²⁵ Parecer sobre o processo de mobilização em vigor em 1955 do CEME Interino general José Viana Correa Guedes, Proc. 55/3-5, 1 de outubro de 1955, pp. 3 a 5, AHM/Fundo 6/Série 34/12/Cx 257/nº 132.

definição de prioridades na distribuição de graduados, a atribuição de percentagem de milicianos (oficiais e sargentos) em cada unidade, a inventariação de especialistas em oficiais e sargentos do QP e do QC e a normalização de procedimentos de mobilização¹²⁶.

O processo de mobilização das praças, da responsabilidade dos QG, era mais fácil de executar por cada unidade ter a obrigação de manter os elementos de identificação e de qualificação dos militares nas fileiras e fora da efetividade de serviço, permitindo ter acesso à relação de todas as especialidades existentes, procedimento que facilitava o preenchimento dos quadros orgânicos em tempo de paz em caso de mobilização¹²⁷. Para esta situação o EME recomendou que os ficheiros individuais deviam ser atualizados no momento da conclusão da escola de recrutas, da passagem à disponibilidade e da alteração da classe do militar, assim como o seu encaminhamento direto para o batalhão, companhia e pelotão de destino em situação de mobilização¹²⁸.

Para a constituição da divisão tipo americano, em 20 de junho de 1955, através da circular 16/M, o EME decidiu empregar as praças das classes de 1954 e 1955 para preenchimento dos quadros orgânicos em tempo de paz¹²⁹. Quando os efetivos da 3ª RM não eram suficientes o Exército recorria aos excessos disponíveis da 2ª RM permitindo que as unidades daquela RM

¹²⁶ Parecer sobre o processo de mobilização em vigor em 1955 do CEME Interino general José Viana Correa Guedes, Proc. 55/3-5, 1 de outubro de 1955, pp. 6 e 7, AHM/Fundo 6/Série 34/12/Cx 257/nº 132.

¹²⁷ Parecer sobre o processo de mobilização em vigor em 1955 do CEME Interino general José Viana Correa Guedes, Proc. 55/3-5, 1 de outubro de 1955, pp. 7 e 8, AHM/Fundo 6/Série 34/12/Cx 257/nº 132.

¹²⁸ Parecer sobre o processo de mobilização em vigor em 1955 do CEME Interino general José Viana Correa Guedes, Proc. 55/3-5, 1 de outubro de 1955, pp. 9 e 10, AHM/Fundo 6/Série 34/12/Cx 257/nº 132.

¹²⁹ Parecer sobre o processo de mobilização em vigor em 1955 do CEME Interino general José Viana Correa Guedes, Proc. 55/3-5, 1 de outubro de 1955, pp. 14 e 15, AHM/Fundo 6/Série 34/12/Cx 257/nº 132.

ficassem dotadas dos efetivos necessários relativos aos encargos de mobilização. Só em casos extremos se mobilizavam efetivos da classe de 1953 por se encontrarem na disponibilidade¹³⁰.

Apesar de terem sido postas em prática as normas estabelecidas pelo EME, para que a 3ª RM pudesse usufruir do total dos efetivos por mobilização, o comando desta unidade informou o subsecretário de estado do ministério do exército, através da nota nº 4198 de 29 de junho de 1955, que continuava a ter falta de 3 500 militares. Depois de um novo empenho do EME mantinha-se a falta de 1 400 praças sendo 930 da especialidade de condutor. Foi necessária a intervenção daquele subsecretário que determinou o recurso da classe de 1953 e, na eventualidade de não ser suprida a totalidade das faltas, recorrer aos militares das unidades não mobilizáveis das classes de 1954 e 1955, não ultrapassando 25% dos efetivos, que se encontravam em prestação de serviço efetivo¹³¹.

Depois de executadas as determinações persistiam 900 faltas. Foi necessário socorrer-se das classes de 1952 e de 1951 das unidades mobilizadoras e, se a situação ainda assim não fosse regularizada, havia que empregar as praças da classe de 1953 das unidades não mobilizáveis. Depois de terem sido empregues todas as medidas tendentes à normalização dos efetivos para mobilização, a situação ainda não ficou totalmente solucionada tendo a 3ª Rep/EME elaborado a nota-circular nº 592/MT, de 18 de agosto de 1955, informando o não preenchimento de 203 vagas relativas às especialidades de longa formação que estavam em curso, correspondendo a 1,3% do efetivo de praças da divisão, quantitativo que podia comprometer o cumprimento da sua missão¹³².

¹³⁰ Parecer sobre o processo de mobilização em vigor em 1955 do CEME Interino general José Viana Correa Guedes, Proc. 55/3-5, 1 de outubro de 1955, pp. 14 e 16, AHM/Fundo 6/Série 34/12/Cx 257/nº 132.

¹³¹ Parecer sobre o processo de mobilização em vigor em 1955 do CEME Interino general José Viana Correa Guedes, Proc. 55/3-5, 1 de outubro de 1955, pp. 16 e 17, AHM/Fundo 6/Série 34/12/Cx 257/nº 132.

¹³² Parecer sobre o processo de mobilização em vigor em 1955 do CEME Interino general José Viana Correa Guedes, Proc. 55/3-5, 1 de outubro de 1955, pp. 17 e 18, AHM/Fundo 6/Série 34/12/Cx 257/nº 132.

Em 10 de setembro de 1955 o comandante da 3ª divisão emitiu a nota nº 1 579 onde voltava a levantar questões relacionadas com a falta de pessoal (406 em oficiais, sargentos e praças). A inexistência era devida ao facto da mobilização não ter sido devidamente acautelada por existirem situações de baixa por doença e frequência de cursos dos militares que constavam do quadro orgânico em tempo de paz¹³³. O não preenchimento resultava da carência de militares disponíveis das classes 1953, 1954 e 1955, situação que comprometia a capacidade operacional das unidades. Apesar da divisão tipo americano encimar a prioridade das prioridades do Exército português, em 1955 ainda não tinha sido possível cantar vitória e poder dizer em alto e bom som que esta grande unidade estava preparada para integrar a defesa da Europa Central.

TABELA Nº 22 - Unidades do Exército português com missão de recrutamento e mobilização

Unidade	Sede	Área de recrutamento e mobilização
Regimento de lanceiros nº 1	Elvas	3ª e 4ª RM
Regimento de lanceiros nº 2	Lisboa	GML e 1ª RM
Regimento de cavalaria nº 3	Estremoz	4ª RM
Regimento de cavalaria nº 4	Santa Margarida	Nacional
Regimento de cavalaria nº 5	Viseu (a)	2ª RM
Regimento de cavalaria nº 6	Guimarães (b)	1ª RM
Regimento de cavalaria nº 7	Lisboa	Nacional
Regimento de cavalaria nº 9	Castelo Branco	3ª RM
Escola prática de cavalaria	Santarém	Nacional

Decreto nº 40 724, de 3 de agosto de 1956, *in* ordem do exército nº 4, 1ª Série

¹³³ Parecer sobre o processo de mobilização em vigor em 1955 do CEME Interino general José Viana Correa Guedes, Proc. 55/3-5, 1 de outubro de 1955, pp. 17 e 18, AHM/Fundo 6/Série 34/12/Cx 257/nº 132.

Em 5 de janeiro de 1956 o plano de mobilização sofreu novo reajustamento através de um despacho do ministro do exército, onde admitiu que os encargos de mobilização fossem preenchidos por todos os militares disponíveis e presentes nas fileiras, provenientes de qualquer unidade recorrendo em primeiro lugar às classes mais modernas [Macedo 1984: 145].

Em 3 de agosto de 1956, dentro de cada RM, foram atribuídas missões de mobilização em tempo de paz a algumas unidades do Exército para facilitar a concentração dos efetivos necessários (tabela nº 22)¹³⁴.

TABELA Nº 23 – Encargos de mobilização do sistema de defesa
do Exército em 1956

Unidades miliares	Efetivos de campanha
3ª divisão	14 898
Elementos de apoio à 3ª divisão	5 040
Divisões para os Pirenéus	43 399
Elementos de apoio às divisões dos Pirenéus	7 139
Defesa antiaérea	17 167
Defesa de costa	1 979
Defesa do interior	24 889
Forças especiais para o ultramar	3 500
Reservas gerais	16 384

Macedo 1984 e EME 1988

Em 20 de novembro de 1956 o EME elaborou uma informação onde dava conta das dificuldades que ainda estavam por vencer no campo da mobilização, por não estarem fixados os

¹³⁴ Decreto nº 40 724, de 3 de agosto de 1956, *in* ordem do exército nº 4, 1ª Série, p. 178.

efetivos das divisões destinadas aos Pirenéus em unidades de combate e de apoio e pela indefinição das necessidades para garantir a defesa interna. Para clarificar a situação, aquela entidade determinou que o Exército precisava de reunir 134 395 militares para dar cumprimento a todas as frentes de defesa do país a nível interno e externo (tabela nº 23) [Macedo 1984: 145].

Em 9 de setembro de 1957 o subsecretário de estado do exército elaborou um despacho dirigido ao EME para analisar a organização territorial. Era entendimento deste órgão de direção que a estrutura do Exército devia ser revista com o objetivo de salvaguardar as necessidades militares e os compromissos internacionais, permitir a concentração de recursos com o máximo rendimento, reduzir as despesas em infraestruturas e efetivos em cumprimento de serviço. O país devia ter uma única RM com 2 divisões devendo os efetivos ser distribuídos como consta da tabela nº 24 [Macedo 1984: 288-289].

TABELA Nº 24 - Distribuição dos efetivos pelas unidades militares

Unidades militares	Efetivos em tempo de paz
1ª divisão a 33% e elementos de apoio (Pirenéus)	6 000
2ª divisão a 40% e elementos de apoio (Europa Central)	8 000
Artilharia antiaérea e de costa a 20%	4 000
Defesa interna e do ultramar	3 500
Escolas práticas e centros de instrução a 100%	4 000
Estabelecimentos na zona do interior a 100%	2 500
TOTAL	28 000

Macedo 1984 e EME 1988

A organização territorial que o Exército português pretendia adotar, implicava a extinção de alguns aquartelamentos, procedimento que colidia com a imagem que o Exército projetava a nível nacional e os interesses económicos de cada região. A redução da quadrícula militar minimizava a disponibilidade financeira necessária para manter as forças relativas à defesa interna e externa do país. A influência americana, em resultado da experiência colhida na 2ª Guerra Mundial¹³⁵, voltou a fazer-se sentir no Exército português através da formação de um outro tipo de divisão com outra organização para fazer face ao incremento da arma atómica. No final da década de 50 surge uma nova divisão, constituída por 5 batalhões [Macedo 1984: 289-293].

Em 15 de maio de 1958 o CEME emite uma diretiva revelando a sua preocupação com a defesa do ultramar e a preparação das forças para cumprimento de uma nova missão. Colocou-se aqui uma outra preocupação política e militar por ter aparecido um outro facto que passava a constar do planeamento da defesa quanto à constituição de unidades vocacionadas para uma nova realidade, que, no entendimento do CEME, se devia situar no mesmo patamar das restantes forças [Macedo 1984: 294].

3. A insuficiência de quadros

A particular escassez de oficiais do QP com o CEM tornou-se numa questão que não foi possível de ultrapassar, formação militar que estava orientada fundamentalmente para as funções relativas à organização e ao planeamento. A falta de oficiais do QP por mobilização era colmatada por oficiais milicianos, exigindo uma análise criteriosa de cada militar a fim de avaliar se seu perfil formativo correspondia às exigências mínimos do cargo a nomear [Macedo 1984: 68].

¹³⁵ Unidades com maiores frentes e profundidades, e aumento da capacidade de comando e controlo devido ao grande poder de fogo e mobilidade das forças no teatro de guerra.

O número de oficiais com o CEM era reduzido e o quantitativo formado anualmente apenas se destinava a alimentar os efetivos necessários para manter o Corpo de EM e os organismos dependentes dos oficiais com esta qualificação. A realização de exercícios de comando ou operacionais, integrados numa grande unidade, exigia a mobilização deste tipo de oficiais para o desempenho de funções relacionadas com aquelas atividades no período estritamente necessário, atividades regularmente realizadas nos meses de verão por o ensino se encontrar em período de férias. Após a finalização daquelas funções os quadros regressavam aos quartéis de origem inviabilizando o desempenho de cargos de comando nas unidades operacionais onde se encontravam integrados temporariamente [Macedo 1984: 68].

A estrutura do quadro orgânico em tempo de paz incluía postos que exigiam conhecimentos técnicos de EM mesmo para o comando das pequenas unidades, funções que vinham sendo atribuídas aos oficiais das armas e serviços sem esta qualificação. Para colmatar as faltas em oficiais com o CEM, para tarefas de comando, organização e planeamento, era essencial o aumentar o número de formações para os postos que mais careciam daquela especialização, à semelhança do que se processava nos exércitos aliados [Macedo 1984: 68-69].

Assim, decorrente desta situação, em 26 de dezembro de 1952 e em resultado da diretiva do CEME de 24 de maio de 1952, tendo por base o decreto-lei nº 39 053¹³⁶, o CEM foi reformulado com o objetivo de instruir mais oficiais e de modo mais célere. Os oficiais de EM eram reconhecidos pela sua competência devido ao rigor com que eram ministradas as matérias mas também pelo criterioso processo de seleção de alunos e professores. Nesta fase, o Exército viu-se obrigado a dispor de um maior número de oficiais com este curso num espaço de tempo reduzido, relativamente ao período de formação normal, em consequência das novas orgânicas [Macedo 1984: 69].

¹³⁶ Decreto-lei nº 39 053, de 26 de dezembro de 1952, 1ª Série, nº 289, p. 1 349.

Perante a dificuldade de contornar a escassez destes oficiais, em 20 de março de 1953, o ministro do exército emitiu um despacho para que o IAEM refizesse o plano do CEM nos itens julgados convenientes, de modo a proceder à “alteração ou redução de programas de trabalhos de campo ou de viagens de EM, redução ou eliminação de férias (grandes, pequenas, etc.)” para que no final do ano de 1953 se desse como terminado o 2º ano letivo do curso geral e do curso complementar. Foi o mecanismo encontrado para que no final do ano de 1953 o Exército disponibilizasse, no mais curto espaço de tempo, do maior número de oficiais com o CEM, indo ao encontro das preocupações do comando do Exército para o preenchimento dos cargos que estavam a ser criados. Naquele ano as necessidades foram colmatadas, tendo o curso sido suspenso em agosto desse ano e retomado em outubro do ano seguinte [Macedo 1984: 70].

Até àquele ano o número de oficiais formados anualmente oscilava entre 5 e 12. Em 1953 o EME pretendia instruir 36 oficiais tendo o ministério do exército, a 26 de março, estabelecido o número de 33 [Macedo 1984: 70]. No ano lectivo seguinte foram formados 67 repartidos entre os cursos geral e complementar de EM¹³⁷.

Em 19 de janeiro de 1953 a 2ª repartição do EM elaborou uma informação para estabelecer o critério da mobilização destes oficiais para os QG das divisões e do Comando de Portugal Continental. A informação tipificava 3 tipos de oficiais: os que não podiam ser nomeados, os que podiam ser escolhidos com restrições e os que não tinham limitações à nomeação. O CEME acrescentou ainda que os oficiais professores podiam ser incluídos nas ordens de batalha das unidades para serem mobilizados para QG fora de Lisboa unicamente durante o período da realização de exercícios e manobras [Macedo 1984: 71-72].

Em 25 de maio de 1954 o despacho do subsecretário de estado do exército proferiu um despacho invertendo a duração dos 2 CEM. O curso geral passou a ter a duração de 1 ano e o

¹³⁷ Ordem do exército nº 10, 2ª Série, 1955, p. 595.

complementar de 2 anos. Entre os dois períodos de formação tinham de decorrer, no mínimo, 2 anos sendo 4 meses dedicados ao desempenho de funções no comando de um regimento ou grupo independente, 4 meses num QG de uma RM ou divisão, 4 meses nas repartições do EME e 12 meses junto de tropas de linha [Macedo 1984: 130].

Apesar das alterações que foram sendo postas em prática quanto à gestão do curso, para aprontar no mais curto espaço de tempo o maior número de oficiais, os propósitos não concorriam para o preenchimento das vagas. O decreto-lei nº 39 941, de 25 novembro de 1954, reformulou uma vez mais os programas de formação passando o curso geral a estar dirigido para o ensino das funções de EM desde as pequenas unidades até à divisão, enquanto o curso complementar foi orientado para os escalões mais elevados para o desempenho de tarefas de “estados-maiores combinados e interaliados e organismos superiores da defesa nacional”. Para o ingresso no curso geral o oficial não podia ter mais de 36 anos de idade e ser capitão com 3 anos de comando neste posto ou mais de 8 anos de serviço de tropas¹³⁸.

Era grande o interesse para a obtenção de oficiais com o CEM quer por parte do Exército quer por parte do poder político, por adquirirem uma qualificação que os tornava aptos para o desempenho de diversas tarefas fundamentalmente nos quartéis-generais de campanha [Macedo 1984: 71-72].

Apesar de todos os incrementos normativos, no final da década de 50 existiam apenas 144 militares com esta formação quando o quadro orgânico em tempo de paz estipulava um efetivo de 2 631 [Ferreira 2000: 115].

¹³⁸ Decreto-lei nº 39 941, de 25 de novembro de 1954, 1ª Série, nº 264, p. 1 412.

4. Formação das ordens de batalha das divisões

O ano de 1953 foi determinante para a organização da divisão tipo americano na sequência do trabalho realizado nos anos anteriores quanto à definição das unidades a criar [Macedo 1984: 72].

O esforço despendido justificava o incremento de um incentivo para que as tropas portuguesas ficassem cientes de que a divisão tipo americano era uma realidade em construção e que servisse, em simultâneo, de um sinal de afirmação perante a NATO.

Em janeiro de 1953 o Ministro do Exército general Abranches dos Santos deu indicação para a constituição dos comandos tendo as primeiras ordens de batalha dos QG das divisões tipo americano e tipo português sido constituídas em 11 de fevereiro de 1953, com nomeação do chefe de EM, subchefe de EM (só na divisão tipo americano) e os chefes da 4 secções de EM. Em março a relação dos oficiais do QG foi alterada passando a incluir as funções de adjunto dos chefes de repartição para a divisão tipo americano [Macedo 1984: 73-74]¹³⁹.

Os QG passavam a ter uma orgânica permanentemente constituída a 33% do seu efetivo e pela primeira vez surgiram nomeações de oficiais cujas missões incluíam a função de mobilização. O enquadramento permitia contar com um terço do efetivo em permanência nas fileiras com militares com formação adequada à função e estritamente vocacionados para os cargos a desempenhar na orgânica da divisão [Macedo 1984: 75-76].

Como já fora referido, a constituição de uma divisão era variável na sua estrutura orgânica dependente da missão que lhe estava atribuída. Não sendo possível apresentar o quadro orgânico de pessoal de uma grande unidade, os elementos encontrados permitem efetuar a avaliação do

¹³⁹ Ver anexo L - Ordem de batalha dos QG das divisões tipo americano e tipo português.

quantitativo em graduados de um regimento de infantaria de uma divisão. A tabela nº 25 apresenta a distribuição com 79 oficiais e 170 sargentos do QP e do QC num efetivo total de 249 militares¹⁴⁰.

TABELA Nº 25 – Orgânica de um regimento de infantaria
em oficiais e sargentos

Orgânica de um regimento de infantaria	Oficiais		Sargentos	
	QP	QC	QP	QC
Comando do regimento	9	4	4	5
Companhia de comando do regimento	12	7	10	22
Companhia de serviços	6	4	10	17
Companhia de morteiros pesados	3	2	4	13
Comando e companhia de comando do batalhão	7	5	5	16
Companhia de acompanhamento	3	2	5	11
3 Companhias de atiradores	6	9	15	33
TOTAL	46	33	53	117

AHM/FO 6/G/ 34/12/ 257/132

O anexo L permite-nos verificar que todos os oficiais do QG das divisões tipo americano e português tinham o CEM mas só naquela divisão se regista a deslocação de todos os militares, no mínimo uma vez, ao estrangeiro para formação.

¹⁴⁰ Preparação de pessoal para mobilização da divisão tipo americano, AHM/FO 6/G/ 34/12/257/132.

6.

CONCLUSÃO

O tema da *americanização* da Europa continua a constar do debate historiográfico circunscrito no espaço e no tempo. Representa um fenómeno tipificado pela radiação de valores, tecnologias, práticas e atitudes socioculturais devido ao reconhecimento do poder económico, cultural e militar dos EUA. A relevância tornou-se mais notória no velho continente após o final da 2ª Guerra Mundial pela preponderância que os americanos tiveram no seu decurso, sendo os seus efeitos mais notórios, embora diferenciados, nos países que nele participaram diretamente. O impacto da *americanização* foi menos expressivo no campo militar do que em outras áreas da sociedade, embora determinante para a segurança europeia materializada em programas de assistência faseados através do fornecimento de equipamento e formação de quadros. A tese focou-se na questão militar portuguesa ao longo da década de 50 e não nos efeitos provocados pela *americanização* da sociedade em geral.

Portugal encontra-se praticamente ausente da discussão da *americanização* devido à sua fraca ingerência nas 3 décadas posteriores à 2ª Guerra Mundial e à falta de envolvimento do Estado. No entanto, a influência americana em Portugal fez-se no sentir no «hard power», na modernização tecno científica, na organização e gestão, no reequipamento bélico e na pertença integração do Exército português na defesa conjunta da Europa através da absorção da doutrina americana nas vertentes teórica e prática dos seus quadros.

Os efeitos da *americanização* fizeram-se sentir nas estruturas de gestão das Forças Armadas Portuguesas, desde logo com o surgimento do ministério da defesa nacional para a coordenação das funções dos 3 ramos, focado na aquisição de competências operacionais das tropas, e nas

atribuições do conselho superior da defesa nacional e do conselho superior da direção de guerra com responsabilidade para a fixação da política militar da nação com prioridade na definição da organização das forças para o tempo de guerra.

A escolha da modalidade de defesa de Portugal foi tema debatido ao mais alto nível militar e político com a abdicação das 11 divisões tão ambicionadas no passado para passarem a ser constituídas, até 1954, 4 divisões tipo americano e mais 4 divisões tipo português para integrarem, respetivamente, com americanos e espanhóis, a defesa sul da França e dos Pirenéus. Esta decisão pretendeu integrar parte das forças do Exército com as americanas e a assimilação de conhecimentos de referência pelos militares portugueses.

Reconhecendo a tutela da necessidade de preparar o Exército para integrar forças conjuntas, a coberto da *americanização* foi possível apropriar-se dos equipamentos bélicos mais desenvolvidos do ocidente, processo que implicou a adoção da doutrina americana ministrada transversalmente a todos os postos militares e civis, sendo a sua maior incidência no posto de capitão considerado o posto de charneira da ação de comando por permitir uma transmissão direta dos conhecimentos aos seus subordinados hierárquicos.

A formação adquirida no estrangeiro permitiu internamente uma divulgação rápida dos ensinamentos obtidos em escolas dos países aliados, constituindo um veículo de difusão da *americanização*.

O Exército português tudo fez para dar cumprimento aos objetivos traçados quanto à constituição de grandes unidades, mas os inúmeros obstáculos com que a instituição se confrontou, nomeadamente a diferença etária entre oficiais, a pouca experiência e o curto tempo de formação, a falta de rigor na definição de um plano sequencial de objetivos comuns por parte das entidades envolvidas e o tempo reduzido para a materialização das etapas propostas alcançar, não permitiram concretizar os compromissos assumidos.

Os militares portugueses, em especial os mais novos, diligenciaram esforços com o propósito colocarem o Exército em níveis formativos equiparados aos dos países aliados. O processo de reorganização era ambicioso para um período de tempo demasiado curto. A experiência de combate do Exército português provinha ainda da 1ª Guerra Mundial com referenciais militares ultrapassados que não evoluíram para os modelos de conflito dinâmico conjugado pelo binómio fogo e movimento.

Para a aquisição dos padrões formativos americanos foi necessário construir quartéis de raiz, gerar novas especialidades, muitas delas inexistentes no Exército português, produzir quadros orgânicos de pessoal e material, adquirir equipamentos, instruir quadros e criar um sistema de mobilização capaz de reunir, em tempo oportuno, o efetivo para fazer face à ameaça. Na construção de quartéis destacou-se o CIMSM que constituiu um dos pontos mais complexos da agenda do Exército português devido às exigências de preparação de unidades de escalão elevado que obrigaram à conceção de um espaço para treino e alojamento de uma divisão tipo americano que passou a ser referência a nível nacional.

A mobilização foi mais um dos pontos difíceis de operacionalizar para satisfazer os efetivos nas especialidades contempladas nos quadros orgânicos das unidades. Foram processadas sucessivas alterações nunca tendo sido possível disponibilizar, por mobilização, o número de militares pretendidos.

A *americanização* do Exército português foi uma lufada de ar fresco que alterou a vivência interna de uma instituição que tinha por missão primordial garantir a estabilidade do país. A disponibilidade dos EUA na cooperação com Portugal foi a forma de facultar ao Exército a obtenção de outros níveis de conhecimentos e de outras formas de vivência interna que estavam para além do que se passava dentro do território nacional. Sabendo os americanos que o Exército português era demasiado ousado quando traçou as metas a atingir, era também do seu

conhecimento que Portugal não reunia aptidão para integrar uma força conjunta ocidental para a defesa ativa do espaço comum no decurso da década de 50. Apesar da evolução comprovada pela realização de manobras táticas, as sugestões feitas pelos oficiais estrangeiros nem sempre se traduziram em normas de execução.

Apesar do esforço, o alcance dos objetivos ficou muito aquém do que estava projetado quanto ao número de unidades a criar, mas deixou indelevelmente na mente individual e na harmonização coletiva do Exército português os modelos de exigência que prepararam os militares para novos desafios que o futuro lhes tinha reservado.

ANEXO A - PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA E DEFESA MÚTUA PARA O EXÉRCITO

MATERIAIS FORNECIDOS				Número de artigos fornecidos em cada ano						Total por artigo	Total de artigos por grupo
Grupo	Tipo	Designação	País fornecedor	1951	1952	1953	1954	1955	1956		
				Número de fornecimentos em cada ano							
				3	24	63	49	15	20		
Eletrônicos e outros equipamentos de transmissões	Rádios e radares	Antena A-58	EUA	14						14	3534
		Aparelho detetor, SCR-625 (NA/PRS-3)	EUA	55						55	
		Auscultador de radar TS-382/U	EUA			1				1	
		Equipamento de antena RC-292-296	EUA	30		7				37	
		Equipamento de direção à distância, RC-261-289-290	EUA	251		24				275	
		Equipamento de radar AA nº 3 e 4 MK1	Canadá		2					2	
		Rádio AN/GRC/VRC-3-5-7-8-6-9-10-13	EUA	267			133			400	
		Rádio AN/TPS-1D-1-9	EUA	3			10			13	
		Rádio AN/VRC 2-3-5-10	EUA	48			31			79	
		Rádio AN/VRQ-3	EUA	2						2	
		Rádio MRC/2	EUA			2				2	
		Rádio SCR-193-300-506-508-510-528-536-584-593-608-610-619-628-828	EUA	1067		621	477			2165	

		Unidades instalação rádio NA/GRC 7-8-9	EUA	155					155	
		Unidades instalação rádio NA/VRC 3-5-10-13	EUA	52					52	
		Unidades instalação rádio SCR-193-399-506-508-510-608-619-628-694	EUA	6	40	192	44		282	
	Transmissão por fio	Aparelho para central telefónica TC-12	EUA	6					6	5684
		Barras terminais TM-184	EUA	39					39	
		Cabo assembly, CX-162/G (WC-534)	EUA	120					120	
		Cabo cutenad CX-163	EUA	80					80	
		Cabo terminal TM-184	EUA	2					2	
		Cabo W 110 RD - 4-5 (WD -1 /TT)	EUA	709					709	
		Capacete telefónico HS-30	EUA	504					504	
		Carretéis DR-4-8, RL-31-39	EUA	1248		74	189		1511	
		Central telefónica TC-4-12	EUA				11		11	
		Eixo para carretel RL-27	EUA	100					100	
		Equipamento de carretel CE-11	EUA	474					474	
		Equipamento de verificação IE-17, TS/27 TSM	EUA	15		3	2	17	37	
		Indicador SB-18/GT, BD-71, BD-72	EUA	203					203	
		Jogo de extensões para intercomunicações RC-298	EUA	22					22	
		Microfone T30-T45	EUA	534					534	
		Sobressalentes DR-8	EUA	126					126	
		Telefone EE-8	EUA	1010		54	118		1182	
		Terminal telefónico TC-9-21	EUA			6	18		24	

Diversos equipamentos de transmissões	Alimentado do vibrador PP-114/VRC-3	EUA	13						13	36652 282 vol.*
	Alimentador do oscilador PP-114/VRC-3	EUA	18						18	
	Aparelho de experiência I-176 (TS-352-U)	EUA	4						4	
	Aparelho de referência pelo som GR 6	EUA	9						9	
	Aparelho de verificação I-56, I-142, I-176	EUA	33	4					37	
	Aparelhos de medida e sobressalentes para posto rádio	EUA						27 vol.*	27 vol.*	
	Bateria seca BA 2-23-27-30-37-38-39-40-41-48-70	EUA			3184	17762			5684	
	Baterias diversas e sobressalentes para rádio	EUA						18 vol.*	18 vol.*	
	Calculador de frequências SCR - 211	EUA	1			4			5	
	Campainha TC-24, TA-182/U	EUA			18	5			23	
	Coleção de ferramentas TE-33, TE-41	EUA	1756						1756	
	Conversor de frequências MC-508-518	EUA	2		5				7	
	Equipamento de manutenção ME-9-13-36-40	EUA	39	4	29	12			84	
	Equipamento de sintonização IE-37	EUA	14	28		10			52	
	Equipamento de teste	EUA	45			18			63	
	Equipamento de verificação IE-17-37-49-176-177-209-352, TS/27 TSM	EUA	85		63		17		165	
	Equipamento remoto controlo	EUA			50	88			138	
	Ferramentas de transmissões TE-111, 112, 113, 114	EUA	17						17	

Fixador de tronco H-12/GT	EUA			376				376
Fusíveis	EUA				27480			27480
Gerador M-7 (M-18)	EUA	6		9				15
Gerador PE 162-210	EUA	120		21	10			151
Headset	EUA			506				506
Jogo de ensaio NA/MPM-2, I - 56 (TS-352/U e TV-2/U)	EUA	6						6
Jogo de manutenção ME - 13-36-40	EUA	43						43
Lâmpadas NE-47	EUA						1 vol.*	1 vol.*
Material de transmissões	Alemanha/ EUA						196 vol.*	196 vol.*
Medidor de frequência SGR-211	EUA	3						3
Multímetro, TS-352/U (I-176), TX-297	EUA			4	98			102
Oscilador PP/68-U	EUA	32						32
Posto rádio e acessórios	Alemanha						21 vol.*	21 vol.*
Projeto PH-222	EUA		10					10
Sobressalente para material de transmissões	EUA						19 vol.*	19 vol.*
Switchboard BD-71-72	EUA		2		77			147
Terminal rádio NA/TRC-3	EUA			2				2
Terminal telégrafo TH-1/TCC-1-22	EUA		4	2				6
Unidade de potência	EUA				26			26
Vibrador para rádio SCR-610	EUA			16				16
Vibrador PP-68/U	EUA	23						23
Voltímetro I-166 /TS-325U	EUA	5						5

Equipamento de material de guerra e abastecimentos		Voltímetro I-50, I-107, I-166	EUA	43		50	6			99	4577 1 vol.*
	Viaturas motorizadas	Atrelado 1/2 Tonb Brandford - 2 - mA/53	EUA			45				45	
		Atrelado 2 1/2 Ton	EUA			16				16	
		Atrelado 2 1/2 Ton, para reparação de armamento	EUA			1	1			2	
		Atrelado 20 Ton	EUA	2		2				4	
		Atrelado de 1 1/5 Ton	EUA	229						229	
		Atrelado de 1 Ton	EUA	202			28		234	464	
		Atrelado de 1/4 Ton, 2 rodas, carga	Japão-1956	284		393			312	989	
		Atrelado de 250/400 galões de água	EUA-1956 Alemanha	142		100	6		31	279	
		Atrelado de montanha	EUA			5				5	
		Atrelado de munições 2 Ton - M-10 - 2 - m/53	EUA	87		85	1	55		228	
		Atrelado para operar sistema telétipo	EUA			39				39	
		Atrelado para transporte de carro de combate -15A1	EUA				2			2	
		Componentes vários para material auto	Alemanha							2302	
		Guindaste	EUA			1			1 vol.*	1 e 1 vol.*	
		Semiatrelado transporte de munições de artilharia pesada 8 Ton UTM 4 m/52	EUA		5					5	
		Trator	EUA	22		34	4			60	
		Trator 12 Ton M26 6x6 m/53 com semiatrelado 45x8 M15A1	EUA		2					2	

Trator 13 Ton internacional H. S. M-5 lagarta m/53	EUA			22	*			22
Trator 13 Ton internacional H. S. M-5A1 lagarta m/54	EUA				9			9
Trator 13 Ton internacional H. S. M-5 lagarta m/55	EUA				9			9
Trator 3 Ton	Canadá						25	25
Trator HS 13 Ton M5A3	EUA	1						1
Trator rastreador	EUA			1				1
Viatura 1/4 Ton 4X4 M-38	Alemanha	416		414	25		8	863
Viatura 2 1/2 Ton 6X6, carga (SWB-12V) M-34	Inglaterra	203		2			40	245
Viatura 2 1/2 Ton 6X6, carro oficina, carga A	EUA	2						2
Viatura 2 1/2 Ton para reparação de rádios M-30	EUA	2						2
Viatura 2 1/2 Ton, para reparações elétricas	EUA	2						2
Viatura 2 1/2 Ton TG	EUA		1	175	3			179
Viatura 3/4 Ton 4X4, (transporte de armas) M-37	EUA	218						218
Viatura 3/4 Ton 4X4, ambulância (KD) M-43	EUA	5						5
Viatura 3/4 Ton, 4x4, WC	EUA	186		179		22		387
Viatura 5 e 6 Ton, 6X6	EUA	2						2
Viatura 6 Ton, 6x6, price saver M-54	EUA	2		7				9
Viatura 6 Ton, 6x6, prime mover W/OVM	EUA			21				21
Viatura blindada de socorro M-74	EUA				13			13
Viatura blindada TG 2 1/3 Ton - 12 - white misto m/52	EUA		1	7				8

	Viatura blindada transporte de pessoal Ford M-20 6x6 - m/52	EUA		1	1				2	
	Viatura carga ponte militar 5 Ton 6x6	EUA				29			29	
	Viatura de 2 1/2 Ton 6x6 para reparações dos serviços de transmissões M-30-rádio	EUA	6						6	
	Viatura de 2 1/2 Ton para reparação radar M-30	EUA	1						1	
	Viatura de 4 e 5 Ton 6X6 M-51, W/W	EUA	9						9	
	Viatura de 4 e 5 Ton 6X6 M-52-62	EUA	85						85	
	Viatura de desempanagem pesado M-A1 de 5 Ton 6X6, carga, M-54	EUA	2						2	
	Viatura de transporte de água	EUA					31		31	
	Viatura de transporte de pessoal	EUA			7				7	
	Viatura oficina reparação de armas portáteis GMC 6x6 M-7 m/53	EUA	3		1	2			6	
	Viatura oficina reparação artilharia GMC 6x6 M9 m/54	EUA				3			3	
	Viatura oficina reparação instrumentos de tiro e aparelhagem GMC 6x6	EUA		1	1				2	
	Viatura oficina reparação instrumentos óticos GMC 6x6 M23 m/54	EUA				1			1	
Armas portáteis e	Lança-granadas-foguete anticarro M-20 8,9 cm m/51	EUA	442			698			1140	3568

metralhadoras	Lança-granadas-foguete anticarro M-20 A1B1 8,9 cm m/54	EUA				236			236	
	Lança-granadas-foguete anticarro M-20B1 8,9 cm m/52	EUA	1	545	52				598	
	Metralhadora MG-55	EUA				5			5	
	Metralhadora 7,62 m/1917A1	EUA	36						36	
	Metralhadora 7,62 M-1919/A6 com bipé	EUA	148						148	
	Metralhadora browning M-1917A1 e M1919A4 7,62 mm m/52	EUA				5			5	
	Metralhadora browning M-2 12,7 cm m/51	EUA	247	65	12	136	110		570	
	Metralhadora cal.50	EUA			53	20			73	
	Metralhadora quadrupla AA CMK1 - 20 mm m/53	Canadá			53				53	
	Metralhadora quadrupla AA M-55 12,7 mm m/53	EUA			*	*	*		*	
	Pistola cal. 30 e .50	EUA			27	141			168	
	Suporte para montagem em viatura M-24, M 31 A2	EUA	97						97	
	Tripé M3						35		35	
	Tripé para a metralhadora 7,62 M-2	EUA	117						117	
	Tripé para a metralhadora 7,62 M 1971/A1	EUA	134						134	
	Tripé para metralhadora browning 12,7 cm M13	EUA	153						153	
Artilharia e direção de fogo	Auto obus 8,8 cm, lagarta, m/54	Canadá				54			54	1293
	Caixa de posto de comando de artilharia m/51	EUA		3	3				6	
	Canhão sem recuo M-18-5,7 cm m/52-53	EUA		36	45	12			93	
	Canhão sem recuo M-20-75 mm	EUA	40						40	

		Círculo de pontaria M1	EUA	60					60	
		Diretor de série M9	EUA	11					11	
		Morteiro 10,7 cm M-2 m/51	EUA	36					36	
		Morteiro 10,7 cm M-30 m/52	EUA		36		9		45	
		Morteiro 60 mm M-2 m/52	EUA	83			49		132	
		Obus 14 cm m/43	Canadá				8		8	
		Obus 8,8 cm m/43	Canadá		36				36	
		Obus 8,8 cm m/46	Canadá			28	72		100	
		Peça antiaérea 9,4 cm m/40 (móvel)	EUA		40		16		56	
		Peça antiaérea M1 4 cm m/52	EUA/ Canadá		2	48			50	
		Prancheta de tiro M10	EUA	233	198	20			451	
		Sistem cable M1 (OMV)	EUA	3			54		57	
		Telescópio de observação M48	EUA	30					30	
		Telescópio, BC, M65	EUA	28					28	
	Munições	Carro de combate 18 Ton, 7,5 cm M-24 m/52	EUA		5	4	10		19	568344 1 vol.*
		Carro de combate 32 Ton, 10,5 cm M-4 m/54	EUA				1		1	
		Carro de combate 32 Ton, 10,5 cm M-4A3 m/53	EUA			5	5		10	
		Carro de combate 32 Ton, 7,6 cm M-4A1 m/54	EUA				1		1	
		Carro de combate 32 Ton, 7,6 cm M-4A3 m/53	EUA			5			5	

		Carro de combate 44 Ton, 90 mm, M-47 m/52	EUA		5	99		18		122	
		Munição 12,7 API-T M2, tracejante (MLB)	EUA	60						60	
		Munição 7,62 M2, tracejante (MLB)	EUA	310						310	
		Munição de 60 mm						16700		16700	
		Cartucho 90 mm	EUA			3500		11248		14748	
		Munição 7,62 mm	EUA		96	402880				402976	
		Munição 12,7 mm	EUA			3360				3360	
		Cartucho HE M306 - 310 A1 57 mm	EUA			5200				5200	
		Cartucho HEAT 75 mm	EUA			75000	15000	2000		92000	
		Cilindros de ignição para lança-chamas	EUA			10900				10900	
		Espingarda M-63	EUA			59				59	
		Espingarda, 57 mm M-18	EUA			25	12			37	
		Granada de fumo 75 mm	EUA			300				300	
		Granada de mão de fumo	EUA						1 vol.*	1 vol*	
		Granada explosiva 75 mm	EUA			5700	600			6300	
		Granada-foguete 8,9	EUA			15000	236			15236	
	Munições de artilharia	Cartucho canhão 75 M20 HE, AT H 310 (com espoleta)	EUA	13						13	62065
		Granada de 70 mm	EUA					2200		2200	
		Granada de 90 mm	EUA					11248		11248	
		Granada de fumo morteiro 60 mm	EUA				2000			2000	
		Granada de morteiro	EUA			6000				6000	
		Granada de morteiro 81 mm	EUA					7240		7240	
		Granada de obus 105 mm	EUA			320				320	

		Granada explosiva morteiro 60 mm	EUA				27500	5000		32500	
		Granada para morteiro 10,7 HE (W/M espoleta 9)	EUA	21						21	
		Granada para morteiro 60 M/m HE, M49 A2 (com espoleta)	EUA	23						23	
		Granadas de iluminação morteiro 81 mm	EUA				500			500	
	Bombas foguete e munições diversas	Foguetes de 8,9	EUA	30						30	341 530 vol.*
		Jogo de bengalórios	EUA	1						1	
		Jogo elétrico para demolição n° 5 e 7	EUA	12	8	129				149	
		Jogo individual para demolição n° 2 e 5	EUA	48		4	81			133	
		Minas AT HE M2 A4, M6, M7	EUA	28						28	
		Munições diversas	EUA			530 vol.*				530 vol.*	
	Material diverso	Acessório para viatura	França/ Canadá						8 vol.*	8 vol.*	528 704 vol.* 45 Ton
		Acessórios para material de artilharia	EUA						1 vol.*	1 vol.*	
		Componentes de auto escavadora guindaste	EUA						11 vol.*	11 vol.*	
		Sobressalentes para material de artilharia	EUA						300 vol.*	300 vol.*	
		Jogo de ferramentas para 2° escalão A1, A2, A4, A5, A7, A9	EUA	248						248	
		Jogo de ferramentas para mecânico	EUA	170						170	
		Periscópio de mão	EUA				55			55	
		Periscópio para tank	EUA				55			55	

	Sobressalentes e ferramentas para viaturas GMC e White	EUA						5 vol.*	5 vol.*	
	Sobressalente para metralhadoras qudruplas	EUA						2 vol.*	2 vol.*	
	Sobressalentes para carro de combate	EUA						14 vol.*	14 vol.*	
	Sobressalentes para o carro de combate M-47	EUA			45 Ton*				45 Ton*	
	Sobressalentes para viaturas	Alemanha/ Canadá						363 vol.*	363 vol.*	
Equipamento de engenharia e abastecimentos	Acessórios para material de engenharia	EUA						14 vol.*	14 vol.*	181 97 vol.*
	Carro para transporte de postes, 4 rodas com reboque DT, M1 f/20 Ton, semirreboque com leito baixo	EUA	2						2	
	Compressor de ar para montagem em viatura 105 CFM (210 CFM)	EUA	2						2	
	Equipamento de desenho nº 2 (companhia) m/53	EUA			1				1	
	Equipamento de solda a oxigénio e acetileno	EUA			4				4	
	Equipamento de topografia	EUA			6				6	
	Equipamento para esboçar nº 1 m/53	EUA			16				16	
	Equipamento topográfico (nº 4 - B) M/52	EUA		13	6				19	
	Equipamento topográfico FA Bn	EUA	4						4	
	Equipamento topográfico	EUA	16						16	
	Goniómetro bússola M1 m/52	EUA		6	74	6			86	
	Grupos de eletrogéneo	EUA						2 vol.*	2 vol.*	
	Guindaste-pá, PU camião médio, 10 Ton	EUA			1				1	
	Material diverso para sapadores	EUA						16 vol.*	16 vol.*	

	Niveladora de estrada Mtzd, trituradora de 12 polegadas	EUA	2					2	
	Posto de comando e direção de tiro nº 1	EUA	4		5			9	
	Semirreboque 20 Ton FLB	EUA	2					2	
	Sobressalentes para grupos de eletrogéneo	EUA					2 vol.*	2 vol.*	
	Sobressalentes para material de sapadores	EUA					63 vol.*	63 vol.*	
	Trator com lagartas de 6 a 9000 quilos DBHP, com carregador balde e dozer, classe II	EUA	2					2	
	Trator guindaste fixo, rodas motoras, com pneus 20' Boom	EUA	2					2	
	Unidade de limpeza a vapor	EUA			1			1	
	Viatura 2-1/2 Ton 6X6 electrical repair M-18A2	EUA		2				2	
	Viatura de transporte de postes, 4 rodas com atrelado DT M1 f/20 Ton	EUA	2					2	
	Viatura-trator, 12 Ton, 6X6 transporter M-26A1	EUA		2				2	
Produtos químicos	Estojo detetor de agentes químicos	EUA			1			1	4
	Estojo identificador de gases	EUA			1			1	
	Máscara de proteção M9A1	EUA			2			2	
Publicações		EUA					4 vol.*	4 vol.*	5 vol.*
Material sanitário		EUA					1 vol.*	1 vol.*	

Total de artigos por ano	14473	1199	535827 530 vol.* 45 Ton	94342	55941	642 1099 vol.*	702436 1620 vol.* 45 Ton
--------------------------	-------	------	-------------------------------	-------	-------	-------------------	--------------------------------

Fonte: ADN SR44-Fornecimento do MDAP, Cx-193/1-9
Legenda sobre a quantidade de artigos não especificada
vol. – volumes
Ton - toneladas

ANEXO B – RELAÇÃO DE VAGAS PARA MILITARES PORTUGUESES NAS ESCOLAS AMERICANAS PARA O PRIMEIRO SEMESTRE DE 1951

Tabela I

Nome do curso	Número de semanas de duração	Contingente	Data do início da frequência	Destinatário da frequência
BLINDADOS				
Chefe de carro de combate	13	2	20 de abril	Oficial ou sargento
Manutenção rádio de blindados	13	2	2 de fevereiro	Sargento
Carros de rodas e lagartas	19	5	3 de abril	Sargento
			13 de abril	
Chefe de transmissões	18,5	2	21 de maio	Oficial ou sargento
ARTILHARIA				
Grupo de oficiais de artilharia de campanha (comandante de bateria)	15	4 (cada) total 12	14 de fevereiro	Oficial
			18 de abril	
			20 de junho	
Oficial de transmissões de artilharia	17,5	1	14 de fevereiro	Oficial
Oficial de transportes mecanizados de rodas e lagartas	15	1	31 de janeiro	Oficial ou sargento
Transmissões para praças de artilharia	17,5	1	14 de fevereiro	Sargento
Manutenção rádio de artilharia	17,5	2	23 de maio	Sargento
Manutenção de armas de artilharia de campanha	15,5	2	4 de fevereiro	Sargento
Manutenção de armas automáticas antiaéreas	18	2	14 de janeiro	Sargento
Observador esclarecedor de artilharia	11	1	23 de maio	Sargento
Manutenção de viaturas de artilharia de rodas e lagartas	15	1	31 de janeiro	Sargento
Direção de fogo de artilharia antiaérea	26	1	4 de abril	Sargento
Direção de fogo elétrica	25	1 (cada)	21 de março	Sargentos
			25 de abril	
			6 de junho	
Manutenção e reparação de radar	40	1 (cada) total (4)	7 de fevereiro	Sargento
			4 de abril	
			9 de maio	
			5 de junho	
Curso comum para oficiais de artilharia antiaérea	15	10	17 de janeiro	Oficial de peças e oficial de bateria

INFANTARIA				
Oficial de infantaria (comandante de companhia)	19	10	10 de janeiro	Comandante de companhia
Comandantes de pequenas unidades de armas ligeiras e pesadas	15	10	11 de abril	Oficial ou sargento
Transmissões de infantaria para praças	18	3	31 de janeiro	Oficial ou sargento
Manutenção rádio para praças de infantaria	18 1/2	2	4 de abril	Sargento
Curso automóvel para praças de infantaria	15	3 (cada) total 12	21 de fevereiro	Oficial ou sargento
			28 de março	
			2 de maio	
			30 de maio	
Curso auto (direção e manutenção, pequenas reparações para praças de infantaria)	8	2 (cada) total 4	9 de maio	Sargento ou soldado
			11 de maio	
ENGENHARIA				
Curso adiantado para oficiais	13	1	23 de fevereiro	Oficial de engenharia da divisão e oficial de campanha
Curso de encarregados de construção para praça	19	1 (cada) total 3	8 de fevereiro	Oficial ou sargento
			19 de abril	
			21 de junho	
Curso de operador de compressor de ar para praça	8	1 (cada)	Os cursos começam em cada 2 semanas a partir de 11 de janeiro	De preferência sargento devido à curta duração dos cursos. 1 instruendo tira 2 ou 3 cursos sucessivamente
Curso de escavadora mecânica para praças	8	1 (cada)		
Curso de operador de buldozer para praça	8	1 (cada)		
Curso de equipamento de construção, manutenção e reparação	12	1 (cada)		
MATERIAL				
Curso de abastecimento de acessórios de material	12	2 (qualquer curso)	Os cursos começam em cada 2 semanas de 5 de janeiro a 22 de junho	Sargento. Os instrutores podem tirar mais do que um curso sucessivamente
Curso de preparação de instrumentos de direção de fogo	10	2 (qualquer curso)		
Reparação e manutenção de viaturas com rodas	16	2 (qualquer curso)		
Reparação e manutenção de viaturas com lagartas	9	2 (qualquer curso)		
Reparação de armas portáteis	8	2 (qualquer curso)	Os cursos começam em cada mês de 5 de janeiro a 22 de junho	Sargento. Este curso, devido à curta duração e despesas de viagem, deve ser reservado para instruendos com especial aptidão ou para aqueles que tenham de desempenhar funções de importância considerável
Reparação de sistemas elétricos automáticos	12	2 (qualquer curso)		
Reparação de artilharia ligeira	11	2 (qualquer curso)		
Reparação de artilharia pesada	11	2 (qualquer curso)		

Carburador e alimentação de carburante	6	2 (qualquer curso)	Os cursos começam em cada mês a partir de 5 de janeiro a 22 de junho	Instrutores: os outros devem frequentar as escolas europeias. Mais do que um curso pode ser tirado sucessivamente
Inspetor de viaturas automóveis	8	2 (qualquer curso)		
Encarregado de oficinas automóveis	4	2 (qualquer curso)		
Curso de mecânico de motores para viaturas com rodas	6	2 (qualquer curso)		
SUBSISTÊNCIAS				
Oficial do quadro	20	1	16 de janeiro ou 14 de março	Para oficial quartel-mestre da divisão
Grupo de oficiais do quadro	13	1		
TRANSMISSÕES				
Grupo de oficiais do quadro	13	1	4 de junho	Para oficial de transmissões da divisão
Reparação de rádio para praças	31	1 (cada total (6)	1 curso por mês de janeiro a junho	Sargento
Reparação de radar para praças	42	1 (cada total (24)	1 curso em cada 2 semanas de janeiro a junho	Sargento

Fonte: Arquivo da Defesa Nacional/F1/26.1/115/1

Tabela II

Nome do curso	Duração em semanas	
	Normal	Especial
Escola de material		
Sargento de munições	5,5	2
Mecânico de artilharia	5,5	5
Eletricista de automóveis	5,5	Nenhum
Mecânico de manutenção de automóveis em campanha	13,5	8
Mecânico montador	11,5	6
Manutenção orgânica das peças de artilharia antiaérea 40 m/m M1	1,5	1,5
Inspetor mecânico	5,5	Nenhum

Oficial mecânico	3,5	3
Sargento mecânico	3,5	3
Reparação e manutenção de instrumentos óticos	Nenhum	1
Abastecimento geral de material de guerra	5	4
Chefe de oficinas	5	3,5
Blindados especiais	7	3,5
Tripulação de desempanagem	4	3,5
Escola de transmissões		
Transmissões de infantaria e unidades blindadas	6	6
Operador de rádio	10	10
Reparador de rádio	15	6
Técnico de abastecimento de material de transmissões	6	4
Centro de instrução de Kitzingen		
Viaturas em geral	5	
Equipamento de direção de fogo de artilharia de campanha	1	
Equipamento de rádio	3	
Equipamento de transmissões por fio	1	
1ª divisão de infantaria		
Armas pesadas de infantaria	2	
Armas ligeiras de infantaria	2	
Armas individuais de infantaria	2	

Fonte: Arquivo da Defesa Nacional/F1/26.1/115/1

ANEXO C – RELAÇÃO DOS TERRENOS EXPROPRIADOS

Identificação do Proprietário	Área do terreno	Data da aquisição	Custo do terreno em escudos
Joaquim Rodrigues Paulo	3.840 m ²	03/08/1953	38.691\$60
Adelaide Temudo de Sommer	58,5 hectares		
Adelaide Temudo de Sommer	4,5 hectares	21/08/1953	
Adelaide Temudo de Sommer	35 hectares	21/08/1953	
Falcão Temudo Anes Oliveira e Castro	23,5 hectares	21/08/1953	
Maria Isabel Falcão Temudo Anes Oliveira e Castro	22,5 hectares		
Maria Isabel Falcão Temudo Anes Oliveira e Castro	4 hectares	21/08/1953	
Capitolina dos Santos Morais Salgueiro	49.050 m ²	21/08/1953	259.988\$64
Capitolina dos Santos Morais Salgueiro	49.015 m ²	14/11/1953	259.988\$64
Hugo dos Santos Morais	623 m ²	11/02/1954	3.115\$00
Herdeiros de Francisco Morais	1.622 m ²		2.433\$00
Manuel Dias Damásio	1.470 m ²		1.175\$00
Manuel Dias Damásio	1.112 m ²		1.680\$00
José Castanho	1.733 m ²		2.599\$50
António Branco	139 m ²		278\$00
Manuel Duarte Calado	36 m ²	08/04/1954	
José Jacinto Brás	48 m ²	08/04/1954	
Luís Ramos	40 m ²	08/04/1954	
Manuel Alves Coruja	137 m ²	08/04/1954	
Manuel Custódio	270 m ²	08/04/1954	
António Mourisco de Sousa	16 m ²	08/04/1954	
João Ferreira de Matos	85 m ²	08/04/1954	
Januário António	13 m ²	08/04/1954	
Francisco Antunes	3 m ²	08/04/1954	
Maria Rosa	6 m ²	08/04/1954	
José Luís Rosa	244 m ²	08/04/1954	
António Gordo	91 m ²	08/04/1954	
José Monteiro	429 m ²	08/04/1954	
António Gordo	435 m ²	08/04/1954	
Manuel José Brás	137 m ²	08/04/1954	
Agostinho José Farinha	60 m ²	08/04/1954	
Estevão dos Santos	22 m ²	08/04/1954	
José Dinis	106 m ²	08/04/1954	
Felismina Morgado Guterres	60 m ²	08/04/1954	

Acácio Luís Caldelas	608 m ²	08/04/1954	
Albino Baião	168 m ²	08/04/1954	
Terreno	10,18 hectares		34.473\$00
Terreno	2,6817 hectares		12.280\$00
Terreno	0,893 hectares		4.567\$50
Terreno	8,923 hectares		60.677\$30
Terreno	2,165 hectares		7.097\$00
Terreno	2,6065 hectares		12.396\$10
Terreno			38.691\$60
Terreno			2.315.021\$50
Terreno			376.240\$00
Herdeiro de António Ferreira Bairrão	23 hectares		
Joana Mendes Soares Godinho	3 hectares		
Henrique Vicente	15 hectares		
Henrique Vicente	1,0 hectares		
Casa Agrícola Themudo de Castro	26,8 hectares	23/02/1957	376.046\$00
Maria de Serpa Pimentel Temudo	483,71 hectares		6.761.690\$00
Sociedade Agrícola Ribeiro da Bica	226,74 hectares		
António Maria Dias Milheiriço	190,42 hectares		
Maria Leonor Ferreira Vaz Monteiro	430,88 hectares		4.946.970\$00
José Henriques Ponte de Sor	47,58 hectares		1.190.295\$00
João Alves Morgado Portela	31,26 hectares		860.130\$00
António Maria Dias Milheiriço e Maria Leonor Ferreira Vaz Monteiro	37,04 hectares		
Luís Pimenta Bairrão	228,89 hectares		1.133.462\$20
José Alves Pratas	4 hectares	24/05/1957	212.037\$30
Tomé Alves Pratas	4 hectares	22/05/957	12.037\$30
Francisco Dias	3,8 hectares		8.000\$00
Luís Pimenta Bairrão e José Álvaro Pereira	51,70 hectares	04/02/1957	276.575\$00

Arquivo da Direção de Infraestruturas do Exército, Campo Militar de Santa Margarida, Aquisição de Terrenos para o CIM, Processo do P. M. 1, Constância, Arquivo Geral, N° 2, estudo da 3ª Repartição do Serviço de Fortificações e Obras Militares da Direção da Arma de Engenharia

ANEXO D – RELAÇÃO DAS FORMAÇÕES REALIZADAS ANUALMENTE NO ESTRANGEIRO ENTRE 1951 E 1959

Tabela nº I – 1951

Posto	Nome	Unidade de colocação	Designação da formação [(C)/(E)/(V)/(M)]	Local da frequência	Período de frequência do curso			Data de entrada no país	Fonte
					Início	Finalização	Duração [semanas]		
1º Cabo radiomontador	Joaquim da Piedade Vieira	BA nº 2	Radio fundamentals A/C mechanic (C)	Scott AFB - Illinois - EUA	8/6/51	4/1/52	30		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
1º Sargento mecânico	Antônio Conceição Esteves	BA nº 2	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/51	9/11/51	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento mecânico	Artur Gonçalves da Silva	BA nº 1	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/51	9/11/51	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento mecânico	Antônio Maria Pinto Ângelo	BA nº 1	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/51	9/11/51	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento mecânico	Fernando da Cunha Soares de Almeida	BA nº 2	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/51	9/11/51	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento mecânico	José Pereira Coelho de Faria	BA nº 3	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/51	9/11/51	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento mecânico	Antônio Rodrigues Tavares Machado	GIAC	Aircraft and engine mech gen (C)	Manut AFB - Illinois - EUA	24/6/51	25/2/52	35		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento mecânico	Manuel Fonseca da Silva	BA nº 1	Aircraft and engine mech gen (C)	Manut AFB - Illinois - EUA	24/6/51	25/2/52	35		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento mecânico	Joaquim do Carmo Teixeira	BA nº 2	Aircraft maintenance officer (C)	Rhine Main - Frankfurt - Alemanha	4/6/51	1/7/51	4,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento mecânico	Joaquim Mendes Sacoto	BA nº 3	Ap PWR plant (conv) (C)		4/6/51	1/7/51	4,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

1º Sargento mecânico	Vionício Mourão Ferro	OGME	Automatic field maintenance mechanic (C)	US army ordnance school - Eschwege - Alemanha	16/6/51	30/8/51	10,5	31/8/51	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento mecânico	Celestino Dias Fernandes	GIAC	Automatic field maintenance mechanic (C)	US army ordnance school - Eschwege - Alemanha	16/6/51	30/8/51	10,5	31/8/51	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento mecânico	João Marinho Ferreira Pinto	GCTA	Automatic field maintenance mechanic (C)	US army ordnance school - Eschwege - Alemanha	16/6/51	30/8/51	10,5	31/8/51	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento mecânico	José Martins Gama	RAP nº 1	Automatic field maintenance mechanic (C)	US army ordnance school - Eschwege - Alemanha	16/6/51	30/8/51	10,5	31/8/51	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento mecânico	Henrique Augusto de Carvalho	RC nº 2	Automatic field maintenance mechanic (C)	US army ordnance school - Eschwege - Alemanha	16/6/51	30/8/51	10,5	31/8/51	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento mecânico	João Pereira Vinagre	BE	Automatic field maintenance mechanic (C)	US army ordnance school - Eschwege - Alemanha	16/6/51	30/8/51	10,5	31/8/51	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento mecânico	Vasco Mendonça Rola	BA nº 4	Transmition (SA-16) (C)	Mac Dill AFB - EUA	25/11/51	14/1/52	7		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento mecânico	Dionísio Ferro	BA nº 1	Instruments field maintenance (C)	Eschwege - Frankfurt - Alemanha	16/6/51	10/1/52	29		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento mecânico	Cândido Jesus de Almeida	BA nº 2	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	26/12/50	8/6/51	25		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento mecânico	Joaquim Carmo Teixeira	BA nº 2		USA FE - Alemanha	14/5/51	8/6/51	4		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento mecânico	João Vargas Ricardo	DJMA	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	4/12/50	3/4/51	27		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
1º Sargento mecânico	Paulo Correia de Melo	BA nº 3	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	4/12/50	3/4/51	27		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
1º Sargento mecânico	António Rodrigues Tavares Machado	GIAC	Aircraft maintenance officer (C)	Manut AFB - Illenois - EUA	2/7/51	24/2/52	35		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
1º Sargento mecânico	Manuel Fonseca da Silva	BA nº 1	Aircraft maintenance officer (C)	Manut AFB - Illenois - EUA	2/7/51	24/2/52	35		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
1º Sargento mecânico auto	Vionício Mourão Ferro	OGME		US army ordnance school - Eschwege - Alemanha					AHM/FO/6/G/34/5/239/12
1º Sargento mecânico auto	Ferreira Pinto	GCTA	Automatic field maintenance mechanic (C)	US army ordnance school - Eschwege - Alemanha	2/4/51	16/6/51	10,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento mecânico auto	Pereira Vinagre	BEEngenhos	Automatic field maintenance mechanic (C)	US army ordnance school - Eschwege - Alemanha	2/4/51	16/6/51	10,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

1º Sargento mecânico auto	Martins Gama	RAP nº 1	Automatic field maintenance mechanic (C)	US army ordnance school - Eschwege - Alemanha	2/4/51	16/6/51	10,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento mecânico auto	Vionício Mourão Ferro	OGME	Automatic field maintenance mechanic (C)	US army ordnance school - Eschwege - Alemanha			4,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/12
1º Sargento mecânico auto	Celestino Dias Fernandes	OGME		US army ordnance school - Eschwege - Alemanha	12/6/51				AHM/FO/6/G/34/5/239/12
1º Sargento mecânico auto	João Marinho Ferreira Pinto	GCTA		US army ordnance school - Eschwege - Alemanha	12/6/51				AHM/FO/6/G/34/5/239/12
1º Sargento mecânico auto	Henrique Augusto de Carvalho	RC nº 2		US army ordnance school - Eschwege - Alemanha	12/6/51				AHM/FO/6/G/34/5/239/12
1º Sargento mecânico auto	João Pereira Vinagre	BE		US army ordnance school - Eschwege - Alemanha	12/6/51				AHM/FO/6/G/34/5/239/12
1º Sargento piloto	João Seixas Ferreira	BA nº 2	Link-trainer oper mechanic (C)	Erding - Munique - Alemanha	4/6/51	6/8/51	9	7/8/51	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento piloto	Hermínio Braga Varandas	BA nº 3	Link-trainer oper mechanic (C)	Rhine Main - Frankfurt - Alemanha	4/6/51	6/8/51	9	7/8/51	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento radiomontador	Manuel José Pinto	BA nº 2	Radio fundamentals A/C mechanic (C)	Scott AFB - Illenois - EUA	29/9/51	29/3/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
1º Sargento radiomontador	Manuel Leitão Moreira Bastos da Cunha Lopes	BA nº 1	Communications officer (C)	Scott AFB - Illenois - EUA	1/10/51	31/7/52	41		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
1º Sargento radiomontador	Alberto Martins de Araújo	BA nº 4		Scott AFB - Illenois - EUA	1/10/51	31/7/52	41		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
1º Sargento radiomontador	Manuel Henrique Cabral	BA nº 4	Radio fundamentals A/C mechanic (C)	Scott AFB - Illenois - EUA	11/6/51	4/1/52	30		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
1º Sargento radiomontador	Aníbal de Melo Sereno	GLAC	Communications officer (C)	Scott AFB - Illenois - EUA	24/6/51	25/2/52	35		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento radiomontador	António Francisco Júnior	BA nº 1	Communications officer (C)	Scott AFB - Illenois - EUA	24/6/51	25/2/52	35		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento radiomontador	Fernando Lopes Baldaque	BA nº 1	Communications officer (C)	Scott AFB - Illenois - EUA	24/6/51	25/2/52	35		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

1º Sargento radiomontador	José Alves Cordeiro	BA nº 1	Communications officer (C)	Scott AFB - Illenois - EUA	24/6/51	25/2/52	35		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento radiomontador	João António Luiz	BA nº 2	Airborne radio (depot level) (C)	Erding - Munique - Alemanha	4/6/51	3/8/51	9	6/8/51	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Sargento radiomontador	Alberto Martins de Araújo	BA nº 4	Communications officer (C)	Scott AFB - Illenois - EUA	2/1/51	8/10/51	41		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento radiomontador	Manuel Moura Martins	BA nº 1	Radio fundamentals A/C mechanic (C)	Scott AFB - Illenois - EUA	22/10/51	29/3/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento	António Cordeiro Valadas	EPA	Automatic field maintenance mechanic (C)	US army ordnance school - Eschwege - Alemanha	16/6/51	31/8/51	10,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	Armando Luiz Madureira Beça	BCF	Carries and repeater (C)	Ansbach - Alemanha	07/12/51	28/3/52	15,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	Jaime Rodrigues de Cristo	RAL nº 2	FA fire control equipment e FA fire direction center (C)	Escola do exército americano - Budingen - Alemanha	20/10/51	15/11/51	4		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	Armando de Sousa	RAL nº 2	FA fire control equipment e FA fire direction center (C)	Escola do exército americano - Budingen - Alemanha	20/10/51	15/11/51	4		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	Abel Seco	RAL nº 2	FA fire control equipment e FA fire direction center (C)	Escola do exército americano - Budingen - Alemanha	20/10/51	15/11/51	4		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	António Manuel	BA nº 3	Communications officer (C)	Scott AFB - Illenois - EUA	18/10/51	2/8/52	41		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	Fernando Casimiro Pacheco	GIAC	Communications officer (C)	Scott AFB - Illenois - EUA	18/10/51	2/8/52	41		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	António Pacheco	BA nº 2	Communications officer (C)	Scott AFB - Illenois - EUA	18/10/51	2/8/52	41		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	João Vargas Ricardo	DJMA	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	27/10/51	31/3/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	Paulo Correia de Melo	BA nº 3	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	27/10/51	31/3/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	José Sousa Lamelas	BA nº 2	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	27/10/51	31/3/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	Carlos Alberto Martins da Conceição	BA nº 2	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	27/10/51	31/3/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	Joaquim da Conceição Humberto	BA nº 2	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	27/10/51	31/3/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

2º Sargento	Valentim dos Santos Xavier	BA nº 1	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	27/10/51	31/3/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	Marques Batista Fernandes	BA nº 1	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	27/10/51	31/3/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	Álvaro Magalhães Cabral	GIAC	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	27/10/51	31/3/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	José de Oliveira Dias	GIAC	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	27/10/51	31/3/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	José Guimarães de Oliveira	BA nº 3	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	27/10/51	31/3/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	Paiva de Sousa	OGME	Radio repair (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	7/3/51	22/6/51	15,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	Armindo Carvalho	EPA	Radio repair (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	7/3/51	22/6/51	15,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	Augusto Martinho	RAL nº 4	Radio repair (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	7/3/51	22/6/51	15,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento radiomontador	Luís de Sousa	RE nº 1	Radio repair (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	7/3/51	22/6/51	15,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	Santos Costa	RE nº 2	Radio repair (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	7/3/51	22/6/51	15,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento	Jaime Rodrigues de Cristo	RAL nº 2	FA fire control equipment e FA fire direction center (C)	Escola do exército americano - Budingen - Alemanha			4		AHM/FO/6/G/34/5/239/12
2º Sargento radiomontador	Armindo Teixeira de Carvalho	EPA	Radio repair (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	22/6/51	8/10/51	15,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento de artilharia	Manuel Crissante Bravo	EPA	Communications in infantry and armored units (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	1/6/51	16/7/51	6,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento de cavalaria	João Gonçalves Rola	EPC	Communications in infantry and armored units (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	1/6/51	16/7/51	6,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento de infantaria	João da Mota Amaral	EPI	Communications in infantry and armored units (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	1/6/51	16/7/51	6,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

2º Sargento mecânico	Freire de Andrade Tavares Soares	BA nº 3	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/51	9/11/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento mecânico	António Maria Espírito Santos	GIAC	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/51	9/11/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento mecânico	Manuel de Almeida Savedra Jerónimo	BA nº 1	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/51	9/11/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento mecânico	Álvaro Amado Quina	BA nº 1	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/51	9/11/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento mecânico	Jerónimo de Assunção Teixeira	BA nº 2	Aircraft maintenance (C)	Rhine Main - Frankfurt - Alemanha	4/6/51	10/7/51	5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento mecânico	Fernando Damas Paiva	BA nº 2	Aircraft maintenance (C)	Rhine Main - Frankfurt - Alemanha	4/6/51	10/7/51	5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento mecânico	José Dias Remédio	BA nº 1	Aircraft maintenance (C)	Rhine Main - Frankfurt - Alemanha	4/6/51	10/7/51	5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento mecânico	José Gomes Sanchas	BA nº 1	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	25/9/51	9/4/52	27		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento mecânico	Carlos Alberto Martins da Conceição	BA nº 2	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	25/9/51	9/4/52	27		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento mecânico	Joaquim da Conceição Conduto	BA nº 1	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	25/9/51	9/4/52	27		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento mecânico	Valentim dos Santos Xavier	BA nº 1	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	25/9/51	9/4/52	27		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento mecânico	Henrique Batista de Sousa Fernandes	BA nº 2	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	25/9/51	9/4/52	27		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento mecânico	Álvaro Magalhães Cabral	GIAC	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	25/9/51	9/4/52	27		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento mecânico	José de Oliveira Dias		A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	25/9/51	9/4/52	27		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento mecânico	José Guiomar de Oliveira Coruche		A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	25/9/51	9/4/52	27		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento mecânico auto	António Cordeiro Valadas	EPA	Automatic field maintenance mechanic (C)	US army ordnance school - Eschwege - Alemanha	11/4/51	16/6/51	10,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento piloto	Artur Duarte	BA nº 1	Link-trainer oper mechanic (C)	Erding - Munique - Alemanha	4/6/51	6/8/51	9		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

2º Sargento piloto	António Augusto Galhardo	GIAC	Link-trainer oper mechanic (C)	Rhine Main - Frankfurt - Alemanha	4/6/51	6/8/51	9		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento radiomontador	António Simões Cardoso	BA nº 4	Communications officer (C)	Scott AFB - Illenois - EUA	22/10/51	31/7/52	41		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento radiomontador	António Manuel	BA nº 3		Scott AFB - Illenois - EUA	22/10/51	31/7/52	41		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento radiomontador	Fernando Casimiro Ladeiras	GIAC		Scott AFB - Illenois - EUA	22/10/51	31/7/52	41		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento radiomontador	António Henrique Pacheco			Scott AFB - Illenois - EUA	22/10/51	31/7/52	41		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento radiomontador	Dionísio Roque	BA nº 1	Radio fundamentals A/C mechanic (C)	Scott AFB - Illenois - EUA	4/6/51	4/1/52	30		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento radiomontador	João Paiva de Sousa	OGME	Radio repair (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	22/6/51	8/10/51	15,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento radiomontador	Raul Palha	BTeleg	Radio repair (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	22/6/51	8/10/51	15,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento radiomontador	António de Freitas	BCF	Radio repair (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	22/6/51	8/10/51	15,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento radiomontador	Luís de Sousa	RE nº 1	Radio repair (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	22/6/51	8/10/51	15,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento radiomontador	Aquiles dos Santos Costa	RE nº 2	Radio repair (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	22/6/51	8/10/51	15,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento radiomontador	Augusto António Martinho	RAL nº 4	Radio repair (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	22/6/51	8/10/51	15,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento radiomontador	David Pedro	GACA nº 4	Radio repair (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	22/6/51	8/10/51	15,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Alferes	Artur Augusto Ventura	BA nº 2		EUA	19/3/51	12/6/51	13		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Alferes	Pelágio de Sousa Barbosa	BA nº 3	Supply officer (C)	FE warrear AFG - EUA	29/7/51	14/10/51	12		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

Alferes	José Lourenço	GIAC	Supply officer (C)	FE warrear AFG - EUA	29/7/51	14/10/51	12		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Alferes	António Mateus Figueiredo	BA nº 2	Supply officer (C)	Wasseu AFB - EUA	19/12/51	21/3/52	12		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Alferes	Augusto José de Sousa	BA nº 3	Supply officer (C)	Wasseu AFB - EUA	19/12/51	21/3/52	12		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Alferes	José Luiz Vaz	BA nº 1	Intruments pilot (C)	Tyndall AFB - Florida - EUA	13/9/51	22/12/51	10		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Alferes	João Sequeira Marcelino	RC nº 4	Manutenção e instrução do carro M/46 (C)	Aberdeen - EUA	18/9/51	7/11/51	6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Alferes de aeronáutica	Francisco Alberto Lopes Gião	BA nº 1	Pilot instrutor school (C)	Craig AFB - Alabama - EUA	28/5/51	9/7/52	6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Alferes de aeronáutica	António Duarte de Oliveira Belo	BA nº 1	Pilot instrutor school (C)	Craig AFB - Alabama - EUA	28/5/51	9/7/52	6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Alferes de aeronáutica	Ilídio Evangelista Lopes Abelha	BA nº 1	Pilot instrutor school (C)	Craig AFB - Alabama - EUA	28/5/51	9/7/52	6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Alferes de aeronáutica	António Celorico Borba da Silva	BA nº 1	Pilot instrutor school (C)	Craig AFB - Alabama - EUA	28/5/51	9/7/52	6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Alferes de aeronáutica	Manuel de Andrade Fernandes	BA nº 2	Pilot instrutor school (C)	Craig AFB - Alabama - EUA	28/5/51	9/7/52	6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Alferes de aeronáutica	Pedro Rodrigues	BA nº 2	Pilot instrutor school (C)	Craig AFB - Alabama - EUA	28/5/51	9/7/52	6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Alferes de aeronáutica	Durval Serrano de Almeida	BA nº 2	Intermediate meteorological (C)	Chamut AFB - Illenois - EUA	23/5/51	26/1/52	34	27/1/52	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Alferes de aeronáutica	Febo Vargas de Matos	BA nº 2	Armament officer gen (C)	Lowry AFB - Colorado - EUA	12/6/51	30/1/52	31		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Alferes de aeronáutica	Teotónio Moraes Caldas	GIAC	Armament officer gen (C)	Lowry AFB - Colorado - EUA	12/6/51	30/1/52	31		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Alferes de aeronáutica	Rui Eduardo Bernardo Soares e Carvalho	BA nº 4	Air conv staff school (C)	Maxwell AFB - EUA	27/7/51	19/10/51	12		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Alferes de aeronáutica	Manuel Melo Pereira Ramos	GIAC	Air conv staff school (C)	Maxwell AFB - EUA	27/7/51	19/10/51	12		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Alferes de aeronáutica	Durval Serrano de Almeida	BA nº 2	Intermediate meteorological (C)	Chamut AFB - Illenois - EUA	4/6/51	26/1/52	34		AHM/FO/6/G/34/5/249/18

Alferes de aeronáutica	Febo Vargas de Matos	BA nº 2	Armament officer gen (C)	Lowry AFB - Colorado - EUA	14/5/51	13/11/51	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Alferes de aeronáutica	Teotónio Morais Caldas	GIAC	Armament officer gen (C)	Lowry AFB - Colorado - EUA	15/5/51	13/11/51	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Alferes	Artur Augusto Ventura	BA nº 2	Supply officer gen (C)	Lowry AFB - Colorado - EUA	12/6/51	14/8/51	8		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Aspirante de aeronáutica	José Lemos Ferreira	BA nº 1	Pilot training (C)	Randolf and craig AFB - EUA	20/5/51	24/6/52	57		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Aspirante de aeronáutica	João Batista Pavão Machado	BA nº 1	Pilot training (C)	Randolf and craig AFB - EUA	20/5/51	24/6/52	57		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Aspirante de aeronáutica	Ramiro de Almeida Santos	BA nº 1	Pilot training (C)	Randolf and craig AFB - EUA	20/5/51	24/6/52	57		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Aspirante de aeronáutica	Manuel Augusto Eugénio	BA nº 1	Pilot training (C)	Randolf and craig AFB - EUA	20/5/51	24/6/52	57		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Aspirante de aeronáutica	Serafim José Franco de Almeida Reis	BA nº 1	Pilot training (C)	Randolf and craig AFB - EUA	20/5/51	24/6/52	57		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Aspirante de aeronáutica	Francisco Dias da Costa Gomes	BA nº 1	Pilot training (C)	Randolf and craig AFB - EUA	20/5/51	24/6/52	57		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Aspirante de aeronáutica	José Jaime Caldeira Bargão	BA nº 1	Pilot training (C)	Randolf and craig AFB - EUA	20/5/51	24/6/52	57		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Aspirante de aeronáutica	João António de Lemos Silva Santos Gomes	BA nº 1	Pilot training (C)	Randolf and craig AFB - EUA	20/5/51	24/6/52	57		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Aspirante de aeronáutica	António Albino da Rocha Mós	BA nº 1	Pilot training (C)	Randolf and craig AFB - EUA	25/7/51	24/6/52	57		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Aspirante de aeronáutica	José Lemos Ferreira	BA nº 1	Pilot training (C)	Randolf and craig AFB - EUA	25/7/51	24/6/52	57		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Aspirante de aeronáutica	João Batista Pavão Machado	BA nº 1	Pilot training (C)	Randolf and craig AFB - EUA	25/7/51	24/6/52	57		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Aspirante de aeronáutica	Ramiro de Almeida Santos	BA nº 1	Pilot training (C)	Randolf and craig AFB - EUA	25/7/51	24/6/52	57		AHM/FO/6/G/34/5/249/18

Aspirante de aeronáutica	Manuel Augusto Eugénio	BA nº 1	Pilot training (C)	Randolf and craig AFB - EUA	25/7/51	24/6/52	57		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Aspirante de aeronáutica	Serafim José Franco de Almeida Reis	BA nº 1	Pilot training (C)	Randolf and craig AFB - EUA	25/7/51	24/6/52	57		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Aspirante de aeronáutica	Francisco Dias da Costa Gomes	BA nº 1	Pilot training (C)	Randolf and craig AFB - EUA	25/7/51	24/6/52	57		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Aspirante de aeronáutica	José Jaime Caldeira Bargão	BA nº 1	Pilot training (C)	Randolf and craig AFB - EUA	25/7/51	24/6/52	57		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Aspirante de aeronáutica	João António de Lemos Silva Santos Gomes	BA nº 1	Pilot training (C)	Randolf and craig AFB - EUA	25/7/51	24/6/52	57		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Brigadeiro	João Henrique Nunes da Silva		Manobras militares	Inglaterra	4/10/51	28/10/51	2,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Brigadeiro	Anselmo de Matos Vilas	CGAM	Forças aliadas (M)	Paris - França	27/9/51	18/10/51	3		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Brigadeiro	Anselmo de Matos Vilas	CGAM	Manobras militares	Frankfurt - Alemanha	1/8/51	11/8/51	1,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão	Rodrigues Ramos	RAP nº 1	Counter mortar radar (C)	Artillery school - Fort Sill - Oklahoma - EUA	25/4/51	20/6/51	8		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão	Sequeira Braga	RAP nº 2	Counter mortar radar (C)	Artillery school - Fort Sill - Oklahoma - EUA	25/4/51	20/6/51	8		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão	João Tiroa		Estado maior (C)	Escuela de EM - Espanha					Portaria nº 13 478 (Diário do Governo nº 56, 1ª Série, de 20 de março de 1951), OE nº 6, 2ª Série, 1951, p. 296
Capitão	Fernando Ferreira Valença	SPDN	Orientação de uma bateria de combate (V)	Alemanha	8/12/51	11/12/51	0,4		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão	Fernando Eugénio de Faria Ribeiro		Manobras militares	Frankfurt - Alemanha	1/10/51	18/10/51	2,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão	Aurélio da Silva Banazol	EME	Reunião de estratégia no centro de instrução de estratégia do norte	Bruxelas - Bélgica	8/11/51	11/11/51	0,6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de administração militar	Raul Patrocínio Cabral	EPAM	Orientação de uma bateria de combate (V)	Alemanha	8/12/51	11/12/51	0,6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de administração militar	Nuno Alves Calado	BA nº 1	Orientação de uma bateria de combate (V)	Alemanha	8/12/51	11/12/51	0,6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

Capitão de aeronáutica	Manuel Chitas de Brito	BA nº 1	Pilot instructor school (C)	Craig AFB - Alabama - EUA	28/5/51	16/7/51	6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	Joaquim Brilhante Paiva	BA nº 1	Observador (C)	Coreia	3/4/51	1/5/51	4		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	Fernando Rodrigues Frutuoso	BA nº 1	Observador (C)	Coreia	3/4/51	1/5/51	4		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	Sebastião de Gouveia Pessanha	CGMA	Air trafic control tech (C)	Keesler AFB - Mississipi - EUA	8/6/51	3/8/51	8		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	Nuno Alves Calado	BA nº 1	Electronics fundamentals (C)	Keesler AFB - Mississipi - EUA	8/6/51	18/10/51	19		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	Pedro José Maria Avilez	CGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/51	9/11/51	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	Armando Sacadura Falcão	DGMA	Supply officer gen (C)	Lowry AFB - Colorado - EUA	12/6/51	24/7/51	6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	Guilherme Teixeira Dias Costa	BA nº 2	Electronics officer ground (C)	Keesler AFB - Mississipi - EUA	18/6/51	17/2/53	35		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	José Pereira do Nascimento	CGMA	Aircraft maintenance officer (C)	Manut AFB - Illenois - EUA	24/6/51	23/2/53	35		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	Manuel Norton Brandão	BA nº 1	Electronics officer air (C)	Keesler AFB - Mississipi - EUA	26/6/51	11/2/53	33		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	Álvaro Soares Moreira Rato	GIAC	Instruments pilot instructor school (C)	Tyndall AFB - Florida - EUA	29/6/51	14/11/51	20		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	João António Brandão Calhau	BA nº 3	Instruments pilot instructor school (C)	Tyndall AFB - Florida - EUA	29/6/51	14/11/51	20		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	Artur Manuel Acciaioli Tamagnani Barbosa	BA nº 2	Instruments pilot instructor school (C)	Tyndall AFB - Florida - EUA	29/6/51	14/11/51	20		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	Fernando Santos Pinto Pereira Caldas	BA nº 3	Instruments pilot instructor school (C)	Tyndall AFB - Florida - EUA	29/6/51	14/11/51	20		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	José Duarte Kruss Abecassis	BA nº 3	Instruments pilot instructor school (C)	Tyndall AFB - Florida - EUA	29/6/51	14/11/51	20		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

Capitão de aeronáutica	Fernando Alberto de Oliveira	CGMA	Depot repair orientation (C)	Erding - Munique - Alemanha	4/6/51	16/7/51	6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	José Augusto da Costa Almeida	BA nº 2	VHF/FM maintenance (field level) (C)				7		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	José Vasco Rodrigues Ramos	RAP nº 1	Counter mortar radar (C)	Artillery school - Fort Sill - Oklahoma - EUA	17/7/51	18/9/51	9		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	Casimiro Rope	BA nº 2	Communications officer (C)	Scott AFB - Illenois - EUA	14/1/51	8/10/51	38		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	António Francisco de Aguiar	OGMA	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	27/10/51	5/5/52	27		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	Urbano Adolfo Ferreira de Castro	CJAM	Aircraft maintenance officer (C)	Chamut AFB - Illenois - EUA	9/2/51	2/11/51	38		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	Fernando dos Santos Pereira Caldas	BA nº 3		EUA	21/3/51	26/9/51	27		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	António Francisco de Aguiar	OGMA	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	3/4/51	9/10/50	27		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão de aeronáutica	Florindo Lopes Gagean		A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Scott AFB - Illenois - EUA	23/10/51	31/7/52	41		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão de aeronáutica	José Pereira do Nascimento	CGAM	Aircraft maintenance officer (C)	Manut AFB - Illenois - EUA	30/6/51	24/2/52	35		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão de aeronáutica	Urbano Adolfo Ferreira de Castro		Engenharia aeronáutica (C)	Espanha					Portaria nº 13 478 (Diário do Governo nº 56, 1ª Série, de 20 de março de 1951), OE nº 6, 2ª Série, 1951, p. 296
Capitão de aeronáutica	Mário Alvarenga Rua		Engenharia aeronáutica (C)	Inglaterra					Portaria nº 13 478 (Diário do Governo nº 56, 1ª Série, de 20 de março de 1951, OE nº 6, 2ª Série, 1951, p. 297
Capitão de aeronáutica	Nuno Alves Calado	BA nº 1	Electronics Fundamentals (C)	Keesler AFB - Mississipi - EUA	14/6/51	18/10/51	19		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	Pedro José Maria Avilez	CGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	7/6/51	9/11/51	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	Guilherme Teixeira Dias Costa	BA nº 2	Electronics officer ground (C)	Keesler AFB - Mississipi - EUA	18/6/51	17/2/52	35		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

Capitão de aeronáutica	Álvaro Augusto Pereira de Figueiro Cardoso	BA nº 3	Communications officer (C)	Scott AFB - Illinois - EUA	24/6/51	23/2/52	35		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	Manuel Norton Brandão	BA nº 1	Communications officer air (C)	Keesler AFB - Mississipi - EUA	12/6/51	11/2/52	35		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	João de Deus Mendes Quintela	BA nº 1	Staff indoctrination (C)	7 AF Stations - EUA	8/6/51	29/6/51	3		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de aeronáutica	João Anacoreta de Almeida Viana	EAero	Staff indoctrination (C)	7 AF Stations - EUA	8/6/51	30/6/51	3		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de artilharia	Nuno Guilherme Roriz Duarte	EE	Exercício de tiro	Inglaterra	24/4/51	29/5/51	5	15/6/51	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de artilharia	Dúlio Norberto Franco Simas	RAI nº 3	Communications in infantry and armored units (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	28/05/51	13/7/51	6,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de artilharia	Miguel Martins de Sequeira Braga	RAP nº 2	Counter mortar radar (C)	Artillery school - Fort Sill - Oklahoma - EUA	11/7/51	4/9/51	8	5/9/51	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de artilharia	João Soares Victor de Sousa Vairinho	DGMG	Ordnance officer basic (C)	Alberdeen - Maryland - EUA	3/9/51	27/01/52	21		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de artilharia	José da Neves Pacheco	RAC	Ammunition (C)	Eschwege - Frankfurt - Alemanha	15/9/51	12/10/51	4		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de artilharia	João Mendonça Prazeres		FA fire control equipment e FA fire direction center (C)	Escola do exército americano - Budingen - Alemanha	20/10/51	17/11/51	4		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de artilharia	Carlos Mário Pessoa Vaz		FA fire control equipment e FA fire direction center (C)	Escola do exército americano - Budingen - Alemanha	20/10/51	17/11/51	4		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de artilharia	José Faria Rodrigues Ramos	RAP nº 1	Orientação de uma bateria de combate (V)	Eschwege - Frankfurt - Alemanha	10/11/51	19/12/51	5,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de artilharia	Abílio de Matos	FMBP	Orientação de uma bateria de combate (V)	Eschwege - Frankfurt - Alemanha	10/11/51	19/12/51	5,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de artilharia	Eurico de Oliveira Pinto	FMBP	Reunião sobre processos de munições	Londres - Inglaterra	29/11/51	10/12/51	1,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

Capitão de artilharia	Eduardo Joaquim Vida Santos	FMBP	Reunião sobre processos de munições	Londres - Inglaterra	29/11/51	10/12/51	1,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de artilharia	Abílio Antunes da Mata	FMBP	Signal armored (C)	EUCOM signal school - Ansbach - Alemanha	3/10/51	10/11/51	4,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de artilharia	João Victor Soares de Sousa Vairinho		Ordnance officer basic (C)	Alberdeen - Maryland - EUA	3/9/51	14/3/52	21		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão de artilharia	João Carlos Oliveira de Macedo		Captain to major qualifying (C)	Royal canadian ordnance corps school - Canadá					Portaria de 2 de dezembro de 1950, OE nº 5, 2ª Série, 1951, p. 217
Capitão de artilharia	João Lídio Ferreira		Captain to major qualifying (C)	Royal canadian school of artillery (Field Branch) - Canadá					Portaria de 7 de dezembro de 1950, OE nº 5, 2ª Série, 1951, p. 218
Capitão de artilharia	Rogério Paixão Ribeiro		Artillery staff (AA) (C)	Royal canadian school of artillery (Cost and AA) - Canadá					Portaria de 21 de fevereiro de 1951, OE nº 5, 2ª Série, 1951, p. 218
Capitão de artilharia	Gualdino Leite da Silva Matos		Engenharia fabril (C)	Espanha					Portaria nº 13 478 (Diário do Governo nº 56, 1ª Série, de 20 de março de 1951), OE nº 6, 2ª Série, 1951, p. 296
Capitão de artilharia	José Vasco Lobato de Faria Rancon		Engenharia fabril (C)	Espanha					Portaria nº 13 478 (Diário do Governo nº 56, 1ª Série, de 20 de março de 1951), OE nº 6, 2ª Série, 1951, p. 296
Capitão de artilharia	Miguel Martins de Sequeira Braga		Counter mortar radar (C)	Artillery school - Fort Sill - Oklahoma - EUA	11/7/51	5/9/51	8		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de artilharia	João Soares Victor de Sousa Vairinho		Ordnance officer basic (C)	Alberdeen - Maryland - EUA	27/7/51	27/1/52	21		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de artilharia	José das Neves Pacheco		Ammunition (C)	Eschwege - Frankfurt - Alemanha	14/9/51	12/10/51	4		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de artilharia	José Vasco Rodrigues Ramos		Counter mortar radar (C)	Artillery school - Fort Sill - Oklahoma - EUA	10/7/51	5/9/51	8		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de artilharia	Osório Ponte Medeiros	DGMG	Ammunition (C)	Eschwege - Frankfurt - Alemanha	13/9/51	12/10/51	4		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de cavalaria	Alfredo Leão Tomaz Correia	DAC	Communications in infantry and armored units (C)	US army ordnance school - Eschwege - Alemanha	1/6/51	16/7/51	6,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de cavalaria	António Maria Pereira Martinho	GML	Automatic field maintenance mechanic (C)	US army ordnance school - Eschwege - Alemanha	16/6/51	31/8/51	10,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

Capitão de cavalaria	José Maria Guedes Cabral de Campos		Manutenção e instrução do carro M/46 (C)	Aberdeen - EUA	18/9/51	7/11/51	7		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de cavalaria	Francisco Alberto Teixeira de Lemos da Silveira		Manutenção e instrução do carro M/46 (C)	Aberdeen - EUA	18/9/51	7/11/51	7		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de cavalaria	António Martinho	JML	Wreches crewmav (C)	Eschwege - Frankfurt - Alemanha	24/8/51	12/12/51	15,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de cavalaria	José da Silva Oliveira Tavares Lopes	EPC	Officer combat intelligence (C)	Oberammergau - Alemanha	5/9/51	28/12/51	15,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de cavalaria	Fernando Maria de Fontes Pereira de Melo		Captain to major qualifying (C)	Royal canadian armored corps school - Canadá					Portaria de 7 de dezembro de 1950, OE nº 5, 2ª Série, 1951, p. 218
Capitão de cavalaria	Leão Correia		Communications in infantry and armored units (C)	US army engineer school - Murnau - Alemanha			6,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/12
Capitão de cavalaria	José Maria Guedes Cabral de Campos		Manutenção e instrução do carro M/46 (C)	Aberdeen - EUA			6		AHM/FO/6/G/34/5/239/12
Capitão de cavalaria	António Maria Pereira Martinho	GML	Automatic field maintenance mechanic (C)	US army engineer school - Murnau - Alemanha	21/6/51	29/8/51	10,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de engenharia	Guilherme Bastos Moreira	EPE	Communications in infantry and armored units (C)	US army engineer school - Murnau - Alemanha	28/5/51	12/7/51	6,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de engenharia	José Francisco Correia Leal	RE nº 1	Automatic field maintenance mechanic (C)	US army engineer school - Murnau - Alemanha	16/6/51	31/8/51	10,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de engenharia	Eurico Ferreira Gonçalves	RE nº 1	Demolitons, mines and booby traps (C)	US army engineer school - Murnau - Alemanha	19/09/1951	1/11/51	6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de engenharia	Henry Dumont Nesbitt		Instruments pilot instructor school (C)	Transportation school - Munhein - Alemanha	4/10/51	16/12/51	7,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de engenharia	Ivan Serra e Costa	BCF	Carries and repeater (C)	Ansbach - Alemanha	16/8/51	28/11/51	13		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

Capitão de engenharia	Mário Jorge Reis de Sousa	BCF	Carries and repeater (C)	Ansbach - Alemanha	21/8/51	3/12/51	13		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de engenharia	Vasco Guilherme de Castro Neves	EPE	Orientação de uma bateria de combate (V)	Alemanha	8/12/51	11/12/51	0,4		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de engenharia	Mário Pinto da Fonseca Leitão	BTeleg	Signal message supervisor (C)	EUCOM signal school - Ansbach - Alemanha	19/9/51	26/10/51	5,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de engenharia	Rui Duarte Moreira Braga		RCEME officers basic (C)	Royal canadian electrical and mechanical engineers school - Canadá					Portaria de 2 de dezembro de 1950, OE nº 5, 2ª Série, 1951, p. 217
Capitão de engenharia	João Carlos Cândia da Silva Escudeiro		Captain to major qualifying (C)	Royal canadian school of military engineering - Canadá					Portaria de 7 de dezembro de 1950, OE nº 5, 2ª Série, 1951, p. 218
Capitão de engenharia	Bastos Moreira		Communications in infantry and armored units (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha			6,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/12
Capitão de engenharia	José Francisco Correia Leal	RE nº 1		US army ordnance school - Eschwege - Alemanha					AHM/FO/6/G/34/5/239/12
Capitão de engenharia	José Francisco Correia Leal	RE nº 1	Automatic field maintenance mechanic (C)	US army ordnance school - Eschwege - Alemanha	23/6/51	29/8/51	9,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de engenharia	Eurico Ferreira Gonçalves	RE nº 1	Demolitons, mines and booby traps (C)	US army engineer school - Murnau - Alemanha	16/8/51	1/11/51	7		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de infantaria	Ernesto Fontoura Garcez de Lencastre	RI nº 11	Communications in infantry and armored units (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	1/6/51	18/5/51	6,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de infantaria	Henrique de Oliveira Rodrigues	EPI	Communications in infantry and armored units (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	1/6/51	18/5/51	6,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de infantaria	Mário de Brito Monteiro Robalo	RI nº 3	École des troupes aeroportées (C)	Pau - França	6/9/51	5/10/51	4,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de infantaria	Armindo Martins Videira	BC nº 10	École des troupes aeroportées (C)	Pau - França	6/9/51	5/10/51	4,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de infantaria	Emílio Mendes Moura dos Santos	RI nº 7	Captain to major qualifying (C)	Royal canadian school of infantry - Canadá					Portaria de 7 de dezembro de 1950, OE nº 5, 2ª Série, 1951, p. 217
Capitão de infantaria	Oliveira Rodrigues		Communications in infantry and armored units (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha			6,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/12
Capitão de infantaria	Mário de Brito Monteiro Robalo	RI nº 3	École des troupes aeroportées (C)	Pau - França	4/9/51	5/10/51	4,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

Capitão de infantaria	Armindo Martins Videira	BC nº 10	École des troupes aéroportées (C)	Pau - França	4/9/51	5/10/51	4,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Capitão de cavalaria	Francisco Alberto Teixeira de Lemos da Silveira		Manutenção e instrução do carro M/46 (C)	Aberdeen - EUA	7/11/51	23/12/51	6		AHM/FO/6/G/34/5/239/12
Operário civil	Alfredo de Matos	OGMA	A/C mechanic (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	27/10/51	31/3/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	Bento da Silva	OGMA	A/C mechanic (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	19/10/51	23/4/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	Virgílio da Conceição Lopes	OGMA	A/C mechanic (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	27/10/51	31/3/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	João Narciso Calçada	OGMA	A/C mechanic (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	27/10/51	31/3/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	Raul Almeida	OGMA	A/C mechanic (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	27/10/51	31/3/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	Anselmo José Esteves	OGMA	A/C mechanic (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	27/10/51	31/3/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	Jorge Marques Antunes	OGMA	A/C mechanic (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	27/10/51	31/3/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	Manuel Blanco Nobre	OGMA		EUA	14/12/50	8/6/52	25		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	José Raflé da Conceição Bucha	OGMA		EUA	14/12/50	8/6/52	25		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	António Malaquias da Silva	OGMA	Radio fundamentals A/C mechanic (C)	Scott AFB - Illinois - EUA	25/10/51	29/3/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	Alfredo Augusto de Matos	OGMA	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	25/9/51	3/4/52	27		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	João Inácio Delgado	OGMA	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	03/04/51	9/10/51	27		AHM/FO/6/G/34/5/249/18

Operário civil	Bento da Silva Lourenço	OGMA	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	03/04/51	9/10/51	27		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	Virgílio da Conceição Lopes	OGMA	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	3/4/51	25/9/51	29		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	Duarte Augusto Rodrigues Martins	OGMA	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	3/4/51	9/10/51	27		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	João Narciso Calçada	OGMA	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	4/4/51	10/10/51	27		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	Henriques Gomes Pera	OGMA	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	03/04/51	25/9/51	29		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	Raul de Almeida Casquinha	OGMA	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	3/4/51	25/9/51	29		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	Anselmo José Esteves	OGMA	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	3/4/51	25/9/51	29		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	Jorge Marques Antunes	OGMA	A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	3/4/51	25/9/51	29		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	José Chitas de Brito	CGMA	Radio fundamentals (C)	Scott AFB - Illinois - EUA	7/6/51	4/1/52	30		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	António Avelino da Silva Barros	CGMA	Radio fundamentals (C)	Scott AFB - Illinois - EUA	7/6/51	4/1/52	30		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	Teodomiro de Oliveira Barbosa	FMBP	Ammunition (C)	Eschwege - Frankfurt - Alemanha	15/9/51	12/11/51	8		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	António Augusto Afonso	CGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/51	9/11/51	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	António Blanco Nobre	CGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/51	9/11/51	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	Manuel José da Conceição Bucha	CGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/51	9/11/51	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	José Raimundo Martins	CGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/51	9/11/51	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	António Pereira Godinho	CGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/51	9/11/51	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	José de Jesus Vieitas	CGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/51	9/11/51	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

Operário civil	Adriano da Silva Caxias	CGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/51	9/11/51	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	João Dias dos Santos	CGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/51	9/11/51	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	João Fernando de Oliveira Duarte	CGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/51	9/11/51	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	António Pires	CGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/51	9/11/51	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	Francisco Costa	CGMA	Supply officer gen (C)	Lowry AFB - Colorado - EUA	12/6/51	24/7/51	6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	José do Carmo Pacheco	OGMA	Ap PWR plant (conv) (C)		4/6/51	6/7/51	4,5	10/5/51	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	Júlio da Silveira e Silva	OGMA	Ap inst mec (depot level) (C)	Erding - Munique - Alemanha	4/6/51	6/7/51	4,5	10/5/51	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	Albertino Duarte Caetano	OGMA	HF radio maintenance (depot level) (C)	Erding - Munique - Alemanha	4/6/51	6/8/51	9	6/8/51	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Operário civil	Armando dos Santos Mineiro	OGMA	Gen A/C accessories (depot level) (C)	Erding - Munique - Alemanha	4/6/51	6/7/51	4,5	10/5/51	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Contramestre	Fernando Saúde Machado	FMBP	Signal armored (C)	EUCOM signal school - Ansbach - Alemanha	3/10/51	10/11/51	5,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Coronel	José Maria Ribeiro da Silva		Manobras militares	Inglaterra	4/10/51	21/10/51	2,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Coronel	Augusto Pimenta Faria Pereira		Forças aliadas (M)	Paris - França	27/9/51	18/10/51	3		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Coronel	Dario Augusto Melo de Oliveira	CGAM	Manobras militares	Frankfurt - Alemanha	1/8/51	29/9/51	8,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Coronel	Carlos Ferreira da Silva	CGAM	Manobras militares	Frankfurt - Alemanha	1/8/51	29/9/51	8,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Coronel	Humberto da Silva Delgado		Manobras militares	Frankfurt - Alemanha	1/10/51	18/10/51	2,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

Coronel de cavalaria	Domingos António Coutinho	EME	Reunião de estratégia no centro de instrução de estratégia do norte	Bruxelas - Bélgica	11/11/51	15/11/51	0,6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Furriel	João Francisco Sargento Lopes	GCTA	Automatic field maintenance mechanic (C)	US army ordnance school - Eschwege - Alemanha	16/6/51	31/8/51	11		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Furriel	António de Figueira Simões	RAL nº 2	FA fire control equipment e FA fire direction center (C)	Escola do exército americano - Budingén - Alemanha	20/10/51	17/11/51	4		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Furriel	Francisco Lopes	GCTA	Automatic field maintenance mechanic (C)	US army ordnance school - Eschwege - Alemanha	3/4/51	16/6/51	10,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Furriel	João Francisco Sargento Lopes	GCTA		US army ordnance school - Eschwege - Alemanha					AHM/FO/6/G/34/5/239/12
Furriel	António Lopes Fragoso	EPE	Communications in infantry and armored units (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	1/6/51	17/7/51	6,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Furriel	António Godinho	EPE	Construction equipment mechanic (C)	Murnau - Alemanha	11/9/51	27/12/51	11		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Furriel	António Lopes Fragoso	EPE	Communications in infantry and armored units (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha			6,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/12
Furriel	José Rodrigues Brito	BA nº 4	Transmition (SA-16) (C)	Mac Dill AFB - EUA	25/11/51	11/2/52	7		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Furriel radiomontador	António Joaquim Antunes Mesquita	BA nº 4	Radio fundamentals (C)	Scott AFB - Illenois - EUA	5/6/51	4/1/52	30		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Furriel radiomontador	António Alves do Rego Serrador	BA nº 1	Radio fundamentals (C)	Scott AFB - Illenois - EUA	5/6/51	4/1/52	30		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
General	João da Encarnação Maças Ferreira		Manobras militares	Inglaterra	4/10/51	21/10/51	2,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major	Fernando Ferreira Valença	SPDN	Forças aliadas (M)	Paris - França	27/9/51	18/10/51	3		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major	Fernando José Ribeiro Duarte Silva	CGAM	Manobras militares	Frankfurt - Alemanha	1/8/51	11/8/51	1,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major	João Saraiva Corte Real	GIAC	Manobras militares	Frankfurt - Alemanha	1/8/51	11/8/51	1,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major	Fernando Ferreira Pinto Resende	SPDN	Manobras militares	Frankfurt - Alemanha	1/8/51	11/8/51	1,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major	Francisco António da Chagas	CGAM	Orientação de uma bateria de combate (V)	Alemanha	8/12/51	11/12/51	0,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

Major	José Marco de Gouveia	BA nº 2	Orientação de uma bateria de combate (V)	Alemanha	8/12/51	11/12/51	0,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major	José de Freitas Soares		Manobras militares	Frankfurt - Alemanha	26/9/51	14/10/51	2,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major	Manuel Campos Costa	EME	Manobras militares	Frankfurt - Alemanha	26/9/51	14/10/51	2,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major	Manuel Campos Costa	EME	Plano de rearmamento do exército (C)	Alemanha		17/6/51	2020,7	23/6/51	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major	João de Paiva de Faria Leite Brandão		Manobras militares	Frankfurt - Alemanha	26/9/51	14/10/51	2,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major de aeronáutica	Fernando Tiago Mira Delgado	CGMA	Staff indoctrination (V)	7 AF Stations - EUA	8/6/51	29/6/51	3		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major de aeronáutica	José Maria da Ponte Rodrigues	MDN	Staff indoctrination (V)	7 AF Stations - EUA	8/6/51	29/6/51	3		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major de aeronáutica	Francisco António da Chagas	CGAM	Aircraft controler (C)	Tyndall AFB - Florida - EUA	15/6/51	20/7/51	5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major de aeronáutica	João Maria Amado da Cunha e Vasconcelos de Carvalho	BA nº 2	Aircraft controler (C)	Tyndall AFB - Florida - EUA	15/6/51	20/7/51	5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major de aeronáutica	Fernando Ferreira Pinto Resende	SPDN	Estado maior (C)	RAF Staff College - Inglaterra					Portaria nº 13 478 (Diário do Governo nº 56, 1ª Série, de 20 de março de 1951), OE nº 6, 2ª Série, 1951, p. 297
Major de artilharia	Firmino José Miranda da Costa	EPA	Exercício de tiro	Inglaterra	8/5/51	29/5/51	3	13/6/51	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major de cavalaria	Luiz Valentim Deslandes	IAEM	Armament officer advanced (C)	Fort Knox - Kentucky - EUA	3/9/51	19/5/52	37		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major de cavalaria	Francisco José Miranda da Costa	EPA	Estudo de modos de tiro (C)	Inglaterra	26/4/51	23/5/51	4		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

Major de cavalaria	Luiz Valentim Deslandes	IAEM	Armored officer advanced (C)	Fort Knox - Kentucky - EUA	3/9/51	19/5/52	37		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Major CEM	Augusto Manuel das Neves	EE	Infantry officer advanced (C)	Fort Benning - Georgia - EUA	27/8/51	25/5/52	39		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major CEM	Augusto Manuel das Neves	EE	Infantry officer advanced (C)	Fort Benning - Georgia - EUA	27/8/51	25/5/52	39		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major de engenharia	Mário dos Santos Risques Pereira	BTeleg	Signal officer advanced (C)	Fort Moudmouth - New Jersey - EUA	3/9/51	6/7/52	44		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major de engenharia	Mário dos Santos Risques Pereira	BTeleg	Signal officer advanced (C)	Fort Moudmouth - New Jersey - EUA	3/9/51	6/7/52	44		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major de infantaria	Francisco Holbeche Fino	DAI	Command and general staff (C)	Fort Leavenworth - Kansas - EUA	1/9/51	31/5/52	40,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major de infantaria	Fernando Chaby Júnior	RI nº 9	Command and general staff (C)	Fort Leavenworth - Kansas - EUA	1/9/51	31/5/52	40,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major de infantaria	Emílio Mendes Moura dos Santos	RI nº 7	Infantry officer advanced (C)	Fort Benning - Georgia - EUA	27/8/51	25/5/52	39		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Major de infantaria	Francisco Holbeche Fino	DAI	Command and general staff (C)	Fort Leavenworth - Kansas - EUA	13/7/51	20/5/52	40,5		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Major de infantaria	Emílio Mendes Moura dos Santos	RI nº 7	Infantry officer advanced (C)	Fort Benning - Georgia - EUA	28/6/51	25/5/52	39		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Sargento-ajudante mecânico	Alberto Teixeira	BA nº 2	Aircraft maintenance officer (C)	Manut AFB - Illinois - EUA	28/6/51	24/2/52	35		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Sargento-ajudante mecânico	Álvaro Soares Barros Magalhães	GIAC	Aircraft maintenance officer (C)	Manut AFB - Illinois - EUA	28/6/51	24/2/52	35		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Sargento-ajudante mecânico	João Francisco Conceição	BA nº 3	Aircraft maintenance officer (C)	Manut AFB - Illinois - EUA	28/6/51	24/2/52	35		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Sargento-ajudante mecânico	Manuel Francisco Romaneiro	BA nº 4	Supply officer gen (C)	Lowry AFB - Colorado - EUA	12/6/51	24/7/51	8		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Sargento-ajudante mecânico	Alberto Teixeira	BA nº 2	Aircraft maintenance officer (C)	Manut AFB - Illinois - EUA	24/6/51	20/2/52	35		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Sargento-ajudante mecânico	Álvaro Soares Barros Magalhães	GIAC	Aircraft maintenance officer (C)	Manut AFB - Illinois - EUA	24/6/51	20/2/52	35		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Sargento-ajudante mecânico	João Francisco Conceição	BA nº 3	Aircraft maintenance officer (C)	Manut AFB - Illinois - EUA	24/6/51	20/2/52	35		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

Sargento-ajudante piloto	Mário da Silva Candeias	BA nº 2	Aircraft control tech (C)	Keesler AFB - Mississipi - EUA	8/6/51	5/8/51	8		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Sargento-ajudante piloto	Eduardo Carpinteiro Marques	BA nº 1	Aircraft control tech (C)	Keesler AFB - Mississipi - EUA	8/6/51	5/8/51	8		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Sargento-ajudante piloto	José Júlio Louro Ferreira	BA nº 4	Aircraft control tech (C)	Keesler AFB - Mississipi - EUA	8/6/51	5/8/51	8		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Sargento-ajudante piloto	José Júlio Louro Ferreira	BA nº 4		EUA	29/3/51	8/6/51	10		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Sargento-ajudante radiomontador	Alexandre Medeiros Gomes	BA nº 1	Communications officer (C)	Scott AFB - Illenois - EUA	24/6/51	25/2/52	35		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Sargento-ajudante radiomontador	José Lourenço Sequeira	BA nº 2	Communications officer (C)	Scott AFB - Illenois - EUA	24/6/51	25/2/52	35		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente	António Barbosa Mexia Leitão	DJME	Ordnance parts supply	Eschwege - Frankfurt - Alemanha	17/11/51	4/2/52	6,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente	Norton Araújo Afonso		Transmissões (C)	Mac Dill AFB - EUA	29/11/51	18/1/52	7		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente	Rui Monteiro	BA nº 1	Intruments pilot (C)	Tyndall AFB - Florida - EUA	17/7/51	22/12/51	20		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente	Augusto Cândido Pinto Coelho	GIAC	Intruments pilot (C)	Tyndall AFB - Florida - EUA	17/7/51	22/12/51	20		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente	Maria Pinto	GIAC	Intruments pilot (C)	Tyndall AFB - Florida - EUA	17/7/51	22/12/51	20		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente	Manuel da Fonseca Pinto Bessa	RC nº 7	Manutenção e instrução do carro M/46 (C)	Aberdeen - EUA	18/9/51	7/11/51	6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente de aeronáutica	António de Oliveira	BA nº 1	Aerial photo off (C)	Lowry AFB - Colorado - EUA	2/5/51	17/11/51	24		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente de aeronáutica	João Pizarro Rangel de Lima	BA nº 1	Pilot instrutor school (C)	Craig AFB - Alabama - EUA	28/5/51	2/7/51	6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente de aeronáutica	João Mendes Leite de Almeida	BA nº 2	Electronics fundamentals (C)	Keesler AFB - Mississipi - EUA	30/5/51	18/10/51	21		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

Tenente de aeronáutica	Marcial Estrela Rodrigues	BA nº 2	Instruments pilot instructor school (C)	Tyndall AFB - Florida - EUA	29/6/51	6/11/51	18,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente de aeronáutica	João Mendes Leite de Almeida	BA nº 2	Electronics fundamentals (C)	Keesler AFB - Mississipi - EUA	12/6/51	18/10/51	17,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente de cavalaria	António Octávio Dias Machado	EPC	Communications in infantry and armored units (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	1/6/51	16/7/51	6,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente de cavalaria	Luiz Maria de Sousa Campeão Gouveia	RC nº 7	Associated armored basic (C)	Fort Knox - Kentucky - EUA	30/7/51	5/11/51	14		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente de cavalaria	Luís Campeão Gouveia	RC nº 7	Manutenção e instrução do carro M/46 (C)	Aberdeen - EUA	18/9/51	7/11/51	6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente de cavalaria	Dias Machado	RC nº 7	Communications in infantry and armored units (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha			6,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/12
Tenente de cavalaria	Luís Maria de Sousa Campeão Gouveia	RC nº 7	Associated armored basic (C)	Fort Knox - Kentucky - EUA	1/8/51	5/11/51	14		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente do serviço de administração militar	José Gonçalves Macieira Santos	RC nº 7	Quartermaster officer advanced (C)	Forte Lee - Virginia - EUA	20/9/51	23/6/52	40		AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Tenente-coronel	Carlos Miguel Lopes da Silva Freire		Escola Superior de Guerra (C)	Paris - França					Portaria nº 13 478 (Diário do Governo nº 56, 1ª Série, de 20 de março de 1951), OE nº 6, 2ª Série, 1951, p. 295
Tenente de engenharia	Alberto Carloto de Castro		Construction equipment mechanic (C)	Murnau - Alemanha	19/11/51	11/9/52	43		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente de engenharia	Nuno Maria Rebelo Vaz Pinto	EPE	Demolitons, mines and booby traps (C)	US army engineer school - Murnau - Alemanha	8/10/51	19/11/51	6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente de engenharia	Vasco Guilherme de Castro Neves	EPE	Radio repair (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	19/4/51	8/10/51	24,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente de engenharia	Alberto Carloto de Castro	EPE	Construction equipment mechanic (C)	Murnau - Alemanha	28/8/51	19/11/51	11		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente de engenharia	Nuno Faria Rebelo Vaz Pinto	EPE	Demolitons, mines and booby traps (C)	US army engineer school - Murnau - Alemanha	18/9/51	1/11/51	6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente de engenharia	José Manuel Queiroz Tojeira Elbling Quintão	RE nº 2	Radio repair (C)	US army signal school - Ansbach - Alemanha	26/6/51	8/10/51	15		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente de engenharia	António Fernandes Graça	EPI	Officer combat intelligence (C)	Oberammergau - Alemanha	5/9/51	28/12/51	12		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

Tenente de infantaria	João Remígio dos Santos		Lieutenant to captain qualifying (C)	Royal canadian school of infantry - Canadá					Portaria de 7 de dezembro de 1950, OE nº 5, 2ª Série, 1951, p. 218
Tenente	Sérgio Joaquim Rodrigues Gonçalves	RC nº 7	Wreches crewmav (C)	Eschwege - Frankfurt - Alemanha	4/9/51	21/1/52	15,5		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente-coronel	Afonso Lopes Franco	CEM	Instituto de defesa NATO (C)	França	19/11/51				AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente-coronel de aeronáutica	Carlos Maria Sanches da Castro da Costa Macedo	BA nº 1	Staff indoctrination (V)	7 AF stations - EUA	8/6/51	29/6/51	3		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente-coronel de aeronáutica	João Batista Peral Fernandes	CGAM	Staff indoctrination (V)	7 AF stations - EUA	8/6/51	29/6/51	3		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente-coronel do serviço de administração militar	José Gonçalves Macieira Santos	IAEM	Demolitons, mines and booby traps (C)	US army engineer School - Murnau - Alemanha	19/9/51	1/11/51	6		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
2º Sargento radiomontador	Gaspar Luís Loureiro	BA nº 2	Electronics fundamentals (C)	Keesler AFB - Mississipi - EUA	19/9/51	27/10/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Cabo radiomontador	Edmundo Belas Lourenço	BA nº 4	Electronics fundamentals (C)	Keesler AFB - Mississipi - EUA	19/9/51	27/10/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Cabo radiomontador	Domingos de Oliveira Neiva	BA nº 4	Electronics fundamentals (C)	Keesler AFB - Mississipi - EUA	19/9/51	27/10/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16
1º Cabo radiomontador	Domingos da Trindade Silva	BA nº 4	Electronics fundamentals (C)	Keesler AFB - Mississipi - EUA	19/9/51	27/10/52	22		AHM/FO/6/G/34/5/239/16

Tabela II - 1952

Posto	Nome	Unidade de colocação	Designação da formação [(C)/(E)/(V)/(M)]	Local da frequência	Período de frequência da formação			Fonte
					Início	Finalização	Duração [semanas]	
Capitão	Armando Luís Rebelo da Silva	RE nº 2	Ordnance officer basic (C)	Ordnance school - Aberdeen - Proving Ground - Maryland - EUA	29/9/52	21/8/53	45	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão de infantaria	José Manuel Bettencourt Conceição Rodrigues	CEM	Command and general staff (C)	Fort Leavenworth - EUA	1/7/52	15/7/52	2	AHM/FO/6/G/34/5/249/18 e AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Tenente	Francisco Maria Rocha Simões	CEM	Command and general staff (C)	Fort Leavenworth - EUA	1/7/52	15/7/52	2	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão	Luís Joaquim de Sequeira Manso Couceiro Leitão	RAC	Control instrument repair officer (C)	Ordnance school - Aberdeen - Proving Ground - Maryland - EUA	19/6/52	11/11/52	21	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão	Joaquim Mendonça Duarte Pedro	QE	Fire control instruments repair officer (C)	Ordnance school - Aberdeen - Proving Ground - Maryland - EUA	19/6/52	11/11/52	21	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento mecânico	Manuel Joaquim Marques	BA nº 2	A/C maintenance (C)	Neubiberg - Alemanha	1/6/52	6/7/52	5	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento mecânico	Norberto de Almeida Terça	BA nº 2	A/C maintenance (C)	Neubiberg - Alemanha	1/6/52	6/7/52	5	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Furriel mecânico	Raul dos Santos Martins	BA nº 2	A/C maintenance (C)	Neubiberg - Alemanha	1/6/52	6/7/52	5	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Tenente miliciano	João António Ramalho de Mira	BA nº 4	Intermediate meteorological (C)	Lowry AFB - Colorado - EUA	3/6/52	18/2/53	37	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão	Silvino Silvério Marques	CEM	Operadores e mecânicos de máquinas de cifrar (C)	Paris - França	18/5/52	15/6/52	4	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento radiomontador	João Gonçalves de Freitas	RE nº 2	Operadores e mecânicos de máquinas de cifrar (C)	Paris - França	18/5/52	15/6/52	4	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Cadete	Domingos Higino Cruz Madeira	EE	Pilot training (C)	EUA	29/5/52	3/7/53	57	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Cadete	Ernesto Correia Moutela	EE	Pilot training (C)	EUA	29/5/52	3/7/53	57	AHM/FO/6/G/34/5/249/18

Cadete	Henrique Ferreira Pinto Howell	EE	Pilot training (C)	EUA	29/5/52	3/7/53	57	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Cadete	José Nobre Guerreiro Bispo	EE	Pilot training (C)	EUA	29/5/52	3/7/53	57	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Cadete	Luís Augusto da Silva	EE	Pilot training (C)	EUA	29/5/52	3/7/53	57	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Cadete	Edgar Rubi Mourão Marques	EE	Pilot training (C)	EUA	29/5/52	3/7/53	57	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Cadete	Casimiro de Jesus Pinto de Abreu Proença	EE	Pilot training (C)	EUA	29/5/52	3/7/53	57	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Cadete	Luís António da Silva Araújo	EE	Pilot training (C)	EUA	29/5/52	3/7/53	57	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Cadete	Afonso Tiago Canelas Marreiros	EE	Pilot training (C)	EUA	29/5/52	3/7/53	57	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Cadete	Manuel Fernando Morais Duarte	EE	Pilot training (C)	EUA	29/5/52	3/7/53	57	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Cadete	Artur Galvão de Melo	EE	Pilot training (C)	EUA	29/5/52	3/7/53	57	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Cadete	António Dias Lopes da Cunha	EE	Pilot training (C)	EUA	29/5/52	3/7/53	57	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Cadete	José Luís da Silva Fernandes	EE	Pilot training (C)	EUA	29/5/52	3/7/53	57	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Sargento-ajudante	Ismael Lopes Canavilhas	BA n° 3	Armament systems officer (C)	Neubiberg - Alemanha	1/5/52	4/9/52	18	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Sargento-ajudante	Luís Manuel Ferreira Carvalho Godinho de Faria	BA n° 2	Armament systems officer (C)	Neubiberg - Alemanha	1/5/52	4/9/52	18	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão médico	João José Varela	BA n° 4	Aviation medical examiner (C)	Randolph AFB - Texas - EUA	21/4/52	2/6/52	6	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Major	João António da Silva	CEM	Missão "Saclant"	Norfolk - EUA	10/4/52			AHM/FO/6/G/34/5/249/18

Capitão	Manuel Simão Portugal	AAM Washington	Missão "Saclant"	Norfolk - EUA	10/4/52			AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão	Eduardo José Teixeira Barbosa de Abreu	GACA nº 3	Associate FA artillery officer basic (C)	Artillery school em Fort Sill - Oklahoma - EUA	2/4/52	8/7/52	15	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão	Andreas Ribeiro Scapinakis	RAL nº 3	Associate FA artillery officer basic (C)	Artillery school em Fort Sill - Oklahoma - EUA	2/4/52	8/7/52	15	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Tenente	Carlos Alberto Pereira Barbosa	RAL nº 3	Associate FA artillery officer basic (C)	Artillery school em Fort Sill - Oklahoma - EUA	2/4/52	8/7/52	15	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão de engenharia	João Meira Valente de Carvalho		Signal company officer (C)	Signal school - Fort Moumouth - New Jersey - EUA	17/3/52	1/9/52	24	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão de artilharia	Nuno Guilherme Roriz Rubim	EE	Missão para inspeção de material de instrução	França e Suíça	8/3/52	22/3/52	2	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Sargento-ajudante mecânico	Manuel Francisco Cordeiro	BA nº 4	Aircraft maintenance officer (C)	Aircraft maintenance officer (C)	4/3/52	24/11/52	38	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
1º Sargento	Joaquim do Carmo Teixeira	BA nº 2	Aircraft maintenance officer (C)	Aircraft maintenance officer (C)	4/3/52	24/11/52	38	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
1º Sargento	Henrique da Silva Neves	BA nº 2	Aircraft maintenance officer (C)	Aircraft maintenance officer (C)	4/3/52	24/11/52	38	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão	João Cecílio Gonçalves	RL nº 2	Associate armored officer basic (C)	Fort Knox - Kentucky - EUA	15/2/52	23/5/52	14	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Tenente	Fernando Guilherme Rebocho da Costa Freire	RC nº 7	Associate armored officer basic (C)	Fort Knox - Kentucky - EUA	15/2/52	23/5/52	14	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Alferes do serviço de administração militar	António Monteiro Alves dos Santos	2º GCSubs	General supply management (C)	Fort Lee - Virginia - EUA	20/2/52	16/6/52	16	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão de cavalaria	Edmundo Ladeira Afonso Benades	EPC	Tank organization maintenance M-24 e tank field maintenance M-24 (C)	Eschwege - Alemanha	2/2/52	21/3/52	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Alferes de cavalaria	António Goulart Branco	EPC	Tank organization maintenance M-24 e tank field maintenance M-24 (C)	Eschwege - Alemanha	2/2/52	21/3/52	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão de cavalaria	António Maria Pereira Martinho	GML	Tank organization maintenance M-24 e tank field maintenance M-24 (C)	Eschwege - Alemanha	2/2/52	21/3/52	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Tenente de cavalaria	Sérgio Joaquim Rodrigues Gonçalves	RC nº 7	Tank organization maintenance M-24 e tank field maintenance M-24 (C)	Eschwege - Alemanha	2/2/52	21/3/52	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/249/18

Capitão de infantaria	Alexandre Herculano Maigná Cifuentes	EPI	Tank organization maintenance M-24 e tank field maintenance M-24 infantry weapons heavy e infantry weapons light (C)	Erlangen - Alemanha	9/2/92	27/2/52	2,5	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão de infantaria	José Albano de Proença Oliveira Cid	RI nº 4	Infantry weapons heavy e infantry weapons light (C)	Erlangen - Alemanha	9/2/92	27/2/52	2,5	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Alferes de infantaria	Élio Pires Afreixo	RI nº 10	Infantry weapons heavy e infantry weapons light (C)	Erlangen - Alemanha	9/2/92	27/2/52	2,5	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Alferes de infantaria	Luiz Fernando Dias Correia da Cruz	RI nº 12	Infantry weapons heavy e infantry weapons light (C)	Erlangen - Alemanha	9/2/92	27/2/52	2,5	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão de engenharia	Mário Pinto da Fonseca Leitão	BTeleg	Signal message supervisor (C)	Boblingen - Alemanha	1/2/52	14/3/52	6	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento radiomontador	Antero de Sousa Conduto	BA nº 1	NA/APG - 30 Sighting systems mech (C)	Lowry AFB - Colorado - EUA	30/1/52	9/4/52	10	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Furriel radiomontador	Aníbal Eugénio Martinho Gonçalves	BA nº 2	NA/APG - 30 Sighting systems mech (C)	Lowry AFB - Colorado - EUA	30/1/52	9/4/52	10	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão de artilharia	Nuno Francisco Rogado Quintino	DAA	Radar (C)	Fort Bliss - Texas - EUA	7/1/52	7/7/52	26	AHM/FO/6/G/34/5/249/18 e AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Capitão de engenharia	Carlos Amaro de Sá Teixeira Azevedo Ferraz	OGME	Radar (C)	Fort Bliss - Texas - EUA	7/1/52	7/7/52	26	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Major de aeronáutica	João Faustino de Albuquerque de Freitas	EE	ACOSS field officers (C)	Maxwell AFB - EUA	10/1/52	3/7/52	25	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Major de aeronáutica	Fernando José Ribeiro Duarte Silva	GIAC	ACOSS field officers (C)	Maxwell AFB - EUA	10/1/52	3/7/52	25	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	José Victor Viana	BA nº 1	HF radio maintenance (C)	Erding - Munique - Alemanha	2/1/52	13/3/52	9	AHM/FO/6/G/34/5/249/18 e AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Operário civil	Francisco Gerardo de Carvalho	BA nº 2	HF radio maintenance (C)	Erding - Munique - Alemanha	2/1/52	13/3/52	9	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão de cavalaria	Jorge da Silva Oliveira Travassos Lopes	EPC	Officer combat intelligence (C)	Oberammergau - Alemanha	2/1/52	1/2/52	4,5	AHM/FO/6/G/34/5/249/18

Tenente de infantaria	António Fernandes Graça	EPI	Officer combat intelligence (C)	Oberammergau - Alemanha	2/1/52	1/2/52	4,5	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão de aeronáutica	Austen Goodman Solano de Almeida	BA nº 4	Transmission (SA-16) (C)	Mac Dill AFB - EUA	25/11/52	13/1/53	7	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Tenente de aeronáutica	Norton de Araújo Afonso	BA nº 4	Transmission (SA-16) (C)	Mac Dill AFB - EUA	25/11/52	13/1/53	7	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
1º Sargento mecânico	Vasco Mendonça Rola	BA nº 4	Transmission (SA-16) (C)	Mac Dill AFB - EUA	25/11/52	13/1/53	7	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Furriel	José Rodrigues Desterro de Brito	BA nº 4	Transmission (SA-16) (C)	Mac Dill AFB - EUA	25/11/52	13/1/53	7	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão de aeronáutica	Pedro José Maria Avilez	OGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
1º Sargento mecânico	António Conceição Esteves	BA nº 1	Curso aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
1º Sargento mecânico	Artur Gonçalves da Silva	BA nº 2	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
1º Sargento mecânico	António Maria Pinto Ângelo	BA nº 2	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
1º Sargento mecânico	Cândido de Jesus de Almeida	BA nº 2	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
1º Sargento mecânico	Fernando da Cunha Soares de Almeida	BA nº 2	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
1º Sargento mecânico	José Pereira Coelho de Faria	BA nº 3	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento mecânico	Freire de Andrade Tavares Soares	BA nº 3	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento mecânico	António Maria Espírito Santo	GIAC	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento mecânico	Manuel de Almeida Savedra Jerónimo	BA nº 1	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
2º Sargento mecânico	Álvaro Amado Quina	BA nº 1	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	António Augusto Afonso	OGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18

Operário civil	António Blanco Nobre	OGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	Manuel José da Conceição Bucha	OGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	José Raimundo Martins	OGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	António Ferreira Godinho	OGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	José de Jesus Vicitas	OGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	Adriano da Silva Caxias	OGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	João Dias dos Santos	OGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	João Fernando de Oliveira Duarte	OGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Operário civil	António Pires	OGMA	Aircraft and engine mech gen (C)	Sheppard AFB - Texas - EUA	8/6/52	9/11/52	22	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Capitão de aeronáutica	Urbano Adolfo Ferreira de Castro	CGAM	Aircraft and engine mech gen (C)	Chanute AFB - Illenois - EUA	11/11/52	29/7/53	38	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Sargento-ajudante mecânico	Manuel Gonçalves Marciano	BA n° 1	Aircraft and engine mech gen (C)	Chanute AFB - Illenois - EUA	11/11/52	29/7/53	38	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Sargento-ajudante mecânico	Alberto da Costa Branco	BA n° 1	Aircraft and engine mech gen (C)	Chanute AFB - Illenois - EUA	11/11/52	29/7/53	38	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
1° Sargento mecânico	Manuel Pombo Duarte	BA n° 3	Aircraft and engine mech gen (C)	Chanute AFB - Illenois - EUA	11/11/52	29/7/53	38	AHM/FO/6/G/34/5/249/18
Tenente-coronel	Ernesto Machado Soares de Oliveira e Sousa	CEM	Estado maior (C)	Escuela de EM - Espanha	5/5/05			OE n° 1, 2ª Série, 1957, p. 42
Major médico	João de Penha Coutinho		Avançado para oficiais do serviço de saúde (C)	Escola de serviço de saúde de campanha do exército - EUA	4/9/52	17/5/53	33	OE n° 3, 2ª Série, 1957, p. 203

Capitão de cavalaria	José Maria Guedes Cabral de Campos	RC nº 7	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Mailly - França	15/1/52	15/2/52	4,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão de cavalaria	Francisco Alberto Teixeira de Lemos da Silveira	RC nº 4	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Mailly - França	15/1/52	15/2/52	4,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Tenente de cavalaria	Luiz Maria de Sousa Campeão Gouveia	RC nº 7	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Mailly - França	15/1/52	15/2/52	4,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão	Fernando Maria Fontes Pereira de Melo	RI nº 7	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Mailly - França	30/4/52	31/5/52	4,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Tenente de cavalaria	Jorge Alberto Guerreiro Vicente	RC nº 7	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Mailly - França	30/4/52	31/5/52	4,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Tenente de cavalaria	José Manuel da Silva Pereira	RC nº 7	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Mailly - França	30/4/52	31/5/52	4,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Furriel	António Maria Elavai	RC nº 7	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Mailly - França	30/4/52	31/5/52	4,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Furriel	Joaquim Marques Lopes	RC nº 3	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Mailly - França	30/4/52	31/5/52	4,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão de cavalaria	Alberto Policarpo Manso	EPC	Tank commander (C)	Tank training center - Vilseck - Alemanha	16/2/52	31/5/52	15	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão de cavalaria	Jesufeth Monteiro de Figueiredo	EPC	Tank commander (C)	Tank training center - Vilseck - Alemanha	16/2/52	31/5/52	15	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão de cavalaria	Júlio Augusto Pessoa Carvalho Simões	RC nº 3	Tank commander (C)	Tank raining center - Vilseck - Alemanha	16/2/52	31/5/52	15	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão de cavalaria	Bernardo Raposo de Sá Nogueira	RC nº 8	Tank commander (C)	Tank training center - Vilseck - Alemanha	30/1/52	31/5/52	18	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Tenente de engenharia	Bernardino Pires Pombo	BTeleg	Wire communication (C)	First signal Co. - Darmstad - Alemanha	26/1/52	15/2/52	3	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Tenente de engenharia	Octávio Mendes da Silva	EPE	Teletype repair (C)	Signal school - Ansbach - Alemanha	18/1/52	5/5/52	15	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão	António Manuel Faria Monteiro Carneiro Pacheco	CEM	NATO land / air warfare (C)	Land / Air warfare - Inglaterra	3/6/52	13/9/52	14,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/21
Tenente de infantaria	José Lopes Alves	EPI	Infantry officer basic (C)	Fort Bening - Georgia - EUA	24/9/52	16/1/53	15	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente de infantaria	Gabriel de Castro	EPI	Infantry officer basic (C)	Fort Bening - Georgia - EUA	24/9/52	16/1/53	15	AHM/FO/6/G/34/5/239/16

Sargento-ajudante piloto	Ismael Lopes Canavilhas	BA n° 3	Armament logistic officer (C)	Neubiberg - Alemanha	2/1/52	8/5/52	18	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Sargento-ajudante piloto	Godinho de Faria	BA n° 2	Armament logistic officer (C)	Neubiberg - Alemanha	2/1/52	8/5/52	18	AHM/FO/6/G/34/5/239/16
Tenente	Alcino Pereira da Fonseca Ribeiro	EPC	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Maily - França	24/3/52	8/5/52	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Alferes	Gabriel da Fonseca Soares	RC n° 3	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Maily - França	24/3/52	8/5/52	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Alferes	Rui Pedrosa Curado	EPC	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Maily - França	24/3/52	8/5/52	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
2° Sargento	Vieira Antunes Correia	EPC	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Maily - França	24/3/52	8/5/52	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Furriel	Zeferino da Costa Macedo	RC n° 4	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Maily - França	24/3/52	8/5/52	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Furriel	Manuel Alves	RE n° 1	Wire communication (C)	First Signal Co. - Darmstad - Alemanha	26/1/52	15/2/52	3	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão do serviço de administração militar	Manuel Albertino Varela Soares		Associate quartermaster officer basic (C)	Nort-Lee - Virgínia - EUA	30/1/52	8/5/52	15	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão do serviço de administração militar	Jorge Fonseca Soares		Associate quartermaster officer basic (C)	Nort-Lee - Virgínia - EUA	30/1/52	8/5/52	15	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
General	Álvaro Telles Ferreira de Passos		Manobras militares	Mainz - Alemanha	1/9/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/22
General	Manuel Bernardo de Almeida Topinho		Manobras militares	Mainz - Alemanha	1/9/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Brigadeiro	João Pinto Ribeiro		Manobras militares	Mainz - Alemanha	1/9/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Brigadeiro	Lauzénio Cota Morais dos Reis		Manobras militares	Mainz - Alemanha	1/9/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Brigadeiro	Alexandre Gomes de Lemos Correia Leal		Manobras militares	Mainz - Alemanha	1/9/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/22

Brigadeiro	Frederico Maria de Magalhães Menezes Vilas Boas Vilar		Manobras militares	Mainz - Alemanha	1/9/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Brigadeiro	Júlio Carlos Alves Dias Botelho Moniz		Manobras militares	Mainz - Alemanha	1/9/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Coronel tirocinado	Luiz Gonzaga da Silva Domingues		Manobras militares	Mainz - Alemanha	1/9/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Coronel tirocinado	Luciano Ernesto da Silva Granate		Manobras militares	Mainz - Alemanha	1/9/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Coronel	João Carlos de Sá Nogueira	CEM	Manobras militares	Mainz - Alemanha	1/9/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Coronel médico	Mário Alberto Pegado Pereira Machado		Manobras militares	Mainz - Alemanha	1/9/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Coronel do serviço de administração militar	António Libânio Fernandes Gomes		Manobras militares	Mainz - Alemanha	1/9/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Tenente-coronel	Augusto Manuel das Neves	CEM	Manobras militares	Mainz - Alemanha	1/9/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Tenente-coronel	Alfredo José Ferraz Vieira Pinto de Oliveira	CEM	Manobras militares	Mainz - Alemanha	1/9/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Tenente-coronel de engenharia	Emircio Leão Maria Magna Teixeira Pinto		Manobras militares	Mainz - Alemanha	1/9/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Tenente-coronel de aeronáutica	Venâncio Augusto Deslandes		Manobras militares	Mainz - Alemanha	1/9/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão de engenharia	Eurico Ferreira Gonçalves	RE nº 1	Automotive electricien (C)	EUCOM ordnance school - Eschewege - Alemanha	3/1/52	31/1/52	4	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
2º Sargento	Rui dos Santos Bastos	BTeleg	Automotive electricien (C)	EUCOM ordnance school - Eschewege - Alemanha	3/1/52	31/1/52	4	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
2º Sargento	António da Assunção Jorge	GCTA	Automotive electricien (C)	EUCOM ordnance school - Eschewege - Alemanha	3/1/52	31/1/52	4	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Furriel	Pedro da Conceição Vieira	BCT	Automotive electricien (C)	EUCOM ordnance school - Eschewege - Alemanha	3/1/52	31/1/52	4	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Furriel	Raul António Ferreira da Costa	GCTA	Automotive electricien (C)	EUCOM ordnance school - Eschewege - Alemanha	3/1/52	31/1/52	4	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Tenente-coronel	António Maria Meira e Cruz	CEM	Oficiais EM nos QG adidos (E)		1/11/52	21/1/53	13,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22

Tenente-coronel	Alfredo José Ferraz Vieira Pinto de Oliveira	CEM	Oficiais EM nos QG adidos (E)		1/11/52	21/1/53	13,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Tenente-coronel	Augusto Manuel das Neves	CEM	Oficiais EM nos QG adidos (E)		1/11/52	21/1/53	13,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão de artilharia	Luís Esteves Ramires	FMBP	Manutenção do carro de combate M/46 (C)	Rocour - Liège - Bélgica	7/4/52	5/5/52	4	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Operário civil	Fernando Morais Pedro	FMBP	Manutenção do carro de combate M/46 (C)	Rocour - Liège - Bélgica	7/4/52	5/5/52	4	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Operário civil	José Manuel Louro	FMBP	Manutenção do carro de combate M/46 (C)	Rocour - Liège - Bélgica	7/4/52	5/5/52	4	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Operário civil	Manuel Francisco Pinhal	FMBP	Manutenção do carro de combate M/46 (C)	Rocour - Liège - Bélgica	7/4/52	5/5/52	4	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão de engenharia	Abílio Antunes da Mata	FMBP	Manutenção do carro de combate M/46 (C)	Rocour - Liège - Bélgica	3/5/52	31/5/52	4	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Operário civil	Artur Justo de Almeida	FMBP	Manutenção do carro de combate M/46 (C)	Rocour - Liège - Bélgica	3/5/52	31/5/52	4	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Operário civil	Antero Nunes Gonçalves	FMBP	Manutenção do carro de combate M/46 (C)	Rocour - Liège - Bélgica	3/5/52	31/5/52	4	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Operário civil	Carlos Alberto dos Santos Antunes	FMBP	Manutenção do carro de combate M/46 (C)	Rocour - Liège - Bélgica	3/5/52	31/5/52	4	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Brigadeiro	Jaime Alberto V. Fernandes		Missão em Inglaterra	Inglaterra	1/3/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Tenente-coronel de artilharia	Joaquim Hermetério Sequeira		Missão em Inglaterra	Inglaterra	1/3/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão de artilharia	Rogério Paio Ribeiro		Missão em Inglaterra	Inglaterra	1/3/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão	Mário Brito Monteiro Robalo	RI n° 3	Élèves moniteurs parachutiste (C)	França	8/9/52	24/11/52	11	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão	Armindo Monteiro Videira	BC n° 10	Élèves moniteurs parachutiste (C)	França	8/9/52	24/11/52	11	AHM/FO/6/G/34/5/240/22

Tenente-coronel	José Ferreira dos Reis	CEM	Defesa atômica (C)	Inglaterra	16/2/52	20/2/52	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Major	Pereira da Conceição	CEM	Defesa atômica (C)	Inglaterra	16/2/52	20/2/52	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Major	Manuel de Campos Costa	CEM	Defesa atômica (C)	Inglaterra	9/1/52	13/2/52	5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão de artilharia	Augusto Gomes Pastor Fernandes		Defesa atômica (C)	Inglaterra	9/1/52	13/2/52	5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão de artilharia	César Gadanha Rebelo de Andrade	LP	Defesa atômica (C)	Inglaterra	23/2/52	20/3/52	3,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Tenente de medicina	Gadanha Freire de Andrade	LP	Defesa atômica (C)	Inglaterra	23/3/52	17/4/52	3,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Tenente de medicina	Francisco Filipe Rocha da Silva		Defesa atômica (C)	Joint school of chemical warfare	23/3/52	17/4/52	3,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Major médico	Nicolau José Bettencourt		Defesa atômica (C)	Royal naval medical school	27/4/53	8/5/53	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Tenente	Inácio José Correia Silva Tavares	RC nº 3	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Mailly - França	14/2/52	17/3/52	4,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Tenente	João Sequeira Marcelino	RC nº 4	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Mailly - França	14/2/52	17/3/52	4,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Furriel	Lourenço Bengala dos Reis	RC nº 3	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Mailly - França	14/2/52	31/3/52	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Furriel	José António Boi	RC nº 7	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Mailly - França	14/2/52	31/3/52	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
1º Cabo	Orlando José Paulo Dias	RC nº 7	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Mailly - França	14/2/52	31/3/52	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
1º Cabo	José F. Lourenço	RC nº 7	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Mailly - França	14/2/52	31/3/52	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
1º Cabo	José de Matos Moraes	EPC	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Mailly - França	14/2/52	31/3/52	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
1º Cabo	Joaquim da Cruz Martinho	EPC	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Mailly - França	14/2/52	31/3/52	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Soldado	José da Silva Oliveira	EPC	Carro de combate M/46 (C)	Campo de instrução de Mailly - França	14/2/52	31/3/52	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/22

Major	José de Freitas Soares	CEM	Fotografic interpretation (C)	Benson - Inglaterra	24/8/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão	Mário de Brito Monteiro Robalo	RI n° 3	Élèves moniteurs parachutiste (C)	França	8/8/52	25/11/52	11	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Tenente	Acácio Dias da Silva Alves Tavares	RAL n° 3	General supply management (C)	Fort Lee - Virginia - EUA	8/6/52	28/12/52	29	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Tenente	João da Cruz Quintino	EME	General supply management (C)	Fort Lee - Virginia - EUA	8/6/52	28/12/52	29	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão	João Francisco Calado	EME	Quartermaster officer basic (C)	Quartermaster school - Fort Lee - EUA	31/8/52	21/12/52	16	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Capitão	Fausto da Silva Simões	RI n° 7	Quartermaster officer basic (C)	Quartermaster school - Fort Lee - EUA	31/8/52	21/12/52	16	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Capitão	Boaventura Alves Sousa Pinheiro	EPA	Artillery battery officer (C)	Artillery school em Fort Sill - Oklahoma - EUA	31/7/52	5/1/53	18	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Capitão	Eduardo José Teixeira Barbosa de Abreu	GACA n° 3	Artillery battery officer (C)	Artillery school em Fort Sill - Oklahoma - EUA	31/7/52	5/1/53	18	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Tenente	Mário Belo de Carvalho	EE	Artillery battery officer (C)	Artillery school em Fort Sill - Oklahoma - EUA	31/7/52	5/1/53	18	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Tenente	Inácio José Correia Silva Tavares	EPA	Artillery battery officer (C)	Artillery school em Fort Sill - Oklahoma - EUA	31/7/52	5/1/53	18	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Tenente	Inácio Luiz Nápoles Santos Marta	EPA	Artillery battery officer (C)	Artillery school em Fort Sill - Oklahoma - EUA	31/7/52	5/1/53	18	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Capitão	Renato Nunes Xavier	EPI	Infantry company officer (C)	Infantry school - Fort Bening - Kentucky - Georgia - EUA	30/7/52	18/10/52	11,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Tenente	Renato Fernandes Marques Pinto	EE	Infantry company officer (C)	Infantry school - Fort Bening - Kentucky - Georgia - EUA	30/7/52	18/10/52	11,5	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Tenente	Eduardo Kol de Carvalho	EE	Engineer company officer (C)	Engineer school - Fort Belvoir - Virginia - EUA	30/7/52	4/1/53	18	AHM/FO/6/G/34/5/240/23

Tenente	Fernando do Carmo Correia Calado	GCTA	Engineer company officer (C)	Enginner school - Fort Belvoir - Virgínia -EUA	30/7/52	4/1/53	18	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Tenente	Carlos Maria Bastos Carreiras	EPE	Engineer company officer (C)	Enginner school - Fort Belvoir - Virgínia -EUA	30/7/52	4/1/53	18	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Major	Rodrigo Augusto Tavares de Almeida Ferreira de Freitas	DAA	Artillery officer advanced (C)	Artillery school em Fort Sill - Oklahoma - EUA	31/8/52	6/5/53	42	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Major	José António dos Santos Monteiro	RAP nº 1	Artillery officer advanced (C)	Artillery school em Fort Sill - Oklahoma - EUA	25/8/52	30/5/53	42	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Major	José Henrique Lopes Bragança	RAP nº 1	Artillery officer advanced (C)	Artillery school em Fort Sill - Oklahoma - EUA	25/8/52	30/5/53	42	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Major	José Monteiro de Sousa Leitão	RAC	Artillery officer advanced (C)	Artillery school em Fort Sill - Oklahoma - EUA	25/8/52	30/5/53	42	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Capitão	Armando Luís Rebelo da Silva	RE nº 2	Signal company officer (C)	Signal school - Fort Moumouth - New Jersey - EUA	17/3/52	1/9/52	24	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Capitão	António Gonçalves Galvão	EE	Signal company officer (C)	Signal school - Fort Moumouth - New Jersey - EUA	17/3/52	1/9/52	24	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Aspirante	Miguel Costa Paiva	RAAF	Signal company officer (C)	Signal school - Fort Moumouth - New Jersey - EUA	17/3/52	1/9/52	24	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Tenente	Rui de Sousa Cambezes	RC nº 4	Associate armored officer basic (C)	Fort Knox - Kentucky - EUA	15/2/52	24/5/52	14	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Major de engenharia	Albano Moreira de Almeida	RE nº 2	Engineer company officer (C)	Enginner school - Fort Belvoir - Virgínia -EUA	28/8/52	26/6/53	43	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Capitão	João Oliveira Marques	CEM	Command and general staff (C)	Fort Leavenworth - EUA	1/7/52	15/8/54	6	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Capitão de cavalaria	António Joaquim Ferreira		Command and general staff (C)	Fort Leavenworth - EUA	1/7/52	15/8/54	6	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Tenente de engenharia	Francisco Maria Rocha Simões	CEM	Command and general staff (C)	Fort Leavenworth - EUA	1/7/52	15/8/54	6	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Major de engenharia	Cesário Marques Pereira Montez	DGME	Associate engineer officer basic (C)	Enginner school - Fort Belvoir - Virginia -EUA	8/8/52	3/10/52	12	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Tenente de veterinária	Álvaro Joaquim Fernandes Ferreira	HMV	Subsistence tecnology officer (C)	Escola de subsistências de QM - Chicago - Illinois - EUA			23	AHM/FO/6/G/34/5/240/23

Tenente de medicina	Luís Albano da Fonseca e Silva Garcia de Carvalho	1º GCSubs	Medical officer advanced (C)	Medical service school - Fort Sam-houston - Texas - EUA	31/8/52	2/11/52	9	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Capitão	Rogério Humberto Alves Machado de Sousa	BCF	Ground radar equipment repair (C)	Signal school - Fort Moumouth - New Jersey - EUA	3/4/52	20/11/52	33	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Major	Alberto Sousa Amorim Rosa	IAEM	Quartermaster officer advanced (C)	Quartermaster school - Fort Lee - EUA	1/9/52	1/9/53	52	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Tenente	Ernesto Carrilho do Rosário	RAC	Fire control instruments repair officer (C)	Ordnance school - Aberdeen - Proving Ground - Maryland - EUA	19/6/52	13/11/52	21	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Major de engenharia	Caetano Maria da Cunha Reis	EPE	Engineer company advanced (C)	Enginner school - Fort Belvoir - Virgínia -EUA	31/8/52	31/8/53	52	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Major	Alberto Joice Cardoso dos Santos	RC nº 8	Armored officer advanced (C)	Fort Knox - Kentucky - EUA	28/8/52	5/6/53	41	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Major	António Joaquim Ferreira Durão	RL nº 1	Armored officer advanced (C)	Fort Knox - Kentucky - EUA	28/8/52	5/6/53	41	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Major	Eduardo da Luz Cunha	RI nº 9	Infantry officer advanced (C)	Infantry school - Fort Bening - Kentucky - Georgia - EUA	4/9/52	14/5/53	36	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Capitão de artilharia	Francisco Alberto Teixeira de Lemos da Silveira	RC nº 4	Carro de combate M/47 (C)	Fort Wayne - Military reservatiion Detroit - Michigan - EUA	29/8/52	26/9/52	4	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Capitão de engenharia	Abílio Antunes da Mata	FMBP	Carro de combate M/47 (C)	Fort Wayne - Military reservatiion Detroit - Michigan - EUA	29/8/52	26/9/52	4	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Tenente de medicina	Joaquim Gonçalves	HMP	Anestesia (C)	Brook army hospital - Fort Sam-Houston - Texas -EUA	1/9/52	10/3/52	27	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Tenente	Manuel José Lopes Cerqueira	RL nº 2	Liaison pilot (C)	EUA	27/10/52	13/3/53	20	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Tenente	Victorino de Azevedo Coutinho	RI nº 15	Liaison pilot (C)	EUA	27/10/52	13/3/53	20	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Aspirante	Guilherme de Sousa Belchior Vieira	EPA	Liaison pilot (C)	EUA	27/10/52	13/3/53	20	AHM/FO/6/G/34/5/240/23

Aspirante	António Leite Pacheco Rodrigues	EPA	Liaison pilot (C)	EUA	27/10/52	13/3/53	20	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Capitão de artilharia	Fernando da Silva Branco	GE	Radar repair (C)	Fort Moumouth - New Jersey - EUA	2/10/52	22/5/53	33	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Capitão de engenharia	Carlos A. Teixeira Azevedo Ferraz	OGME	Radar repair (C)	Fort Moumouth - New Jersey - EUA	2/10/52	22/5/53	33	AHM/FO/6/G/34/5/240/23
Capitão de engenharia	Artur Vieira		Signal officer advanced (C)	Signal school - Fort Moumouth - New Jersey - EUA	8/1/52			AHM/FO/6/G/34/5/240/23

Tabela nº III - 1953

Posto	Nome	Unidade de colocação	Designação da formação [(C)/(E)/(V)/(M)]	Local da frequência	Período de frequência do curso			Fonte
					Início	Finalização	Duração	
Tenente-coronel	António de Faria Leal	CEM	NATO staff officers (C)	NATO special weafons school	14/6/53	28/5/54	50	OE nº 14, 2ª Série, 1955, p. 945
Tenente-coronel de engenharia	José Mexia Heitor Júnior		Oficiais comandantes de transmissões (C)	Escola de transmissões - EUA	1/9/53	2/4/54	30	OE nº 14, 2ª Série, 1955, p. 945
2º Sargento de engenharia	Augusto Carvalho Guerra	CM Tomar	Mecânico de instrumentos	Alemanha	6/5/05			OE nº 16 3ª Série p. 328
2º Sargento de cavalaria	Afonso Gaspar Lopes	RA nº 6	Reabastecimento de munições	Alemanha	6/5/05			AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Major	Costa Gomes	CEM	Escola de arbitragem (E)	1ª divisão americana - Wurzburg - Alemanha	15/9/53	28/9/53	2	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Capitão	Fernando Eugénio de Paiva Ribeiro	CEM	Escola de arbitragem (E)	1ª divisão americana - Wurzburg - Alemanha	15/9/53	28/9/53	2	AHM/FO/6/G/34/5/243/34 e AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Major	Costa Gomes	CEM	Assistir à realização de exercício Monte-Carlo	Alemanha	10/9/53	13/9/53	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/243/34

Furriel	Augusto Carvalho Costa	EPE	Engineer equipment maintenance supervisor (C)	Murnau - Alemanha	8/11/53	4/1/54	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Tenente do serviço de administração militar	Cândido Márcio da Silva Figueiredo		Contabilidade junto das tropas americanas (E)	Alemanha	7/12/53	19/12/53	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Capitão de engenharia	Miguel Rodrigues da Costa Paiva		Zona britânica salas de operações de agrupamento e bateria de AAA (V)	Alemanha	18/9/53	24/9/53	1	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Capitão de artilharia	Luís da Costa Campos e Menezes		Zona britânica salas de operações de agrupamento e bateria de AAA (V)	Alemanha	18/9/53	24/9/53	1	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Capitão de artilharia	Joaquim Mendonça Duarte Pedro	EMEI	Escolas de eletromecânica americana (V)	Alemanha	3/8/53	12/8/53	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Tenente de artilharia	António de Carvalho Júnior	EMEI	Escolas de eletromecânica americana (V)	Alemanha	3/8/53	12/8/53	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Tenente de artilharia	João Inácio Pereira Júnior	EMEI	Escolas de eletromecânica americana (V)	Alemanha	3/8/53	12/8/53	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Sargento-ajudante	Gonçalves Cascão	EMEI	Escolas de eletromecânica americana (V)	Alemanha	3/8/53	12/8/53	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Capitão de engenharia	Edmundo Carlos Tércio da Silva	ISAE	Combat engineer NCO (C)	Engineer school - Murnau - Alemanha	27/9/53	16/12/53	11,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
2º Sargento	Américo Vaz Ascenso	RE nº 1	Combat engineer NCO (C)	Engineer school - Murnau - Alemanha	27/9/53	16/12/53	11,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Furriel	Joaquim Carvalho Baleizão	EPE	Combat engineer NCO (C)	Engineer school - Murnau - Alemanha	27/9/53	16/12/53	11,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
2º Sargento de cavalaria	Afonso Gaspar Lopes	RA nº 6	Ammunition supply specialist (C)	Ordinance school - Alemanha	26/9/53	2710/53	4,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Furriel	António Lopes Campos	RAL nº 3	Ammunition supply specialist (C)	Ordinance school - Alemanha	26/9/53	2710/53	4,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Tenente-coronel	Arnaldo Schultz	CEM	Arbitragem de exercícios militares (E)	Escola de arbitragem - Wurzburg - Alemanha	15/9/53	30/9/53	2	AHM/FO/6/G/34/5/241/25

Major	Costa Gomes	CEM	Arbitragem de exercícios militares (E)	Escola de arbitragem - Wurzburg - Alemanha	15/9/53	30/9/53	2	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Brigadeiro	Humberto Buceta Martins	EME	Defesa NBQ e emprego tático de armas atómicas (C)	Escola das armas especiais da NATO - Garnish - Alemanha	21/7/53	24/7/53	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Tenente-coronel	Faria Leal	CEM	Defesa NBQ e emprego tático de armas atómicas (E)	Escola das armas especiais da NATO - Garnish - Alemanha	14/7/53	24/7/53	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Major	Valente Pires	CEM	Defesa NBQ e emprego tático de armas atómicas (E)	Escola das armas especiais da NATO - Garnish - Alemanha	14/7/53	24/7/53	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Major	João Tiroa	CEM	Defesa NBQ e emprego tático de armas atómicas (E)	Escola das armas especiais da NATO - Garnish - Alemanha	14/7/53	24/7/53	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Capitão de artilharia	Pastor Fernandes		Defesa NBQ e emprego tático de armas atómicas (E)	Escola das armas especiais da NATO - Garnish - Alemanha	14/7/53	24/7/53	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Tenente-coronel	Reneto Ferraz de Boaventura	BMet N° 2	Operacional em unidades americanas (E)	1ª divisão de infantaria - Wildflecken - Alemanha	1/6/53			AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Major	Abel de Castro Roque	RI n° 10	Operacional em unidades americanas (E)	1ª divisão de infantaria - Wildflecken - Alemanha	1/6/53			AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Major	João Augusto de Sousa Cerejeiro	RI n° 12	Operacional em unidades americanas (E)	1ª divisão de infantaria - Wildflecken - Alemanha	1/6/53			AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Major	Luciano Roma Torres	RI n° 12	Operacional em unidades americanas (E)	1ª divisão de infantaria - Wildflecken - Alemanha	1/6/53			AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Capitão	Abílio Augusto Brito Melo	CEM	Operacional em unidades americanas (E)	1ª divisão de infantaria - Wildflecken - Alemanha	1/6/53			AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Tenente-coronel	José Ferreira dos Reis	CEM	Grandes unidades americanas (E)	4ª divisão de infantaria - Grafenwhor - Alemanha	15/7/53	26/8/53	6	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Tenente-coronel de medicina	Vasco Sanches		Grandes unidades americanas (E)	4ª divisão de infantaria - Grafenwhor - Alemanha	15/7/53	29/7/53	2	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Tenente-coronel do serviço de administração militar	Alberto de Sousa Amorim Rosa		Grandes unidades americanas (E)	4ª divisão de infantaria - Grafenwhor - Alemanha	15/7/53	29/7/53	2	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Tenente-coronel de engenharia	Luís Maria Bastos de Carvalho		Grandes unidades americanas (E)	4ª divisão de infantaria - Grafenwhor - Alemanha	15/7/53	29/7/53	2	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Major de artilharia	João Carlos Oliveira Macedo		Grandes unidades americanas (E)	4ª divisão de infantaria - Grafenwhor - Alemanha	15/7/53	29/7/53	2	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Capitão	Raúl Ribeiro Ramos	CEM	Grandes unidades americanas (E)	4ª divisão de infantaria - Grafenwhor - Alemanha	15/7/53	26/8/53	6	AHM/FO/6/G/34/5/241/25

Capitão	Francisco Maria Rocha Simões	CEM	Grandes unidades americanas (E)	4ª divisão de infantaria - Grafenwhor - Alemanha	15/7/53	26/8/53	6	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Capitão	José Manuel de Bettencourt Conceição Rodrigues	CEM	Grandes unidades americanas (E)	4ª divisão de infantaria - Grafenwhor - Alemanha	15/7/53	26/8/53	6	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Coronel de infantaria	José Miranda de Andrade	DRM nº 12	Grandes unidades americanas (E)	4ª divisão de infantaria - Grafenwhor - Alemanha	17/8/53	29/07/195	2	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Brigadeiro	Luís Gonzaga Bressane Leite Perry de Sousa Gomes		Grandes unidades americanas (E)	4ª divisão de infantaria - Grafenwhor - Alemanha	15/8/53	29/7/53	2	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
General	Botelho Moniz	CEP	Assistir à realização de exercício Hostage II	Weiden - Colónia - Alemanha	9/6/53	12/6/53	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Coronel	Beleza Ferraz	CEP	Assistir à realização de exercício Hostage II	Weiden - Colónia - Alemanha	9/6/53	12/6/53	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Coronel	António Maria Meira e Cruz	QG/3ª RM	Assistir à realização de exercício Hostage II	Weiden - Colónia - Alemanha	9/6/53	12/6/53	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Coronel	Jorge Mário Apolinário Leal	CEP	Assistir à realização de exercício Hostage II	Weiden - Colónia - Alemanha	9/6/53	12/6/53	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Capitão	Mário de Brito Monteiro Robalo		Stage d' élèves moniteurs parachutistes (C)	Escola de tropas aerotransportadas - Pau - França	28/9/53	18/12/53	12	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Alferes	Fausto Pereira Marques		Stage d' élèves moniteurs parachutistes (C)	Escola de tropas aerotransportadas - Pau - França	28/9/53	18/12/53	12	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Furriel	Américo de Matos		Stage d' élèves moniteurs parachutistes (C)	Escola de tropas aerotransportadas - Pau - França	28/9/53	18/12/53	12	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Furriel	Manuel Coelho Gonçalves		Stage d' élèves moniteurs parachutistes (C)	Escola de tropas aerotransportadas - Pau - França	28/9/53	18/12/53	12	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Capitão de engenharia	Vasco Guilherme de Castro Neves		Serviços químicos do exército belga (V)	Bélgica	19/10/53	24/10/53	1	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Tenente-coronel	Carlos Miguel Lopes da Silva Freire	CEM	Centros de mecanografia dos exércitos francês e belga (V)	Bélgica e França			5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25

Capitão	António Eduardo Castro Ascensão	CEM	Centros de mecanografia dos exércitos francês e belga (V)	Bélgica e França			5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Capitão de engenharia	Ernesto de Almeida Freire	GCTA	Centros de mecanografia dos exércitos francês e belga (V)	Bélgica e França			5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Tenente do serviço de administração militar	João da Cruz Quintino	2ª DG	Centros de mecanografia dos exércitos francês e belga (V)	Bélgica e França			5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Capitão de engenharia	Manuel Maurício Bravo Ferreira		Sapadores, instrução, tipo americano (E)	Bélgica	9/12/53	23/12/53	2	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Capitão	António Alberto de Carvalho Rosado	CEM	Defesa NATO (C)	Inglaterra	4/5/53	14/5/53	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Coronel	Pinto Ribeiro		Diversos estabelecimentos militares (V)	EUA	28/11/53	19/12/52	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Tenente-coronel	Manuel das Neves		Diversos estabelecimentos militares (V)	EUA	28/11/53	19/12/52	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Brigadeiro	Flávio dos Santos		Assuntos relacionados com serviços	EUA	14/11/53	5/12/53	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Coronel	Apolinário Leal	CEM	Assuntos relacionados com serviços	EUA	14/11/53	5/12/53	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Sargento-ajudante	António Correia Lopes	EMEI	Mecânico de material radar (C)	Inglaterra			60	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Sargento-ajudante	Afonso Gonçalves Gascão	EMEI	Mecânico de material radar (C)	Inglaterra			60	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Major	Duarte José Martins da Costa Pereira	RE nº 2	Transportation officer advanced (C)	EUA	7/9/53	9/6/54	39	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Capitão	Eurico Ferreira Gonçalves	RE nº 1	Engineer officer advanced (C)	Fort Belvoir - Virginia - EUA	20/8/53	19/6/54	42	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Alferes	José Fernando Vales de Figueiredo Valente	RAC	Associate ordnance company officer (C)	EUA	15/10/53	5/2/54	16	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Alferes	Nuno Álvares Pereira	RAL nº 4	Associate ordnance company officer (C)	EUA	15/10/53	5/2/54	16	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
General	Pinto Ribeiro		Signal school, infantry school, armored school, 3ª armored division, command general staff college, army language school (V)	Fort Monmouth - New Jersey, Fort Benning - Georgia, Fort Knox - Kentucky, Fort Leavenworth - Kansas, Monterey - Califórnia - EUA	12/9/53	2/11/53	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/24

Tenente-coronel	Manuel das Neves	CEM	Signal school, infantry school, armored school, 3ª armored division, command general staff college, Army language school (V)	Fort Monmouth - New Jersey, Fort Benning - Georgia, Fort Knox - Kentucky, Fort Leavenworth - Kansas, Monterey - Califórnia - EUA	12/9/53	2/11/53	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
General	Pinto Ribeiro		Command and general staff college, armored school, infantry school, signal school, language school (V)	EUA	14/11/53	5/12/53	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Tenente-coronel	Manuel das Neves	CEM	Ajudante general school, ordnance school, prebost marshal (V)	EUA	14/11/53	5/12/53	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Capitão de infantaria	Henrique Calapez Silva Martins	RI nº 3	Ajudante general officer advanced (C)	EUA	10/9/53	27/5/54	37	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Capitão de cavalaria	José Maria Carvalho Teixeira	GNR	Military police officer advanced (C)	EUA	2/9/53	11/5/54	39	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Tenente-coronel	Caetano Maria da Cunha Reis		Engineer officer advanced (C)	Fort Belvoir - Virginia - EUA	20/8/53	19/6/54	42	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Major	José Mexia Heitor Júnior		Transportation officer advanced (C)	EUA	7/9/53	9/6/54	39	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Furriel	Augusto Carvalho Guerra	GCTA	Engineer equipment maintenance supervisor (C)	Murnau - Alemanha	8/11/53	4/1/54	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
1º Sargento de infantaria	José Freire de Sousa	RI nº 10	Paraquedismo (C)	França			27	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Major de engenharia	João Paulo James Galhardo	EE	Instrução de oficiais do EM de transmissões dos países NATO e comandos subordinados do SHAPE (C)	França			1,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Major CEM	Joaquim da Luz Cunha	IAEM	Superior de guerra (C)	Escola superior de guerra - França			104	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Coronel	António Maria Meira e Cruz	CEM QG/3ª RM	Colégio de defesa NATO (C)	Colégio de defesa NATO (C)			20	AHM/FO/6/G/34/5/241/24

Capitão de infantaria	Carlos Mota de Oliveira	3ª DG	Estado maior (C)	Escola de EM - França			52	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Capitão de artilharia	Carlos Henrique Pereira Viana Dias de Lemos	3ª DG	Estado maior (C)	Escola de EM - França			52	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Tenente-coronel de engenharia	Caetano Maria da Cunha Reis		Escola de engenharia americana para oficiais superiores (C)	Fort Belvoir - Virgínia - EUA	12/4/53	3/5/53	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Tenente de medicina	Emílio Loubet Pinho de Carvalho	EE	Higiene militar (E)	Sfort San Houston - Texas - EUA	1/3/53	31/3/53	4,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Tenente de infantaria	Jorge Rodrigues da Cunha Saco	EPI	Infantry communication officer (C)	Fort Benning - Georgia - EUA	27/4/53	17/3/53	16	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Alferes	Armando Almiro Canelhas	EE	Artillery officer communications (C)	EUA	16/7/53	10/10/53	14	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Major	José Sacadura Moreira da Câmara	CEM	Command and general staff (C)	EUA	1/7/53	1/7/54	52	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento de cavalaria	Lourenço Bengla Reis	RC nº 3	Carro de combate (C)	França			6	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento de cavalaria	José António Boi	RC nº 7	Carro de combate (C)	França			6	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento de cavalaria	Victor Antunes Correia	EPC	Carro de combate (C)	França			6	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento de cavalaria	Zeferino da Costa Macedo	RC nº 4	Carro de combate (C)	França			6	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento de cavalaria	Joaquim Marques Lopes	RC nº 3	Carro de combate (C)	França			6	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento de cavalaria	António Maria Elávai	RC nº 7	Carro de combate (C)	França			6	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Operário civil contramestre	Fernando Sande Machado	FMBP	Special armored (C)	Alemanha			5,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Operário civil	Fernando Moraes Pedro	FMBP	Manutenção de carro de combate M-46 (C)	Alemanha				AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Operário civil	José Manuel Louro	FMBP	Manutenção de carro de combate M-46 (C)	Alemanha				AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Operário civil	Manuel Francisco Pinhal	FMBP	Manutenção de carro de combate M-46 (C)	Alemanha				AHM/FO/6/G/34/5/241/24

Operário civil	Artur J. d' Almeida	FMBP	Manutenção de carro de combate M-46 (C)	Alemanha				AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Operário civil	Antero Nunes Gonçalves	FMBP	Manutenção de carro de combate M-46 (C)	Alemanha				AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Operário civil	Carlos Alberto dos Santos Antunes	FMBP	Manutenção de carro de combate M-46 (C)	Alemanha				AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Furriel	Augusto Carvalho Guerra	GCTA	Fire instrument repairman course (C)	Alemanha			6,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento de cavalaria	Zeferino da Costa Macedo	RC nº 4	Automotive organizational maintenance mechanics (C)	Alemanha			8,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento	António Maria Gerales	BC nº 3	Automotive organizational maintenance mechanics (C)	Alemanha			8,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento	Aníbal Vieira dos Reis	RAP nº 2	Automotive organizational maintenance mechanics (C)	Alemanha			8,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Furriel	Mário Augusto Grandão	GCTA	Automotive organizational maintenance mechanics (C)	Alemanha			8,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento de engenharia	Rui dos Santos Bastos	BTeleg	Automotive electricien (C)	EUCOM ordnance school - Eschewege - Alemanha			3,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
1º Sargento de engenharia	António d' Assunção Jorge	RE nº 2	Automotive electricien (C)	EUCOM ordnance school - Eschewege - Alemanha			3,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Furriel	Pedro da Conceição Vieira	BSOF	Automotive electricien (C)	EUCOM ordnance school - Eschewege - Alemanha			3,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Furriel	Raul António Ferreira da Costa	GCTA	Automotive electricien (C)	EUCOM ordnance school - Eschewege - Alemanha			3,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento de engenharia	António Godinho	EPE	Constrution equipment mechanic (C)	Alemanha			9,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento radiomontador	Raul Palha	Bteleg	Radio repair (C)	Alemanha			15,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento radiomontador	Augusto António Martinho	RAL nº 4	Radio repair (C)	Alemanha			15,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24

2º Sargento radiomontador	António de Freitas	RC nº 7	Radio repair (C)	Alemanha			15,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento radiomontador	Jorge Paiva de Sousa	OGME	Radio repair (C)	Alemanha			15,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento radiomontador	Luiz de Sousa	RE nº 1	Radio repair (C)	Alemanha			15,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento radiomontador	Aquiles dos Santos Costa	RE nº 2	Radio repair (C)	Alemanha			15,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento radiomontador	Armindo Teixeira de Carvalho	EPA	Radio repair (C)	Alemanha			15,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento radiomontador	David Pedro	GACA nº 1	Radio repair (C)	Alemanha			15,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
1º Sargento mecânico auto	João Marinho Ferreira P. Rodrigues	GCTA	Automotive field maintenance mechanics (C)	US ordnance school - Eschwege - Frankfurt - Alemanha			17,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
1º Sargento mecânico auto	João Pereira Vinagre	BE	Automotive field maintenance mechanics (C)	US ordnance school - Eschwege - Frankfurt - Alemanha			17,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
1º Sargento mecânico auto	José Martins Gama	RAP nº 1	Automotive field maintenance mechanics (C)	US ordnance school - Eschwege - Frankfurt - Alemanha			17,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
1º Sargento mecânico auto	Mourão Ferro	GCTA	Automotive field maintenance mechanics (C)	US ordnance school - Eschwege - Frankfurt - Alemanha			17,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
1º Sargento mecânico auto	Celestino Dias Fernandes	GCTA	Automotive field maintenance mechanics (C)	US ordnance school - Eschwege - Frankfurt - Alemanha			17,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
1º Sargento mecânico auto	Henrique Augusto de Carvalho	RC nº 2	Automotive field maintenance mechanics (C)	US ordnance school - Eschwege - Frankfurt - Alemanha			17,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento mecânico auto	João Francisco Sargento Lopes	GCTA	Automotive field maintenance mechanics (C)	US ordnance school - Eschwege - Frankfurt - Alemanha			17,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento mecânico auto	António Cordeiro Valadas	EPA	Automotive field maintenance mechanics (C)	US ordnance school - Eschwege - Frankfurt - Alemanha			17,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento de infantaria	João da Mota Amaral	EPI	Communications infantry and armored units (C)	Alemanha			6,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento de artilharia	Manuel Crissando Bravo	EPA	Communications infantry and armored units (C)	Alemanha			6,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24

2º Sargento de cavalaria	João Gonçalves Rola	EPC	Communications infantry and armored units (C)	Alemanha			6,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento de engenharia	António Lopes Fragoso	EPE	Communications infantry and armored units (C)	Alemanha			6,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento	António Maria Gerales	BC nº 3	Automotive field maintenance mechanics (C)	EUCOM ordnance school - Eschewege - Alemanha	10/1/53	14/3/53	8	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
2º Sargento	Aníbal Vieira dos Reis	RAP nº 2	Automotive organizational maintenance mechanics (C)	EUCOM ordnance school - Eschewege - Alemanha	10/1/53	4/3/53	8	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Furriel	Mário Augusto Grandão	GCTA	Automotive organizational maintenance mechanics (C)	EUCOM ordnance school - Eschewege - Alemanha	10/1/53	4/3/53	8	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão	Henry Dumont Nesbitt	GCTA	Automotive organizational maintenance mechanics (C)	EUCOM ordnance school - Eschewege - Alemanha	10/1/53	4/3/53	8	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
2º Sargento	António Maria Gerales	BC nº 3	Automotive organizational maintenance mechanics (C)	EUCOM ordnance school - Eschewege - Alemanha	10/1/53	4/3/53	8	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
2º Sargento	Fernando José Ribeiro	RE nº 2	Automotive organizational maintenance mechanics (C)	EUCOM ordnance school - Eschewege - Alemanha	10/1/53	4/3/53	8	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
2º Sargento	António de Oliveira Macedo	RAP nº 3	Automotive organizational maintenance mechanics (C)	EUCOM ordnance school - Eschewege - Alemanha	10/1/53	4/3/53	8	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
2º Sargento	Zeferino da Costa Macedo	RC nº 4	Automotive organizational maintenance mechanics (C)	EUCOM ordnance school - Eschewege - Alemanha	10/1/53	4/3/53	8	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
2º Sargento	Francisco Manuel dos Santos	RE nº 1	Automotive organizational maintenance mechanics (C)	EUCOM ordnance school - Eschewege - Alemanha	10/1/53	4/3/53	8	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Furriel	Mário Augusto Grandão	GCTA	Automotive organizational maintenance mechanics (C)	EUCOM ordnance school - Eschewege - Alemanha	10/1/53	4/3/53	8	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Furriel	Joaquim dos Santos Vieira	RA nº 6	Automotive organizational maintenance mechanics (C)	EUCOM ordnance school - Eschewege - Alemanha	10/1/53	4/3/53	8	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Tenente de veterinária	Manuel Joaquim Trindade	EPC	Meat and dairy hygiene officer (C)	Escola de higiene de carne e laticínios, Depósito QM - Chicago - Illinois - EUA	13/2/52	8/5/53	12	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Tenente	Manuel José Lopes Cerqueira	RL nº 2	Army aviation tactic (C)	EUA	15/3/53	6/6/53	12	AHM/FO/6/G/34/5/240/22

Tenente	Victorino de Azevedo Coutinho	RI nº 15	Army aviation tatic (C)	EUA	15/3/53	6/6/53	12	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Aspirante	Guilherme de Sousa Belchior Vieira	EPA	Army aviation tatic (C)	EUA	15/3/53	6/6/53	12	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Aspirante	António Leite Pacheco Rodrigues	EPA	Army aviation tatic (C)	EUA	15/3/53	6/6/53	12	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Furriel	Amadeu Ferreira Mendes	RE nº 2	Combat engineer NCO (C)	Engineer school - Murnau - Alemanha	8/1/53	21/3/53	19	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Furriel	Augusto Carvalho Guerra	EPE	Combat engineer NCO (C)	Engineer school - Murnau - Alemanha	8/1/53	21/3/53	19	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
2º Sargento	Inácio Filipe Alves	RE nº 1	Combat engineer NCO (C)	Engineer school - Murnau - Alemanha	8/1/53	21/3/53	19	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão de engenharia	Ernesto Augusto Ferreira de Almeida Freire	RE nº 2	Engineer equipment maintenance supervisor (C)	Murnau - Alemanha	18/1/53	8/3/53	7	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Furriel	Luís Pinto da Fonseca Júnior	RE nº 2	Engineer equipment maintenance supervisor (C)	Murnau - Alemanha	18/1/53	8/3/53	7	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
2º Sargento	Arménio da Silva Granada	EPE	Engineer equipment maintenance supervisor (C)	Murnau - Alemanha	18/1/53	8/3/53	7	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
2º Sargento	Carlos Martins de Carvalho	EPE	Engineer equipment maintenance supervisor (C)	Murnau - Alemanha	18/1/53	8/3/53	7	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Capitão de engenharia	Artur Vieira		Signal officer advanced (C)	Signal school - Fort Moumouth - New Jersey - EUA	8/1/53	20/8/53	32	AHM/FO/6/G/34/5/240/22
Major	Duarte José Martins da Costa Pereira	RE nº 2	Transportation officer advanced (C)	EUA	7/9/53	9/6/54	39	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Capitão	Eurico Ferreira Gonçalves	RE nº 1	Engineer officer advanced (C)	Fort Belvoir - Virginia - EUA	20/8/53	5/7/54	44	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Major de engenharia	José Mexia Heitor Júnior	IPPE	Engineer officer advanced (C)	Fort Belvoir - Virginia - EUA	20/8/53	5/7/54	44	AHM/FO/6/G/34/5/241/24

Tabela N° IV - 1954

Posto	Nome	Unidade de colocação	Designação da formação [(C)/(E)/(V)/(M)]	Local da frequência	Período de frequência do curso			Fonte
					Início	Finalização	Duração [semanas]	
2º Sargento de artilharia	Adriano Fernandes Martins	CDMM	Especialista de abastecimento de material (C)	Alemanha	7/5/05			
2º Sargento de artilharia	Maurício Martins Clemente	CDMM	Especialista de abastecimento de material (C)	Alemanha				
Alferes	Manuel Rodrigues Coelho	RAP nº 1	Esquiador escalador (C)	Escola militar de montanha Jaca - Espanha	7/1/54	31/3/54	12	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Alferes	Nuno Alexandre Lousada	RI nº 14	Esquiador escalador (C)	Escola militar de montanha Jaca - Espanha	7/1/54	31/3/54	12	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Alferes	Manuel Rodrigues Coelho	RAP nº 1	Esquiador escalador (C)	Escola militar de montanha Jaca - Espanha	4/5/53	31/7/53	12,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Alferes	Nuno Alexandre Lousada	RI nº 14	Esquiador escalador (C)	Escola militar de montanha Jaca - Espanha	4/5/53	31/7/53	12,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/25
Alferes de artilharia	Nuno Álvares Pereira	RAL nº 4	Explosive ordnance disposal (C)	Associate company officer - EUA	17/2/54	12/5/54	12	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Alferes de artilharia	José Figueiredo Valente	RAC	Explosive ordnance disposal (C)	Associate company officer - EUA	17/2/54	12/5/54	12	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Capitão de engenharia	Filipe Felismino Nunes Palet	BTeleg	Defesa ABC (C)	Joint school of chemical warfare - Barnstaple - Winterbourne - Inglaterra	2/2/54	19/2/54	2	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Capitão	João Remígio dos Santos	CEM 3ª DG	Estado maior (C)	Inglaterra	16/1/54	16/12/54	47	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Major	Augusto Casimiro Ferreira Gomes		Escolas e depósitos (E)	Signal school - War department - Fort Moumouth - EUA	2/1/54	30/1/54	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/24

Major de engenharia	João António dos Santos Guardiola		Escolas e depósitos (E)	Signal school - War departmente - Fort Moumouth - EUA	2/1/54	30/1/54	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Major de engenharia	Mário Pereira de Azevedo Batalha		Escolas e depósitos (E)	Signal school - War departmente - Fort Moumouth - EUA	2/1/54	30/1/54	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Capitão	Ireneu de Almeida Mota	CEM	Escolas e depósitos (E)	Signal school - War departmente - Fort Moumouth - EUA	2/1/54	30/1/54	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Major de infantaria	Cristóvão do Anjo Vidigal		Escolas e depósitos (E)	Signal school - War departmente - Fort Moumouth - EUA	2/1/54	30/1/54	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Major de artilharia	João Carlos de Oliveira Macedo		Escolas e depósitos (E)	Signal school - War departmente - Fort Moumouth - EUA	2/1/54	30/1/54	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Capitão de cavalaria	Álvaro Nuno Lemos da Fontoura		Escolas e depósitos (E)	Signal school - War departmente - Fort Moumouth - EUA	2/1/54	30/1/54	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Major	Augusto Casimiro Ferreira Gomes	CEM	Signal school (C)	Moumouth - EUA	4/1/53	1/2/54	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Major de engenharia	João António dos Santos Guardiola		Signal school (C)	Moumouth - EUA	4/1/53	1/2/54	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Major de engenharia	Mário Pereira de Azevedo Batalha	EE	Signal school (C)	Moumouth - EUA	4/1/53	1/2/54	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Major	Augusto Casimiro Ferreira Gomes		Escolas e depósitos (V)	EUA	4/1/54			AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Major	João António dos Guardiola		Escolas e depósitos (V)	EUA	4/1/54			AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Major	Mário Pereira Azevedo Batalhão		Escolas e depósitos (V)	EUA	4/1/54			AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Capitão de cavalaria	Alfredo Leão Tomaz Correia	DAC	Armor communication officer (C)	EUA	29/1/04	5/5/54	13,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento	Alberto Joaquim Rodrigues	RE nº 2	Field communications chiefs (C)	Alemanha			10	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2º Sargento	Fernando Alberto Ferreira	RE nº 1	Field communications chiefs (C)	Alemanha			10	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Furriel	Álvaro dos Santos Rosa	EPE	Field communications chiefs (C)	Alemanha			10	AHM/FO/6/G/34/5/241/24

Tenente de infantaria	Nuno Alexandre Lousada	CM Açores	Esquiador escalador (C)	Inglaterra			31,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Alferes de artilharia	Manuel Rodrigues de Carvalho	RAP n° 1	Esquiador escalador (C)	Inglaterra			31,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Capitão de engenharia	António Gonçalves Barata Galvão	BTeleg	Signal company officer (C)	EUA			27	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
2° Sargento	Manuel João da Silva	EPA	Ordnance supply specialist (C)	Ordnance school - Fuessen - Alemanha	5/2/54		13,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
2° Sargento	Carlos Paiva	RAL n° 1	Ordnance supply specialist (C)	Ordnance school - Fuessen - Alemanha	5/2/54		13,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
2° Sargento	Fernando Barreto	RAL n° 2	Ordnance supply specialist (C)	Ordnance school - Fuessen - Alemanha	5/2/54		13,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
2° Sargento	António de Oliveira Macedo	RAP n° 3	Ordnance supply specialist (C)	Ordnance school - Fuessen - Alemanha	5/2/54		13,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
2° Sargento	Adriano Fernandes Martins	GACA n° 3	Ordnance supply specialist (C)	Ordnance school - Fuessen - Alemanha	5/2/54		13,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Furriel	Maurício Martins Clemente	GACA n° 3	Ordnance supply specialist (C)	Ordnance school - Fuessen - Alemanha	5/2/54		13,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Tenente-coronel	António Faria Leal	CEM	Exercício "Wooden horse"	Baden-Baden - França	14/5/54		1	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Major	Alberto de Araújo e Silva	CEM	Exercício "Wooden horse"	Baden-Baden - França	14/5/54		1	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Tenente-coronel	Augusto Manuel das Neves	CEM	Centro conjunto de camuflagem (E)	Netheravon - Inglaterra	6/4/54	9/4/54	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Capitão de aeronáutica	Floriano Lopes Gagean	EMEI	Escola de aeronáutica (V)	Roma - Itália	15/3/54	19/3/54	1	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Brigadeiro	Luíz Gonzaga da Silva Domingues	IAEM	Operações anfíbias (E)	Arzew - Argélia	23/3/54	3/4/53	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Capitão	António Manuel de Faria Monteiro Carneiro Pacheco	CEM	Exercício "Hellenic sky I"	Grécia	25/2/54	28/2/54	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/26

Tenente-coronel de engenharia	Octávio Esteves Paulo Cardoso	GCTA	École d'application de l'arme blindée (V)	École de Saumur - França	15/2/54	20/2/54	1	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Tenente-coronel de engenharia	Octávio Esteves Paulo Cardoso	GCTA	École d'application du train (V)	Tours - França	22/2/54	27/2/54	1	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Tenente-coronel de engenharia	Octávio Esteves Paulo Cardoso	GCTA	École d'application du material (V)	Bourges - França	1/3/54	5/3/54	1	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Tenente-coronel de engenharia	Octávio Esteves Paulo Cardoso	GCTA	Center FRAC (V)	Monthlery - França	8/3/54	9/3/54	0,2	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Major	Ângelo Ferrari	CEM	Assistir apresentação e demonstração do predictor contaves F/90	Contraves italiana - Itália	19/1/54	21/1/54	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Capitão	Augusto José Pais Ladeira	RC n° 6	Forças armadas dos EUA (E)	Alemanha	21/5/54	4/6/54	2	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Capitão de engenharia	Viriato Monteiro Reinas	RE n° 2	Forças armadas dos EUA (E)	Alemanha	21/5/54	4/6/54	2	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Capitão do serviço de administração militar	Joaquim Rodrigues de Carvalho	BC n° 5	Forças armadas dos EUA (E)	Alemanha	21/5/54	4/6/54	2	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Capitão de engenharia	António Gonçalves Barata Galvão	BTm	Forças armadas dos EUA (E)	Alemanha	21/5/54	4/6/54	2	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Tenente-coronel de medicina	António Manuel da Cunha Ferreira		Instrução prática em unidades do exército dos EUA (E)	Alemanha				AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Tenente-coronel de engenharia	Manuel Quirino Pacheco de Sousa		Instrução prática em unidades do exército dos EUA (E)	Alemanha				AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Tenente-coronel	José Ferreira dos Reis	CEM	Defesa atômica (C)	Escola de armas especiais da NATO - Garmisch - Alemanha	15/6/54	25/6/54	2	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Major de engenharia	João Paulo James Galhardo		Transmissões das nações NATO e comandos subordinados (C)	França	17/5/54	29/5/54	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Tenente-coronel	Alfredo Pereira da Conceição	CEM	Reunião da comissão da defesa civil NATO	Paris - França	4/5/54	11/5/54	1	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
General	José Filipe de Barros Rodrigues		Assistir a exercícios do SHAPE	Paris - França	25/4/54	2/5/54	1	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Capitão de artilharia	Eduardo José Teixeira Barbosa de Abreu		Assistir a exercícios do SHAPE	Paris - França	25/4/54	2/5/54	1	AHM/FO/6/G/34/5/241/26

Sargento-ajudante	António Correia Lopes		Fundamentos de eletrónica e manejo, funcionamento e avarias do radar de tiro antiaéreo n° 3 MKVII (C)	Leicester - Inglaterra	21/5/54	13/8/54	12	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Sargento-ajudante	Afonso Gonçalves Cascão		Fundamentos de eletrónica e manejo, funcionamento e avarias do radar de tiro antiaéreo n° 3 MKVII (C)	Leicester - Inglaterra	21/5/54	13/8/54	12	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
1° Sargento	Artur Nunes Araújo dos Santos	EMEI	Fundamentos de eletrónica e manejo, funcionamento e avarias do radar de tiro antiaéreo n° 3 MKVII (C)	Leicester - Inglaterra	21/5/54	13/8/54	12	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Capitão de artilharia	Nuno Francisco Rogado Quintino		Equipamentos eletrónicos (C)	British Thomson Houtson Company - Inglaterra	14/6/54	16/9/54	13,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Capitão de artilharia	Fernando Silva Branco		Equipamentos eletrónicos (C)	British Thomson Houtson Company - Inglaterra	14/6/54	16/9/54	13,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Sargento-ajudante	António Correia Lopes	EMEI	Equipamentos eletrónicos (C)	British Thomson Houtson Company - Inglaterra	14/6/54	16/9/54	13,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Sargento-ajudante	Afonso Gonçalves Cascão	EMEI	Equipamentos eletrónicos (C)	British Thomson Houtson Company - Inglaterra	14/6/54	16/9/54	13,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
1° Sargento	Artur Nunes Araújo dos Santos	EMEI	Equipamentos eletrónicos (C)	British Thomson Houtson Company - Inglaterra	14/6/54	16/9/54	13,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Brigadeiro	Augusto Bernardo de Freitas Júnior		Missão da defesa civil	Bélgica	2/8/54	10/8/54	1	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Tenente-coronel	Alfredo Pereira da Conceição	CEM	Missão da defesa civil	Bélgica	2/8/54	10/8/54	1	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Major	Alberto de Araújo e Silva	CEM	Missão da defesa civil	Bélgica	2/8/54	10/8/54	1	AHM/FO/6/G/34/5/241/26
Brigadeiro	António de Matos Maia		Escola inglesa de cooperação aeroterrestre (C)	Inglaterra	31/10/55	5/11/54	1	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
1° Sargento	João Gonçalves Freitas	RE n° 2	Missão especial da CHECIE (cifra)	Zug - Suíça	10/12/54	23/12/54	2	AHM/FO/6/G/34/5/241/27

Capitão de infantaria	Octávio de Carvalho Galvão de Figueiredo	EPI	Unidades do exército britânico - intercâmbio "Au pair" (E)	Inglaterra	28/11/54	19/12/54	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Capitão do serviço de administração militar	Manuel Albertino Varela Soares	EPI	Unidades do exército britânico - intercâmbio "Au pair" (E)	Inglaterra	28/11/54	19/12/54	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Capitão de artilharia	Luís Joaquim de Sequeira Manso Couceiro Leitão		Artilharia de costa (E) - intercâmbio de oficiais portugueses e ingleses	Gibraltar	27/9/54	18/10/54	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Major	José António dos Santos Monteiro	RAAF	Air defence (C)	Inglaterra	28/11/54	12/12/54	2	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Aspirante	João Manuel Bilteín de Meneses Luís de Sequeira	EPC	Conjunto das armas (C)	Academia Militar de Saragoça - Espanha	15/9/54	15/12/54	13,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Aspirante	Rui Ernesto Freire Lobo da Costa	RL nº 1	Conjunto das armas (C)	Academia Militar de Saragoça - Espanha	15/9/54	15/12/54	13,5	OE nº 12, 2ª Série, p. 45 e AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Aspirante	Fernando dos Santos Ribeiro da Cunha	EPI	Conjunto das armas (C)	Academia Militar de Saragoça - Espanha	15/9/54	15/12/54	13,5	OE nº 12, 2ª Série, p. 45 e AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Aspirante	António Salgadinho São Brás	EPI	Conjunto das armas (C)	Academia Militar de Saragoça - Espanha	15/9/54	15/12/54	13,5	OE nº 12, 2ª Série, p. 45 e AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Aspirante	Mário Firmino Miguel	RI nº 2	Conjunto das armas (C)	Academia Militar de Saragoça - Espanha	15/9/54	15/12/54	13,5	OE nº 12, 2ª Série, p. 45 e AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Aspirante	Gabriel Fátima do Nascimento Mendes	RI nº 2	Conjunto das armas (C)	Academia Militar de Saragoça - Espanha	15/9/54	15/12/54	13,5	OE nº 12, 2ª Série, p. 45 e AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Aspirante	Manuel Ribeiro Franco Charais	EPA	Conjunto das armas (C)	Academia Militar de Saragoça - Espanha	15/9/54	15/12/54	13,5	OE nº 12, 2ª Série, p. 45 e AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Aspirante	Carlos Alberto Teixeira Ferreira	RAL nº 2	Conjunto das armas (C)	Academia Militar de Saragoça - Espanha	15/9/54	15/12/54	13,5	OE nº 12, 2ª Série, p. 45 e AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Tenente de engenharia	Noé David Soares	BTeleg	Manual central office maintenance (C)	Escola de transmissões do exército dos EUA - Ansbach - Alemanha	4/2/55	6/5/54	13	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	João de Abreu Barata	EPE	Manual central office maintenance (C)	Escola de transmissões do exército dos EUA - Ansbach - Alemanha	4/2/55	6/5/54	13	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Sargento-ajudante mecânico	Hélder Venâncio Cardoso		Manual central office maintenance (C)	Escola de transmissões do exército dos EUA - Ansbach - Alemanha	4/2/55	6/5/54	13	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Alferes	António Pereira Coutinho	EPC	Transmissões de cavalaria (C)	Armored school - Fort Knox - EUA				AHM/FO/6/G/34/5/241/27

Tenente	A. Goulart Branco		Mecânico de carro de combate (C)	Armored school - Fort Knox - EUA			5	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Capitão de engenharia	João Manuel Ternas Latino	BCF	Associate advanced ordenance (C)	Ordinance school - Aberdeen - EUA	6/1/54	22/4/54	7	AHM/FO/6/G/34/5/241/27

Tabela V - 1955

Posto	Nome	Unidade de colocação	Designação da formação [(C)/(E)/(V)/(M)]	Local da frequência	Período de frequência do curso			Fonte
					Início	Finalização	Duração [semanas]	
Major de cavalaria	Duarte José da Costa Ferreira		Oficiais mecânicos de blindados (C)	Centro de instrução de carros blindados do 7º Exército - Alemanha	2/5/55	27/5/55	4	OE nº 12, 2ª Série, p. 481
Tenente	António Goulart Branco		Oficiais mecânicos de blindados (C)	Centro de instrução de carros blindados do 7º Exército - Alemanha	2/5/55	27/5/55	4	OE nº 12, 2ª Série, p. 481
Major de cavalaria	Luís Valentim Deslandes		Comandante de carro de combate M/47 (C)	Centro de instrução de carros blindados do 7º Exército - Alemanha	28/5/55	24/6/55	4	OE nº 12, 2ª Série, p. 481
Capitão de cavalaria	Alberto Policarpo Manso		Comandante de carro de combate M/47 (C)	Centro de instrução de carros blindados do 7º Exército - Alemanha	28/5/55	24/6/55	4	OE nº 12, 2ª Série, p. 481
Capitão de cavalaria	João Cecílio Gonçalves		Comandante de carro de combate M/47 (C)	Centro de instrução de carros blindados do 7º Exército - Alemanha	28/5/55	24/6/55	4	OE nº 12, 2ª Série, p. 481
Capitão de cavalaria	Francisco Lemos da Silveira		Comandante de carro de combate M/47 (C)	Centro de instrução de carros blindados do 7º Exército - Alemanha	28/5/55	24/6/55	4	OE nº 12, 2ª Série, p. 481

Capitão de cavalaria	João Cecílio Gonçalves		Comandante de carro de combate M/47 (C)	Centro de instrução de carros blindados do 7º Exército - Alemanha	24/1/55	18/2/55	4	OE nº 12, 2ª Série, p. 775
Capitão de cavalaria	Raul Augusto Paixão Ribeiro		Comandante de carro de combate M/47 (C)	Centro de instrução de carros blindados do 7º Exército - Alemanha	24/1/55	18/2/55	4	OE nº 12, 2ª Série, p. 775
Capitão de cavalaria	Francisco José de Moraes		Comandante de carro de combate M/47 (C)	Centro de instrução de carros blindados do 7º Exército - Alemanha	24/1/55	18/2/55	4	OE nº 12, 2ª Série, p. 775
Tenente de cavalaria	Joaquim Lopes Cavalheiro		Comandante de carro de combate M/47 (C)	Centro de instrução de carros blindados do 7º Exército - Alemanha	24/1/55	18/2/55	4	OE nº 12, 2ª Série, p. 775
Tenente de cavalaria	Eduardo Jorge Gomes Coelho Picciochi		Comandante de carro de combate M/47 (C)	Centro de instrução de carros blindados do 7º Exército - Alemanha	24/1/55	18/2/55	4	OE nº 12, 2ª Série, p. 775
Tenente de infantaria	Nuno Alexandre Lousada		Esquiador escalador (C)	Escuela militar de montanha - Jaca - Huesca - Espanha	10/1/55	15/8/55	31	OE nº 12, 2ª Série, p. 774
Tenente de artilharia	Manuel Rodrigues Carvalho		Esquiador escalador (C)	Escuela militar de montanha - Jaca - Huesca - Espanha	10/1/55	15/8/55	31	OE nº 12, 2ª Série, p. 774
2º Sargento de cavalaria	Lúcio Lopes Dias	RC nº 8	Comandante de carro de combate M/47 (C)	Alemanha			4	OE nº 12, 2ª Série, p. 774
Tenente-coronel	José de Oliveira Vitorino	CEM	Colégio de defesa NATO (C)	Paris - França	6/9/55	3/2/56	22	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Major	Henrique Alberto de Sousa Guerra	CEM	Assistir apresentação de materiais antiaéreos	Escola de tiro da DCA do exército sueco - VADDO - Suécia	29/8/55	3/9/55	1	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão de artilharia	José António de Almeida Castro		Assistir apresentação de materiais antiaéreos	Escola de tiro da DCA do exército sueco - VADDO - Suécia	29/8/55	3/9/55	1	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Major	Silvino Silvério Marques	CEM	Operadores de centro criptográfico (C)	Cincsouth - Nápoles - Itália	7/11/55	11/11/55	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão	Mexia Leitão		Mecânico de centro criptográfico (C)	SHAPE - Paris	7/11/55	18/1/56	7	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Alferes	Argentino Urbano Seixas	RI nº 12	Paraquedismo (C)	Núcleo de divisão aeroterrestre	1/12/55	12/10/56	45	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Alferes	Sigfredo Ventura da Costa Campos	GACA nº 1	Paraquedismo (C)	Núcleo de divisão aeroterrestre	1/12/55	12/10/56	45	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
1º Sargento	José Alpalhão		O-5 High speed tractor mechanic (C)	Usareur - Ordnance school - Fuessen- Alemanha	5/2/55	12/10/56	4	AHM/FO/6/G/34/5/242/29

2º Sargento	Fernando José Ribeiro		O-5 High speed tractor mechanic (C)	Usareur - Ordnance school - Fuessen- Alemanha	5/2/55	12/10/56	4	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
2º Sargento	Serafim Rosa		O-5 High speed tractor mechanic (C)	Usareur - Ordnance school - Fuessen- Alemanha	5/2/55	12/10/56	4	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Furriel	Manuel Carneiro Nunes		O-5 High speed tractor mechanic (C)	Usareur - Ordnance school - Fuessen- Alemanha	5/2/55	12/10/56	4	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Major	João de Oliveira Marques	EME	Armas especiais (C)	Escola das armas especiais da NATO - Oberammergau - Alemanha	28/2/55	11/3/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Tenente-coronel	Augusto Manuel das Neves	EME	Armas especiais (C)	Escola das armas especiais da NATO - Oberammergau - Alemanha	10/5/55	20/5/55	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Brigadeiro	Luís da Câmara Pina		Armas especiais (C)	Escola das armas especiais da NATO - Oberammergau - Alemanha	11/4/55	15/4/55	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Brigadeiro	Epifânio Cabrita		Armas especiais (C)	Escola das armas especiais da NATO - Oberammergau - Alemanha	20/6/55	24/6/55	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Alferes	Argentino Urbano Seias	RI nº 12	Educação física (C)	Brasil	1/3/55	30/10/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Alferes	Sigfredo Ventura da Costa Campos	GACA nº 1	Educação física (C)	Brasil	1/3/55	30/10/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
2º Sargento	José Luís Júnior	RI nº 5	Monitor de educação física (C)	Brasil	1/3/55	30/10/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Furriel	Joaquim Gonçalves Valente	EPC	Monitor de educação física (C)	Brasil	1/3/55	30/10/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
2º Sargento	António Borges	RC nº 6	Mecânico de carro de combate (C)	Mecânico de carro de combate (C)	2/5/55	17/11/55	29,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão de artilharia	Álvaro Baptista Jacquet		Ótica (C)	Instituto de Ótica "Daza Valdés" - Espanha	1/9/55	31/8/57	104	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Tenente-coronel	João António da Silva	CEM	Visita a centros de instrução e treino	EUA	25/4/55		124	AHM/FO/6/G/34/5/242/29

General	José Filipe de Barros Rodrigues		Exercício de postos de comando	Paris - França	25/4/55	29/4/55	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão de engenharia	Manuel Maurício Bravo Ferreira	EPE	Centro ABC de instrução (V)	Bourges - França	19/4/55	27/4/55	1	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
General	Humberto Buceta Martins		Manobras militares	Goepingen - Alemanha	6/5/55	20/5/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão	João António Pinheiro	CEM	Manobras militares	Goepingen - Alemanha	6/5/55	20/5/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão	Fernando Eugénio de Paiva Ribeiro	CEM	Manobras militares	Goepingen - Alemanha	6/5/55	20/5/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão de cavalaria	Alexandre Almeida		Manobras militares	Goepingen - Alemanha	6/5/55	20/5/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Major	José Mexia Heitor Júnior		Manobras militares	Wurzberg - Alemanha	6/5/55	20/5/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão	António Gonçalves Barata Galvão		Manobras militares	Wurzberg - Alemanha	6/5/55	20/5/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão	José Póvoas Janeiro	RAP n° 2	Manobras militares	Hanan - Alemanha	6/5/55	20/5/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão	Mário Pessoa Vaz	RAL n° 2	Manobras militares	Karlsruhe - Alemanha	6/5/55	20/5/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão	Júlio Veiga Simão	RAL n° 2	Manobras militares	Karlsruhe - Alemanha	6/5/55	20/5/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Major	António Joaquim Ferreira Durão	GCC	Manobras militares	Grafenwohr - Alemanha	6/5/55	27/15/1955	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão	João Cecílio Gonçalves		Manobras militares	Furth - Alemanha	6/5/55	27/15/1955	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão	Fernando Rodrigues de Sousa Costa	RC n° 8	Manobras militares	Hohenfels - Alemanha	6/5/55	27/15/1955	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão	Adolfo Jorge Vilares da Costa	RAL n° 4	Manobras militares	Grafenwohr - Alemanha	6/5/55	27/15/1955	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Major	Duarte José da Costa Ferreira	EPE	Manobras militares	Kitzingen - Alemanha	20/5/55	3/6/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Major de medicina	Sebastião Custódio de Brito Abreu		Manobras militares	Munich - Alemanha	20/5/55	3/6/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29

Tenente de medicina	Antônio Lebre Bragança Moreira Figueiredo		Manobras militares	Schwabisch - Alemanha	20/5/55	3/6/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão	Tristão da Cunha Caldeira Carvalhais	RAL n° 2	Manobras militares	Wildflecken - Alemanha	3/6/55	17/6/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão	Joaquim do Lago Arrais Torres de Magalhães	RAL n° 2	Manobras militares	Wildflecken - Alemanha	3/6/55	17/6/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão	Augusto Bagôrra	GACA n° 2	Manobras militares	Kaiserslautern - Alemanha	3/6/55	17/6/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Brigadeiro	Francisco Antônio da Silva Azevedo Alpoim		Manobras militares	Grafenwohr - Alemanha	17/6/55	1/7/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Major	Eduardo Pinto Barradas	RI n° 7	Manobras militares	Hohenfels - Alemanha	1/7/55	15/7/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Major	Adriano Augusto Pires	RI n° 12	Manobras militares	Hohenfels - Alemanha	1/7/55	15/7/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão	Antônio Manuel Baptista de Carvalho	RI n° 15	Manobras militares	Hohenfels - Alemanha	1/7/55	15/7/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão	José A. de P. Oliveira Cid	RI n° 14	Manobras militares	Friedberg - Alemanha	1/7/55	15/7/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Tenente-coronel	Rodrigo A. T. de A. Ferreira de Freitas	RAL n° 2	Manobras militares	Frankfurt - Alemanha	14/7/55	18/7/55	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
General	Humberto Buceta Martins		Manobras militares	Goeppingen - Alemanha	15/7/55	30/7/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão	João Antônio Pinheiro	CEM	Manobras militares	Goeppingen - Alemanha	15/7/55	30/7/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Major	Fernando Eugênio de Paiva Ribeiro	CEM	Manobras militares	Goeppingen - Alemanha	15/7/55	30/7/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão	Alexandre Almeida		Manobras militares	Goeppingen - Alemanha	15/7/55	30/7/55	2	AHM/FO/6/G/34/5/242/29
Capitão de engenharia	Gabriel Constante Júnior		Orientação de EM de transmissões (C)	Auditorium - Camp Vulceau - França	17/5/55	26/5/55	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/29

1º Sargento de artilharia	Carlos Paiva	RAL n° 1	Ordnance supply specialist (C)	Alemanha			2	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
1º Sargento de artilharia	Fernando Barreto	RAL n° 2	Ordnance supply specialist (C)	Alemanha			2	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
1º Sargento de artilharia	António Oliveira Macedo	RAP n° 1	Ordnance supply specialist (C)	Alemanha			2	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
1º Sargento de artilharia	Manuel João da Silva	EPA	Ordnance supply specialist (C)	Alemanha			2	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Furriel	Adriano F. Martins	CGCA n° 3	Ordnance supply specialist (C)	Alemanha			2	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Furriel	Maurício Martins Clemente	GCTA	Ordnance supply specialist (C)	Alemanha			2	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Alferes de infantaria	Fernando Soares da Cunha	RI n° 10	Instrutor paraquedista (C)	Inglaterra			27	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Alferes de infantaria	António Rosado Serrano	BC n° 8	Instrutor paraquedista (C)	Inglaterra			27	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Major CEM	Ernesto Machado Soares de Oliveira e Sousa	QG/2ª RM	Estado maior (C)	Inglaterra			104	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Capitão de engenharia	Artur Spencer Vieira	EE	Signal officer advanced (C)	EUA			32	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Alferes de artilharia	José Fernando Graça Pereira do Nascimento	EPA	Artillery officer communications (C)	EUA			14	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Alferes de artilharia	Armando Almiro Canelhas	EE	Artillery officer communications (C)	EUA			14	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Major	José Sacadura Moreira Câmara	GML	Command and general staff officer (C)	EUA			41	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Capitão	Francisco Abreu Ricardo	3ª DG	Command and general staff officer (C)	EUA			41	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Tenente-coronel de engenharia	Caetano Maria da Cunha Reis	IIT'Sap	Special engineer (C)	EUA			2	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Major de engenharia	José Mexia Heitor Júnior	IPPE	Signal company officer (C)	EUA			27	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Major de engenharia	Duarte José da Costa Pereira	RE n° 2	Transportation officer advanced (C)	EUA			36	AHM/FO/6/G/34/5/241/24

Alferes de artilharia	Nuno Álvares Pereira	RAL n° 4	Associate ordnance company officer (C)	EUA			16	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Alferes de artilharia	José Fernando Valles Figueiredo Valente	RAC	Associate ordnance company officer (C)	EUA			16	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Alferes de artilharia	Nuno Álvares Pereira	RAL n° 4	Explosive ordnance disposal (C)	EUA			12	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Alferes de artilharia	José Fernando Valles Figueiredo Valente	RAC	Explosive ordnance disposal (C)	EUA			12	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Capitão de cavalaria	Alfredo Leão Tomaz Correia	DAC	Armor communication officer (C)	EUA			13,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/24
Capitão de cavalaria	Cecílio Gonçalves	EPC	Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	12/2/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Capitão de cavalaria	Paixão Ribeiro	EPC	Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	12/2/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Capitão de cavalaria	Francisco Moraes	EPC	Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	12/2/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Tenente de cavalaria	Lopes Cavalheiro	EPC	Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	12/2/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Tenente de cavalaria	Eduardo Picciochi	EPC	Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	12/2/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
2º Sargento de cavalaria	Alberto Mendes	EPC	Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	12/2/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
2º Sargento de cavalaria	Viana Peixoto	EPC	Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	12/2/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
2º Sargento de cavalaria	Virgílio Morgado	EPC	Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	12/2/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27

2º Sargento de cavalaria	Apresentação Carvalho	EPC	Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	12/2/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	Leonardo de Magalhães	EPC	Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	12/2/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Capitão de cavalaria	F. Lemos da Silveira	EPC	Mecânico de viaturas de lagartas (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	12/2/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Sargento-ajudante de cavalaria	Sequeira Martins	EPC	Mecânico de viaturas de lagartas (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	12/2/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Sargento-ajudante de cavalaria	José Buzio	EPC	Mecânico de viaturas de lagartas (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	12/2/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
1º Sargento mecânico	Pereira Vinagre	EPC	Mecânico de viaturas de lagartas (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	12/2/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
1º Sargento mecânico	Ferreira Dias	EPC	Mecânico de viaturas de lagartas (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	12/2/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
2º Sargento mecânico	A. Cordeiro Valadas	EPC	Mecânico de viaturas de lagartas (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	12/2/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Tenente-coronel	Alfredo José Ferraz Vieira Pinto de Oliveira	CEM	Colégio de defesa NATO (C)	Paris - França	28/2/55	29/7/55	22	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Capitão de engenharia	Mário Leitão	BTeleg	Armas especiais (C)	Escola das armas especiais da NATO - Oberammergau - Alemanha	17/1/55	28/1/55	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Tenente	António Goulart Branco	EPC	Mecânico de carro de combate (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	29/4/55	29/5/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Tenente	Raul Bastos Jorge	RC nº 8	Mecânico de carro de combate (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	29/4/55	29/5/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Sargento-ajudante mecânico	Alberto dos Santos Henriques	EPC	Mecânico de carro de combate (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	29/4/55	29/5/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Sargento-ajudante mecânico	João Teodoro dos Reis Soares	EPC	Mecânico de carro de combate (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	29/4/55	29/5/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
1º Sargento mecânico	Alfredo Francisco do Lago Branco	EPC	Mecânico de carro de combate (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	29/4/55	29/5/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27

1º Sargento mecânico	Alberto dos Santos Pereira	EPC	Mecânico de carro de combate (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	29/4/55	29/5/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
1º Sargento mecânico	João Gaspar	RC nº 8	Mecânico de carro de combate (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	29/4/55	29/5/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	Lino Leitão da Costa	EPC	Mecânico de carro de combate (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	29/4/55	29/5/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	João José dos Santos Silva Nabeiro	EPC	Mecânico de carro de combate (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	29/4/55	29/5/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	António José Correia	EPC	Mecânico de carro de combate (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	29/4/55	29/5/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	Manuel Nogueira Pinto	EPC	Mecânico de carro de combate (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	29/4/55	29/5/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	João Edílio dos Santos Coelho	EPC	Mecânico de carro de combate (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	29/4/55	29/5/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	José Douglas Henrique Oliveira e Silva	EPC	Mecânico de carro de combate (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	29/4/55	29/5/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	José Dimas Rocha de Carvalho	EPC	Mecânico de carro de combate (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	29/4/55	29/5/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	Fernando da Conceição Pereira	RC nº 8	Mecânico de carro de combate (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	29/4/55	29/5/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	Alberto de Azevedo	RC nº 8	Mecânico de carro de combate (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	29/4/55	29/5/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
1º Cabo	João José Rosa	RC nº 8	Mecânico de carro de combate (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	29/4/55	29/5/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27

1º Cabo	João Calado Alves	RC nº 8	Mecânico de carro de combate (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	29/4/55	29/5/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
1º Cabo	Manuel João da Conceição Vidal	RC nº 8	Mecânico de carro de combate (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	29/4/55	29/5/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
1º Cabo	João António Lopes	RC nº 8	Mecânico de carro de combate (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	29/4/55	29/5/55	4	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Capitão	Mário Lima	EPC	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Alferes	Calisto	EPC	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Alferes	Paula Santos	EPC	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
2º Sargento	Piedade	EPC	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	Escapa	EPC	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	Leitão	EPC	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	Quintas	EPC	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
2º Sargento	Cabeças	EPC	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Capitão de cavalaria	Leão Correia	EPC	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Capitão de cavalaria	Campeão Gouveia	EPC	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Capitão de cavalaria	Alberto Manso	EPC	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27

Tenente de cavalaria	Sequeira Marcelino	EPC	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Alferes	Careno	EPC	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
2º Sargento de cavalaria	Pimenta	EPC	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	Amorim	EPC	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Capitão	Ferreira Coelho	RC nº 8	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Tenente	Martins da Silva	RC nº 8	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Alferes	Carmo	RC nº 8	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
2º Sargento	Magalhães	RC nº 8	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	Lopes Dias	RC nº 8	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	Torcatto	RC nº 5	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	Simões	RC nº 5	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
2º Sargento	Gamelas	RC nº 8	Chefe de carro de combate M/47 (C)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	12/3/55	4/4/55	3	AHM/FO/6/G/34/5/241/27

Tenente	Lopes de Carvalho		Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	23/2/55	5,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Tenente	Eduardo Picciochi	EPC	Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	23/2/55	5,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Capitão	Cecílio Gonçalves	EPC	Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	23/2/55	5,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Capitão	Paixão Ribeiro	EPC	Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	23/2/55	5,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Capitão	Francisco Morais	EPC	Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	23/2/55	5,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
2º Sargento	Alberto Mendes	EPC	Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	23/2/55	5,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
2º Sargento	Viana Peixoto	EPC	Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	23/2/55	5,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
2º Sargento	Virgílio Morgado	EPC	Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	23/2/55	5,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
2º Sargento	Apresentação Carvalho	EPC	Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	23/2/55	5,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	Leonardo de Magalhães	EPC	Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	12/2/55	5,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Major	Luís Deslandes	CEM	Carro de combate M/47 (E)	Tank training center do exército americano - Vilseck - Alemanha	15/1/55	12/2/55	5,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Tenente de engenharia	Noé David Soares	BTeleg	Manual central office maintenance (C)	Escola de transmissões do exército dos EUA - Ansbach - Alemanha	4/2/55		13,0	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	João de Abreu Barata	EPE	Manual central office maintenance (C)	Escola de transmissões do exército dos EUA - Ansbach - Alemanha	4/2/55		13,0	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	Hélder Venâncio Cardoso	BTeleg	Manual central office maintenance (C)	Escola de transmissões do exército dos EUA - Ansbach - Alemanha	4/2/55		13,0	AHM/FO/6/G/34/5/241/27

Tenente de engenharia	José Pedro de Saraiva Vicente da Silva	BTeleg	Combat engennier NCO (C)	Murnau - Alemanha	17/5/55		9,0	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	José Moreira Borges	RE nº 1	Combat engennier NCO (C)	Murnau - Alemanha	17/5/55		9,0	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Furriel	António Ferreira Moedas	EPE	Combat engennier NCO (C)	Murnau - Alemanha	17/5/55		9,0	AHM/FO/6/G/34/5/241/27
Brigadeiro	José António da Rocha Beleza Ferraz		Operações anfíbias (E)	Centro de operações anfíbias - Arzew - Argélia	8/2/55	19/2/55	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/241/27

Tabela VI - 1956

Posto	Nome	Unidade de colocação	Designação da formação [(C)/(E)/(V)/(M)]	Local da frequência	Período de frequência do curso			Fonte
					Início	Finaliza ção	Duração [semanas]	
Capitão de infantaria	Manuel Sidónio dos Santos Nunes	BC nº 5	Instrutores gerais de defesa civil (C)	École national de protection civile - Bélgica	16/1/56	25/2/56	3,5	OE nº 1, 2ª Série, p. 43
Tenente de infantaria	Fernando Artur de Oliveira Baptista da Silva	BMet nº 1	Missão do comando-geral da defesa do território civil	École national de protection Ccville - Bélgica	16/1/56	25/2/56	3,5	OE nº 2, 2ª Série, p. 118
Tenente de artilharia	Carlos Chaves Alves de Sousa	SGDN	Ammunition supply specialist (C)	Escola do serviço de material do exército dos EUA - Fusseu - EUA	22/9/56	20/10/56	4	OE nº 2, 2ª Série, p. 126 e AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Capitão de artilharia	Manuel do Nascimento Esteves		Associate ordnance company officer (C)	Escola do serviço de material do exército dos EUA - Fusseu - EUA	8/6/56	14/9/56	14	OE nº 1, 2ª Série, p. 44
Tenente-coronel de engenharia	José Mexia Heitor Júnior		Orientação para oficiais de transmissões do EM da NATO (C)	SHAPE - França	12/7/56	21/7/56	1	OE nº 7, 2ª Série, p. 580

Major de engenharia	Alexandre Nobre dos Santos	EPE	Oficiais superiores engenheiros (C)	Fort Belvoir - Virginia - EUA	16/8/56	29/5/57	39	OE nº 7, 2ª Série, p. 580 e AHM/FO/6/G/34/5/242/30
Major de engenharia	Bernardo Rebelo Neves Dias Ayala		Aperfeiçoamento em técnica de radar (C)	Microlambda - Itália	4/6/56		4,5	OE nº 9, 2ª Série, p. 759
Tenente do serviço de material	Afonso Cardoso Lopes		Aperfeiçoamento em técnica de radar (C)	Microlambda - Itália			4,5	OE nº 9, 2ª Série, p. 759
Alferes do serviço de material	Afonso Gonçalves Gascão	RAC	Radio maintenance (radio control aircraft target) (C)	Antiaircraft artillery and guided missile school			7	AHM/FO/6/G/34/5/242/30
Major	Artur Henriques Nunes da Silva	CEM	Instrução (E)	Escola prática de operações combinadas - Badennoos - Alemanha	28/5/56	9/6/56	2	OE nº 2, 2ª Série, 1959. p. 164
2º Sargento de artilharia	José Dias Martins Panzina	EPA	Especialista de armazenagem de munições (C)	Fuessen - Alemanha	22/9/56	20/10/56	4	OE nº 16, 3ª Série, 1959. p. 328 e AHM/FO/6/G/34/5/242/30
2º Sargento de artilharia	Manuel João da Cruz	RAL nº 6	Especialista de armazenagem de munições (C)	Fuessen - Alemanha	22/9/56	20/10/56	4	OE nº 16, 3ª Série, 1959. p. 328 e AHM/FO/6/G/34/5/242/30
2º Sargento de artilharia	Joaquim das Dores Patata	RAP nº 1	Especialista de armazenagem de munições (C)	Fuessen - Alemanha	22/9/56	20/10/56	4	OE nº 16, 3ª Série, 1959. p. 328 e AHM/FO/6/G/34/5/242/30
2º Sargento de artilharia	António Rodrigues da Silva	RAP nº 3	Especialista de armazenagem de munições (C)	Fuessen - Alemanha	22/9/56	20/10/56	4	OE nº 16, 3ª Série, 1959. p. 328 e AHM/FO/6/G/34/5/242/30
Capitão de engenharia	Filipe Nunes Palet	EE	Combat engineer NCO (C)	Usareur engineer echool - Murnau - Alemanha	8/1/56		9	AHM/FO/6/G/S/34/5/242/29
2º Sargento	Castro Navarro	RE nº 1	Combat engineer NCO (C)	Usareur engineer echool - Murnau - Alemanha	8/1/56		9	AHM/FO/6/G/S/34/5/242/29
Furriel	António Ferreira Moedas	EPE	Combat engineer NCO (C)	Usareur engineer echool - Murnau - Alemanha	8/1/56	12/3/56	9	AHM/FO/6/G/S/34/5/242/29
Furriel	Eduardo da Conceição Pires Júnior	RE nº 1	Combat engineer NCO (C)	Usareur engineer echool - Murnau - Alemanha	8/1/56	12/3/56	9	AHM/FO/6/G/S/34/5/242/29
1º Cabo radiotelegrafista	Almeida Cunha	ETm	Combat engineer NCO (C)	Usareur engineer echool - Murnau - Alemanha	8/1/56	12/3/56	9	AHM/FO/6/G/S/34/5/242/29
Major	Carlos Mariano Algéos Ayres	IAEM	Conferência cartográfica	SHAPE - França	29/10/56	31/10/56	0,4	AHM/FO/6/G/34/5/242/32
General	Frederico da Costa Silva Lopes	CEME	Organismos de instrução (E)	EUA	27/10/56		3	AHM/FO/6/G/34/5/242/32
General	Frederico da Costa Silva Lopes	CEME	Oficiais gerais de guerra eletrônica (C)	Garmich - Alemanha	14/5/56	18/5/56	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/30

Tenente-coronel	Augusto Casimiro Ferreira Gomes	CEM	Observador de instrução (C)	Army continental command infantry school; QG-IV army; artillery school; armed school -EUA	27/10/56		3	AHM/FO/6/G/34/5/242/32
Major	José Manuel Bettencourt Conceição Rodrigues	CEM	Organismos de instrução (E)	EUA	27/10/56		3	AHM/FO/6/G/34/5/242/32
1º Sargento	Deodato da Costa Nogueira	DGMG	Parts identification (C)	Usareur engineer school - Fuessen - Alemanha	28/1/56		6	AHM/FO/6/G/34/5/242/30
1º Sargento	Manuel de Almeida Lemos	DGMG	Parts identification (C)	Usareur engineer school - Fuessen - Alemanha	28/1/56		6	AHM/FO/6/G/34/5/242/30
1º Sargento mecânico auto	Carlos Mateus	DGME	Parts identification (C)	Usareur engineer school - Fuessen - Alemanha	28/1/56		6	AHM/FO/6/G/34/5/242/30
Furriel mecânico	Manuel Santiago Pomar	DGME	Parts identification (C)	Usareur engineer school - Fuessen - Alemanha	28/1/56		6	AHM/FO/6/G/34/5/242/30
Brigadeiro	Humberto Pais Martins dos Santos	IAEM	Operações anfíbias (C)	Centro de instruções anfíbias - Arzew - Argélia	12/3/56	24/3/56	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/30
Comodoro (brigadeiro)	António Negrão Neto	IAEM	Operações anfíbias (C)	Centro de instruções anfíbias - Arzew - Argélia	12/3/56	24/3/56	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/30
Major de infantaria	Abel Barroso Hipólito	RI nº 14	Infantry officer advanced (C)	Fort Benning - Georgia EUA	7/1/56		26	AHM/FO/6/G/34/5/242/30
Major de infantaria	Luís Augusto de Matos Paletti	BC nº 4	Infantry officer advanced (C)	Fort Benning - Georgia EUA	1/8/56		26	AHM/FO/6/G/34/5/242/30
Capitão de engenharia	Alexandre Guedes de Magalhães	BE nº 3	Centro conjunto de camuflagem (E)	Netheravon - Inglaterra	23/3/56	29/3/56	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/30
Major de engenharia	José Mexia Heitor Júnior	BTm/3ª Div	Orientação para oficiais superiores de transmissões das nações NATO (C)	Camp Voluceau - França	12/3/56	21/3/56	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/30
Capitão	Eduardo Augusto das Neves Adelino	CEM	Guerra atômica para oficiais do EM (C)	Garmich - Alemanha	7/5/56	18/5/56	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/30
Major	Joaquim Frade Gravito	CEM	Guerra atômica para oficiais do EM (C)	Usareurimps - Oberammergau - Alemanha	24/9/56	5/10/56	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/30

Capitão de engenharia	Eurico Ferreira Gonçalves	EE	Comando e EM (C)	Leavonworth - EUA	2/7/56	14/6/57	40,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/30
2º Sargento	Armando de Almeida dos Santos Mendes	EMEI	Basic combat army communications specialist (C)	Signal school - Ansbach - Alemanha	30/3/56		9	AHM/FO/6/G/34/5/242/30
Capitão de artilharia	Armando Machado da Silva	EPA	Artillery officer advanced (C)	Fort Sill - Oklahoma - EUA	1/9/56		36	AHM/FO/6/G/34/5/242/30
Tenente-coronel	Ângelo Ferrari	CEM	Assistir a demonstração de veículos de combate britânicos	Centro de pesquisas de veículos de combate em Chobham - Surrey - Inglaterra	27/10/56		0,2	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Major	Abílio Augusto Brito e Melo	CEM	Assistir a demonstração de veículos de combate britânicos	Centro de pesquisas de veículos de combate em Chobham - Surrey - Inglaterra	27/10/56		0,2	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Capitão de engenharia	Rui Duarte Moreira Braga		Assistir a demonstração de veículos de combate britânicos	Centro de pesquisas de veículos de combate em Chobham - Surrey - Inglaterra	27/10/56		0,2	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
2º Sargento radiomontador	Victor Manuel Paiva de Almeida Santos	BTeleg	Basic combat army communications specialist (C)	Usareur signal school - Ansbach - Alemanha	30/9/56		9	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Tenente de engenharia	Manuel Marques Esgalhado	BTeleg	Basic combat army communications specialist (C)	Usareur signal school - Ansbach - Alemanha	30/9/56		9	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Brigadeiro	Francisco Holbeche Fino		Conferência preparatória do exercício "Lion Noir"	Fontainebleau - França	6/11/56	25/11/56	3	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Coronel do serviço de administração militar	Acácio Monteiro Cabral		Conferência preparatória do exercício "Lion Noir"	Fontainebleau - França	6/11/56	25/11/56	3	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Tenente-coronel	José Sacadura Moreira da Câmara	CEM	Conferência preparatória do exercício "Lion Noir"	Fontainebleau - França	6/11/56	25/11/56	3	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Major	Ireneu de Almeida Mota	CEM	Conferência preparatória do exercício "Lion Noir"	Fontainebleau - França	6/11/56	25/11/56	3	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Major	Aurélio da Silva Banazol	CEM	Conferência preparatória do exercício "Lion Noir"	Fontainebleau - França	6/11/56	25/11/56	3	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Tenente-coronel de engenharia	José Mexia Heitor Júnior		Conferência preparatória do exercício "Lion Noir"	Fontainebleau - França	6/11/56	25/11/56	3	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Major	Abílio Augusto Brito e Melo	CEM	Verificar o estado do material cedido ao Exército português pelo governo inglês	Inglaterra	3/12/56		3	AHM/FO/6/G/34/5/242/33

Capitão de engenharia	Eduardo Augusto das Neves Adelino	EE	Verificar o estado do material cedido ao Exército português pelo governo inglês	Inglaterra	3/12/56		3	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Capitão de artilharia	Álvaro Baptista Jaquet	IPPE	Verificar o estado do material cedido ao Exército português pelo governo inglês	Inglaterra	3/12/56		3	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
2º Sargento mecânico auto	João Francisco Sargento Lopes	GCTA	Verificar o estado do material cedido ao Exército português pelo governo inglês	Inglaterra	3/12/56		3	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Capitão de engenharia	Eduardo Augusto Ferreira de Almeida Freire	EE	Verificar o estado do material cedido ao Exército português pelo governo inglês	Inglaterra	3/12/56		3	AHM/FO/6/G/34/5/242/33

Tabela nº VII – 1957

Posto	Nome	Unidade de colocação	Designação da formação [(C)/(E)/(V)/(M)]	Local da frequência	Período de frequência do curso			Fonte
					Início	Finalização	Duração [semanas]	
Tenente	Adelino Manuel Martins Contreiras	RC nº 7	Especial de instrução «MDAP supply orientation» (C)	Escola de serviço de material do exército - EUA	2/3/57	23/3/57	4	OE nº 4, 2ª Série, 1957, p. 321
Capitão de infantaria	Jorge Rodrigues da Cunha Saco	EPI	Communications chief infantry (C)	Escola de transmissões - Usareur - Alemanha	13/1/57	5/4/57	10	OE nº 12, 2ª Série, 1957, p. 1059 e AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Tenente de engenharia	Nuno Manuel Guimarães Fisher Lopes Pires	EPE	Combat engineer NCO (C)	Escola de engenharia - EUA	11/2/57	12/4/57	9	OE nº 12, 2ª Série, 1957, p. 1060 e AHM/FO/6/G/34/5/243/34

2º Sargento de artilharia	Fernando da Silva Amorim	CM Moçambique	MDAP supply orientation (C)	Alemanha	10/5/57			OE nº 16, 3ª Série, 1959, p. 329
2º Sargento de artilharia	Joaquim Ferreira de Azevedo	GACA nº 3	Centro de reabastecimentos gerais do serviço de material (C)	Alemanha	10/5/57			OE nº 16, 3ª Série, 1959, p. 329
2º Sargento de artilharia	Domingos Ceia de Almeida Bucho	CM Moçambique	Centro de reabastecimentos gerais do serviço de material (C)	Alemanha	10/5/57			OE nº 17, 3ª Série, 1959, p. 383
Tenente-coronel de cavalaria	Luís Valentim Deslandes		Colégio de defesa NATO (C)	Paris - França	18/2/57	26/7/57	22,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Tenente de engenharia	António Pereira Pinto		Signal company officer (C)	Fort Mowmouth - New Jersey - EUA	9/1/57	17/7/57	27	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Furriel	Manuel Francisco Rodrigues	EPI	Communications chief infantry (C)	Escola de transmissões - Usareur - Alemanha	13/1/57	5/4/57	10	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Capitão de infantaria	Mário Lemos Pires	RI nº 11	Esquiador escalador (C)	Escola militar de montanha Jaca - Huesca - Espanha	10/1/57	15/6/57	10	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Alferes de infantaria	Hélio Nunes Xavier	RI nº 12	Esquiador escalador (C)	Escola militar de montanha Jaca - Huesca - Espanha	10/1/57	15/6/57	10	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Furriel	António Augusto Ramalhal Farinha	RI nº 14	Esquiador escalador (C)	Escola militar de montanha Jaca - Huesca - Espanha	10/1/57	15/6/57	10	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Furriel	Carlos António dos Santos	RI nº 14	Esquiador escalador (C)	Escola militar de montanha Jaca - Huesca - Espanha	10/1/57	15/6/57	10	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
1º Cabo	Carlos Filipe da Silva Correia	BC nº 4	Esquiador escalador (C)	Escola militar de montanha Jaca - Huesca - Espanha	10/1/57	15/6/57	10	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
1º Cabo	Albino Cleto Lopes	BC nº 2	Esquiador escalador (C)	Escola militar de montanha Jaca - Huesca - Espanha	10/1/57	15/6/57	10	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Alferes	Leonel Fialho Raposo	EPA	Ordnance supply specialist (C)	Fussen - Alemanha	16/2/57	16/3/57	4	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
2º Sargento	José António Ferreira Machado	RAC	Ordnance supply specialist (C)	Fussen - Alemanha	16/2/57	16/3/57	4	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Furriel	Domingos Ceia de Almeida Bucho	GACA nº 1	Ordnance supply specialist (C)	Fussen - Alemanha	16/2/57	16/3/57	4	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Furriel	Joaquim Ferreira de Azevedo	GACA nº 3	Ordnance supply specialist (C)	Fussen - Alemanha	16/2/57	16/3/57	4	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
2º Sargento	António Mendes Duarte	RAP nº 2	Ordnance supply specialist (C)	Fussen - Alemanha	16/2/57	16/3/57	4	AHM/FO/6/G/34/5/242/33

Capitão de medicina	Alberto Pereira Maças Fernandes		Saúde; visitas a brooke army hospital, army medical service school e brooke Army Medical Center (E)	Fort Sam Houston - Texas - EUA	1/2/57	4/3/57	4,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Capitão farmacêutico	Francisco de Jesus Gois de Oliveira		Saúde; visitas a brooke army hospital, army medical service school e brooke army medical center (E)	Fort Sam Houston - Texas - EUA	1/2/57	4/3/57	4,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Tenente	António Goulart Branco	CDMM	Wheel vehicle repairman (C)	Alemanha	5/1/57	16/3/57	10	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
2º sargento mecânico auto	Fernando de Almeida Madeira	CDMM	Wheel vehicle repairman (C)	Alemanha	5/1/57	16/3/57	10	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
2º sargento mecânico auto	António Manuel Mira Ganhão	CDMM	Wheel vehicle repairman (C)	Alemanha	5/1/57	16/3/57	10	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
2º sargento mecânico auto	Fernando Roldão Vieira da Silva	CDMM	Wheel vehicle repairman (C)	Alemanha	5/1/57	16/3/57	10	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Furriel	Manuel Salustriano Revelo	RAL nº 6	Wheel vehicle repairman (C)	Alemanha	5/1/57	16/3/57	10	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Tenente de engenharia	José Francisco Azevedo Fernandes Basto	BTm	Signal company dos EUA (V)	Augsburg - Alemanha	14/1/57	20/1/57	1	AHM/FO/6/G/34/5/242/33
Capitão de artilharia	Álvaro Baptista Jacquet	IPPE	Fire control instrument repairman (C)	Usareur ordnance School - Fussen - Alemanha	7/1/57	21/2/57	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/33 e AHM/FO/6/G/34/5/243/34
2º Sargento mecânico de eletrônica	António Elvira Borralho	IPPE	Fire control instrument repairman (C)	Usareur ordnance school - Fussen - Alemanha	7/1/57	21/2/57	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/242/33 e AHM/FO/6/G/34/5/243/34
2º Sargento de eletrônica	António Augusto Jacob Caldeira	CDMM	Fire control instrument repairman (C)	Usareur ordnance school - Fussen - Alemanha	7/1/57	21/2/57	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
2º Sargento mecânico de eletrônica	José Barbosa Pimenta	RC nº 3	Fire control instrument repairman (C)	Usareur ordnance school - Fussen - Alemanha	7/1/57	21/2/57	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
2º Sargento	João Francisco Pinheiro Salvador	CDMM	Fire control instrument repairman (C)	Usareur ordnance school - Fussen - Alemanha	7/1/57	21/2/57	6,5	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Capitão de engenharia	Amílcar Lopes Martins	EPE	Demolitions, mines and booby traps (C)	Alemanha				AHM/FO/6/G/34/5/243/34

Furriel	Luís Ildefonso das Dores Pontes	EPE	Demolitons, mines and booby traps (C)	Alemanha				AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Furriel	António de Carvalho	EPE	Demolitons, mines and booby traps (C)	Alemanha				AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Major	Artur Henrique Nunes da Silva	CEM	Defesa civil (C)	Inglaterra	16/1/57	25/1/57	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Capitão de engenharia eletrotécnica	Mário Rodrigues Cruzeiro		Airborne radio maintenance tech special (C)	EUA			6	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Sargento-ajudante	Manuel Moura Martins		Airborne radio maintenance tech special (C)				6	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Capitão de engenharia eletrotécnica	Mário Rodrigues Cruzeiro		Tecnical instructor (C)				4	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Sargento-ajudante	Manuel Moura Martins		EUA	EUA			4	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Major de engenharia	João Correia de Magalhães Figueiredo	SCEEx	EUA	Escola politécnica federal - Zurich - Suíça	18/3/57	12/5/57	4	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Capitão de engenharia	Eduardo Augusto Nunes Garcia	EE	Fotografia (C)	Escola politécnica federal - Zurich - Suíça	18/3/57	12/5/57	4	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Tenente-coronel	Arnaldo Shultz	CEM	1 - Organização e funcionamento do serviço de recrutamento, mobilização e informações do exército; 2 - Organização e funcionamento dos cursos de EM; 3 - Organização das grandes unidades de infantaria	1 - Fort Monroe ou Department of the army; 2 - Fort Leavenworth; 3 - Department of army - EUA	1/5/57	22/5/57	3	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Tenente-coronel	Manuel Campos Costa	CEM	1 - Organização e funcionamento do serviço de recrutamento, mobilização e informações do exército; 2 - Organização e EM; 3 - Organização das grandes unidades de infantaria	1 - Fort Monroe ou Department of the army; 2 - Fort Leavenworth; 3 - Department of army - EUA	1/5/57	22/5/57	3	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Tenente miliciano	Adelino Manuel Martins Contreiras	RC nº 7	Parts identification (C)	Fussen - Alemanha	2/3/57	13/4/57	6	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
2º Sargento	Teófilo Xavier de Sequeira Pereira	RAAF	Parts identification (C)	Fussen - Alemanha	2/3/57	13/4/57	6	AHM/FO/6/G/34/5/243/34

Furriel	Fernando da Silva Amorim	RAP n° 2	Parts identification (C)	Fussen - Alemanha	2/3/57	13/4/57	6	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Furriel	Manuel João da Cruz	RAL n° 6	Parts identification (C)	Fussen - Alemanha	2/3/57	13/4/57	6	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Alferes	António Gonçalves Cascão	RAC	Radio maintenance e airframe and engine maintenance (C)	Fort Bliss - El Paso - Texas - EUA	28/5/57	31/7/57	2	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
General	José António Belezza Ferraz		Conferência "AFCENT"	Paris - França	26/2/57	28/2/57	0,4	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Tenente-coronel	Manuel Campos Costa		Conferência "AFCENT"	Paris - França	26/2/57	28/2/57	0,4	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Tenente-coronel	Arnaldo Shultz	CEM	Demonstração do potencial das forças terrestre pela 2ª divisão blindada do exército dos EUA "Lion Noir"	Baumholder - Alemanha	12/3/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Tenente-coronel	Augusto Casimiro Ferreira Gomes	CEM	Demonstração do potencial das forças terrestre pela 2ª divisão blindada do exército dos EUA "Lion Noir"	Baumholder - Alemanha	12/3/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Major	Abílio Augusto Brito e Melo	CEM	Reunião de armas de pequeno calibre	Londres - Inglaterra	14/3/57	22/3/57	1	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Tenente-coronel de medicina	Nicolau José Bettencourt		Conferência médica do SHAPE	Paris - França	24/4/57	26/4/57	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Capitão de engenharia	Ernesto Augusto Ferreira de Almeida Freire	EE	Codificação de equipamentos (C)	EUA	8/4/57	6/5/57	4	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Capitão de infantaria	António Vaz Antunes	EPI	Operações especiais (C)	Bélgica	20/6/57	1/8/57	7	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
Capitão de infantaria	Rogério Augusto Garrett da Silva e Castro	BC n° 9	Operações especiais (C)	Bélgica	20/6/57	1/8/57	7	AHM/FO/6/G/34/5/243/34
General	Frederico da Costa Lopes da Silva	EME - CEME	Exercício de postos de comando	Paris - França	14/4/57	20/4/57	1	AHM/FO/6/G/34/5/243/34

Major	Carlos Mariano Algeos Aires	CEM	Armas especiais (C)	Oberamergau - Alemanha	30/9/57	11/10/57	1,5	AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Tenente-coronel	Carlos Luciano Alves de Sousa	FMBP	Fábricas de materiais relacionadas com a FMBP (V)	Inglaterra	5/5/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Major	António Augusto Lopes	FMBP	Visita fábricas de materiais relacionadas com a FMBP (V)	Inglaterra	5/5/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Coronel	Carlos Miguel Lopes da Silva Freire	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Tenente-coronel	João de Paiva de Faria Leitão Brandão	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Tenente-coronel	Anselmo Guerra Correia	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Tenente-coronel	Joaquim da Luz Cunha	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Tenente-coronel	João Tiroa	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Tenente-coronel	Fernando Rodrigues Frutuoso	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Major	André da Fonseca Pinto Bessa	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Major	José Manuel Bettencourt da Conceição Rodrigues	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Major	Artur Henrique Nunes da Silva	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Major	Carlos Mariano Algeos Aires	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Major	Francisco Maria Rocha Simões	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Major	João António Pinheiro	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Tenente-coronel	Manuel Pimenta de Almeida Beja Camões Godinho	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Tenente-coronel	José de Freias Soares	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35

Tenente-coronel	Augusto Casimiro Ferreira Gomes	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Tenente-coronel	Manuel Campos Costa	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Tenente-coronel	Ernesto Machado Soares de Oliveira e Sousa	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Tenente-coronel	João Augusto da Silva Bessa	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Tenente-coronel	António da Cruz Ganchinho Boavida	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Major	Henrique de Oliveira Rodrigues	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	Altino Amadeu Pinto de Magalhães	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	José João de Matos Neves	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	João Imaginário Nunes Igreja	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	Amílcar Augusto Pereira Pimentel Baptista Nunes	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	Luis Carlos de Abreu de Barros e Cunha	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	Hugo Rodrigues da Silva	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	José Graça Dias Gomes	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	António Soares Tavares da Costa	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	Carlos Augusto Pereira da Costa Matos	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35

Capitão	António Gomes Baptista Ferro	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	Manuel de Sousa Correia de Magalhães	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	Amadeu da Silva Carvalho	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	Nuno Maria Rebelo Vaz Pinto	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	Durval Serrano de Almeida	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	Fernando Augusto Lopes	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	Arménio Nunes Ramires de Oliveira	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	Gabriel de Castro	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	António Pedro Rodrigues Gaspar	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	João Manuel Gonçalves de Oliveira	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	José Vicente Pessoa Gomes Cardoso	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	João Paulo Robin de Andrade	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	Fernando Guilherme Rebocho da Costa Freire	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	Henrique Adriano Mire Dores	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	José Vicente Ribeiro	IAEM	Missão do curso complementar de EM	Alemanha e Bélgica	1/6/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Tenente-coronel	Arnaldo Shultz	CEM	Missão oficial da NATO	Alemanha	1/7/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Tenente-coronel	Manuel Pimenta de Almeida Beja Camões Godinho	CEM	Missão oficial da NATO	Alemanha	1/7/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35

Tenente-coronel	Augusto Casimiro Ferreira Gomes	CEM	Missão oficial da NATO	Alemanha	1/7/57			AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão de artilharia	Nuno Francisco Rogado Quintino	DAA	Radar maintenance NA/MPQ-10 (C)	Signal school - Ansbach - Alemanha	4/8/57	28/9/57	8	AHM/FO/6/G/34/5/243/35
2º Sargento	Paulino Nelson Ferreira Birrento	RAL n.º 2	Radar maintenance NA/MPQ-10 (C)	Signal school - Ansbach - Alemanha	4/8/57	28/9/57	8	AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão de artilharia	António José de Melo Machado	RAL n.º 4	RCAT operation (C)	EUA	3/9/57	29/9/57	8	AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Tenente de infantaria	Lino Correia Baptista Vascon		Electronic warfare (C)	Fort Mowmouth - New Jersey - EUA	18/10/57	17/12/57	8	AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Major	Luiz Manso Conceição Leitão		Projéteis teleguiados (C)	Colégio de aeronáutica - Cranfield - Inglaterra	7/10/57	1/7/57	40,5	AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Tenente-coronel	Joaquim da Luz Cunha	CEM	Estado maior (E)	Escola superior de guerra - Paris - França	15/10/57	29/10/57	2	AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão	José Júlio Costa Júnior		Ordinance general supply (C)	EUA	31/1/57	25/4/57	12	AHM/FO/6/G/34/5/243/35

Tabela n.º VIII - 1958

Posto	Nome	Unidade de colocação	Designação da formação [(C)/(E)/(V)/(M)]	Local da frequência	Período de frequência do curso			Fonte
					Início	Finalização	Duração [semanas]	

Major	Orlando Ferreira Barbosa	CEM	Field security officers (C)	School of military intelligence - Uckfield - Sessex - Inglaterra	22/9/58	18/10/58	4,5	OE nº 2, 2ª Série, 1959, p. 164
Major		CEM	Estágio de instrução tipo A					OE nº 2, 2ª Série, 1959, p. 164
Capitão de infantaria	João Baptista de Sousa Donas Boto		Estado maior (C)	Colégio do EM britânico - Cumberley - Inglaterra	16/1/58	23/12/58	48	OE nº 2, 2ª Série, 1959, p. 164 e AHM/FO/6/G/34/5/243/35
Capitão de artilharia	Rogério Paixão Ribeiro		Engenheiros de armamento e material automóvel (C)	Escola politécnica do exército espanhol - Espanha	15/9/58	15/12/58	13	OE nº 2, 2ª Série, 1959, p. 166
Major de infantaria	José Albano Proença Oliveira	RI nº 14	Infantry officer advanced (C)	Fort Bening - EUA	28/8/58	20/5/59	37	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Capitão de infantaria	Mário Lemos Pires	RI nº 11	Esquiador escalador: parte "unidades especiais" (guerrilha e comandos) do "curso de diploma" (C)	Escola de montanha - Jaca - Huesca - Espanha	14/3/58	5/5/58	8	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Furriel	António A. Farinha Ramajal	RI nº 14	Esquiador escalador: parte "unidades especiais" (guerrilha e comandos) do "curso de diploma" (C)	Escola de montanha - Jaca - Huesca - Espanha	14/3/58	5/5/58	8	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Capitão	Vasco Manuel Fernandes Coucelo	CEM	Reunião de grupos técnicos sobre materiais de telecomunicações	Paris - França	4/2/58	7/2/58	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Capitão de engenharia	Noé David Soares	EE	Reunião de grupos técnicos sobre materiais de telecomunicações	Paris - França	4/2/58	7/2/58	0,5	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Major do serviço de material	Alexandre Gonçalves Gaspar	DGMG	Signal material maintenance	Paris - EUA	16/1/58			AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Tenente de medicina	José Manuel Nobre Viegas Gonçalves Correia	GDCC/ Santa Margarida	Medicina desportiva (E)	Paris - França	3/2/58	2/4/58	8	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Tenente de engenharia	Francisco de Assis Paiva Boleo Tomé		Engineer equipment mechanic (C)	Alemanha	23/3/58	18/5/58	8	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
2º Sargento	António Martins Alpilhão		Engineer equipment mechanic (C)	Alemanha	23/3/58	18/5/58	8	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Furriel	João José Parracho		Engineer equipment mechanic (C)	Alemanha	23/3/58	18/5/58	8	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
1º Cabo	João dos Santos Lazarino		Engineer equipment mechanic (C)	Alemanha	23/3/58	18/5/58	8	AHM/FO/6/G/34/5/243/36

Capitão de artilharia	Fernando Augusto Lopes	CEM	Reunião sobre material radar e sistemas eletrônicos de conduta de tiro	Palácio de Chaillot - Paris - França	12/5/58	14/5/58	1	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Major	Ernesto Antônio Luís Ferreira de Macedo	CEM	NATO staff officers (C)	Intelligence, military police and especial weapens school - Obermargau - Alemanha	30/3/58	14/4/58	2	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Brigadeiro	Arménio Leal Gonçalves		Reunião sobre abastecimento de sobressalentes	Paris - França	18/2/58	1/3/58	2	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Brigadeiro	Carlos Miguel da Silva Freire		Armas especiais para oficiais gerais (C)	Obermerrgau - Alemanha	3/3/58	7/3/58	1	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Brigadeiro	David dos Santos		Armas especiais para oficiais gerais (C)	Obermerrgau - Alemanha	13/10/58	17/10/58	1	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Capitão de engenharia	Bernardino Pires Pombo	EPE	Joint school of chemical warfare (C)	Inglaterra	10/3/58	1/4/58	3	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Tenente-coronel de infantaria	Abel Barroso Hipólito	RI n° 2	Oficiais da 3ª divisão em unidades do exército dos EUA (E)	VLM - Alemanha	4/4/58	14/4/58	2	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Coronel de artilharia tirocinado	João Máximo Tassara Machado	ADiv/3ª Div	Oficiais da 3ª divisão em unidades do exército dos EUA (E)	Goepingen - Alemanha	24/4/58	7/5/58	2	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Capitão de artilharia	Gonçalo Álvares Guedes Vaz	CDMM	Oficiais da 3ª divisão em unidades do exército dos EUA (E)	Badkrivznach - Alemanha	26/4/58	5/5/58	2	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Tenente-coronel	Edmundo da Luz Cunha	RI n° 15	Oficiais da 3ª divisão em unidades do exército dos EUA (E)	Augsburg - Alemanha	16/5/58	25/5/58	2	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Tenente-coronel de infantaria	Mário Agostinho de Mendonça Frazão	RI n° 7	Oficiais da 3ª divisão em unidades do exército dos EUA (E)	Munich - Alemanha	14/6/58	28/6/58	2	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Major de cavalaria	António Herculano de Miranda Dias	DAC	Armored officer advanced (C)	EUA	1/9/58	2/6/59	37	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Capitão de artilharia	José Vasco Rodrigues Ramos	RAP n° 1	Artillery officer advanced (C)	Fort Sill - EUA	28/8/58	5/6/59	36	AHM/FO/6/G/34/5/243/36

Capitão de infantaria	Luís Francisco Soares Albergaria Carreiro da Câmara	EPI						AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Major CEM	Joaquim Frade Gravito	EME	Demonstração de material	França				AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Tenente-coronel CEM	Joaquim da Luz Cunha	IAEM	Instrução de guerra anfíbia NATO	Dorset - Inglaterra	18/5/58	22/5/58	1	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Capitão CEM	Renato Fernando Marques Pinto	EME	Staff intelligence (C)	School of military intelligence - Uckfield - Sessex - Inglaterra	1/9/58	3/11/58	8	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
General	José António da Rocha Beleza Ferraz	EME	Participar em jogos de guerra	Paris - França	28/4/58	3/5/58	1	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
General	Luís Maria da Câmara Pina	IAEM	Participar em jogos de guerra	Paris - França	28/4/58	3/5/58	1	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Capitão	Manuel de Abreu Castelo Branco	CEM	Participar em jogos de guerra	Paris - França	28/4/58	3/5/58	1	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Major CEM	Francisco Maria Rocha Simões	EME	Guerra eletrónica (E)	Bourget-du-Lac (Savoie) - Maiox - França	1/6/58	13/6/58	2	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Coronel de artilharia	José Monteiro de Sousa Leitão	RAC	Assistir fogos reais	Toulon - França	3/5/58	12/5/58	2	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Capitão artilharia CEM	Fernando Augusto Lopes	EME	Assistir fogos reais	Toulon - França	3/5/58	12/5/58	2	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Alferes do serviço de material	António Correia Lopes	EMEI	Assistir fogos reais	Toulon - França	3/5/58	12/5/58	2	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
General	Luís Maria da Câmara Pina	IAEM	Assistir experiências nucleares	Eniwetok - EUA	28/5/58	3/6/58	1	AHM/FO/6/G/34/5/243/36
Major	Carlos Maria Algeos Aires	IAEM	Estado maior (C)	Escola comand and general staff - Leavenworth - EUA	1/7/58	23/6/59	46	AHM/FO/6/G/34/5/243/36

Tabela nº IX - 1959

Posto	Nome	Unidade de colocação	Designação da formação [(C)/(E)/(V)/(M)]	Local da frequência	Período de frequência do curso			Fonte
					Início	Finalização	Duração [semanas]	
2º Furiel mecânico auto	João José Parracho		Mecânico de equipamento de engenharia	Escola de engenharia e do serviço de material do exército dos EUA na Europa, Mornau - Alemanha				AHM/FO/6/G/34/5/243/36

[illegible]

[illegible]

[illegible]

Tenente de cavalaria	5	98	4	57		25		19	5	44		11		39		14	14	
Tenente de engenharia	7		3				1		2		1		3		1			18
Tenente de infantaria	1		3		1		1		1		1				9			
Tenente de medicina			4		1				1				1		7			
Tenente miliciano			1								1				2			
Tenente do serviço de administração militar	1				2										3			
Tenente do serviço de militar									1						1			
Tenente de veterinária			1		1										2			
Capitão	6	98	22	57	11	25	4	19	23	44	1	11	25	39	4	14	96	
Capitão de administração militar	2														2			
Capitão de aeronáutica	34		3				1								38			
Capitão de artilharia	23		8		4		4		2		3		3		5		52	
Capitão de cavalaria	11		10		1		2		15								39	

Capitão de engenharia	14		8		7		5		4		6		3		2				49	
Capitão de engenharia eletrônica													2						2	
Capitão de infantaria	8		3		2		1				1		4		3				22	
Capitão farmacêutico													1						1	
Capitão do serviço de administração militar			2				2												4	
Capitão de medicina			1										1						2	
Major	12	28	12	19	13	16	9	16	12	17	8	13	12	13	5	8			83	130
Major de aeronáutica	5		2																7	
Major de artilharia	1				1		1												3	
Major de cavalaria	3								2						1				6	
Major de engenharia	2		3		2		5		2		3		1						18	
Major de infantaria	5						1				2				1				9	
Major de medicina			2						1										3	
Major do serviço de material															1				1	

Tenente-coronel	2	5		7	10		10	15		5	11		5	6		3	5		22	24		2	4				56	80																					
Tenente-coronel de aeronáutica	2			1																																										3			
Tenente-coronel de artilharia				1																																										1			
Tenente-coronel de cavalaria																																						1								1			
Tenente-coronel de engenharia				1												3											5					1			2											12			
Tenente-coronel de infantaria																																								2						2			
Tenente-coronel de medicina																1											1											1								3			
Tenente-coronel do serviço de administração militar	1															1																														2			
Coronel	5	6		1	5		6	7							1			1	1								13	22																					
Coronel de artilharia																																																2	
Coronel de infantaria																													1																				1
Coronel de cavalaria	1																																																1

Coronel do serviço de administração militar			1																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																												
---	--	--	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

ANEXO F – QUANTIDADE DE FORMAÇÕES POR UNIDADE

Designação dos cursos	Grupos de unidades								
	BA	Escola prática	Escola superior de ensino	Estado maior	Oficina/fábrica/depósito	Outras	Unidade de apoio	Unidade de combate	Não definido
A/C maintenance (C)	3								
A/C mechanic (C)					7				
A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	13				12	2		3	3
ACOSS field officers (C)			1					1	
Aerial photo off (C)	1								
Air conv staff school (C)	1							1	
Air defence (C)								1	
Air trafic control tech (C)						1			
Airborne radio (depot level) (C)	1								
Airborne radio maintenance tech special (C)									2
Aircraft and engine mech gen (C)	21				11	13		4	
Aircraft control tech (C)	3								
Aircraft controler (C)	1					1			
Aircraft maintenance (C)	3								
Aircraft maintenance officer (C)	8					3		4	
Ajudante general officer advanced (C)								1	
Ajudante general school, ordnance school, prebost marshal (V)				1					

Ammunition (C)					2			1	1
Ammunition supply specialist (C)						1		2	
Anestesia (C)						1			
Ap inst mec (depot level) (C)					1				
Ap PWR plant (conv) (C)	1				1				
Aperfeiçoamento em técnica de radar (C)									2
Arbitragem de exercícios militares (E)				2					
Armament logistic officer (C)	2								
Armament officer advanced (C)			1						
Armament officer gen (C)	2							2	
Armament systems officer (C)	2								
Armas especiais (C)				3				1	2
Armas especiais para oficiais gerais (C)									2
Armor communications officer (C)						2			
Armored officer advanced (C)			1					3	
Army aviation tatic (C)		2						2	
Artilharia de costa (E) - intercâmbio de oficiais portugueses e ingleses									1
Artillery officer communications (C)			1						
Artillery battery officer (C)		3	1					1	
Artillery officer advanced (C)		1				1		4	
Artillery officer comuncations (C)		1	1						
Artillery staff (AA) (C)									1
Assistir a exercícios do SHAPE									2
Assistir à realização de exercício hostage II						4			
Assistir à realização de exercício Monte-Carlo				1					
Assistir apresentação de materiais antiaéreos				1					1
Assistir apresentação e demonstração do preditor contaves F/90				1					
Assistir experiências nucleares			1						

Assistir fogos reais		1		1				1	
Assistir a demonstração de veículos de combate britânicos				2					1
Associate advanced ordnance (C)						1			
Associate armored officer basic (C)								3	
Associate engineer officer basic (C)					1				
Associate FA artillery officer basic (C)								3	
Associate ordnance company officer (C)								4	1
Associate quartermaster officer basic (C)									2
Associated armored basic (C)								2	
Assuntos relacionados com serviços				1					1
Automatic field maintenance mechanic (C)		2			2	2	4	8	
Automotive electricien (C)						1	3	5	
Automotive field maintenance mechanics (C)		1					4	4	
Automotive organizational maintenance mechanics (C)							4	10	
Avançado para oficiais do serviço de saúde (C)									1
Aviation medical examiner (C)	1								
Basic combat army communications specialist (C)		1						2	
Captain to major qualifying (C)								1	4
Carries and repeater (C)								3	
Carro de combate M/46 (C)		6						16	
Carro de combate M/47 (C)					1			1	
Carro de combate M/47 (E)		19		1					1
Carro de combate (C)		1						5	
Center FRAC (V)							1		
Centro conjunto de camuflagem (E)				1				1	

Centro de reabastecimentos gerais do serviço de material (C)						1			
Centro ABC de instrução (V)		1							
Centros de mecanografia dos exércitos francês e belga (V)				2		1	1		
Chefe de carro de combate M/47 (C)		15						9	9
Codificação de equipamentos (C)			1						
Colégio de defesa NATO (C)				3					1
Command and general staff officer (C)						2			
Comando e EM (C)			1						
Combat engineer NCO (C)		6	1			1		7	
Command and general staff (C)				5		2		1	1
Command and general staff college, armored school, infantry school, signal school, language school (V)									1
Communication officer air (C)	1								
Communications in infantry and armored units (C)		8				1		3	3
Communications officer (C)	12							2	
Communication chief infantry (C)		2							
Comunications infantry and armored units (C)		4							
Conferência preparatória do exercício "Lion Noir"				3					3
Conferência "AFCENT"									2
Conferência cartográfica			1						
Conferência médica do SHAPE									1
Conjunto das armas (C)		4						4	
Construction equipment mechanic (C)		3							1
Contabilidade junto das tropas americanas (E)									1
Control instrument repair officer (C)								1	
Counter mortar radar (C)								4	2
Defesa ABC (C)								1	
Defesa atômica (C)				4		2			3
Defesa civil (C)				1					

Defesa NATO (C)				1					
Defesa ABC e emprego tático de armas atómicas (C)				1					
Defesa ABC e emprego tático de armas atómicas (E)				3					1
Demolitions, mines and booby traps (C)		5	1					2	
Demonstração de material				1					
Demonstração do potencial das forças terrestre pela 2ª divisão blindada do exército dos EUA "Lion Noir"				2					
Depot repair orientation (C)						1			
Diversos estabelecimentos militares (V)									2
École d'application de l'arme blindée (V)							1		
École d'application du material (V)							1		
École d'application du train (V)							1		
École des troupes aéroportées (C)								4	
Educação física (C)								2	
Electronics fundamentals (C)	8								
Electronics officer air (C)	1								
Electronics officer ground (C)	2								
Electronic warfare (C)									1
Élèves moniteurs parachutiste (C)								3	
Engenharia aeronáutica (C)									2
Engenharia fabril (C)									2
Engenheiros de armamento e material automóvel (C)									1
Engineer equipment maintenance supervisor (C)		3					1	2	
Engineer officer advanced (C)			1					2	1
Engineer company advanced (C)		1							

Engineer company officer (C)		1	1					2	
Engineer equipment mechanic (C)									4
Equipamentos eletrônicos (C)		3							2
Escola de arbitragem (E)				2					
Escola de engenharia americana para oficiais superiores (C)									1
Escola inglesa de cooperação aeroterrestre (C)									1
Escola superior de guerra (C)									1
Escola de aeronáutica (V)		1							
Escolas de eletromecânica americana (V)		4							
Escolas e depósitos (E)				1					6
Escolas e depósitos (V)									3
Especial de instrução «MDAP supply orientation» (C)								1	
Especialista de abastecimento de material (C)						2			
Especialista de armazenagem de munições (C)		1						3	
Esquiador escalador (C)						1		11	2
Esquiador escalador: parte "unidades especiais" (guerrilha e comandos) do "curso de diploma" (C)								2	
Estado maior (C)			1	2		4			2
Estado maior (E)				1					
Estágio de instrução tipo A				1					
Estudo de modos de tiro (C)		1							
Exercício "Hellenic sky I"				1					
Exercício "Wooden horse"				2					
Exercício de postos de comando				1					1
Exercício de tiro		1	1						
Explosive ordnance disposal (C)								4	
FA fire control equipment e FA fire direction center (C)								5	2
Fábricas de materiais relacionadas com a FMBP (V)					1				
Field communications chiefs (C)		1						2	

Field security officers (C)				1					
Fire control instruments repair officer (C)						1		1	
Fire control instrument repairman (C)			2			2		1	
Fire instrument repairman course (C)							1		
Forças armadas dos EUA (E)								4	
Fotografia (C)			1						
Fotografic interpretation (C)				1					
Fundamentos de eletrônica e manejo, funcionamento e avarias do radar de tiro antiaéreo n° 3 MKVII (C)		1							2
Gen A/C accessories (depot level) (C)					1				
General supply management (C)				1			1	1	
Grandes unidades americanas (E)				4		1			5
Ground radar equipment repair (C)							1		
Guerra atômica para oficiais do EM (C)				2					
Guerra eletrônica (E)				1					
HF radio maintenance (C)	2								
HF radio maintenance (depot level) (C)					1				
Higiene militar (E)			1						
Infantry communication officer (C)		1							
Infantry company officer (C)		1	1						
Infantry officer advanced (C)			2					6	
Infantry officer basic (C)		2							
Infantry weapons heavy e infantry weapons light (C)								3	
Instituto de defesa NATO (C)				1					
Instrução (E)				1					

Instrução de guerra anfíbia NATO			1						
Instrução de oficiais do EM de transmissões dos países NATO e comandos subordinados do SHAPE (C)			1						
Instrução prática em unidades do exército dos EUA (E)									2
Instruments field maintenance (C)	1								
Instruments pilot instructor school (C)	5							1	1
Instrutores gerais de defesa civil (C)								1	
Instrutor paraquedistas (C)								2	
Intermediate meteorological (C)	3								
Instruments pilot (C)	2							2	
Joint school of chemical warfare (C)		1							
Liaison pilot (C)		2						2	
Lieutenant to captain qualifying (C)									1
Link-trainer oper mechanic (C)	3							1	
Manobras militares		1		8		5		15	31
Manual central office maintenance (C)		2						3	1
Manutenção do carro de combate M/46 (C)					14				
Manutenção e instrução do carro de combate M/46 (C)	1							2	4
MDAP supply orientation (C)						1			
Meat and dairy hygiene officer (C)		1							
Mecânico de carro de combate (C)		12						9	1
Mecânico de centro criptográfico (C)									1
Mecânico de equipamento de engenharia						1			
Mecânico de instrumentos						1			
Mecânico de material radar (C)		2							
Mecânico de viaturas de lagartas (E)		6							
Medical officer advanced (C)							1		
Medicina desportiva (E)								1	
Military police officer advanced (C)						1			

Missão "saclant"				1		1			
Missão da defesa civil				2					1
Missão do comando-geral da defesa do território civil								1	
Missão do curso complementar de EM			44						
Missão em Inglaterra									3
Missão especial da CHECIE (cifra)								1	
Missão oficial da NATO				3					
Missão para inspeção de material de instrução			1						
Monitor de educação física (C)		1						1	
NA/APG-30 sighting systems mech (C)	2								
NATO land/air warfare (C)				1					
NATO staff officers (C)				2					
O-5 High speed tractor mechanic (C)									4
Observador (C)	2								
Observador de instrução (C)				1					
Officer combat intelligence (C)		4							
Oficiais comandantes de transmissões (C)									1
Oficiais da 3ª divisão em unidades do exército dos EUA (E)						1		4	
Oficiais EM nos QG adidos (E)				3					
Oficiais generais de guerra eletrónica (C)				1					
Oficiais mecânicos de blindados (C)									2
Oficiais superiores engenheiros (C)		1							
Operacional em unidades americanas (E)				1				4	
Operações anfíbias (C)			2						
Operações anfíbias (E)			1						1

Radio maintenance e airframe and engine maintenance (C)								1	
Radio repair (C)		4			4	1	1	15	
RCAT operation (C)								1	
RCEME officers basic (C)									1
Reabastecimento de munições								1	
Reabastecimentos gerais do serviço de material (C)								1	
Reunião da comissão da defesa civil NATO				1					
Reunião de armas de pequeno calibre				1					
Reunião de estratégia no centro de instrução de estratégia do norte				2					
Reunião de grupos técnicos sobre materiais de telecomunicações			1	1					
Reunião sobre abastecimento de sobressalentes									1
Reunião sobre material radar e sistemas eletrónicos de conduta de tiro				1					
Reunião sobre processos de munições					2				
Sapadores, instrução, tipo americano (E)									1
Saúde; visitas a brooke army hospital, army medical service school e brooke army medical center (E)									2
Serviços químicos do exército belga (V)									1
Signal armored (C)					1				
Signal company dos EUA (V)								1	
Signal company officer (C)			2					3	2
Signal material maintenance					1				
Signal message supervisor (C)								2	
Signal officer advanced (C)			1					2	2
Signal school (C)			1	1					1

Signal school, infantry school, armored school, 3ª armored division, command general staff college, army language school (V)				1					1
Special armored (C)					1				
Special engineer (C)						1			
Staff indoctrination (C)	1		1						
Staff indoctrination (V)						3		1	
Staff intelligence (C)				1					
Stage d' élèves moniteurs parachutistes (C)									4
Subsistence technology officer (C)						1			
Superior de guerra (C)			1						
Supply officer (C)	3							1	
Supply officer gen (C)	2					2			
Tank commander (C)		2						2	
Tank organization maintenance M-24 e tank field maintenance M-24 (C)		2				1		1	
Tank organization maintenance M-24 e tank field maintenance M-24 infantry weapons heavy e infantry weapons light (C)		1							
Tecnical instructor (C)									2
Teletype repair (C)		1							
Transmissões (C)									1
Transmissões das nações NATO e comandos subordinados (C)									1
Transmissões de cavalaria (C)		1							
Transmition (SA-16) (C)	6								
Transportation officer advanced (C)								3	1
Unidades do exército britânico - intercâmbio "au pair" (E)		2							
Verificar o estado do material cedido ao Exército português pelo governo inglês			3	1			1		
VHF/FM maintenance (field level) (C)	1								
Visita a centros de instrução e treino				1					
Visita fábricas de materiais relacionadas com a FMBP (V)					1				

Wheel vehicle repairman (C)						4		1	
Wire communication (C)								2	
Wreches crewmav (C)						1		1	
Zona britânica salas de operações de agrupamento e bateria de AAA (V)									2
Não definido	6	1			5	1	2	4	1
TOTAL	161	161	98	108	79	89	29	316	183

ANEXO G - QUANTIDADE DE CURSOS DE CADA TIPO POR ANO

[illegible]

Ammunition (C)	4								4	0,33%
Ammunition supply specialist (C)			2			1			3	0,25%
Anesthesia (C)		1							1	0,08%
Ap inst mec (depot level) (C)	1								1	0,08%
Ap PWR plant (conv) (C)	2								2	0,16%
Aperfeiçoamento em técnica de radar (C)						2			2	0,16%
Arbitragem de exercícios militares (E)			2						2	0,16%
Armament logistic officer (C)		2							2	0,16%
Armament officer advanced (C)	1								1	0,08%
Armament officer gen (C)	4								4	0,33%
Armament systems officer (C)		2							2	0,16%
Armas especiais (C)					5		1		6	0,49%
Armas especiais para oficiais generais da NATO (C)								2	2	0,16%
Armor communications officer (C)				1	1				2	0,16%
Armored officer advanced (C)	1	2						1	4	0,33%
Army aviation tatic (C)			4						4	0,33%
Artilharia de costa (E) - intercâmbio de oficiais portugueses e ingleses				1					1	0,08%
Artillery officer communications (C)			1						1	0,08%
Artillery battery officer (C)		5							5	0,41%
Artillery officer advanced (C)		4				1		1	6	0,49%
Artillery officer comuncations (C)					2				2	0,16%
Artillery staff (AA) (C)	1								1	0,08%
Assistir a exercícios do SHAPE				2					2	0,16%
Assistir à realização de exercício hostage II			4						4	0,33%

Carries and repeater (C)	3									3	0,25%
Carro de combate M/46 (C)		22								22	1,80%
Carro de combate M/47 (C)		2								2	0,16%
Carro de combate (C)			6							6	0,49%
Carro de combate M/47 (E)					21					21	1,72%
Centre FRAC (V)				1						1	0,08%
Centro conjunto de camuflagem (E)				1		1				1	0,16%
Centro de reabastecimentos gerais do serviço de material (C)							1			1	0,08%
Centro ABC de instrução (V)					1					1	0,08%
Centros de mecanografia dos exércitos francês e belga (V)			4							4	0,33%
Chefe de carro de combate M/47 (C)					33					33	2,7%
Codificação de equipamentos (C)							1			1	0,08%
Colégio de defesa NATO (C)			1		2		1			4	0,33%
Command and general staff officer (C)					2					2	0,16%
Comando e EM (C)						1				1	0,08%
Combat enginner NCO (C)			6		3	5	1			15	1,23%
Command and general staff (C)	3	5	1							9	0,74%
Command and general staff college, armored school, infantry school, signal school, language school (V)			1							1	0,08%
Communication officer air (C)	1									1	0,08%
Communications in infantry and armored units (C)	15									15	1,23%
Communications officer (C)	14									14	1,14%
Communications chief infantry (C)							2			2	0,16%
Communications infantry and armored units (C)			4							4	0,33%
Conferência preparatória do exercício "Lion Noir"						6				6	0,49%

Conferência "AFCENT"							2			2	0,16%
Conferência cartográfica						1				1	0,08%
Conferência médica do SHAPE							1			1	0,08%
Conjunto das armas (C)				8						8	0,65%
Construction equipment mechanic (C)	3		1							4	0,33%
Contabilidade junto das tropas americanas (E)			1							1	0,08%
Control instrument repair officer (C)		1								1	0,08%
Counter mortar radar (C)	6									6	0,49%
Defesa ABC (C)				1						1	0,08%
Defesa atômica		8		1						9	0,74%
Defesa civil (C)							1			1	0,08%
Defesa NATO (C)			1							1	0,08%
Defesa ABC e emprego tático de armas atômicas (C)			1							1	0,08%
Defesa ABC e emprego tático de armas atômicas (E)			4							4	0,33%
Demolitions, mines and booby traps (C)	5						3			8	0,66%
Demonstração de material								1		1	0,08%
Demonstração do potencial das forças terrestre pela 2ª divisão blindada do exército dos EUA "Lion Noir"							2			2	0,16%
Depot repair orientation (C)	1									1	0,08%
Diversos estabelecimentos militares (V)			2							2	0,16%
École d'application de l' arme blindée (V)				1						1	0,08%
École d'application du material (V)				1						1	0,08%

École d'application du train (V)				1						1	0,08%
École des troupes aéroportées (C)	4									4	0,33%
Educação física (C)					2					2	0,16%
Electronics fundamentals (C)	8									8	0,65%
Electronics officer air (C)	1									1	0,08%
Electronics officer ground (C)	2									2	0,16%
Electronic warfare (C)							1			1	0,08%
Élèves moniteurs parachutiste (C)		3								3	0,25%
Engenharia aeronáutica (C)	2									2	0,16%
Engenharia fabril (C)	2									2	0,16%
Engenheiros de armamento e material automóvel (C)								1		1	0,08%
Engineer equipment maintenance supervisor (C)			6							6	0,49%
Engineer officer advanced (C)			4							4	0,33%
Engineer company advanced (C)		1								1	0,08%
Engineer company officer (C)		4								4	0,33%
Engineer equipment mechanic (C)								4		4	0,33%
Equipamentos eletrônicos (C)				5						5	0,41%
Escola de arbitragem (E)			2							2	0,16%
Escola de engenharia americana para oficiais superiores (C)			1							1	0,08%
Escola inglesa de cooperação aeroterrestre (C)				1						1	0,08%
Escola superior de guerra (C)	1									1	0,08%
Escolas de aeronáutica (V)				1						1	0,08%
Escolas de eletromecânica americana (V)			4							4	0,33%
Escolas e depósitos (E)				7						7	0,57%
Escolas e depósitos (V)				3						3	0,25%

Especial de instrução «MDAP supply orientation» (C)							1			1	0,08%
Especialista de abastecimento de material (C)				2						2	0,16%
Especialista de armazenagem de munições (C)						4				4	0,33%
Esquiador escalador (C)				6	2		6			14	1,14%
Esquiadores-escaladores: parte "unidades especiais" (guerrilha e comandos) do "curso de diploma" (C)								2		2	0,16%
Estado maior (C)	2	1	2	1	1			2		9	0,74%
Estado maior (E)							1			1	0,08%
Estágio de instrução tipo A								1		1	0,08%
Estudo de modos de tiro (C)	1									1	0,08%
Exercício "Hellenic sky I"				1						1	0,08%
Exercício "Wooden horse"				2						2	0,16%
Exercício de postos de comando					1		1			2	0,16%
Exercício de tiro	2									2	0,16%
Explosive ordnance disposal (C)				2	2					4	0,33%
FA fire control equipment e FA fire direction center (C)	7									7	0,57%
Fábricas de materiais relacionadas com a FMBP (V)							1			1	0,08%
Field communications chiefs (C)				3						3	0,25%
Field security officers (C)								2		2	0,16%
Fire control instruments repair officer (C)		2								2	0,16%
Fire control instrument repairman (C)							5			5	0,41%
Fire instrument repairman (C)			1							1	0,08%

[illegible]

Instruments pilot instructor school (C)	7									7	0,57%
Instrutores gerais de defesa civil (C)						1				1	0,08%
Instrutores paraquedistas (C)					2					2	0,16%
Intermediate meteorological (C)	2	1								3	0,24%
Intruments pilot (C)	4									4	0,33%
Joint school of chemical warfare (C)								1		1	0,08%
Liaison pilot (C)		4								4	0,33%
Lieutenant to captain qualifying (C)	1									1	0,08%
Link-trainer oper mechanic (C)	4									4	0,33%
Manobras militares	17	16			29					62	5,08%
Manual central office maintenance (C)				3	3					6	0,49%
Manutenção de carro de combate M-46 (C)		8	6							14	1,14%
Manutenção e instrução do carro de combate M/46 (C)	7									7	0,57%
MDAP supply orientation (C)							1			1	0,08%
Meat and dairy hygiene officer (C)			1							1	0,08%
Mecânico de carro de combate (C)				1	21					22	1,80%
Mecânico de centro criptográfico (C)					1					1	0,08%
Mecânico de equipamento de engenharia									1	1	0,08%
Mecânico de instrumentos			1							1	0,08%
Mecânico de material radar (C)			2							2	0,16%
Mecânico de viaturas de lagartas (C)					6					6	0,49%

Medical officer advanced (C)		1							1	0,08%
Medicina desportiva (E)								1	1	0,08%
Military police officer advanced (C)			1						1	0,08%
Missão "Saclant"		2							2	0,16%
Missão da defesa civil				3					3	0,25%
Missão do comando-geral da defesa do território civil						1			1	0,08%
Missão do curso complementar de EM							44		44	3,59%
Missão em Inglaterra		3							3	0,25%
Missão especial da CHECIE (cifra)				1					1	0,08%
Missão oficial da NATO							3		3	0,25%
Missão para inspeção de material de instrução		1							1	0,08%
Monitor de educação física (C)					2				2	0,16%
NA/APG - 30 sighting systems mech (C)		2							2	0,16%
NATO land / air warfare (C)		1							1	0,08%
NATO staff officers (C)			1					1	2	0,16%
O-5 High speed tractor mechanic (C)					4				4	0,33%
Observador (C)	2								2	0,16%
Observador de instrução (C)						1			1	0,08%
Officer combat intelligence (C)	2	2							4	0,33%
Oficiais comandantes de transmissões (C)			1						1	0,08%
Oficiais da 3ª divisão em unidades do exército dos EUA (C)								1	1	0,08%
Oficiais da 3ª divisão em unidades do exército dos EUA (E)								4	4	0,33%
Oficiais EM nos QG adidos (E)		3							3	0,25%
Oficiais gerais de guerra eletrónica (C)						1			1	0,08%
Oficiais mecânicos de blindados (C)					2				2	0,16%

Oficiais superiores engenheiros (C)						1				1	0,08%
Operacional em unidades americanas (E)			5							5	0,41%
Operações anfíbias (C)						2				2	0,16%
Operações anfíbias (E)				1	1					2	0,16%
Operações especiais (C)							2			2	0,16%
Operadores de centro criptográfico (C)					1					1	0,08%
Operadores e mecânicos de máquinas de cifrar (C)		2								2	0,16%
Ordnance general supply (C)							1			1	0,08%
Ordnance officer basic (C)	3	1								4	0,33%
Ordnance parts supply	1									1	0,08%
Ordnance supply specialist (C)				6	6		5			17	1,39%
Organismos de instrução (E)						2				2	0,16%
Organização militar							2			2	0,16%
Orientação de EM de transmissões (C)					1					1	0,08%
Orientação de uma bateria de combate (V)	8									8	0,65%
Orientação para oficiais de transmissões do EM da NATO						1				1	0,08%
Orientação para oficiais superiores de transmissões das nações NATO (C)						1				1	0,08%
Ótica (C)					1					1	0,08%
Paraquedismo (C)			1		2					3	0,25%
Participar em jogos de guerra								3		3	0,25%
Parts identification (C)						4	4			8	0,65%

[illegible]

Tank commander (C)		4								4	0,33%
Tank organization maintenance M-24 e tank field maintenance M-24 (C)		4								4	0,33%
Tank organization maintenance M-24 e tank field maintenance M-24 infantry weapons heavy e infantry weapons light (C)		1								1	0,08%
Tecnical instructor (C)							2			2	0,16%
Teletype repair (C)		1								1	0,08%
Transmissões (C)	1									1	0,08%
Transmissões das nações NATO e comandos subordinados (C)				1						1	0,08%
Transmissões de cavalaria (C)				1						1	0,08%
Transmition (SA-16) (C)	2	4								6	0,49%
Transportation officer advanced (C)			3		1					4	0,33%
Unidades do exército britânico - intercâmbio "Au pair" (E)				2						2	0,16%
Verificar o estado do material cedido ao Exército português pelo governo inglês						5				5	0,41%
VHF/FM maintenance (field level) (C)	1									1	0,08%
Visita a centros de instrução e treino					1					1	0,08%
Visita fábricas de materiais relacionadas com a FMBP (V)							1			1	0,08%
Wheel vehicle repairman (C)							5			5	0,41%
Wire communication (C)		2								2	0,16%
Wreches crewmav (C)	2									2	0,16%
Zona britânica salas de operações de agrupamento e bateria de AAA (V)			2							2	0,16%
Não definido	18						1			19	1,55%
TOTAL	376	219	157	89	169	55	117	41	1	1224	100,00%

ANEXO H – MANUAIS CRIADOS PELO EXÉRCITO PORTUGUÊS NA DÉCADA DE 50

Listagem dos manuais criados pelo Exército português na década de 50									
1950	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958	1959
Ministério do Exército (1950), <i>Manual para a instrução do condutor militar de viaturas automóveis (automóveis e motocicletas)</i> , Direção da Arma de Engenharia, Lisboa, EME	Ministério do Exército (1951), <i>Regulamento de Educação Física do Exército</i> , parte IV, Luta de Defesa Pessoal, Comissão Superior de Educação Física do Exército, Lisboa, 1ª Repartição, EME	Ministério do Exército (1952), <i>Instruções para o uso dos equipamentos individuais e arreios</i> , Direção da Arma de Artilharia, Lisboa, EME	Ministério do Exército (1953), <i>Obus de montanha 7,5 cm M/940 e munições</i> , 1ª Repartição, Lisboa, Direção da Arma de Artilharia, EME	Ministério do Exército (1954), <i>Regulamento de Campanha e Informações</i> , 2ª Repartição, EME, junho, Portaria nº 14.860	Ministério do Exército (1955), <i>Código de Sinais e Abreviaturas</i> , 1ª Repartição, EME	Ministério do Exército (1956), <i>Instruções para o serviço de arbitragem</i> , 1ª Direção-geral, Lisboa, 1ª Repartição, EME	Ministério do Exército (1957), <i>Canhão S/R 5,7 cm m (M/18)52</i> , Instruções provisórias, Lisboa, EME	Ministério do Exército (1958), <i>RNEEP - Relação nominal das especialidades do Exército Português</i> , Lisboa, EME	Ministério do Exército (1959), <i>Instruções para o emprego das metralhadoras no tiro com bala simulada e normas para a sua conservação, metralhadora ligeira Dryse 7,9 m/938</i> , Lisboa, EME
Ministério da Guerra (1950), <i>Regulamento tático da infantaria</i> , 1ª e 2ª partes, ordem unida de combate, companhia de atiradores motociclistas do batalhão de metralhadora, Lisboa, Direção da Arma de Infantaria, EME	Ministério do Exército (1951), <i>Regulamento dos Campeonatos Desportivos Militares</i> - [S.I.], EME	Ministério do Exército (1952), <i>Regulamento de provas equestres e motorizadas</i> , Lisboa, Direção da Arma de Cavalaria, EME	Ministério do Exército (1953), <i>Regulamento para o serviço de campanha</i> , Administração (serviços), RC 100-10. - Lisboa, 4ª Repartição, EME, Tradução e adaptação do FM 100-10 dos EUA	Ministério do Exército (1954), <i>Pistola-metralhadora FBP, 9 mm-m/948</i> , (instruções provisórias), Lisboa, EME	Ministério do Exército (1955), <i>Instruções gerais para a instalação e serviço de paióis</i> , Lisboa, 2ª Repartição, Direção da Arma de Artilharia, 1º volume, EME	Ministério do Exército (1956), <i>Regulamento de Educação Física</i> , anexo II, Diretivas para a instrução de esgrima e combate à baioneta e e luta individual, Lisboa, Comissão Superior de Educação Física do Exército, EME	Ministério do Exército (1957), <i>Regulamento de Educação Física do Exército</i> , Anexo IV, Diretivas para a instrução de ginástica, Comissão Superior de Educação Física do Exército, Lisboa, EME		Ministério do Exército (1959), <i>Métodos de instrução (Instruções provisórias)</i> , Lisboa, 3ª Direção-geral, EME

Ministério da Guerra (1950), <i>Serviço de campanha: Manual para os trabalhos de gabinete e de campo</i> , TenCor. Armando Luiz Pinto. - 3. ^a ed. - [S.l.] : Escola do Exército		Metralhadora pesada browning cal. 12,7mm m/951 (1952), Instruções provisórias, Lisboa, EME, Adaptação dos manuais americanos TM 9-1225 e FM 23-65	Ministério do Exército (1953), <i>Regulamento para o serviço de campanha: Administração (serviços)</i> , RC 100-10. - Lisboa, 4. ^a Repartição, EME, Tradução e adaptação do FM 100-10 dos EUA	Ministério do Exército (1954), <i>Regulamento do Serviço de Saúde nas zonas de combate e de comunicações</i> (Provisório), 4. ^o Repartição, EME	Ministério do Exército (1955), <i>Instruções Gerais para a instalação e serviço de paióis</i> , 2. ^a Repartição, EME, Direção da Arma de Artilharia, 2. ^o volume	Ministério do Exército (1956), <i>Regulamento de campanha, Polícia do Exército</i> , 3. ^a Direção-geral, 4. ^a Repartição, EME	Ministério do Exército (1957), <i>Regulamento para a instrução de ordem unida na arma de artilharia, escalão de pelotão, bateria, grupo e regimento</i> , Direção da Arma de Artilharia, 1. ^a Repartição, EME		Ministério do Exército (1959), <i>Regulamento para a instrução da artilharia ligeira, material 8,8 cm m/943 e m/946</i> , instrução do artilheiro servente, parte VI, Direção da Arma de Artilharia, 1. ^a Repartição, EME
			Ministério do Exército (1953), <i>Manual dos maqueiros</i> , Lisboa	Ministério do Exército (1954), <i>Regulamento de campanha operações especiais</i> (Provisório) - Lisboa, EME	Ministério do Exército (1955), <i>Instruções para o emprego do emissor-receptor BC-611 Rádio-micro</i> , Direção da Arma de Engenharia, Inspeção das tropas de transmissões	Ministério do Exército (1956), <i>Regulamento de Educação Física do Exército</i> , Anexo I, Diretivas para a instrução de ginástica, Comissão Superior de Educação Física do Exército, EME	Ministério do Exército (1957), <i>Regulamento para o emprego tático de arma atômicas</i> , parte I e II, 3. ^a Direção-geral, 2. ^a Repartição, EME		Ministério do Exército (1959), <i>Regulamento para a instrução de munições de artilharia de campanha</i> , Direção da Arma de Artilharia, 1. ^a Repartição, EME
			Ministério do Exército (1953), <i>Lança-foguetes 8,9 cm m/52 (M20B1)</i> , Instruções provisórias, Lisboa, EME, Adaptação do manual americano TM9-297	Ministério do Exército (1954), <i>Instruções para a defesa A B Q</i> , Lisboa, EME	Ministério do Exército (1955), <i>Instruções para o manejo do posto rádio N° 21</i> , Lisboa, Direção da Arma de Engenharia, Inspeção das tropas de transmissões, EME	Ministério do Exército (1956), <i>Regulamento para a instrução e emprego das tropas de cavalaria (unidades de carros de combate)</i> , parte II, esquadrão de carros em cooperação com os regimentos de infantaria, Lisboa, Direção da Arma de Cavalaria, 2. ^a Repartição, EME	Ministério do Exército (1957), <i>Regulamento geral para a instrução do Exército</i> , Lisboa, EME		Ministério do Exército (1959), <i>Regulamento tático do batalhão de infantaria</i> , Lisboa, 3. ^a Direção-geral, 1. ^a Repartição, EME

			Ministério do Exército (1953), Manual de maqueiros, Lisboa, Direção do Serviço de Saúde Militar, EME	Ministério do Exército (1954), <i>Instruções para os trabalhos periódicos de manutenção no carro de combate M/47</i> , Lisboa, EME	Ministério do Exército (1955), <i>Regulamento de campanha, Serviço de Material</i> , I parte, Material, Lisboa, 3ª Direção-geral, 4ª Repartição, EME	Ministério do Exército (1956), <i>Regulamento de camuflagem Materiais</i> , Lisboa, <i>Inspeção das Tropas de Sapadores</i> , Adaptação do FM-5-22 de janeiro de 1956	Ministério do Exército (1957-1958), <i>Manual de campanha de Engenharia</i> (FM 5-6 do Exército dos E.U.A.) 15.ª cadeira, Lisboa, Escola do Exército		Ministério do Exército (1959), <i>Organização geral do Ministério do Exército</i> , (Dec.-Lei 42564), Lisboa
				Ministério do Exército (1954), <i>Regulamento do serviço de transportes militar nos teatros de operações</i> , Lisboa, 4ª Repartição, EME	Ministério do Exército (1955), <i>Regulamento para a instrução de sapadores das armas, Direção da Arma de Engenharia, Inspeção de tropas sapadoras</i> , EME	Ministério do Exército (1956), <i>Regulamentos da Escola do Exército</i> - [S.l: s.n.]	Ministério do Exército (1957), <i>Serviço de materia, Manual dos serviços de manutenção orgânica</i> (1º e 2º escalões), Lisboa, Direção da Arma de Engenharia		Ministério do Exército (1959), Manual de <i>Legislação Militar</i> , notas, extractos e transcrições, Tenente Mário de Figueiredo, Lisboa
				Ministério do Exército (1954), <i>Regulamento de educação física do exército: Natação</i> , Lisboa, EME	Ministério do Exército (1955) <i>Regulamento para o serviço de campanha, Serviço de Intendência</i> , Lisboa, 4ª Repartição, EME				Ministério do Exército (1959), <i>Manual de inquéritos demográficos</i> , Nuno Alves Morgado, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, EME
				Ministério do Exército (1954), <i>Regulamento do serviço de quartel-mestre no teatro de operações</i> , Lisboa, 4ª Repartição, EME	Ministério do Exército (1955), <i>Regulamento para o serviço de campanha</i> , Serviço de Saúde, Lisboa, 4ª Repartição, EME				

				Ministério do Exército (1954), <i>Regulamento do serviço de saúde nas zonas de combate e comunicações, no Exército dos Estados Unidos da América</i> , Lisboa, Editorial Império	Ministério do Exército (1955) <i>Regulamento de campanha</i> , Serviço de Material, Lisboa, 4ª Repartição, EME, I vol. Material, II vol. Munições			
--	--	--	--	---	--	--	--	--

ANEXO I – DURAÇÃO DAS FORMAÇÕES EM SEMANAS POR CURSO EM CADA ANO

[illegible]

Ammunition supply specialist (C)			9			4				13	0,09%
Anestesia (C)		27								27	0,18%
Ap inst mec (depot level) (C)	4,5									4,5	0,03%
Ap PWR plant (conv) (C)	9									9	0,06%
Aperfeiçoamento em técnica de radar (C)						9				9	0,06%
Arbitragem de exercícios militares (E)			4							4	0,03%
Armament logistic officer (C)		36								36	0,24%
Armament officer advanced (C)	37									37	0,25%
Armament officer gen (C)	106									106	0,70%
Armament systems officer (C)		36								36	0,24%
Armas especiais (C)					6		1,5			7,5	0,05%
Armas especiais para oficiais generais da NATO (C)								2		2	0,01%
Armor communications officer (C)				13,5	13,5					27	0,18%
Armored officer advanced (C)	37	82						37		156	1,04%
Army aviation tatic (C)			48							48	0,32%
Artilharia de costa (E) - intercâmbio de oficiais portugueses e ingleses				3						3	0,02%
Artillery officer communications (C)			14							14	0,09%
Artillery battery officer (C)		90								90	0,60%
Artillery officer advanced (C)		168				36		36		240	1,59%
Artillery officer comuncations (C)					28					28	0,19%
Artillery staff (AA) (C)										0	0,00%
Assistir a exercícios do SHAPE				2						2	0,01%
Assistir a manobras militares					56,5					56,5	0,37%
Assistir à realização de exercício hostage II			2							2	0,01%
Assistir à realização de exercício Monte-Carlo			0,5							0,5	0,00%
Assistir apresentação de materiais antiaéreos					2					2	0,01%
Assistir apresentação e demonstração do preditor contaves F/90				0,5						0,5	0,00%
Assistir experiências nucleares								1		1	0,01%

[illegible]

[illegible]

Engineer equipment mechanic (C)								32		32	0,21%
Equipamentos eletrônicos (C)				67,5						67,5	0,45%
Escola de arbitragem (E)			4							4	0,03%
Escola de engenharia americana para oficiais superiores (C)			3							3	0,02%
Escola inglesa de cooperação aeroterrestre (C)				1						1	0,01%
Escola superior de guerra (C)										0	0,00%
Escolas de aeronáutica (V)				1						1	0,01%
Escolas de eletromecânica americana (V)			6							6	0,04%
Escolas e depósitos (E)				28						28	0,19%
Escolas e depósitos (V)										0	0,00%
Especial de instrução «MDAP supply orientation» (C)							4			4	0,03%
Especialista de abastecimento de material (C)										0	0,00%
Especialista de armazenagem de munições (C)						16				16	0,11%
Esquiador escalador (C)				112	62		60			234	1,55%
Esquiador escalador: parte "unidades especiais" (guerrilha e comandos) do "curso de diploma" (C)								16		16	0,11%
Estado maior (C)			104	47	104			94		349	2,31%
Estado maior (E)							2			2	0,01%
Estágio de instrução tipo A										0	0,00%
Estudo de modos de tiro (C)	4									4	0,03%
Exercício "Hellenic sky I"				0,5						0,5	0,00%
Exercício "Wooden horse"				2						2	0,01%
Exercício de postos de comando					0,5		1			1,5	0,01%
Exercício de tiro	8									8	0,05%
Explosive ordnance disposal (C)				24	24					48	0,32%
FA fire control equipment e FA fire direction center (C)	28									28	0,19%
Fábricas de materiais relacionadas com a FMBP (V)										0	0,00%
Field communications chiefs (C)				30						30	0,20%
Field security officers (C)								9		9	0,06%

Fire control instruments repair officer (C)		42							42	0,28%
Fire control instruments repairman (C)						32,5			32,5	0,22%
Fire instrument repairman (C)			6,5						6,5	0,04%
Forças armadas dos EUA (E)				8					8	0,05%
Fotografia (C)						4			4	0,03%
Fotografic interpretation (C)									0	0,00%
Fundamentos de eletrônica e manejo, funcionamento e avarias do radar de tiro antiaéreo nº 3 MKVII (C)				36					36	0,24%
Gen A/C accessories (depot level) (C)	4,5								4,5	0,03%
General suply management (C)		74							74	0,49%
Grandes unidades americanas (E)			36						36	0,24%
Ground radar equipment repair (C)		33							33	0,22%
Guerra atômica para oficiais do EM (C)						3			3	0,02%
Guerra eletrônica (E)							2		2	0,01%
HF radio maintenance (C)		18							18	0,12%
HF radio maintenance (depot level) (C)	9								9	0,06%
Higiene militar (E)			4,5						4,5	0,03%
Infantry communication officer (C)			16						16	0,11%
Infantry company officer (C)		23							23	0,15%
Infantry officer advanced (C)	156	36				52		37	281	1,86%
Infantry officer basic (C)		30							30	0,20%
Infantry weapons heavy e infantry weapons light (C)		7,5							7,5	0,05%
Instituto de defesa NATO (C)									0	0,00%
Instrução (E)						2			2	0,01%
Instrução de guerra anfíbia NATO								1	1	0,01%

[illegible]

Missão da defesa civil				3						3	0,02%
Missão do comando-geral da defesa do território civil						3,5				3,5	0,02%
Missão do curso complementar de EM										0	0,00%
Missão em Inglaterra										0	0,00%
Missão especial da CHECIE (cifra)				2						2	0,01%
Missão oficial da NATO										0	0,00%
Missão para inspeção de material de instrução		2								2	0,01%
Monitor de educação física (C)					8					8	0,05%
NA/APG-30 Sighting systems mech (C)		20								20	0,13%
NATO land/air warfare (C)		14,5								14,5	0,10%
NATO staff officers (C)			50					2		52	0,34%
O-5 High speed tractor mechanic (C)					16					16	0,11%
Observador (C)	8									8	0,05%
Observador de instrução (C)						3				3	0,02%
Officer combat intelligence (C)	27,5	9								36,5	0,24%
Oficiais comandantes de transmissões (C)			30							30	0,20%
Oficiais da 3ª divisão em unidades do exército dos EUA (C)								2		2	0,01%
Oficiais da 3ª divisão em unidades do exército dos EUA (E)								8		8	0,05%
Oficiais EM nos QG adidos (E)		40,5								40,5	0,27%
Oficiais gerais de guerra eletrónica (C)						0,5				0,5	0,00%
Oficiais mecânicos de blindados (C)					8					8	0,05%
Oficiais superiores engenheiros (C)						39				39	0,26%
Operacional em unidades americanas (E)										0	0,00%
Operações anfíbias (C)						3				3	0,02%
Operações anfíbias (E)				1,5	1,5					3	0,02%

[illegible]

Radio maintenance (radio control aircraft target) (C)						1				1	0,01%
Radio maintenance e airframe and engine maintenance (C)							2			2	0,01%
Radio repair (C)	241		124							365	2,42%
RCAT operation (C)							8			8	0,05%
RCEME officers basic (C)										0	0,00%
Reabastecimento de munições										0	0,00%
Reabastecimentos gerais do serviço de material (C)										0	0,00%
Reunião da comissão da defesa civil NATO				1						1	0,01%
Reunião de armas de pequeno calibre							1			1	0,01%
Reunião de estratégia no centro de instrução de estratégia do norte	1,2									1,2	0,01%
Reunião de grupos técnicos sobre materiais de telecomunicações								1		1	0,01%
Reunião sobre abastecimento de sobressalentes								2		2	0,01%
Reunião sobre material radar e sistemas eletrónicos de conduta de tiro								1		1	0,01%
Reunião sobre processos de munições	3									3	0,02%
Sapadores, instrução, tipo americano (E)			2							2	0,01%
Saúde; visitas a brooke army hospital, army medical service school e brooke army medical center (E)							9			9	0,06%
Serviços químicos do exército belga (V)			1							1	0,01%
Signal armored (C)	4,5									4,5	0,03%
Signal company dos EUA (V)							1			1	0,01%
Signal company officer (C)		96		27	27		27			177	1,17%
Signal material maintenance										0	0,00%
Signal message supervisor (C)	5,5	6								11,5	0,08%
Signal officer advanced (C)	88		32		32					152	1,01%

Visita a centros de instrução e treino										0	0,00%
Visita fábricas de materiais relacionadas com a FMBP (V)										0	0,00%
Wheel vehicle repairman (C)							50			50	0,33%
Wire communication (C)		6								6	0,04%
Wreches crewmav (C)	31									31	0,21%
Zona britânica salas de operações de agrupamento e bateria de AAA (V)			2							2	0,01%
Não definido	273,5						4			277,5	1,84%
TOTAL	6624	3570	1837	679,7	1273	369	425,8	324	0	15101,2	100,00%

ANEXO J – CURSOS FREQUENTADOS POR MILITARES E CIVIS POR CATEGORIAS

Designação do curso	Militares e civis por categoria							
	Civil	Praça	Sargento	Oficial subalterno	Capitão	Oficial superior	Oficial general	TOTAL
A/C maintenance (C)			3					3
A/C mechanic (C)	7							7
A/C mechanic (spec jet ftr) (C)	10		20		3			33
ACOSS field officers (C)						2		2
Aerial photo off (C)				1				1
Air conv staff school (C)				2				2
Air defence (C)						1		1
Air trafic control tech (C)					1			1
Airborne radio (depot level) (C)			1					1
Airborne radio maitenance tech special (C)			1		1			2
Aircraft and engine mech gen (C)	20		25		4			49
Aircraft control tech (C)			3					3
Aircraft controler (C)						2		2
Aircraft maintenance (C)			3					3
Aircraft maintenance officer (C)			12		3			15
Ajudante general officer advanced (C)					1			1
Ajudante general school, ordnance school, prebost marshal (V)						1		1

Ammunition (C)	1				3			4
Ammunition supply specialist (C)			2	1				3
Anestesia (C)				1				1
Ap inst mec (depot level) (C)	1							1
Ap PWR plant (conv) (C)	1		1					2
Aperfeiçoamento em técnica de radar (C)				1		1		2
Arbitragem de exercícios militares (E)						2		2
Armament logistic officer (C)			2					2
Armament officer advanced (C)						1		1
Armament officer gen (C)				4				4
Armament systems officer (C)			2					2
Armas especiais (C)					1	3	2	6
Armas especiais para oficiais gerais (C)							2	2
Armor communication officer (C)					2			2
Armored officer advanced (C)						4		4
Army aviation tatic (C)				4				4
Artilharia de costa (E) - intercâmbio de oficiais portugueses e ingleses					1			1
Artillery officer communications (C)				1				1
Artillery battery officer (C)				3	2			5
Artillery officer advanced (C)					2	4		6
Artillery officer communications (C)				2				2
Artillery staff (AA) (C)					1			1
Assistir a exercícios do SHAPE					1		1	2
Assistir à realização de exercício hostage II						3	1	4

Assistir à realização de exercício Monte-Carlo						1		1
Assistir apresentação de materiais antiaéreos					1	1		2
Assistir apresentação e demonstração do preditor contaves F/90						1		1
Assistir experiências nucleares							1	1
Assistir fogos reais				1	1	1		3
Assistir a demonstração de veículos de combate britânicos					1	2		3
Associate advanced ordnance (C)					1			1
Associate armored officer basic (C)				2	1			3
Associate engineer officer basic (C)						1		1
Associate FA artillery officer basic (C)				1	2			3
Associate ordnance company officer (C)				4	1			5
Associate quartermaster officer basic (C)					2			2
Associated armored basic (C)				2				2
Assuntos relacionados com serviços						1	1	2
Automatic field maintenance mechanic (C)			14		4			18
Automotive electricien (C)			8		1			9
Automotive field maintenance mechanics (C)			9					9
Automotive organizational maintenance mechanics (C)			13		1			14
Avançado para oficiais do serviço de saúde (C)						1		1
Aviation medical examiner (C)					1			1
Basic combat army communications specialist (C)			2	1				3

Captain to major qualifying (C)					5			5
Carries and repeater (C)			1		2			3
Carro de combate M/46 (C)		5	6	8	3			22
Carro de combate M/47 (C)					2			2
Carro de combate M/47 (E)			10	4	6	1		21
Carros de combate (C)			6					6
Center FRAC (V)						1		1
Centro conjunto de camuflagem (E)					1	1		2
Centro de reabastecimentos gerais do serviço de material (C)			1					1
Centro ABC de instrução (V)					1			1
Centros de mecanografia dos exércitos francês e belga (V)				1	2	1		4
Chefe de carro de combate M/47 (C)			13	8	11	1		33
Codificação de equipamentos (C)					1			1
Colégio de defesa NATO (C)						4		4
Command and general staff officer (C)					1	1		2
Comando e EM (C)					1			1
Combat engineer NCO (C)		1	10	2	2			15
Command and general staff (C)				2	3	4		9
Command and general staff college, armored school, infantry school, signal school, language school (V)							1	1
Communication officer air (C)					1			1
Communications in infantry and armored units (C)			5	2	8			15
Communications officer (C)			12		2			14
Communication chief infantry (C)			1		1			2
Comunications infantry and armored units (C)			4					4

Conferência preparatória do exercício "Lion Noir"						5	1	6
Conferência "AFCENT"						1	1	2
Conferência cartográfica						1		1
Conferência médica do SHAPE						1		1
Conjunto das armas (C)				8				8
Construction equipment mechanic (C)			2	2				4
Contabilidade junto das tropas americanas (E)				1				1
Control instrument repair officer (C)					1			1
Counter mortar radar (C)					6			6
Defesa ABC (C)					1			1
Defesa atômica (C)				2	2	5		9
Defesa civil (C)						1		1
Defesa NATO (C)					1			1
Defesa ABC e emprego tático de armas atômicas (C)							1	1
Defesa ABC e emprego tático de armas atômicas (E)					1	3		4
Demolitions, mines and booby traps (C)			2	2	3	1		8
Demonstração de material						1		1
Demonstração do potencial das forças terrestre pela 2ª divisão blindada do exército dos EUA "Lion Noir"						2		2
Depot repair orientation (C)					1			1
Diversos estabelecimentos militares (V)						2		2
École d'application de l'arme blindée (V)						1		1

École d'application du material (V)						1		1
École d'application du train (V)						1		1
École des troupes aéroportées (C)					4			4
Educação física (C)				2				2
Electronics fundamentals (C)		3	1	2	2			8
Electronics officer air (C)					1			1
Electronics officer ground (C)					2			2
Electronic warfare (C)				1				1
Élèves moniteurs parachutiste (C)					3			3
Engenharia aeronáutica (C)					2			2
Engenharia fabril (C)					2			2
Engenheiros de armamento e material automóvel (C)					1			1
Engineer equipment maintenance supervisor (C)			5		1			6
Engineer officer advanced (C)					2	2		4
Engineer company advanced (C)						1		1
Engineer company officer (C)				3		1		4
Engineer equipment mechanic (C)		1	2	1				4
Equipamentos eletrônicos (C)			3		2			5
Escola de arbitragem (E)					1	1		2
Escola de engenharia americana para oficiais superiores (C)						1		1
Escola inglesa de cooperação aeroterrestre (C)							1	1
Escola Superior de Guerra (C)						1		1
Escola de aeronáutica (V)					1			1
Escolas de eletromecânica americana (V)			1	2	1			4
Escolas e depósitos (E)					2	5		7

Escolas e depósitos (V)						3		3
Especial de instrução «MDAP supply orientation» (C)				1				1
Especialista de abastecimento de material (C)			2					2
Especialista de armazenagem de munições (C)			4					4
Esquiador escalador (C)		2	2	9	1			14
Esquiador escalador: parte "unidades especiais" (guerrilha e comandos) do "curso de diploma" (C)			1		1			2
Estado maior (C)					5	4		9
Estado maior (E)						1		1
Estágio de instrução tipo A						1		1
Estudo de modos de tiro (C)						1		1
Exercício "Hellenic sky I"					1			1
Exercício "Wooden horse"						2		2
Exercício de postos de comando							2	2
Exercício de tiro					1	1		2
Explosive ordnance disposal (C)				4				4
FA fire control equipment e FA fire direction center (C)			5		2			7
Fábricas de materiais relacionadas com a FMBP (V)						1		1
Field communications chiefs (C)			3					3
Field security officers (C)						1		1
Fire control instruments repair officer (C)				1	1			2
Fire control instruments repairman (C)			4		1			5

Fire instrument repairman course (C)			1					1
Forças armadas dos EUA (E)					4			4
Fotografia (C)					1			1
Fotografic interpretation (C)						1		1
Fundamentos de eletrônica e manejo, funcionamento e avarias do radar de tiro antiaéreo nº 3 MKVII (C)			3					3
Gen A/C accessories (depot level) (C)	1							1
General supply management (C)				3				3
Grandes unidades americanas (E)					3	6	1	10
Ground radar equipment repair (C)					1			1
Guerra atômica para oficiais do EM (C)					1	1		2
Guerra eletrônica (E)						1		1
HF radio maintenance (C)	2							2
HF radio maintenance (depot level) (C)	1							1
Higiene militar (E)				1				1
Infantry communication officer (C)				1				1
Infantry company officer (C)				1	1			2
Infantry officer advanced (C)						8		8
Infantry officer basic (C)				2				2
Infantry weapons heavy e infantry weapons light (C)				2	1			3
Instituto de defesa NATO (C)						1		1
Instrução (E)						1		1
Instrução de guerra anfíbia NATO						1		1
Instrução de oficiais EM de transmissões dos países NATO e comandos subordinados do SHAPE (C)						1		1

Instrução prática em unidades do exército dos EUA (E)						2		2
Instruments field maintenance (C)			1					1
Instruments pilot instructor school (C)				1	6			7
Instrutores gerais de defesa civil (C)					1			1
Instrutor paraquedista (C)				2				2
Intermediate meteorological (C)				3				3
Instruments pilot (C)				4				4
Joint school of chemical warfare (C)					1			1
Liaison pilot (C)				4				4
Lieutenant to captain qualifying (C)				1				1
Link-trainer oper mechanic (C)			4					4
Manobras militares				1	18	29	14	62
Manual central office maintenance (C)			4	2				6
Manutenção do carro de combate M/46 (C)	12				1	1		14
Manutenção e instrução do carro de combate M/46 (C)				3	4			7
MDAP supply orientation (C)			1					1
Meat and dairy hygiene officer (C)				1				1
Mecânico de carro de combate (C)		4	15	3				22
Mecânico de centro criptográfico (C)					1			1
Mecânico de equipamento de engenharia			1					1
Mecânico de instrumentos			1					1

Mecânico de material radar (C)			2					2
Mecânico de viaturas de lagartas (E)			5		1			6
Medical officer advanced (C)				1				1
Medicina desportiva (E)				1				1
Military police officer advanced (C)					1			1
Missão "Saclant"					1	1		2
Missão da defesa civil						2	1	3
Missão do comando-geral da defesa do território civil				1				1
Missão do curso complementar de EM					24	20		44
Missão em Inglaterra					1	1	1	3
Missão especial da CHECIE (cifra)			1					1
Missão oficial da NATO						3		3
Missão para inspeção de material de instrução					1			1
Monitor de educação física (C)			2					2
NA/APG-30 sighting systems mech (C)			2					2
NATO land/air warfare (C)					1			1
NATO staff officers (C)						2		2
O-5 High speed tractor mechanic (C)			4					4
Observador (C)					2			2
Observador de instrução (C)						1		1
Officer combat intelligence (C)				2	2			4
Oficiais comandantes de transmissões (C)						1		1
Oficiais da 3ª divisão em unidades do exército dos EUA (E)					1	4		5
Oficiais EM nos QG adidos (E)						3		3
Oficiais generais de guerra eletrónica (C)							1	1

Oficiais mecânicos de blindados (C)				1		1		2
Oficiais superiores engenheiros (C)						1		1
Operacional em unidades americanas (E)					1	4		5
Operações anfíbias (C)							2	2
Operações anfíbias (E)							2	2
Operações especiais (C)					2			2
Operadores de centro criptográfico (C)						1		1
Operadores e mecânicos de máquinas de cifrar (C)			1		1			2
Ordnance general supply (C)					1			1
Ordnance officer basic (C)					4			4
Ordnance parts supply				1				1
Ordnance supply specialist (C)			16	1				17
Organismos de instrução (E)						1	1	2
Organização militar						2		2
Orientação de EM de transmissões (C)					1			1
Orientação de uma bateria de combate (V)					6	2		8
Orientação para oficiais de transmissões do EM da NATO (C)						1		1
Orientação para oficiais superiores de transmissões das nações NATO (C)						1		1
Ótica (C)					1			1
Paraquedismo (C)			1	2				3
Participar em jogos de guerra					1		2	3

Parts identification (C)			7	1				8
Pilot instructor school (C)				7	1			8
Pilot training (C)				30				30
Plano de rearmamento do exército (C)						1		1
Projéteis teleguiados (C)						1		1
Quartermaster officer advanced (C)				1		1		2
Quartermaster officer basic (C)					2			2
Radar (C)					2			2
Radar maintenance NA/MPQ-10 (C)			1		1			2
Radar repair (C)					2			2
Radio fundamentals (C)	2		2					4
Radio fundamentals A/C mechanic (C)	1	1	4					6
Radio maintenance (radio control aircraft target) (C)				1				1
Radio maintenance e airframe and engine maintenance (C)				1				1
Radio repair (C)			21	2				23
RCAT operation (C)					1			1
RCEME officers basic (C)					1			1
Reabastecimento de munições			1					1
Reabastecimentos gerais do serviço de material (C)			1					1
Reunião da comissão da defesa civil NATO						1		1
Reunião de armas de pequeno calibre						1		1
Reunião de estratégia no centro de instrução de estratégia do norte					1	1		2
Reunião de grupos técnicos sobre materiais de telecomunicações					2			2
Reunião sobre abastecimento de sobressalentes							1	1

Reunião sobre material radar e sistemas eletrônicos de conduta de tiro					1			1
Reunião sobre processos de munições					2			2
Sapadores, instrução, tipo americano (E)					1			1
Saúde; visitas a brooke army hospital, army medical service school e brooke army medical center (E)					2			2
Serviços químicos do exército belga (V)					1			1
Signal armored (C)					1			1
Signal company dos EUA (V)				1				1
Signal company officer (C)				2	4	1		7
Signal material maintenance						1		1
Signal message supervisor (C)					2			2
Signal officer advanced (C)					3	2		5
Signal school (C)						3		3
Signal school, infantry school, armored school, 3ª armored division, command general staff college, army language school (V)						1	1	2
Special armored (C)	1							1
Special engineer (C)						1		1
Staff indoctrination (C)					2			2
Staff indoctrination (V)						4		4
Staff intelligence (C)					1			1
Stage d' élèves moniteurs parachutistes (C)			2	1	1			4
Subsistence technology officer (C)				1				1

Superior de guerra (C)						1		1
Supply officer (C)				4				4
Supply officer gen (C)	1		1	1	1			4
Tank commander (C)					4			4
Tank organization maintenance M-24 e tank field maintenance M-24 (C)				2	2			4
Tank organization maintenance M-24 e tank field maintenance M-24 infantry weapons heavy e infantry weapons light (C)					1			1
Tecnical instructor (C)			1		1			2
Teletype repair (C)				1				1
Transmissões (C)				1				1
Transmissões das nações NATO e comandos subordinados (C)						1		1
Transmissões de cavalaria (C)				1				1
Transmition (SA-16) (C)			4	1	1			6
Transportation officer advanced (C)						4		4
Unidades do exército britânico - intercâmbio "Au pair" (E)					2			2
Verificar o estado do material cedido ao Exército português pelo governo inglês			1		3	1		5
VHF/FM maintenance (field level) (C)					1			1
Visita a centros de instrução e treino						1		1
Visita fábricas de materiais relacionadas com a FMBP (V)						1		1
Wheel vehicle repairman (C)			4	1				5
Wire communication (C)			1	1				2
Wreches crewmav (C)				1	1			2
Zona britânica salas de operações de agrupamento e bateria de AAA (V)					2			2

Não definido	3		12	1	3	1		20
TOTAL	64	17	355	207	305	234	42	1224

ANEXO L - ORDEM DE BATALHA DOS QG DAS DIVISÕES TIPO AMERICANO E TIPO PORTUGUÊS

Documento elaborado em 11 de fevereiro de 1953 sobre a divisão tipo português

	Entidade	Função	Oficiais indigitados	Anos de frequência de formação							
				1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958
Divisão tipo português	EM	Chefe	T Coronel CEM António Martins Leitão								
	1ª repartição	Chefe	Major CEM Mário Marques de Andrade								
	2ª repartição	Chefe	Major CEM Francisco da Costa Gomes								
	3ª repartição (operações e instrução)	Chefe	Major CEM João Tiroa	CEM, Espanha		Defesa NBQ e emprego tático de armas atómicas, Alemanha				Missão do curso complementar de EM, Alemanha e Bélgica	

	4ª repartição (serviços)	Chefe	Major CEM José Nogueira Valente Pires								
--	-----------------------------	-------	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Documento elaborado em 13 de março de 1953 sobre a divisão tipo americano

Divisão tipo americano	EM	Chefe	TCoronel CEM Augusto Manuel das Neves	Infantry officer advanced, EUA				Armas especiais, Alemanha			
	EM	Subchefe	TCoronel CEM José Ferreira dos Reis		Defesa atômica, Inglaterra	Grandes unidades americanas, Alemanha	Defesa atômica, Alemanha				
	1ª repartição (organização)	Chefe	Major CEM José Nogueira Valente Pires								
		Adjunto	Capitão CEM Joaquim Frade Gravito						Guerra atômica para oficiais do EM, Alemanha		Demonstração de material, França

	2ª repartição (informações)	Chefe	Major CEM João Tiroa	CEM, Espanha		Defesa NBQ e emprego tático de armas atômicas, Alemanha				Missão do curso complementar de EM, Alemanha e Bélgica	
		Adjunto	Capitão CEM Carlos Mariano Algeós Aires						Conferência cartográfica, Alemanha	Armas especiais, Alemanha e Missão do curso complementar de EM, Alemanha e Bélgica	
		Adjunto	Capitão CEM Fernando Eugénio Paiva Ribeiro			Escola de arbitragem, Alemanha		Manobras militares, Alemanha (por 2 vezes)			
	3ª repartição (operações e instrução)	Chefe	TCoronel CEM Alfredo Amélio Pereira da Conceição				Reunião da comissão da defesa civil NATO, França e missão da defesa civil, Bélgica				

		Adjunto	Major CEM José Sacadura Moreira da Câmara			Command and general staff		Command and general staff officer, EUA	Conferência preparatória do exercício "Lion Noir", França		
		Adjunto	Capitão do CEM João António Pinheiro					Manobras militares, Alemanha (por 2 vezes)		Missão do curso complementar de EM, Alemanha e Bélgica	
	4ª repartição (Serviços)	Chefe	TCoronel CEM António de Faria Leal			NATO staff officers	Exercício "Wooden horse", França				
		Adjunto	Major CEM Fernando Chaby Júnior	Command and general staff, EUA							

FONTES

Arquivo da Defesa Nacional (Lisboa, PT) [ADN]

ADN/Fundo 1/Série 26.1/Caixa 115/Maço 1

ADN/Fundo 1/Série 26.1/Caixa 115/Maço 11

ADN/Fundo 1/Série 26.1/Caixa 115/Maço 13

ADN/Fundo 1/Série SR44/Caixa 193/Maço 1-9

ADN/U.S. MAAG/Portugal

Arquivo Nacional Torre do Tombo (Lisboa, PT) [ANTT]

Fundo “Arquivo Oliveira Salazar”

ANTT/AOS/CO/GR-4: Caixa 15: Diretiva do ministro do exército de 31 de maio de 1951

ANTT/AOS/CO/GR-4: Caixa 16: Observações do ministro do exército em data não especificada

ANTT/AOS/CO/PC-78M: Relato de conversa entre o Ministro da Defesa Nacional Santos Costa e o marechal Montgomery, 26 de abril de 1952

Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros (Lisboa, PT) [AMNE]

AMNE/Negócios estrangeiros/Arm. 50/Maço 34: Carta de Nicolas Franco ao governo português de 8 de abril de 1949

AMNE/Negócios Políticos/Arm. 50/Maço 37: Memorandum português ao governo espanhol de 28 de março de 1949

Arquivo Histórico Militar (Lisboa, PT) [AHM]

AHM/Fundo/6/G/Série 34/5/Cx 239/Nº 12: Pacto do Atlântico Norte - Cursos no estrangeiro: Alemanha, EUA, 1951/1952

AHM/Fundo/6/G/Série 34/5/Cx 239/Nº 16: Pacto do Atlântico Norte - Cursos no estrangeiro: Alemanha, EUA, Coreia, Inglaterra, Bélgica, 1951/1952

AHM/Fundo/6/G/Série 34/5/Cx 249/Nº 18: Pacto do Atlântico Norte - Cursos no estrangeiro: Alemanha, EUA, França, Suíça, 1951/1952

AHM/Fundo/6/G/Série 34/5/Cx 240/Nº 22: Pacto do Atlântico Norte - Cursos no estrangeiro: França, Alemanha, Inglaterra, Bélgica, 1952/1953

AHM/Fundo/6/G/Série 34/5/Cx 240/Nº 23: Pacto do Atlântico Norte - Cursos no estrangeiro: EUA, 1952/1953

AHM/Fundo/6/G/Série 34/5/Cx 241/Nº 24: Pacto do Atlântico Norte - Cursos no estrangeiro: EUA, Inglaterra, 1953/1954

AHM/Fundo 6/G/Série 34/5/Cx 241/Nº 25: Pacto do Atlântico Norte - Cursos no estrangeiro: Alemanha, França, Espanha, Bélgica, 1953/1954

AHM/ Fundo/6/G/Série 34/5/Cx 241/Nº 26: Pacto do Atlântico Norte - Cursos no estrangeiro: Alemanha, Itália, França, Bélgica, 1954

AHM/Fundo/6/G/Série 34/5/Cx 241/Nº 27: Pacto do Atlântico Norte - Cursos no estrangeiro: Grã-Bretanha, Gibraltar, Paris, Suíça, Alemanha, 1954

AHM/Fundo/6/G/Série 34/5/Cx 242/Nº 28: Pacto do Atlântico Norte - Cursos no estrangeiro: Alemanha, Brasil, Espanha, EUA, França, 1955/1956

AHM/Fundo/6/G/Série 34/5/Cx 242/Nº 29: Pacto do Atlântico Norte - Cursos no estrangeiro: Suécia, Itália, Paris, Brasil, Alemanha, 1955

AHM/Fundo/6/G/Série 34/5/Cx 242/Nº 30: Pacto do Atlântico Norte - Cursos no estrangeiro: Alemanha, Bélgica, EUA, Inglaterra, 1956/1957

AHM/Fundo/6/G/Série 34/5/Cx 242/Nº 32: Pacto do Atlântico Norte - Cursos no estrangeiro: Estágio CEM nos EUA em organismos de instrução, 1956/1957

AHM/Fundo/6/G/Série 34/5/Cx 242/Nº 33: Pacto do Atlântico Norte) - Cursos no estrangeiro: Alemanha, Inglaterra, França, EUA, Espanha, 1956/1957

AHM/Fundo/6/G/Série 34/5/Cx 243/Nº 34: Pacto do Atlântico Norte - Cursos no estrangeiro: cursos e missões na Alemanha, EUA, Inglaterra, Suíça, França, 1957

AHM/Fundo/6/G/Série 34/5/Cx 243/Nº 35: Pacto do Atlântico Norte - Cursos no estrangeiro: Alemanha, Bélgica, EUA, Inglaterra, 1957/1958

AHM/Fundo/6/G/Série 34/5/Cx 243/Nº 36: Pacto do Atlântico Norte - Cursos no estrangeiro: EUA, França, Alemanha, Inglaterra, 1958

AHM/Fundo/6/Série 34/12/ Cx 257/nº 132: Mobilização, 1955

Arquivo da Direção de Infraestruturas do Exército (Lisboa, PT) [ADIE]

ADIE/Aquisição de terrenos para o CIM/Processo do PM 1, Constância/Arquivo geral/nº 2

ADIE/Aquisição de terrenos para o CIM/Processo do PM 1, Constância/Arquivo geral/nº 3

BIBLIOGRAFIA

- Albónico, Aldo. “Negozianti tra l’impotenza: Spagna e Portogallo tra Patto Ibérico e Alleanza Atlântica”, s.l.: *Nuova rivista storica*, anno LXXIV, 1990: 333-348
- Armitage, David. 2002. *Three Concepts of Atlantic History*, in Armitage, D. e Braddick, M. eds., *The British Atlantic World, 1500-1800*, s.l.: Palgrave Macmillan
- Bagagem, Ana Rita S. do Carmo. “Americanização e aparecimento da cultura de massas em Portugal”. Dissertação de Mestrado em História das Ideologias e Utopias Contemporâneas. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2008
- Bale J.. 2008. *Americanization by schooling*, in Gonzales, J.. 200., ed., *Encyclopedia of Bilingual Education*, London
- Balfour, Sebastian e Paul Preston. eds. *Spain and the great power in the twentieth century*, New York, 1999
- Barjot, Dominique e Christophe Réveillard. (dir.) 2002. *L’Américanization de l’Europe Occidentale au XXe Siècle. Mythe et Réalité*, Paris, ed. Presses de l’Université de Paris-Sorbonne
- Barjot, Dominique. 2002. *Americanization: cultural transfers in the economic sphere in the twentieth century*, Entreprises et histoire, ed. Presses de l’Université de Paris-Sorbonne
- Berghahn, Volker. 2010. *The Debate on «Americanization» among economic and cultural historians*, *Cold War History*, 10 (1): 107-130. DOI: 10.108/146827409033885566
- Biegon, Rubrick. 2013. *The banality of Smart Power. Reconstructing US Hegemony after Bush*, BISA, Conference

- Borges, Armando. *Campo de Instrução Militar de Santa Margarida*, Atoleiros, Almedina, Torres Novas, 2002
- Bracken, Paul. “The New American Challenge”, s.l., *World Policy Journal*, 1997
- Calandra, Benedetta. e Marina Franco. ed. 2012. *La Guerra Fria Cultural em America Latina. Desafios y limites para una nueva mirada de las Relaciones Internacionales*, Buenos Aires: Biblos
- Calvo-Gonzalez, Oscar. 2006. “Neither a Carrot Nor a Stick: American Foreign Aid and Economic Policymaking in Spain during the 1950s”, *Diplomatic History*, Volume 30, Issue 3, 1 (6): 409-438. DOI:10.1111/j.1467-7709.2006.00561.x
- Cardoso, Edgar. O Jubileu das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico, Alverca, 1968
- Cardoso, general Silva. *Angola, Anatomia de uma tragédia*, Oficina do Livro, Lisboa, 2001
- Coelho, Vanda Cristina Metrogos. “A Americanização da Europa e o Programa Fulbright em Portugal”. Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais e Estudos Europeus. Universidade de Évora, 2010
- Conway, Martin e Klaus Kiran Patel. eds. 2010. *Europeanization in the Twentieth Century: Historical Approaches*. Basingstoke: Palgrave Macmillan Transnational History Series
- Crocker, Chester A, Fen Osler Hampson e Pamela R. Aall. eds. 2007. *Leashing the Dogs of War: Conflict Management in a Divided World*, Washington, DC: US Institute of Peace Press
- David, B. Eduards, B. A. Captain, Terry, L. Menely e B. S. Captain. “The shaping of the U. S. Security Assistance Program”, Theses Presented to the Faculty of the School of Logistics and Acquisition Management of the Air Force Institute of Technology Air University In Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Master of Science in Logistics Management, s.l.: 1993: 9-26
- De Jong, Ester J.. *Foundations for Multilingualism in Education: from Principles to Practice*, Caslon Pub, 2011

- Defesa Forças Armadas e de Segurança. *Construção do regimento de infantaria N° 15*, Ministério das Obras Públicas, Lisboa: Operacional, 1964
- Diccionario de la lengua española de la Real Academia Española, 22ª ed., 2001
- Duarte, António Paulo David Silva. “A Era Santos Costa: Política de Defesa e Estratégia Militar durante o Estado Novo (1919-1958)”. Dissertação de Doutoramento em História, Especialidade História Institucional e Política Contemporânea. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2005
- Ellwood, David. *L'alleatonemico: la politicadel l'occupazione anglo-americana in Italia (1943-1946)*, Milano: Feltrinelli, 1977
- EME, ed. *Subsídios para o estudo do esforço militar português na década de 50, Os compromissos com a OTAN*, Vol. I e II, 1988
- Ferreira, Medeiros. “Forças Armadas e o Regime Autoritário”, colóquio das Forças Armadas em Regime Democrático, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2000: 114-115
- Fonte, John e Althea Nagai. 2013. *América's Patriotic Assimilation System is Broken*, Washington: Hudson Institute
- Gassert, Philipp. 2009. *Anti-American as Americanizer. Revisting the anti-American Century in Germany*, German Politics and Society, s.l.
- Gienow-Hecht, Jessica. 1999. *Transmission Impossible. Diplomacy in Postwar Germany 1945-1955*, Lousiana: State University Press
- Gienow-Hecht, Jessica. “Trumpeting Down the Walls of Jericho: The Politics of Art, Music and Emotion in German-American Relations, 1870-1920”, *Journal of Social History*, s.l.: 2006: 585-613

- Gienow-Hecht, Jessica. 2000. "Shame on US? Academics, Cultural Transfer, and the Cold War – A critical Review", *Diplomatic History*, New York: Berghahn
- Gienow-Hecht, Jessica: Review of Stephan, Alexander. ed. "The Americanization of Europe: Culture, Diplomacy, and Anti-Americanism after 1945", Berghahn Books, s.l.: 2009
- Gilbert, Mark F. e K. Robert Nilsson. "Historical Dictionary of Modern Italy", 2^a ed., *Scarecrow Press*, s.l.: 2007
- Graham, S. E.. 2006. "The Real politik of Culture: U.S. Cultural Diplomacy in Unesco", 1946-1954, *Diplomatic History*, s.l.
- Graser, Marcus. 2008. *Model America*, Europäische Geschichte Online (EGO), hg. Vom Institut für Europäische Geschichte (IEG), Mainz European History Online (EGO), published by the Institute of European History (IEG), s.l.
- Graves, Ernest e Steven A. Hildreth. 1985. *U. S. Security Assistance, The Political Process*, Lexington MA: D. C. Heath and Co.
- Grazia, Victoria de. 2005. *Irresistible empire: America's advance through twentieth Century Europe* Boston: Mass
- Green, Jack P.. 2009. *Atlantic History: a critical appraisal*, Oxford: Oxford University Press
- Halstend, C. R.. 1994. "Spanish Foreign Policy 1936-1978", in Cortador, J. W. ed.. 1980. *Spain in the twentieth century world*, Westfort
- Haupt, H-G. ed. 2004. *The European Way. European Societies in the 19Th and 20th Centuries*, Berghahn, New York-Ox
- Heller, F. H. e Jr. Gilling Have. eds. 2006. *The United States and the integration of Europe*, New York
- Hendrickson, Ryan C.. 2006. *Diplomacy and War at NATO: The Secretary General and Military Action After the Cold War*, University of Missouri

- Hilger, Susanne. "Globalization by Americanization: American companies and the internationalisation of German industry after the Second World War", s.l.: *European Review of History. Revue européenne d'Histoire*, 15 (4), 2008: 373-401
- Horten, Gerd. "Americanization and Anti-Americanis in Europe", *Review Essey*, s.l.: American Studies, 47: 3/4, 2006: 193-200
- Hovey, Harold A.. "A Study of Policies and Pratices", *United States Military Assistance*, New York: Frederick A. Praeger Publishers 1965
- Ilgen, Thomas L. ed.. 2013. *Hard Power, Soft Power and the Future of Transatlantic Relations*, Ashgate
- Klautke, Egbert. "Anti-Americanism in Twentieth Century Europe", *Historiographical Review*, s.l.: The Historical Journal, 2011: 1125-1139
- Klimke, M.. *America*. Akira Iriye e P-Y Saunier, The Palgrave Dictionary of Transnational History, Basingstoke, Macmillan, 2009
- Kroes, Rob. *American Empire and Cultural Imperialism. A View from the Receiving End*, The American Impact on Western Europe. Americanization and Westernization in Transatlantic Perspective, Conference at the German Historical Institute, Washington, s.d.
- Kroes, Rob. *America, Americanization, and Anti-Americanism*, in Stearns, Peter N. ed. s.l.: Encyclopedia of European Society History, from 1350 to 2000. 2001: 524
- Kuisel, Richard. 2000. "Americanization for Historians", s.l.: *Diplomatic History*
- Kurtzman, Joel. 2014. *Unleashing the Second American Century: Four Forces for Economic Dominance*, s.l.: Public Affairs
- Lammersdorf, Raimund. ed. 1999. *The American Impact on Western Europe: Americanization and Westernization in Perspective*, German Historical Institute, Washington

- Lopes, Mário Canongia. 2001. *Os Aviões da Cruz de Cristo*, s.l.: Dinalivro
- Luce, Henry R.. 1941. *The American Century*, s.l.: Life Magazine
- Macedo, general Ernesto António Luís Ferreira. 1984. *As segunda e terceira Divisões de Infantaria, Expressão concreta da participação do Exército Português no esforço militar defensivo na OTAN*, nos termos do despacho nº 148/84 do general CEME, s.l.
- Machado, José Pedro. 1981. Grande Dicionário da Língua Portuguesa, Lisboa, Amigos do Livro ed., Vol.1, s.l.
- Martins, capitão Leonel. “O Campo Divisionário de Santa Margarida”, Atoleiros, *Revista Militar do Campo Militar de Santa Margarida e da Brigada Mecanizada Independente*, Carregueira, 1999, s.l.
- Mascaranhas, Tenente-general António José Maria de. “Os Quartéis Canifa, A Engenharia Militar Portuguesa, Evolução e Ação no 3º Quartel do século XX,”. s.l.: *Jornal do Exército*, 2011: 18-21
- Mazlish, Bruce et al. ed.. 2007. *The Paradox of a Global USA*, Stanford
- Merziger, Patrick. 2013. *Americanised, europeanised or Nationalised*, s.l.: The film industry in Europe under the influence of Holliwood, 1927-1968
- Moreira, Paulo. *Brigada Mecanizada*, s.l.: Jornal do Exército. 2008: 31-21
- Nathaus, Klaus. “Popular Music in German, 1900-1930: a case of Americanisation? Trajectory of Music Production into the Twentieth Century”, s.l.: *European Review of History: Revue Europeenne d'Histoire*, 20-5, 2013
- Nehring, Holger. *Westernization: a New Paradigm for Interpreting West European History in a Cold War Context*, s.l.: Cold War History, 4-2, 2004
- Niño, Antonio e José Antonio Montero. eds. 2012. *Guerra Fria y Propaganda. Estados Unidos y su cruzada cultural en Europa y América Latina*, Madrid: Biblioteca Nueva

- Nogueira, Franco. 1977. *Salazar, Os tempos Áureos (1928-1936)*, Estudo biográfico, Coimbra, Atlântida Editora
- Nolan, Mary. 2012. *The Transatlantic Century: Europe and America, 1890-2010*, Cambridge, CUP
- Nunes, António Sedas. Portugal: sociedade dualista em evolução, *Análise Social*, Vol. II, (nº 7-8) 1964: 407-462
- Nye, Jr. Joseph S. 1990. *Bound to Lead: The Changing Nature of American Power*, s.l.: Basic Books
- NYE JR. Joseph S. 2006. *In Mideast, the goal is 'smart power*, Boston: Globe
- Nye, Jr. Joseph S. 2006. *Soft Power and European-American Affairs*, in Ilgen, Thomas L. eds., *Hard Power, Soft Power and the Future of Transatlantic Relations*, s.l.: Ashgate
- Paulus, Stefan. “The Americanisation of Europe after 1945: The Case of the German Universities”, *European Review of History: Revue Européenne d'Histoire*, s.l.: 9-2: 2002:
- Pombeni, Paul. “Political Models and Political Transfers in the Shaping of Europe”, *European Review of History: Revue Européenne d'Histoire*, s.l.: 12:2: 2006
- Puig Raposo, Núria e Moya, Àlvaro Adoración. “La Guerra Fria y los empresarios españoles: la articulation de los intereses económicos de Estados Unidos en España, 1950-1975”, *Revista de Historia Económica*, s.l.: 22-2: 2004
- Quartel-general/Campo de Instrução Militar de Santa Margarida. ed.. *50 anos Campo Militar de Santa Margarida, 1952 - 2002*, Constância, 2002: 55-69
- Quintas, José Manuel Alves. 1995. *Aliança Atlântica e mudança de política em Portugal (1949-1961) – I. A metamorfose político-militar do salazarismo na década de 50*, VI colóquio «Portugal na História Militar», ed. Comissão Portuguesa de História Militar, Lisboa

- Ramalho, José Luís Pinto. “A Contribuição do Exército Português para a OTAN”, *Instituto da Defesa Nacional*, Nação e Defesa n° 89, s.l.: 1999
- Rodgers, Daniel. 1998. *Atlantic Crossings: social politics in a progressive age*, Cambridge, Mass
- Rollo, Maria Fernanda. 1994. *Portugal e o Plano Marshall*, Lisboa, Editora Estampa
- Rydell, Robert e Rob Kroes. 2007. *Buffalo Bill in Bologna: The Americanization of the World, 1869-1922*, Chicago and London: University of Chicago Press
- Salazar, António de Oliveira. 1951. *Discursos e Notas Políticas*, 1943-1950, Vol. IV, Coimbra: Coimbra Editora, Lda.
- Salazar, António Oliveira. 1959. *Discursos e notas políticas*, 1951-1958, Vol. V, Coimbra: Coimbra Editora, Lda.
- Schröter, Harm G.. 2005. *Americanization of the European Economy: A Compact Survey of American Economic Influence in Europe since the 1880s*. s.d., Dordrecht, The Netherlands
- Srivastavas, Siddharth. 2007. *Americanization of the Indian military*, s.d., South Asia
- Stead, William Thomas. 1902. *The Americanization of the World, or the Trend of the 20th Century*, London
- Stearns, Peter N.. ed. *Encyclopedia of European Society History, from 1350 to 2000*, New York: C. Scribner’s Sons, 2001
- Stephan, Alexandre. ed. 2009. *The Americanization of Europe: Culture, Diplomacy and anti-Americanism after 1945*, s.l., Berghahn Books
- Surf, Jeremi. *The Cultural Contradictions of Cold War Education: The case of West Berlin*, Cold War History, s.l.: 4-3: 2004
- Svartman, Eduardo Munhoz. 2008. *O pragmatismo brasileiro na cooperação militar com os Estados Unidos, nas décadas de 1930 e 40*, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Estudos Ibero-Americanos, Vol. XXXIV

- Teixeira, Nuno Severiano. Da neutralidade ao alinhamento: Portugal na fundação do Pacto Atlântico, *Análise Social*, Vol XXVIII (120) (1º), 1993: 70-73
- Telo, António José. (2004), *A neutralidade da Armada (1945-1950)*, Casais de Mem Martins, Rio de Mouro: Círculo de Leitores e Autores, Printer Portuguesa, Indústria Gráfica
- Telo, António José. 1996. *Portugal e a nato: o reencontro da tradição atlântica*, Lisboa: edições cosmos
- Teodora, António Carlos Sequeira da. 2007. *Logística, cadeira M-151*, ed. Academia Militar, Lisboa
- Thommesen, Kjartan. “From Excitement to Burnout in 80 Years. The Americanization of Europe (1919-1999)”, Thesis, University of Oslo, ILOS, 2008
- Tobia, Simona. *Introduction_Europe Americanized Popular reception of Western Cold War propaganda in Europe*, Cold War History, 11-1: 2011
- Truman, Harry S. 1956. *Memoirs by Harry S. Truman*, Garden City, New York: Doubleday & Company
- Wheaton, H. H.. *An Americanization Program for Libraries*, Bulletin of the American Library Association, 10-4: 1916
- Whitfield, Stephen. “The American Century of Henry R. Luce”, *Revue LISA/LISA e-journal* [Online], Media, culture, history, World War II, Online since 01 janvier 2004
- Zeitlin, Jonathan e Gary Herrigel (eds) (2008), *American and Its Limits. Reworking US Technology and Management in post-war Europe and Japan*, Oxford, OUP
- Zelig, Wilson As.. 2001. “Review Essay: Post-Mortems for the American Essay”, s.l.: *Diplomatic History*, 25 (2): 313-328



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO
E FORMAÇÃO AVANÇADA

Universidade de Évora

Instituto de Investigação e Formação Avançada - IIFA

Palácio do Vimioso | Largo Marquês de Marialva, Apart. 94

7002-554 Évora | Portugal

Tel: (+351) 266 706 581